

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

LEITURAS DA CIDADE: LINHA TURISMO E LINHA PRETA
O PATRIMÔNIO CULTURAL COMO TERRITÓRIO DE DISPUTAS IDENTITÁRIAS
NA CAPITAL PARANAENSE (CURITIBA, 1990–2018)

SANDRO CAVALIERI SAVOIA

Joinville
2019

SANDRO CAVALIERI SAVOIA

LEITURAS DA CIDADE: LINHA TURISMO E LINHA PRETA
O PATRIMÔNIO CULTURAL COMO TERRITÓRIO DE DISPUTAS IDENTITÁRIAS
NA CAPITAL PARANAENSE (CURITIBA, 1990–2018)

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville (Univille), sob orientação da professora Ilanil Coelho e coorientação do professor Felipe Borborema Cunha Lima.

Joinville

2019

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Savoia, Sandro Cavalieri

S268l Leituras da cidade: Linha Turismo e Linha Preta: o patrimônio cultural como território de disputas identitárias na capital paranaense (Curitiba, 1990-2018) / Sandro Cavalieri Savoia ; orientadora Dra. Ilanil Coelho ; co-orientador Dr. Felipe Borborema Cunha Lima. – Joinville: UNIVILLE, 2018.

217 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

– Universidade da Região de Joinville)

1. Patrimônio cultural – Curitiba (PR). 2. Ônibus - Linhas. 3. Turismo – Curitiba (PR). I. Coelho, Ilanil (orient.). II. Lima, Felipe Borborema Cunha (coorient.). Título.

CDD 363.69

Elaborada por Ana Paula Blaskovski Kuchnir – CRB-14/1401

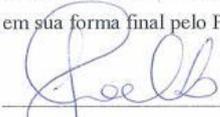
Termo de Aprovação

“Leituras da Cidade: Linha Turismo e Linha Preta. O Patrimônio Cultural como Território de Disputas Identitárias na Capital Paranaense (1990-2018)”

por

Sandro Cavaliere Savoia

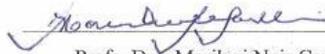
Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.



Prof.ª Dra. Ilanil Coelho
Orientadora (UNIVILLE)

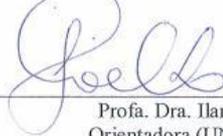


Prof. Dr. Felipe Borborema Cunha Lima
Coorientador (UNIVILLE)

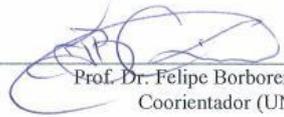


Prof.ª Dra. Mariluci Neis Carelli
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

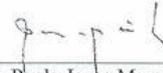
Banca Examinadora:



Prof.ª Dra. Ilanil Coelho
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dr. Felipe Borborema Cunha
Coorientador (UNIVILLE)



Prof. Dr. Paulo Jorge Marques Peixoto
(Universidade de Coimbra - UC)



Prof.ª Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
(UNIVILLE)

Joinville, 15 de fevereiro de 2019.

Dedico esta dissertação a minha esposa Ivonei e ao meu filho Eduardo, pela compreensão de ambos quando da minha ausência em prol dos estudos.

Aos meus orientadores.

AGRADECIMENTOS

Por incrível que pareça, esta talvez seja a página mais difícil de escrever desta dissertação. Não que seja difícil agradecer, mas o é encontrar as palavras certas para tal propósito. Afinal, somos seres relacionais, e, assim sendo, todos que estão ao nosso lado nos afetam e nos impulsionam, cada qual à sua maneira.

Vou começar falando das dificuldades para chegar até esse ponto da escrita. Mesmo sem liberação para o mestrado, uma vez que a Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná (Seed/PR) retirou esse direito de aperfeiçoamento profissional dos professores, saía todas as quintas-feiras após o trabalho de Almirante Tamandaré rumo à rodoviária de Curitiba. Destino: Joinville. Ora retornava para casa na madrugada das sextas-feiras, ora dormia em Joinville, chegando em casa no sábado de manhã. Apesar das dificuldades, o prazer em estar nas aulas do mestrado era imensurável, fosse em decorrência do convívio com os colegas de sala, fosse por causa do convívio com os professores do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), profissionais qualificados que muito acrescentaram na minha formação.

Entre os colegas de sala, quero fazer menção especial ao Alessandro, meu amigo de hospedagem e confidente, e ao Gilmar, meu parceiro de orientação. Entre os professores, a menção especial vai à minha orientadora, doutora Ilanil Coelho, a meu coorientador, doutor Felipe Borborema Cunha Lima, à professora doutora Raquel Alvarenga Sena Venera e ao doutor Paulo Peixoto, membros da banca. Os primeiros contribuíram com suas orientações ao longo do processo de pesquisa e escrita da dissertação, e os demais auxiliaram com suas preciosas sugestões quando da qualificação, sugestões que procurei, na medida do possível, incorporar ao trabalho final. Agradecimento também ao doutor Diego Finder Machado, por ler minha dissertação, e à professora doutora Mariluci Neis Carelli, coordenadora do curso.

Entre as dificuldades mencionadas, posso citar ainda meu problema de saúde. Muitas pessoas ajudaram-me nesse processo de superação das dificuldades. Para ser mais exato sobre esse ponto, preciso retroceder ao passado, quando há 16 anos tive esse problema de saúde pela primeira vez, uma neoplasia. Àquela oportunidade, devo meus agradecimentos especialmente a cinco pessoas, além da minha família, é claro. São elas: o casal Gerson e Eunice, e os amigos Alexandre, Eduel e Valter, que me acompanharam inúmeras vezes até o hospital.

Nesse momento, a lista cresceu. Vamos lá! Um agradecimento especial aos meus tios Renato, Lorena e Maurício, bem como ao meu amigo de infância Lucio. Eles sabem o porquê. Então, desnecessário aqui escrever. Aos professores, funcionários e alunos do Colégio Estadual Vereador Pedro Piékas que torceram pela minha recuperação, sobretudo as professoras Kátia e Vanessa e aos alunos Aline, Douglas e Willian Augusto. Aos amigos João Augusto, Lilian, Delvana, Paula, Amarildo, Alessandro e esposa, bem como pessoas da família que me visitaram em casa em momentos difíceis, e aqueles que não pude receber, mas que entraram em contato comigo, como é o caso da Silvana, da Kelly e do meu amigo de infância José Edione. Todas essas pessoas me deram força para minha recuperação e consequente retomada da pesquisa e escrita em questão.

Outras pessoas também acabaram sendo indiretamente coautores desta pesquisa, por ajudarem a amadurecer a ideia que me levou até aqui. Por essa razão, merecem ser citadas. Os já mencionado Eduel, João Augusto e Lilian, além das amigas Maria Bethânia e Cristina Cremonese, enquanto colegas que passaram pela equipe de História do Departamento de Ensino Fundamental da Seed/PR, entre os anos 2004 e 2006. Ali, de nossas conversas, nasceu meu interesse pela área do patrimônio cultural. Menção também às amigadas que tive oportunidade de fazer na Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos da Seed/PR quando fui coordenador, de 2007 a 2010.

Agradeço ainda ao Fundo de Apoio à Área de Pesquisa da IES (PICPG), enquanto instituição financiadora e a Casa da Memória de Curitiba, que muito contribuiu com a disponibilização de seu acervo para pesquisa, além da Biblioteca Pública do Paraná e da Cinemateca de Curitiba.

Por fim, mas não menos importante, retornando ao presente depois de retroceder às páginas da vida já lidas, quero fazer um agradecimento especial à minha esposa, Ivonei, e ao meu filho, Eduardo, ambos fortaleza e fonte das quais me abasteço e em que me inspiro para levantar a cada dia e enfrentar os desafios da vida. Obrigado!

“O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade [...] faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde...” (CALVINO, 2017).

RESUMO

A presente dissertação, cujo tema envolve patrimônio, história e turismo, por meio de um diálogo interdisciplinar, objetiva analisar as disputas identitárias na capital paranaense, tendo como vetores de memória os bens patrimoniais que compõem os itinerários urbanos da Linha Turismo e da Linha Preta. O primeiro foi construído na década de 1990, no contexto do mercado mundial das cidades, quando estava em voga o discurso da política do *city marketing*, responsável pela constituição das imagens-síntese da cidade, como: capital ecológica, cidade-modelo, cidade de primeiro mundo, cidade de todas as gentes. Imagens excludentes, uma vez que têm como característica o fato de serem homogêneas e homogeneizadoras, formadoras dos mitos da capital de classe média e de cidade europeia. O segundo itinerário, em construção desde 2015, quando foi proposto por parte de segmentos dos movimentos sociais – que não se viam contemplados na imagem da cidade quando do seu processo de turistificação –, envolve a ativação patrimonial de bens culturais constitutivos da história e da cultura afro-brasileira e africana em Curitiba. Para a compreensão de tal embate, buscaram-se analisar por meio de fontes documentais e bibliográficas o contexto das políticas urbanas e sua relação com o passado histórico da capital paranaense, especialmente as políticas desenvolvidas nas gestões Lerner e Greca, bem como foi feita uma pesquisa *in loco* nos itinerários urbanos em questão.

Palavras-chave: patrimônio; turismo; Curitiba.

ABSTRACT

This research which theme involves heritage, history and tourism, it is an interdisciplinary dialogue with the aim to analyze identity disputes in the capital of Paraná, having as memories referential the components assets of urban itinerary the Tourism Line and the Black Line. The first one was built in 1990 at the context of world Market of cities, when the principal political discourse was of the city marketing, responsible by the constructions of images-synthesis from a city as: ecologic capital, model city, first world city, city for all kind of people. Excluding images, since they have the characteristics of being homogenous and homogenizing, forming the myths of the middle class capital and European city. The second under construction since 2015, when is proposed by part of social movements segments (who didn't appear being part of the city's image when your touristification process is happening) the heritage activation of cultural goods constitutive of Afro-Brazilian and African history and culture in Curitiba. In order to understand this conflict, we sought to analyze, through documentary and bibliographical sources, the context of urban policies and their relationship with the historical past of the capital of Paraná, especially the policies developed in the Lerner and Greca administrations, as well as a research on site in the urban itineraries, in question.

Keywords: heritage; tourism; Curitiba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Linha Turismo de Curitiba	34
Figura 2 – Fôlder da Linha Turismo de Curitiba. No detalhe, a Ópera de Arame.....	35
Figura 3 – Ônibus da Linha Turismo de Curitiba: Praça Tiradentes	37
Figura 4 – Catedral Metropolitana de Curitiba	38
Figura 5 – Estátua do cacique Tingui, representando o mito fundador de Curitiba ..	39
Figura 6 – Obra de João Turin, representando o mito fundador de Curitiba	39
Figura 7 – Pinhas estilizadas no calçadão da Rua XV de Novembro, em Curitiba...41	
Figura 8 – Rua 24 Horas	42
Figura 9 – Cartão-postal da Rua 24 Horas, da década de 1990	42
Figura 10 – Locomotiva, no Museu Ferroviário, anexa ao Shopping Estação.....	43
Figura 11 – Teatro Paiol	44
Figura 12 – Jardim Botânico de Curitiba	45
Figura 13 – Fonte de água <i>Amor Materno</i> , no Jardim Botânico de Curitiba	45
Figura 14 – Placa de identificação do espaço Jardim Botânico de Curitiba	46
Figura 15 – Mercado Municipal de Curitiba: fachada externa. No detalhe, pinhas estilizadas.....	47
Figura 16 – Mercado Municipal de Curitiba: interior	47
Figura 17 – Teatro Guaíra	48
Figura 18 – Prédio histórico da Universidade Federal do Paraná (UFPR)	49
Figura 19 – Paço da Liberdade	50
Figura 20 – Portal de entrada do Passeio Público.....	50
Figura 21 – Museu Oscar Niemeyer	52
Figura 22 – Casas dos imigrantes poloneses, provenientes da colônia Thomaz Coelho, de Araucária.....	54
Figura 23 – Coluna do Portal Polonês. No detalhe, símbolos paranistas (pinhão, pinha e pinheiro)	55
Figura 24 – Oratório de Bach	56
Figura 25 – Portal Alemão (Praça da Cultura Germânica)	56
Figura 26 – Trilha de João e Maria.....	57
Figura 27 – Universidade Livre do Meio Ambiente	58
Figura 28 – Ópera de Arame	59
Figura 29 – Mural de Placas.....	59

Figura 30 – Visão da parte superior do Parque Tanguá.....	60
Figura 31 – Visão da parte inferior do Parque Tanguá.....	61
Figura 32 – Memorial Ucrâniano	62
Figura 33 – (A) Interior do Memorial Ucrâniano; (B) pêsankas ucranianas	62
Figura 34 – Mural alusivo aos 140 anos de imigração italiana em Santa Felicidade, na Praça Piazza San Marco, pela gestão Rafael Greca, 2018	64
Figura 35 – Memorial Italiano	66
Figura 36 – Portal Italiano.....	66
Figura 37 – Centro Histórico de Curitiba	68
Figura 38 – Largo da Ordem	68
Figura 39 – Jardim Botânico.....	71
Figura 40 – Parque Tanguá.....	72
Figura 41 – Jornal Curitibinha.....	74
Figura 42 – Coleção Lições Curitibanas	74
Figura 43 – Curitibinha 25 anos: jubileu de prata com “O sumiço do Curitibinha”	76
Figura 44 – Cartão-postal dos 300 anos de Curitiba: ônibus ligeirinho e estação-tubo	83
Figura 45 – Campanha publicitária do <i>shopping center</i> PolloShop	84
Figura 46 – Campanha publicitária do <i>shopping center</i> PolloShop	85
Figura 47 – Pintura representando alguns símbolos de Curitiba: fachada lateral da loja	87
Figura 48 – Propaganda da Agemed Planos de Saúde	87
Figura 49 – Notícia publicada no <i>site</i> da Jaime Lerner Arquitetos Associados	89
Figura 50 – Imagens da novela <i>Sonho Meu</i> , ambientada em Curitiba. (A) Personagem de Leonardo Vieira no Jardim Botânico; (B) personagens de Fábio Assunção e Patrícia França no mirante da Torre Panorâmica.....	90
Figura 51 – (A) Capa da revista <i>Amiga</i> com personagens da telenovela ao centro; (B) personagem de Elias Gleizer no Parque Barigui, de Curitiba	91
Figura 52 – Interior do Memorial de Curitiba	93
Figura 53 – Rio de Pinhões	94
Figura 54 – Capela dos Fundadores. (A) Pintura de Sérgio Ferro; (B) altares retábulos	95
Figura 55 – Mural cerâmico do artista plástico Poty Lazzarotto	99
Figura 56 – Página da Prefeitura de Curitiba. Detalhe: leiaute da página	101

Figura 57 – (A) Capa da revista <i>Ilustração Paranaense</i> , de autoria de João Turin; (B) imagem de <i>Homem Vitruviano</i> , de Leonardo da Vinci	102
Figura 58 – <i>Hall</i> de entrada do Hotel Tibagi, de Curitiba. No detalhe, pinha estilizada e casal de imigrantes	109
Figura 59 – Revista <i>Ilustração Paranaense</i> . (A) Contracapa em forma de pinheiro; (B) texto em forma de pinhão.....	111
Figura 60 – Propagandas veiculadas na revista <i>Ilustração Paranaense</i>	112
Figura 61 – Foto veiculada na revista <i>Ilustração Paranaense</i>	112
Figura 62 – Fotos veiculadas na revista <i>Ilustração Paranaense</i> . (A) Universidade do Paraná; (B) Templo das Musas do Instituto Neo-Pitagórico. No detalhe, a presença de pinhões junto às fotos, um símbolo paranista	113
Figura 63 – (A) Pinha estilizada, no elevador do <i>shopping center</i> Mueller, de Curitiba; (B) pinhões estilizados, na calçada de <i>petit-pavé</i> em Curitiba; (C) pinheiro, na calçada de <i>petit-pavé</i> ; (D) pinha estilizada no adesivo de carro com referência à Operação Lava Jato.....	117
Figura 64 – (A) <i>O Semeador</i> , obra de Zaco Paraná; (B) desenho de A. Andersen veiculado na revista <i>Ilustração Paranaense</i>	118
Figura 65 – Propaganda dos pneus Goodyear retratando a colonização do norte do Paraná.....	120
Figura 66 – Praça 19 de Dezembro. Da esquerda à direita: estátua de <i>O Homem Nu</i> , obelisco e painel em alto-relevo (escultura em granito representando os ciclos econômicos do estado dos artistas Erbo Stenzel e Humberto Cozzo	122
Figura 67 – Praça 19 de Dezembro. Painel em azulejo, do artista Poty Lazzarotto. A obra retrata a história política do estado, da ocupação do território à fundação da Província do Paraná, em 1853	123
Figura 68 – <i>Banners</i> da exposição <i>Presença Negra em Curitiba</i> , de 2018	129
Figura 69 – Aquarela de Jean-Baptiste Debret, 1827. Registro visual de Curitiba .	130
Figura 70 – Mapa “População negra e comunidades quilombolas no estado do Paraná”, do Grupo de Trabalho Clóvis Moura.....	133
Figura 71 – Monumento <i>Água pro Morro</i>	134
Figura 72 – Memorial Africano, localizado na Praça Zumbi dos Palmares.....	135
Figura 73 – Capas dos materiais de apoio didático-pedagógico Cadernos Temáticos, produzidos pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Seed/PR).....	139

Figura 74 – Certificados de eventos de formação continuada: (A) 1.º Fórum Municipal da Consciência Negra e da Política da Diversidade, promovido pela Prefeitura de Marechal Cândido Rondon, em 2008; (B) IV Encontro de Negros e Negras Educadores do Paraná, pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Seed/PR), em 2007	140
Figura 75 – Certificado de um exemplo de evento de formação continuada, o II Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial do Paraná, ocorrido em Curitiba, em 2006	140
Figura 76 – Capa do livro <i>Africanidades Paranaenses</i>	141
Figura 77 – <i>Síte</i> do Museu Afroparanaense. No detalhe, o leiaute da página virtual	143
Figura 78 – Coleção Curta Curitiba, com oito roteiros autoguiados para conhecer as muitas faces da cidade.....	144
Figura 79 – Página da Fundação Cultural de Curitiba. No detalhe, o leiaute do <i>síte</i> , com o tema Linha Preta: um passeio pela história da população negra de Curitiba	145
Figura 80 – Página virtual da Linha Preta. No detalhe, o mapa do trajeto	146
Figura 81 – Página virtual do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab) da Universidade Federal do Paraná (UFPR).....	151
Figura 82 – Convite do II Congresso das/os Pesquisadoras/es Negras/os da Região Sul (Copene Sul), realizado em Curitiba	152
Figura 83 – Linha Preta: (A) identidade visual da logomarca; (B) mapa do roteiro turístico.....	158
Figura 84 – (A) Ruínas de São Francisco; (B) Palácio Belvedere. Destaque para a pinha estilizada como símbolo da Zeladoria Municipal de Curitiba	162
Figura 85 – (A) Placa de identificação; (B) Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito	163
Figura 86 – Cartazes de divulgação da Festa do Rosário. Destaque para o sincretismo religioso presente nas gravuras	164
Figura 87 – (A), (B) e (C) Painéis internos do Memorial de Curitiba; (D) divulgação de festividades no Pavilhão Étnico.....	165
Figura 88 – Bebedouro do Largo da Ordem.....	166
Figura 89 – (A) Arcadas do Pelourinho; (B) e (C) placas de identificação.....	167

Figura 90 – (A) Busto de Zacarias de Góis e Vasconcelos; (B) Praça Zacarias; (C) chafariz Fonte d' Água	169
Figura 91 – Aguateiro	169
Figura 92 – Escultura denominada de <i>O Homem Nu</i> , localizada na Praça 19 de Dezembro.....	170
Figura 93 – Homenagem à colônia afro-brasileira no centenário da abolição da escravatura, em 1988.....	172
Figura 94 – Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio: (A) imagem externa; (B) logotipo.....	174
Figura 95 – Praça Zumbi dos Palmares	175
Figura 96 – Memorial Africano.....	176
Figura 97 – Memorial Africano, com destaque para a falta de manutenção do local	177
Figura 98 – (A) Placa de identificação; (B) gameleira (árvore sagrada); (C) placa de identificação do pinheiro plantado pelo interventor Manuel Ribas, em 1939.....	178
Figura 99 – (A) Instrumentos de ferro, como correntes com gargalheira, vira-mundo, grilheta, entre outros; (B) vira-mundo; (C) painel referente à história e cultura dos povos africanos	179
Figura 100 – Congada da Lapa	180
Figura 101 – Exposição sobre os Clubes Sociais Negros no Paraná.....	181
Figura 102 – (A) Rua Voluntários da Pátria; (B) trecho de calçada de pedestres.....	183
Figura 103 – Busto dos irmãos Rebouças no Rio de Janeiro, localizado na Praça José Mariano Filho, na entrada do Túnel Rebouças.....	184
Figura 104 – (A) Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas e Museu de Arte Sacra; (B) placa indicativa do Museu da Arte Sacra; (C) acervo do museu: imagem de São Benedito	185
Figura 105 – (A) Vista externa da Catedral Basílica Menor; (B) vista parcial interna da catedral; (C) placa comemorativa com o nome das autoridades locais	187

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Mapa da pobreza e da desigualdade, de 2003	78
Tabela 2 – Presença de afrodescendentes no Paraná (ac/IBGE)	79
Tabela 3 – População afrodescendente em Curitiba e região metropolitana, conforme Censo IBGE de 2000	80
Tabela 4 – População afrodescendente em Curitiba e região metropolitana, conforme Censo IBGE de 2010	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Avaliação dos usuários do <i>site</i> TripAdvisor Brasil referente aos pontos constitutivos da Linha Turismo de Curitiba.....	36
Quadro 2 – Imagens de marca	70
Quadro 3 – Principais ações da Secretaria Especial de Promoção de Políticas da Igualdade Racial (Seppir), de 2003 a 2018	137
Quadro 4 – Avaliação dos usuários do <i>site</i> TripAdvisor Brasil referente aos pontos constitutivos da Linha Preta de Curitiba	159

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADI – Ação Direta de Inconstitucionalidade

Arol – Associação Operária e Recreativa de Londrina

Bamerindus – Banco Mercantil e Industrial do Paraná S/A

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

Bird – Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento

Cepha – Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico

CMPC – Conselho Municipal de Patrimônio Cultural

Conapir – Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial

Copene Sul – Congresso das/os Pesquisadoras/es Negras/os da Região Sul

FCC – Fundação Cultural de Curitiba

Fipir – Fórum Intergovernamental de Promoção da Igualdade Racial

FMI – Fundo Monetário Internacional

FNB – Frente Negra Brasileira

GEV – Grupo de Estudos da Violência

GTCM – Grupo de Trabalho Clóvis Moura

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Icomos – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IHGPR – Instituto Histórico e Geográfico do Paraná

IMT – Instituto Municipal de Turismo

Inadi – Instituto Nacional Contra a Discriminação, a Xenofobia e o Racismo

Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ippuc – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

JLAA – Jaime Lerner Arquitetos Associados

MAI – Museu de Arte Indígena

Mercosul – Mercado Comum do Sul

Mespt – Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais

MIP – Memorial da Imigração Polonesa

MNU – Movimento Negro Unificado

MON – Museu Oscar Niemeyer

Neab – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização não governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PGM – Plan General Metropolitano de Ordenación Urbana

PIB – Produto Interno Bruto

Planapir – Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial

PNPIR – Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial

PPA – Plano Plurianual

PT – Partido dos Trabalhadores

Raadh – Reunião de Altas Autoridades em Direitos Humanos e Chancelarias do Mercosul e Estados Associados

Rafro – Reunião de Ministros e Altas Autoridades sobre os Direitos dos Afrodescendentes do Mercosul

RPPNM – Reserva Particular do Patrimônio Natural Municipal

Secad – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

Seed/PR – Secretaria de Estado da Educação do Paraná

Seppir – Secretaria Especial de Promoção de Políticas da Igualdade Racial

Sesc – Serviço Social do Comércio

Sinapir – Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial

Sphan – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

TEM – Teatro Experimental do Negro

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UHC – União dos Homens de Cor

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UniBrasil – Centro Universitário Autônomo do Brasil

Unilivre – Universidade Livre do Meio Ambiente

Univille – Universidade da Região de Joinville

URBS – Urbanização de Curitiba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1 A ESCRITA DA CIDADE	29
1.1 LINHA TURISMO COMO ESCRITA E CENÁRIO DA CIDADE.....	31
1.2 A POLÍTICA DO <i>CITY MARKETING</i> E A CRIAÇÃO DA LINHA TURISMO	69
1.2.1 Cidade-modelo e capital ecológica: gestão Lerner	81
1.2.2 Cidade de primeiro mundo e capital de todas as gentes: gestão Greca ...	90
1.3 ATIVAÇÃO PATRIMONIAL, MEMÓRIA OFICIAL E A ESCRITA DA CIDADE ...	97
1.3.1 A mobilização do paranismo na escrita da cidade	98
2 UMA LEITURA A CONTRAPELO DA ESCRITA DA CIDADE	105
2.1 O PARANISMO E A INVISIBILIDADE NEGRA NO PARANÁ.....	107
2.1.1 A trajetória paranista e a construção do homem paranaense	107
2.1.2 Tensionamentos e princípios de desconstrução do discurso paranista	125
2.2 MOVIMENTOS SOCIAIS, MOVIMENTO NEGRO, POLÍTICAS AFIRMATIVAS E O NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS	147
3 A REESCRITA DA CIDADE	154
3.1 LINHA PRETA COMO REESCRITA E CENÁRIO DA CIDADE	156
3.2 ATIVAÇÃO PATRIMONIAL, MEMÓRIA REIVINDICADA E A REESCRITA DA CIDADE.....	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS	191
REFERÊNCIAS	198
APÊNDICES	211
APÊNDICE 1 – PARQUES E BOSQUES DE CURITIBA.....	212

APÊNDICE 2 – MARCOS E EQUIPAMENTOS URBANOS DE CURITIBA.....	213
APÊNDICE 3 – MAPA DA LINHA TURISMO	215
APÊNDICE 4 – MAPA DA LINHA PRETA.....	216

INTRODUÇÃO

Por lo común, la prensa internacional habla de Brasil para referirse a las muchedumbres hambrientas de sus *favelas* – las de Rio de Janeiro han estado muy publicitadas desde que el Ejército las invadió en busca de narcotraficantes –, los escándalos de corrupción [...] de sus políticos o su pintoresco Carnaval. Pero rara vez habla, digamos, del [...] Curitiba (LLOSA, 1994)¹.

Ao considerar a cidade como um cronotopo, isto é, como uma unidade de tempo e espaço que se dá a ver e ler, a presente dissertação, intitulada *Leituras da cidade: Linha Turismo e Linha Preta – O patrimônio cultural como território de disputas identitárias na capital paranaense (Curitiba, 1990–2018)*, objetiva esboçar uma análise referente à ativação patrimonial que se realiza em Curitiba, Paraná, em torno da disputa da memória pública paranaense. Para tal, o trabalho tem como mote de investigação os escritos da história regional e a constituição de marcos referenciais do seu passado, bem como a compreensão de como estes são constituídos e apropriados na cidade, especialmente nos processos de patrimonialização, consubstanciados nos roteiros turísticos da capital.

O tema patrimônio, história e turismo que daí advém possibilita um diálogo interdisciplinar, o que corrobora com as metodologias utilizadas ao longo desse processo de investigação e escrita, as quais são a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a observação de campo. Os meandros percorridos na pesquisa bibliográfica deram o caráter da interdisciplinaridade à investigação, característica também do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. A pesquisa documental a fontes escritas (jornais, revistas, fôlderes, entre outras) e em menor medida a fontes não escritas (filmes, fotografias e mapas) foi realizada principalmente na Casa da Memória de Curitiba, na Cinemateca de Curitiba, na Biblioteca Pública do Paraná (setor de periódicos) e em *sites* institucionais e não institucionais. Por fim, a observação de campo deu-se no roteiro de ambas as linhas turísticas, isto é, a Linha Turismo e a Linha Preta. Nessa oportunidade, foram feitos registros escritos no caderno de campo e produzidas fotografias dos locais visitados,

¹ “Em geral, a imprensa internacional fala sobre o Brasil para se referir às multidões famintas de suas favelas – as do Rio de Janeiro têm sido muito divulgadas desde que o Exército as invadiu em busca de traficantes –, os escândalos de corrupção [...] de seus políticos ou seu pitoresco Carnaval. Mas ela raramente fala, digamos, de [...] Curitiba” (LLOSA, 1994, tradução livre). A frase citada na epígrafe diz muito da atualidade brasileira, embora tenha sido escrita numa coluna do jornal *El País*, em 31 de dezembro de 1994, pelo escritor, jornalista, ensaísta e político peruano Mario Vargas Llosa.

a fim de melhor ilustrar os referidos itinerários urbanos, bem como eventualmente utilizá-las como fonte.

Para alcançar o propósito desta investigação (e aqui passo a fazer uso da primeira pessoa), dividi a dissertação ora apresentada em três capítulos, denominados respectivamente de: “A escrita da cidade”, “Uma leitura a contrapelo da escrita da cidade” e “A reescrita da cidade”. As perguntas que se fazem são: como Curitiba deixou de ser uma cidade de passagem, pouco atrativa para o turismo, para se tornar referência nacional e internacional? Quais são as consequências dessa mudança de concepção da imagem da cidade para seus habitantes? Em que medida a construção da imagem da cidade de Curitiba nos anos 1990, consubstanciada na figura da Linha Turismo, despertou nos invisibilizados pelo discurso oficial e pelas políticas do *city marketing* o desejo de ativação patrimonial e da consequente criação da Linha Preta? Tal problematização norteia toda a pesquisa.

Em “A escrita da cidade”, primeiro capítulo desta dissertação, na intenção de começar a responder a tais questões, dei início à investigação percorrendo, descrevendo e analisando o itinerário e os bens patrimoniais constitutivos dos pontos turísticos representativos da chamada Linha Turismo de Curitiba.

O escritor e político liberal Mario Vargas Llosa, na coluna do jornal *El País* intitulada “El embajador guerrillero”, de 31 de dezembro de 1994, faz inúmeros elogios às administrações municipais dos prefeitos Jaime Lerner (1971–74 / 1979–83 / 1989–92) e Rafael Valdomiro Greca de Macedo (1993–96), responsáveis pela escrita da cidade que se dá por meio do conjunto de bens patrimoniais e equipamentos turísticos apresentados na Linha Turismo. Para o autor, Jaime Lerner teria encontrado soluções eficazes para os problemas urbanos, transporte e meio ambiente e transformado Curitiba em seus dois períodos como prefeito da capital:

Quien lo ha sucedido como Alcade de Curitiba fue su brazo derecho, el simpático y robusto Rafael Greca de Macedo, quien, emulado por los logros de su predecesor, se ha lanzado a construir unas bibliotecas para niños en forma de empinados faros [...]. Él me asegura que han sido diseñadas tomando como inspiración a la primera biblioteca que recuerda la historia, la de Alejandría, y yo le creo. ¿Por qué no le creería, después de haber visto con mis propios ojos que era cierto que Curitiba tiene una ópera construida no con mármol ni fierro ni concreto sino con alambre? [...] En un parque de Curitiba visito las cabañas, idénticas a las de la campiña de Cracovia, de los pioneros

[...] sus ruecas y cucharas de palo, y sus techos cónicos preparados para recibir una imaginaria nieve nostálgica (LLOSA, 1994, p. 2)².

O contexto internacional de tal afirmação era o das políticas neoliberais e da expansão dos processos de globalização, sob o qual se desenvolveu um mercado mundial das cidades. Aqui se inserem Curitiba e sua política do *city marketing*, que deu impulso ao processo de turistificação da capital paranaense, descrita com entusiasmo por Mario Vargas Llosa ao citar o sistema de transporte, os parques, a Ópera de Arame e o Bosque do Papa, por exemplo. O ano em que escreve para o jornal *El País*, 1994, é emblemático. Foi o ano da inauguração da Linha Turismo de Curitiba, outrora Linha Pró-Parques. Tratou-se da própria coroação de uma política vigente desde a década de 1970, quando esteve no comando da administração municipal da capital o prefeito Jaime Lerner. À frente da gestão municipal em 1994 estava o prefeito Rafael Greca, herdeiro do denominado lernismo³.

Um ano antes das mencionadas considerações de Llosa, Curitiba festejou seus 300 anos, momento em que foram inauguradas inúmeras obras na cidade – como bosques, memoriais e monumentos étnicos –, reforçando as imagens-síntese da chamada “capital ecológica” e “cidade-modelo” de então e agregando a elas duas outras: “cidade de primeiro mundo” e “cidade de todas as gentes”. Tais imagens de uma cidade performática ajudaram a criar alguns mitos na capital paranaense, como o de que Curitiba é uma cidade “tipicamente europeia”, onde predominou e predomina a classe média urbana.

Como pode ser visto nesse capítulo, a ativação patrimonial em torno da Linha Turismo, a política do *city marketing* e a construção dessas imagens-síntese elevaram Curitiba ao *status* de cidade turística, mas criaram como consequência desse processo de turistificação um misto de exclusão social e de invisibilização de

² “Quem o sucedeu como prefeito de Curitiba foi seu braço direito, o simpático e robusto Rafael Greca de Macedo, que, estimulado pelas conquistas de seu antecessor, se propôs a construir bibliotecas para crianças na forma de faróis [...]. Ele me garante que elas foram projetadas tendo como inspiração a primeira biblioteca que se lembra da história, a de Alexandria, e eu acredito nele. Por que eu não acreditaria nele, depois de ver com meus próprios olhos que era verdade que Curitiba tem uma ópera construída não com mármore, ferro ou concreto, mas com arame? [...] Em um parque em Curitiba, visitei as cabanas, idênticas às da zona rural de Cracóvia, os pioneiros [...] suas rodas de fiar e colheres de pau, e seus telhados cônicos preparados para receber uma neve nostálgica imaginária” (LLOSA, 1994, p. 2, tradução livre).

³ Nome dado ao modelo político criado pela gestão Jaime Lerner, que envolve agenda e atores ligados à sua concepção de administração pública. É o caso da administração de seus sucessores na Prefeitura de Curitiba, Rafael Valdomiro Greca de Macedo e Cássio Taniguchi, ambos lernistas. Outro nome ligado ao lernismo é o do ex-prefeito de Curitiba e ex-governador do estado do Paraná Carlos Alberto Richa.

segmentos da população, a exemplo da população negra da capital, que não se vê representada nem no discurso nem na constituição da memória oficial da cidade.

O segundo capítulo, “Uma leitura a contrapelo da escrita da cidade”, inicia-se com o questionamento em relação a essa escrita oficial. Para fazê-lo, foi necessário, num primeiro momento, compreender a raiz do discurso que criou, ao longo das gestões Lerner e Greca, as imagens-síntese da cidade. Nessa direção, empreendi uma análise do movimento regionalista chamado de paranismo. Movimento artístico, mas também político, o paranismo surgiu nas primeiras décadas do século XX e Curitiba foi seu epicentro. Tal movimento, de caráter identitário, envolveu intelectuais e artistas paranaenses e tomou os valores civilizatórios associados aos imigrantes europeus do fim do século XIX e início do século XX como constitutivos daquilo que veria a ser denominado de “homem paranaense”. Ao definir o homem paranaense, tal discurso concomitantemente determinou por exclusão quem não representaria tais valores. Em Curitiba, as ideias paranistas seriam retomadas em diferentes momentos ao longo do século XX, constituindo-se como “tradição”. Seus símbolos estão presentes nas ruas, praças, bosques e memoriais, como pode ser visto, por exemplo, nos bens patrimoniais que compõem o itinerário da Linha Turismo.

Na segunda parte do capítulo, com base na análise da conjuntura das últimas décadas, destaco como componente necessário para o entendimento de uma leitura a contrapelo da cidade os questionamentos oriundos dos movimentos sociais negros no Brasil e no estado do Paraná. Tais questionamentos e denúncias estão no cerne do surgimento de propostas de políticas públicas que visam valorizar esse segmento da população como partícipe do processo de construção da cidade e, logo, de sua escrita. Nesse contexto, desenvolveu-se em 2015 o projeto da Linha Preta, apresentado no II Congresso das/os Pesquisadoras/es Negras/os da Região Sul (Copene Sul), organizado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab) da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O projeto chama a atenção por envolver um desejo de ativação patrimonial como contraponto ao discurso oficial, isto é, como leitura a contrapelo da escrita da cidade. Nele é possível vislumbrar a presença negra e sua participação na formação de Curitiba, desfazendo a ideia consolidada ao redor do mito de “cidade europeia”. O trajeto da Linha Preta nesse momento de proposição abarcou 13 pontos históricos da capital paranaense, entre eles as Ruínas de São Francisco, a Igreja do Rosário, as Arcadas do Pelourinho e a Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio.

Por fim, em “A reescrita da cidade”, terceiro e último capítulo desta dissertação, procuro averiguar a gênese da institucionalização da Linha Preta e em seguida percorrer os pontos constitutivos da Linha Preta, descrevendo e analisando seu itinerário, bem como seus bens patrimoniais, que em 2018 já contavam com 21 pontos históricos, e não mais 13, como quando de sua proposição, em 2015. Para tal empreendimento, examino informações obtidas em fôlderes turísticos, *sites* institucionais, como o da Prefeitura de Curitiba, *sites* não institucionais e *sites* de viagem, como o TripAdvisor Brasil, o que não exclui, sempre que necessário, a consulta a fontes bibliográficas. Trabalho semelhante foi realizado no capítulo 1, quando do estudo da Linha Turismo.

Em síntese, faço uso aqui da observação do antropólogo espanhol Delgado (2017) ao analisar o modelo Barcelona. Isto é, não se trata de denunciar como perversa todas as transformações urbanas, mas sim assinalar a quem interessa tais transformações, em que conjuntura elas ocorreram, bem como quem foi excluído e, portanto, não se beneficiou de tais transformações. Como afirma o autor,

no es el presente lo que resulta del pasado, sino – como muy bien intuyó George Orwell – el pasado conmemorado, monumentalizado, enaltecido, etc., lo que resulta de las contingencias prácticas del presente y de las metas a alcanzar en un futuro, siempre según la versión, no hay que decirlo, de quienes controlen en cada momento los medios de producción de significados (DELGADO, 2017, p. 154)⁴.

Embora não seja pré-requisito de uma dissertação de mestrado, creio que a pesquisa ora apresentada se justifica sobretudo ao ganhar caráter de ineditismo, especialmente ao realizar um estudo a respeito do desejo de ativação patrimonial oriundo não dos gestores e tecnocratas que estão no poder, mas daqueles que não se veem contemplados na escrita da cidade, isto é, os sujeitos e atores sociais que trazem à tona a história e a memória dos vencidos, por meio da Linha Preta, numa tentativa de preencher a lacuna da visão hegemônica dos vencedores. Ou, da mesma forma, quando a pesquisa problematiza o paranismo em sua relação com a política

⁴ “Não é o presente que resulta do passado, mas – como George Orwell intuiu muito bem – o passado comemorado, monumentalizado, exaltado etc., que resulta das contingências práticas do presente e dos objetivos a serem alcançados no futuro, sempre segundo a versão, não é necessário dizê-lo, daqueles que controlam em cada momento os meios de produção de significados” (DELGADO, 2017, p. 154, tradução livre).

do *city marketing* e com a Linha Turismo na capital paranaense. A discussão sobre o paranismo não é nova, porém, sob esse viés, pode-se dizer que sim.

Os resultados de tal trabalho, leitura e releitura da cidade, com base nas linhas turísticas da capital paranaense, seus embates e disputas identitárias em torno da memória pública curitibana, por meio de processos de ativação patrimonial, podem ser auferidos nas considerações finais da presente dissertação e quiçá retomados e melhorados em pesquisas acadêmicas futuras.

1 A ESCRITA DA CIDADE

A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 2017).

Na história, os fenômenos escrita e cidade surgiram quase concomitantemente e, de acordo com a arquiteta e urbanista Rolnik (1992), impulsionados pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo. Assim, para a autora, há certo paralelismo entre empilhar tijolos e agrupar letras a fim de formar palavras que representem sons e ideias.

A cidade em si, com suas edificações, traçados, diferentes espaços e ocupações, tem se constituído ao longo dos anos em uma escrita e, como tal, está aberta à leitura e interpretação dos diferentes interlocutores da urbe, podendo eles ser moradores, gestores, técnicos ou turistas. Mas, segundo a socióloga García (1997, p. 165), “não é possível referir-se à construção dos significados do espaço sem contar o tempo de sua apropriação pela sociedade, como não é possível considerar a percepção do tempo sem menção ao espaço sobre o qual adquire concretude”.

Essa relação tempo e espaço parece mesmo ser primordial também para a historiadora Pesavento (2004), quando afirma que a cidade poderia ser definida em termos culturais como um *cronotopo*¹, ou seja, como uma unidade de espaço e tempo. Segundo a teórica, o urbano define-se por uma demarcação e edificação humanas no e do espaço. Logo, contém um tempo, carrega associado a ele uma história e uma memória, o que faz da cidade uma espécie de livro de pedra aberto à leitura. Ainda de acordo com Pesavento (2004, p. 1595), “cada materialidade e traçado que marca a apropriação do espaço se constituem em um texto, que comporta uma trama e oferece uma intriga a ser desvendada”. É a escrita da cidade.

Assim sendo, na história cultural do urbano, os espaços da cidade, enquanto espaços do vivido e do vir a ser, comportam diferentes temporalidades que subjazem atores, práticas e representações. Analisar esses espaços e temporalidades permite a realização da leitura da cidade, ou melhor, “leituras”, no plural, como lembra

¹ A historiadora busca esse termo no teórico russo Mikhail Bakhtin (1895-1975). Usado especialmente na análise literária, o cronotopo é a interligação das relações temporais e espaciais por onde a “realidade histórica” se introduz no romance.

Sánchez (2001), pois não há uma única leitura possível, visto que cada uma carrega consigo subjetividades, expectativas, sonhos ou pesadelos de quem a faz. Por isso, uma análise das cidades deve identificar de quem são esses olhares ou ainda quem realiza essas leituras. E esse é o objetivo deste capítulo.

Para tanto, ele foi dividido em três partes. A primeira, intitulada “Linha Turismo como escrita e cenário da cidade”, visa apresentar e descrever os lugares e bens culturais que compõem a Linha Turismo de Curitiba e, por extensão, refletir sobre a escrita da cidade que esse cenário suscita.

A segunda parte do capítulo, denominada de “A política do *city marketing* e a criação da Linha Turismo”, procura abordar o contexto de criação desse itinerário cultural², bem como as mudanças ocorridas em Curitiba por intermédio das gestões dos prefeitos Jaime Lerner (1971–74 / 1979–83 / 1989–92) e Rafael Valdomiro Greca de Macedo (1993–96)³ – mudanças que a propalada política do *city marketing* dos anos 1990 possibilitou ao criar imagens-síntese da capital paranaense.

Por fim, o capítulo encerra-se com o subtítulo “Ativação patrimonial, memória oficial e a escrita da cidade”, em que se discute o processo de ativação patrimonial da Linha Turismo pensado tanto por técnicos como por agentes do mercado, ou, como diriam o historiador francês Certeau *et al.* (2011), por “conservadores” e “*marchands*”.

As escolhas realizadas no processo de ativação patrimonial e concretizadas pelo poder público em torno das imagens-síntese da cidade foram, como se verá, responsáveis pela invisibilidade de segmentos da população curitibana que foram apagados ou deixados à margem na escrita da cidade. Aqui são tratadas a questão do paranismo⁴ e sua influência na composição da imagem da cidade, assunto que será mais bem explorado no capítulo 2 desta dissertação.

² Atualmente, o conceito *itinerário cultural* está nas orientações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para a aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial. Documento relevante para tal compreensão é a Carta Internacional sobre os Itinerários Culturais, de 2008. Disponível em: <https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/culturalroutes_sp.pdf>. Acesso em: 12 maio 2018.

³ Rafael Greca venceu a eleição municipal de 2016, iniciando o seu segundo mandato como prefeito de Curitiba no ano de 2017.

⁴ Movimento regionalista do início do século XX que atuou na construção da identidade do chamado “homem paranaense”.

1.1 LINHA TURISMO COMO ESCRITA E CENÁRIO DA CIDADE

Ao ligar diferentes pontos escolhidos *a priori* por técnicos e gestores da administração pública, uma linha turística torna-se um componente agregador da escrita da cidade e, como tal, é mais do que o simples traçado de um mapa. Sua produção narrativa nunca é neutra e imparcial. Enquanto caminho a ser percorrido pelo visitante, a linha turística quer reforçar a ideia e os sentidos que se quer passar do local visitado. É também de sua narrativa que a cidade pode virar cenário, potencializando e consolidando certas imagens-síntese da urbe e, por extensão, das suas populações urbanas do presente e do passado.

O itinerário da linha turística procura demarcar e ordenar lugares para captar e conduzir o olhar e a percepção do observador. Como pesquisador, papel que nos pode tornar estrangeiros da cidade em que se vive, ao percorrer a Linha Turismo de Curitiba procurei fazê-lo num misto de *voyeur* e caminhante, segundo a assertiva de Certeau (1998). Isso significa que busquei ser aquele que olha de fora, do alto da jardineira do ônibus *double deck* e, concomitantemente, aquele que se insere no teatro da cidade, ou seja, que anda nos cenários urbanos construídos no processo de turistificação da capital paranaense nas últimas décadas e coleta registros sobre eles.

Nessa tarefa de olhar o cenário urbano, inserir-se nele e coletar registros, procurei ter um cuidado particular com as paisagens e os monumentos⁵, especialmente com os que compõem o repertório da Linha Turismo e aqueles que constituem o patrimônio da cidade. Isso se deve ao fato de eu tomar aqui a arquitetura urbana como foco e vetor da memória curitibana. Concordo com Rolnik (1992), quando em sua reflexão sobre a natureza, origem e transformação das cidades aponta que na cidade-escrita não são somente os textos e documentos produzidos e contidos em repartições, museus e arquivos públicos que fixam a memória e indicam o que deve ser lembrado na cidade. O desenho das ruas, praças e templos denota a experiência daqueles que os construíram e, por isso, pode ser lido e decifrado tanto quanto se lê e se interpreta um texto. O mesmo atribui-se às linhas turísticas.

Em resumo, é com vistas aos pressupostos apontados, bem como com o olhar subjacente do historiador e do pesquisador do campo patrimonial, que, após realizar

⁵ O antropólogo espanhol Delgado (2017), em sua obra *La ciudad mentirosa*, chama atenção para os monumentos, uma vez que tais bens patrimoniais tanto permitem recordar o passado como anulá-lo, negá-lo e aniquilá-lo.

o percurso da Linha Turismo, descrevo a experiência que assumi enquanto “urbanauta”⁶ de Curitiba. Essa tarefa será explorada com mais acuidade em termos conceituais nos próximos tópicos deste capítulo.

A Linha Turismo de Curitiba (CURITIBA, 2017b) é uma linha especial que foi criada para circular pelos principais pontos turísticos da cidade. Enquanto itinerário urbano, pode ser inserida no conceito de “rota cultural”, que, de acordo com Pistorello (2013), foi adotado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) pela primeira vez em 1993, quando a Rota dos Peregrinos para Santiago de Compostela foi incluída na Lista do Patrimônio Mundial, muito embora somente em 2008 tenha sido aprovada em Quebec, no Canadá, a Carta dos Itinerários Culturais do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos), que reconhece os itinerários culturais como uma nova categoria patrimonial. Entre outras atribuições, a carta define os itinerários culturais como o resultado dos movimentos interativos de pessoas, bem como dos intercâmbios multidimensionais, contínuos e recíprocos de bens, ideias, conhecimentos e valores entre povos, países e regiões.

Enquanto itinerário cultural, o roteiro da Linha Turismo de Curitiba teve a sua gênese ainda na gestão do prefeito Jaime Lerner, em 1990, quando foi feita a Linha Pró-Parques.

O prefeito Jaime Lerner inaugura, às 10:30 min de manhã, a linha de ônibus Pro Parques. Com ônibus tipo “jardineira”, a nova linha passará a funcionar todos os domingos e feriados, entre o centro da cidade e os parques. [...] Os ônibus seguem ‘lay-out’ feito pelo [Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc) – têm, grandes espaços abertos e bancos de madeira multicoloridos, para permitir ao usuário ampla visão dos caminhos percorridos até os parques da cidade (INDÚSTRIA E COMÉRCIO, 1990).

À época da inauguração, a capital paranaense sustentava o título de capital ecológica. O serviço iniciou-se com dois ônibus, segundo o jornal *O Estado do Paraná* (1990), sendo posteriormente ampliado. Tais ônibus passaram a percorrer sete “parques” da cidade. Além do Passeio Público⁷, constavam do trajeto os parques

⁶ Alusão ao termo usado pelo jornalista e escritor Eduardo Emilio Fenianos e Maí Nascimento Mendonça (1993), que o consagraram em Curitiba, ao se proporem a viajar pela cidade.

⁷ Nascido da drenagem de um terreno pantanoso, foi inaugurado em 1886. É o mais antigo parque municipal de Curitiba e o primeiro zoológico da cidade. Localiza-se no centro da capital paranaense. Possui área total de 69.285 m². Para mais informações, ver: CURITIBA, 2017e.

Barigui⁸, São Lourenço⁹, Barreirinha¹⁰ e Bacacheri¹¹, acrescidos do zoológico¹² e do Bosque Reinhard Maack¹³.

No dia 9 de julho de 1994, na gestão do prefeito Rafael Greca, foi inaugurada a Linha Turismo. Ela passou a substituir a Linha Pró-Parques, incorporando novos pontos de visita para os turistas e usuários em geral. Segundo o material publicitário da prefeitura à época da inauguração, a Linha Turismo percorreria 16 marcos histórico-culturais de Curitiba, totalizando um trajeto de 33 km com duração prevista de duas horas. Tal reelaboração da linha turística coadunava com a imagem-síntese que a capital procurava divulgar naquele momento, ou seja, a de cidade de primeiro mundo e de “todas as gentes”. Assim, aos marcos referenciais já existentes na Linha Pró-Parques, foram integradas com a Linha Turismo especialmente bosques, praças e memoriais que remetem a diferentes etnias, com apreço especial às de origem europeia.

Concomitantemente à implementação das linhas Pró-Parques e depois Turismo, bem como à construção de novos marcos referenciais na cidade, realizou-se uma forte campanha publicitária, que alguns autores chamam de política do *city marketing* (PEIXOTO, 2000; SÁNCHEZ, 2001; CASTELNOU, 2006; MOURA, 2007), isto é, uma política voltada à oferta da cidade enquanto mercadoria. Muito em voga a partir dos anos 1990, essa política envolvia não apenas gestores locais, mas também organismos internacionais de financiamento, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (Bird), no jogo concorrencial das cidades.

⁸ O lugar que originou o parque foi uma antiga sesmaria pertencente a Mateus M. Leme. O parque, com nome indígena, que significa “rio de fruto espinhoso”, em referência às pinhas da araucária, foi criado em 1972, na primeira gestão do prefeito Jaime Lerner. Abrange os bairros Bigorriho, Mercês, Santo Inácio e Cascatinha. Possui área total de 1.400.000 m². Para mais informações, ver: CURITIBA, 2018g.

⁹ Criado em 1972, na primeira gestão Lerner, o parque foi projetado para conter as cheias do Rio Belém. Localiza-se no bairro São Lourenço. Possui área total de 203.918 m². Para mais informações, ver: CURITIBA, 2018i.

¹⁰ Datado de 1959, porém transformado em parque e entregue à população na primeira gestão Lerner, em 1972, o espaço é coberto de mata nativa e lagos. Localiza-se no bairro da Barreirinha. Possui área total de 275.380 m². Para mais informações, ver: CURITIBA, 2018h.

¹¹ Situado no bairro de igual nome, formado pelo Rio Bacacheri, até 1970 era conhecido como Tanque do Bacacheri. Foi inaugurado como parque em 1988, na gestão Roberto Requião. Possui área total de 152 mil m². Para mais informações, ver: CURITIBA, 2018f.

¹² Situado no Parque Municipal do Iguaçu, o Zoológico Municipal de Curitiba foi inaugurado em 1982, na segunda gestão Lerner. Possui área total de 589 mil m². Para mais informações, ver: CURITIBA, 2018j.

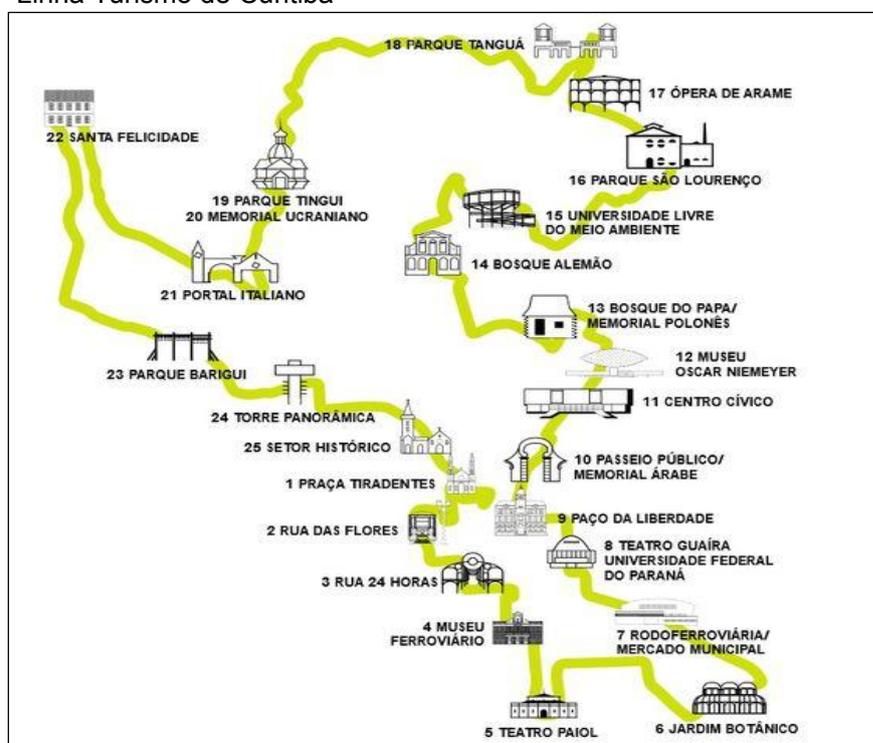
¹³ Área pertencente à família Hauer desde 1860, que nomeia o bairro onde se localiza o bosque. Foi desapropriada em 1986 e entregue à cidade em 1989, na terceira gestão Lerner. Possui área total de 78 mil m². Para mais informações, ver: CURITIBA, 2018e.

O resultado não fez esperar. Manchetes pessimistas nos jornais, como “Turismo: palavra que arrepiava muita gente” (O ESTADO DO PARANÁ, 1976) e “Curitiba tem ou não atrações turísticas” (GAZETA DO POVO, 1983), foram substituídas por manchetes otimistas, como “Curitiba, de ponto de passagem a destino turístico” (GAZETA TURISMO, 1994), “Turismo cresce 5% ao ano em Curitiba” (JORNAL DO ESTADO, 1997), ou ainda “Curitiba é a mais visitada do Sul” (FOLHA DE LONDRINA, 1998).

Em três anos de operação, conforme o jornal *Gazeta do Povo* (1998), a Linha Turismo atendeu 660 mil moradores e turistas nacionais e estrangeiros.

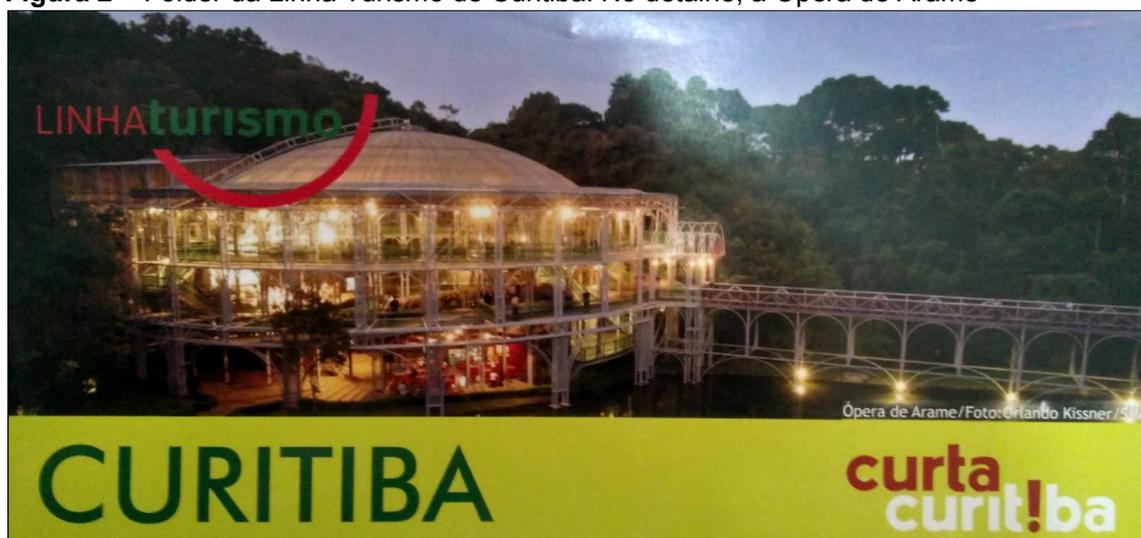
Já em dezembro de 2017, segundo a página Urbanização de Curitiba (URBS, 2017f), a Linha Turismo circulava a cada 30 minutos e percorria cerca de 45 km, em cerca de três horas. Seus veículos possuíam um sistema de som (alto-falantes) com informações gravadas em três idiomas (português, inglês e espanhol), a fim de fornecer dados sobre os locais visitados. Segundo o mesmo *site*, o roteiro começa na Praça Tiradentes, mas é possível iniciar o trajeto em qualquer um dos pontos (Figura 1). Para embarcar, você compra uma cartela com cinco tíquetes, ganha um fôlder (Figura 2) e o direito a um embarque e quatro reembarques (CURITIBA, 2017g).

Figura 1 – Linha Turismo de Curitiba



Fonte: disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/531072981038205391/>>. Acesso em: 27 dez. 2017

Figura 2 – Fôlder da Linha Turismo de Curitiba. No detalhe, a Ópera de Arame



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 28 dez. 2017

É o trajeto demonstrado na Figura 1 que passo a descrever e analisar. Para tanto, utilizo registros feitos quando da minha visita *in loco* aos pontos constitutivos da Linha Turismo, acrescidos de informações obtidas em fôlderes turísticos, *sites* institucionais, como o da Prefeitura de Curitiba (CURITIBA, 2017d), e *sites* de viagem, como o TripAdvisor Brasil¹⁴ (Quadro 1), o que não excluiu, sempre que necessário, a consulta a fontes bibliográficas.

¹⁴ Embora não seja meu foco de análise, apenas fonte de consulta, a escolha do TripAdvisor deu-se pelo fato de ele se apresentar como o maior *site* de viagens do mundo. Segundo o TripAdvisor Brasil, Curitiba está entre os 10 destinos mais populares do país. A cidade consta de 375.598 avaliações e opiniões de usuários quanto à sua estrutura logística, o que inclui, entre outros, hotéis, restaurantes, além do item “o que fazer”. Este último é composto dos subitens: as principais atrações, excursões e ingressos, locais históricos, museus, igrejas e catedrais, natureza e parques, pontos de interesse, concertos e *shows*, obras arquitetônicas, locais religiosos e sagrados. A título de ilustração, muito mais do que propriamente de análise do *site*, reitero, optei aqui por levantar informações a respeito da avaliação dos pontos turísticos que estão inseridos no roteiro da Linha Turismo de Curitiba e, assim, apresentá-las no formato de quadro. Ver: TRIPADVISOR, 2018b.

Quadro 1 – Avaliação dos usuários do *site* TripAdvisor Brasil referente aos pontos constitutivos da Linha Turismo de Curitiba

	Total de Avaliações	Nota: máximo 5	Excelente %	Muito bom %	Razoável %	Ruim %	Horrível %
Jardim Botânico	22.564	4,5	68	26	4	1	1
MON	11.889	4,5	65	27	6	1	1
Parque Tanguá	7.889	4,5	64	29	5	1	1
Santa Felicidade	6.894	4,5	56	34	8	1	1
Parque Barigui	6.651	4,5	62	31	5	1	1
Ópera de Arame	5.589	4	42	37	17	3	1
Bosque Alemão	3.685	4,5	52	37	9	1	1
Torre Panorâmica	2.936	4	42	37	18	2	1
Mercado Municipal	2.361	4,5	53	38	7	1	1
Bosque Polonês	2.351	4,5	46	39	13	1	1
Memorial Ucraniano	2.148	4,5	48	39	11	1	1
Unilivre	1.792	4,5	59	30	9	1	1
Prédio Hist. UFPR	1.343	–	52	37	10	1	0
Setor histórico	1.347	4,5	47	41	10	1	1
Passeio Público	1.158	3,5	26	35	29	7	3
Paço da Liberdade	811	4,5	49	41	8	1	1
Teatro Guaíra	692	4,5	48	40	9	2	1
Rua 24 Horas	658	3	11	25	43	16	5
Rua das Flores	650	4	31	42	24	2	1
Parque S. Lourenço	629	4	39	44	15	1	1
Museu Ferroviário	588	4	27	43	25	4	1
Praça Tiradentes	318	3,5	20	42	33	4	1
Parque Tingui	312	4	42	41	15	1	1
Teatro Paiol	149	3,5	20	38	34	6	2
Memorial Árabe	118	3,5	16	36	40	5	3
Centro Cívico	100	4	32	40	23	5	0
Rodoferroviária	–	–	–	–	–	–	–
Portal Italiano	–	–	–	–	–	–	–

MON: Museu Oscar Niemeyer, Unilivre: Universidade Livre do Meio Ambiente, UFPR: Universidade Federal do Paraná.

Fonte: adaptado de: TRIPADVISOR, 2018b

No Quadro 1 podem ser observadas as avaliações dos usuários do *site* TripAdvisor Brasil quanto aos pontos constitutivos da Linha Turismo de Curitiba até a data de 21 de abril de 2018. A nota máxima que cada usuário pode atribuir ao local visitado é 5, e a mínima é 1. O *site* realiza por meio das notas a média e a classificação percentual, que vai de excelente a horrível. A Rodoferroviária e o Portal Italiano não foram avaliados, por isso a ausência de dados no quadro. Via de regra, os locais mais avaliados são também os mais visitados. O Quadro 1 será retomado ao longo deste capítulo sempre que necessário.

Feitas tais considerações, descrevo a minha jornada a bordo do ônibus *double deck* da Linha Turismo (Figura 3), a partir da *Praça Tiradentes*.

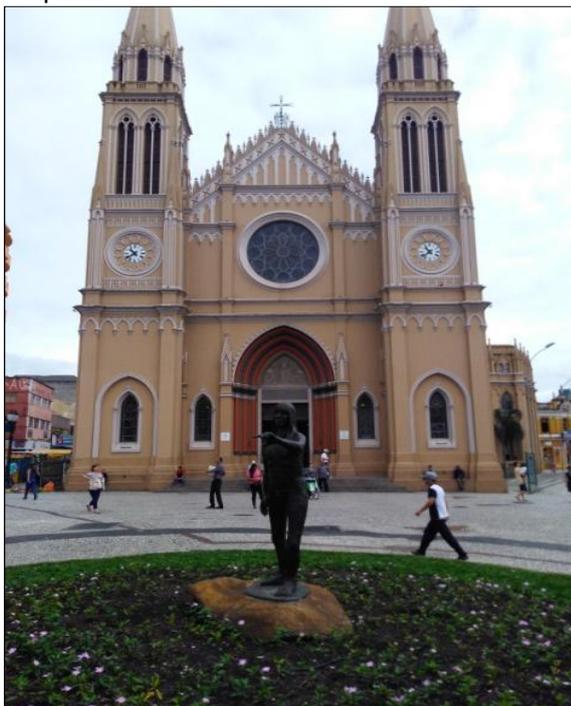
Figura 3 – Ônibus da Linha Turismo de Curitiba: Praça Tiradentes



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 28 dez. 2017

Localizada no centro da capital paranaense, a poucos passos do calçadão da Rua XV de Novembro, da Praça Tiradentes, assim como eu, o visitante pode ver a Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (Figura 4), também conhecida como Catedral Metropolitana de Curitiba (construção em estilo neogótico do século XIX).

Figura 4 – Catedral Metropolitana de Curitiba



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 29 dez. 2017

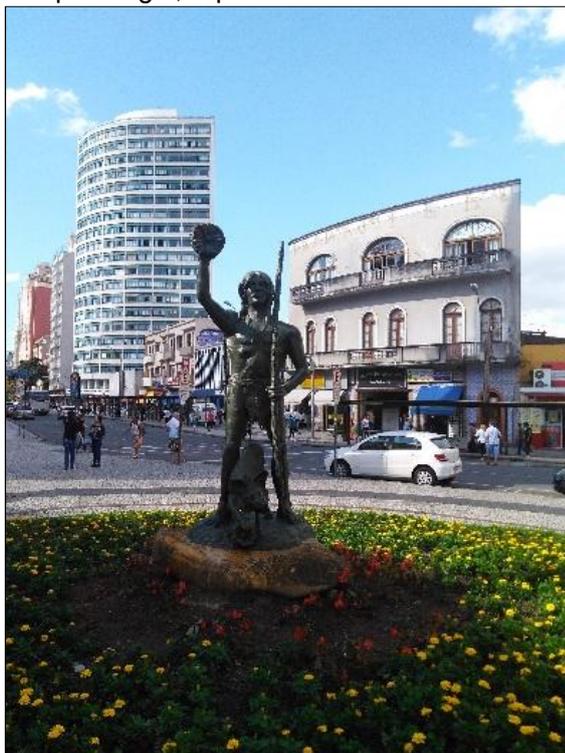
Próximo dali, encontram-se o Largo da Ordem (centro histórico de Curitiba) e o marco zero da cidade, local indicado por um cacique da tribo Tingui aos colonizadores para a construção do povoado de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

O cacique teria fincado uma vara no chão e dito “*Coré-etuba*”, ou seja, “muito pinhão aqui”, expressão que daria origem ao nome da futura capital, Curitiba¹⁵. Esse mito fundador¹⁶, relatado entre outros pelo historiador Wachowicz (2002), em sua obra *História do Paraná*, é em síntese uma invenção histórica e uma construção cultural da cidade. O mito fundador constitui uma narrativa em torno das origens, do destino e da configuração social de Curitiba e teve como propósito legitimar um discurso de poder. Para além da literatura e da história regional, o mito fundador corporificou-se e ganhou vida igualmente nas artes, como pode ser visto na estátua colocada à frente da Catedral Metropolitana de Curitiba (Figura 5) e no relevo em bronze do artista plástico e paranista João Turin exposto no Memorial de Curitiba (Figura 6).

¹⁵ Quanto ao nome da capital paranaense, amplo e farto debate pode ser encontrado em RODRIGUES, Aryon D. O nome Curitiba. *In*: BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **Curitiba**: origens, fundação, nome. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 21, n. 105, jun. 1995, p. 225-245.

¹⁶ Para melhor compreensão sobre o conceito de mito fundador, ver: CHAUI, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

Figura 5 – Estátua do cacique Tingui, representando o mito fundador de Curitiba



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 9 abr. 2018

Figura 6 – Obra de João Turin, representando o mito fundador de Curitiba



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 29 dez. 2017

A Praça Tiradentes traz ainda como atrativo a exposição, por meio de um piso de vidro, de seu calçamento original, do século XIX. Isso foi possível graças às escavações arqueológicas realizadas no local, no ano de 2008, por arqueólogos da UFPR quando da execução de obras pela Prefeitura de Curitiba nesse logradouro público.

Além de um lugar que evoca a memória do mito fundador da cidade, os arredores da Praça Tiradentes, assim como de outros logradouros públicos do gênero, têm se configurado também como um espaço coletivo e de decisões políticas, sendo sede de passeatas, panfletagens e manifestações diversas; um local de sociabilidade, onde as pessoas se inserem em rodas de bate-papo, passeios familiares ou namoros; e ainda um ponto de encontro cultural e trocas comerciais, com suas festas, feiras gastronômicas e artesanais etc. Além disso, na atualidade tem se constituído em um espaço de disputas identitárias, disputas essas que serão abordadas nos capítulos seguintes desta dissertação.

Seguindo o roteiro, passo pela *Rua das Flores*. Esse é o nome pelo qual ficou conhecido o trecho inicial da Rua XV de Novembro, juntamente com a Avenida Luiz Xavier. Da mesma forma que a Praça Tiradentes, que se chamava Praça D. Pedro II, a Rua XV de Novembro passou a ter esse nome em decorrência da implementação do regime republicano no Brasil. No Império, ela denominava-se Rua da Imperatriz.

Foi tombada como paisagem urbana, por lei estadual em 1974, incluindo o trecho da Praça Osório, Avenida Luiz Xavier, Rua XV de Novembro e Praça Santos Andrade, ou seja, uma extensão de aproximadamente 650 metros.

A Rua das Flores foi transformada em calçamento de pedestres em 1972, o primeiro do país, segundo *site* e *fôlder* turístico da cidade. Com calçamento em *petit-pavé*, em que podem ser vistos símbolos paranistas, a exemplo das pinhas estilizadas (Figura 7), destaca-se pelo comércio, por seus artistas de rua e pelos cuidados com o espaço, que vão da jardinagem à vigilância, já que o local é monitorado por câmeras de segurança.

Figura 7 – Pinhas estilizadas no calçamento da Rua XV de Novembro, em Curitiba



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 29 dez. 2017

Além de local de passeio e de lazer da população no centro da cidade, a Rua XV de Novembro é também ponto de manifestações políticas. No seu início, encontram-se a famosa Boca Maldita e o Palácio Avenida. O primeiro constitui um espaço cotidiano de discussões políticas, e o segundo, um local onde curitibanos e turistas se reúnem nos fins de ano para assistir às apresentações de natal. A Boca Maldita sustenta uma espécie de totem informativo, que faz parte do Projeto Marcas da Memória¹⁷, com os seguintes dizeres:

A Boca Maldita é um lugar de passagem. De passagem do povo, a caminho do trabalho, do estudo, de um simples passeio. É também onde o povo se encontra em memoráveis manifestações, pela anistia e pela democracia. Neste local, em 12 de janeiro de 1984, mais de 50 mil curitibanos exigiram Eleições Diretas-já para Presidente da República.

¹⁷ Segundo o *site* do Ministério da Justiça, o Projeto Marcas da Memória foi instituído em 2008 e visa resgatar a memória concernente às vítimas do período ditatorial. Para saber mais, ver: BRASIL, 2018a.

Embora seja acionado no presente como um espaço democrático, o calçadão também possui marcas de práticas de exclusão social, como é o caso de grades embaixo da marquise dos prédios, que servem para obstruir o acesso geral ou mesmo possíveis moradores de rua que ali tentam passar a noite, situação que também pode ser observada em outras cidades brasileiras na atualidade.

Na *Rua 24 Horas* parei para comer, afinal o folheto turístico que tinha em mãos dizia ser aquele um local de lazer, compras e opções gastronômicas. A Rua 24 Horas foi inaugurada em 1991 e revitalizada em 2011 (Figura 8). Ostenta em cada uma de suas duas entradas um relógio (ver Figura 9). Segundo o totem informativo da Prefeitura de Curitiba fixado na frente do equipamento turístico, a construção conta com uma cobertura transparente apoiada em 32 arcos de estrutura metálica.

Figura 8 – Rua 24 Horas



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 28 dez. 2017

Figura 9 – Cartão-postal da Rua 24 Horas, da década de 1990



A

B

Fonte: acervo do autor. Fotografias de 28 dez. 2017

Tida como um dos símbolos da cidade do futuro¹⁸ na ocasião de sua inauguração, a “rua que nunca fecha” hoje tem horário de funcionamento, segundo os lojistas locais e usuários do *site* TripAdvisor Brasil (alguns comentários esboçam até certo teor de frustração). Dos pontos turísticos da Linha Turismo, foi o pior avaliado pelos usuários do *site* (ver Quadro 1).

Passo na sequência pelo *Museu Ferroviário*. Construído na antiga Estação da Estrada de Ferro de Curitiba¹⁹ em 1883, o museu traz parte do acervo ferroviário do Paraná (Figura 10). Exposto numa sequência cronológica, seu acervo conta uma breve história da ferrovia no Brasil e toma como marco referencial os ciclos econômicos do estado (madeira, erva-mate e café). A história das ferrovias confunde-se com a própria história econômica paranaense.

Visivelmente, o local é pouco procurado por turistas e moradores, talvez por competir com o prédio anexo que o abriga, isto é, o Shopping Estação, local de consumo e lazer dos caminantes da cidade. Nas dependências do *shopping*, além do museu, há ainda um centro de eventos.

Figura 10 – Locomotiva, no Museu Ferroviário, anexa ao Shopping Estação



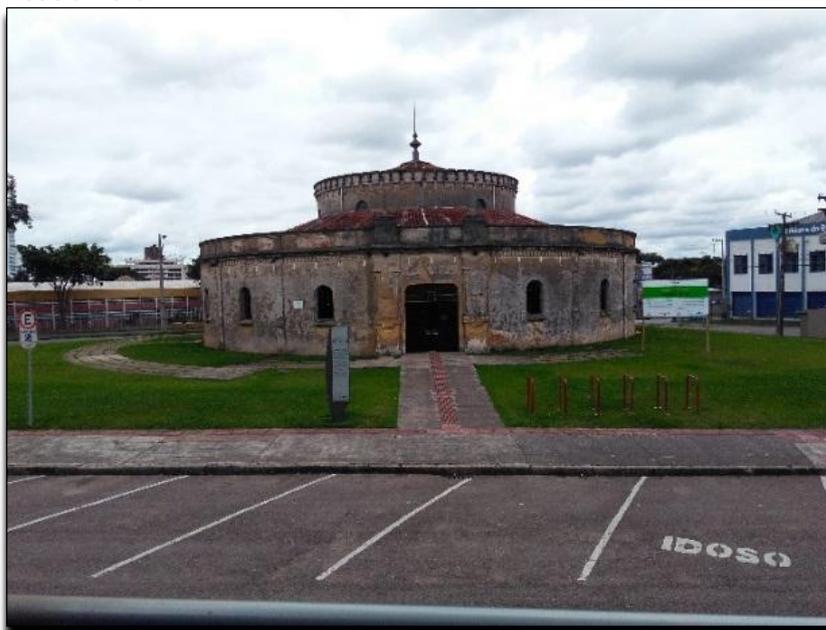
Fonte: acervo do autor. Fotografia de 9 jan. 2018

¹⁸ Essa estética futurista da cidade-modelo, composta de estruturas metálicas e vidros transparentes, também se fez presente em obras como o Jardim Botânico, a Ópera de Arame, as estações-tubo do ônibus Ligeirinho e o Memorial de Curitiba. Acrescentam-se a elas as extintas cabines telefônicas (telefones públicos), outrora espalhadas especialmente no centro da cidade. Tais cabines, diferentemente dos orelhões tradicionais, eram redondas e construídas em metal e vidro transparente, lembrando em certa medida as cápsulas de teletransporte dos filmes de ficção científica.

¹⁹ Patrimônio estadual tombado desde 1976 como Estação da Estrada de Ferro de Curitiba, juntamente com o viaduto João Negrão.

Quanto ao *Teatro Paiol* (Figura 11), vislumbro-o do alto do ônibus *double deck*, juntamente com outros turistas que disparam seus *flashes*, com o intuito de registrar a imagem desse patrimônio histórico. Construído em 1906 como paiol de pólvora, foi adaptado e tornou-se um teatro na gestão Lerner, em 1971. Esse ato marcou, segundo o guia turístico que tenho em mãos, o início das transformações culturais pelas quais passaria Curitiba.

Figura 11 – Teatro Paiol



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 28 dez. 2017

No *Jardim Botânico*, o ônibus praticamente fica vazio e logo volta a encher-se. Tal movimentação de passageiros dá-se em virtude da visita ao local. É o ponto de parada mais esperado, fato perceptível nas conversas dos turistas dentro do ônibus. Não por acaso, o local é muito bem avaliado pelos usuários do *site* de turismo TripAdvisor Brasil (ver Quadro 1). A movimentação de carros também é grande. Vejo ao longe uma família indígena vendendo suas cestarias, cena já presenciada na Rua XV de Novembro.

O Jardim Botânico (Figura 12) foi inaugurado em 1991 e traz em seu conjunto um extenso tapete de flores (criado à imagem dos jardins franceses); estufas de ferro e vidro, que abrigam espécies de plantas da mata atlântica – a principal dessas estufas

contém três abóbodas em estilo *art nouveau* (inspirada no Palácio de Cristal de Londres do século XIX) –; fontes de água²⁰ (Figura 13); entre outras atrações²¹.

Figura 12 – Jardim Botânico de Curitiba



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 3 nov. 2018

Figura 13 – Fonte de água *Amor Materno*, no Jardim Botânico de Curitiba



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 3 nov. 2018

²⁰ Uma das fontes de água contém a escultura em bronze *Amor Materno*, do artista paranista João Zaco Paraná, tida como uma “homenagem da comunidade polonesa a todas as mães paranaenses que, geradoras da vida, dão alma à Curitiba tricentenária”.

²¹ Para visualização em 360° do espaço onde está localizado o Jardim Botânico, ver: <<http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/360/jardim-botanico/>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

Na sua entrada, pode ser visto um totem. Nele está fixada uma placa em bronze que traz os seguintes dizeres: “Jardim Botânico Fanchette Rischbieter”. Abaixo, continua: “A 5 de outubro de 1991 o prefeito Jaime Lerner entregou ao povo de Curitiba este Jardim Botânico rendendo homenagem à memória da [...] pioneira do nosso planejamento urbano e engenheira da boa qualidade de vida²² do nosso povo” (Figura 14).

Figura 14 – Placa de identificação do espaço Jardim Botânico de Curitiba



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 3 nov. 2018

O Museu Botânico, ali localizado desde 1992, segundo o *site* da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, foi fundado em 1965. Sua origem remonta a doação realizada pelo botânico curitibano Gerdt Guenther Hatschbach de uma coleção particular de 18 mil exsicatas²³ (CURITIBA, 2017e).

Dando continuidade ao trajeto, o ônibus anuncia em seu serviço de alto-falante a *Rodoferroviária* e o *Mercado Municipal*. A primeira, inaugurada em 1972, passou por uma reforma em decorrência da Copa do Mundo de 2014, uma vez que Curitiba foi uma das sedes do evento esportivo. Próximo dela está o Estádio Durival Britto e Silva,

²² O termo *qualidade de vida* pode ser relativizado quando a construção de equipamentos urbanos gera especulação imobiliária e aumenta o custo de vida de dada região, fatos que afastam a população mais pobre para a periferia, distanciando essas pessoas de suas atividades laborais (trabalho) e dos serviços públicos, por exemplo.

²³ Plantas secas tratadas e fixadas em cartolina, identificadas e preservadas.

ou Estádio Vila Capanema, construção histórica que sediou jogos da primeira Copa do Mundo realizada no Brasil, em 1950. A Rodoferroviária, além de local de embarque e desembarque de passageiros para diferentes pontos do estado e do país, é local de embarque da linha férrea²⁴ que liga Curitiba ao litoral paranaense, em um passeio pela serra do mar. O Mercado Municipal (Figura 15), por sua vez, fundado em 1958, é um espaço de comércio de produtos especialmente hortifrutigranjeiros (Figura 16).

Figura 15 – Mercado Municipal de Curitiba: fachada externa. No detalhe, pinhas estilizadas



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 3 nov. 2018

Figura 16 – Mercado Municipal de Curitiba: interior



Fonte: Melhores Destinos, 2018

²⁴ Construída na segunda metade do século XIX, essa obra de engenharia foi concebida pelos irmãos Rebouças.

No centro da cidade, passo a bordo do ônibus *double deck* pelo *Teatro Guaíra*²⁵ (Figura 17), obra construída em 1953, e pelo *Prédio Histórico da UFPR*, construção datada de 1913 (Figura 18).

O primeiro é tido, conforme o folheto informativo da Linha Turismo, como um dos maiores teatros da América Latina. A segunda é apresentada como a mais antiga universidade do Brasil (1912), informação que pode ser confirmada no *site* da instituição (UFPR, 2018). Ambos se localizam próximos à Praça Santos Andrade, que conta com um chafariz ornamentado em concreto na forma de cálice, calçamento em *petit-pavé* com pinhas estilizadas e a “araucária do centenário” do Brasil, plantada em 1922 pelo então governador Caetano Munhoz da Rocha, além de inúmeros pontos de ônibus, do transporte coletivo da cidade e ponto de taxi.

Figura 17 – Teatro Guaíra



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 9 abr. 2018

²⁵ Inscrito no livro-tombo estadual em decorrência de sua arquitetura civil desde 2003.

Figura 18 – Prédio histórico da Universidade Federal do Paraná (UFPR)



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 6 maio 2018

Aqui cabe uma observação. Em 1999, o Prédio Histórico da UFPR foi escolhido, após votação popular, como o símbolo oficial da cidade, superando em votos o Jardim Botânico. Esse fato denota um sinal de desgaste na tão propalada imagem da cidade – a qual abordarei mais adiante – construída nas gestões Lerner e Greca, que tinha o Jardim Botânico como um de seus símbolos máximo.

Um pouco mais à frente, outro prédio histórico pode ser contemplado de cima do ônibus, o *Paço da Liberdade* (Figura 19). Localizado na Praça Generoso Marques, é o único bem patrimonial de Curitiba tombado pelas esferas municipal, estadual e nacional. Com detalhes neoclássicos e desenhos *art nouveau*, a construção foi inaugurada em 1916. Sede da antiga Prefeitura de Curitiba e do Museu Paranaense, hoje é um centro cultural e administrativo do Serviço Social do Comércio (Sesc).

Figura 19 – Paço da Liberdade

A



B

Fonte: acervo do autor. Fotografias de 28 dez. 2017

Não muito distante dali, o ônibus passa pelo *Passeio Público*²⁶ e pelo *Memorial Árabe*. O *Passeio Público* foi o primeiro parque público e zoológico de Curitiba (Figura 20). Datado de 1886, ainda possui alguns animais de pequeno porte, como aves e mamíferos, além de peixes e répteis (a exemplo de cágados e tartarugas que habitam o lago local). Seu portal, tombado desde 1974 pelo estado, segundo o *site* da prefeitura, é uma réplica de um antigo cemitério de cães de Paris (CURITIBA, 2017f).

Figura 20 – Portal de entrada do Passeio Público

Fonte: acervo do autor. Fotografia de 28 dez. 2017

²⁶ Inscrito no livro-tombo arqueológico, etnográfico e paisagístico do estado desde 1999.

O Passeio Público é um espaço arborizado em pleno centro da cidade, ponto de encontro e lazer de praticantes de caminhadas e corridas, jogadores de cartas e dominó e de famílias inteiras que procuram passear, especialmente aos domingos, com as crianças. Já foi ponto de prostituição, prática hoje mais velada, talvez em razão da maior presença da força policial no local do que outrora.

O Memorial Árabe, por sua vez, construído na década de 1990 no estilo arquitetônico das edificações mouriscas, com seus elementos como abóboda, colunas, arcos e vitrais, abriga uma biblioteca com um acervo sobre a cultura árabe. Junto à construção, há também um espelho d'água.

Ambos os pontos turísticos estão localizados próximos à Praça 19 de Dezembro, construída em 1953, data do centenário da emancipação política do Paraná²⁷. A praça também é um atrativo local. Seus monumentos (o obelisco, a mulher e o homem nu) e seus painéis (de granito em alto-relevo e de azulejos) contam a história oficial do estado do Paraná. Os painéis retratam os ciclos econômicos do estado, bem como a história da ocupação do território paranaense. Tal praça faz parte do Centro Cívico.

Na sequência vem o *Centro Cívico*²⁸. Edificado também em 1953, abriga a sede dos três poderes do Estado, além da Prefeitura de Curitiba. Enquanto sede administrativa do Estado, seu conjunto de edificações encontra-se tombado como patrimônio estadual²⁹ desde 2012. O espaço é constantemente ocupado, tornando-se palco de protestos e manifestações políticas³⁰. Nesse espaço é possível ver ainda um painel de azulejos de autoria de Rogério Dias representando o Rio Iguaçu e o memorial construído em homenagem ao ex-governador do estado Bento Munhoz da Rocha Neto.

Compondo o cenário do Centro Cívico está o *Museu Oscar Niemeyer* (MON). Dedicado à exposição de artes visuais, arquitetura e *design*, é também conhecido

²⁷ A emancipação política do estado do Paraná ocorreu em 1853. Até então, o Paraná era conhecido como a quinta comarca da província de São Paulo.

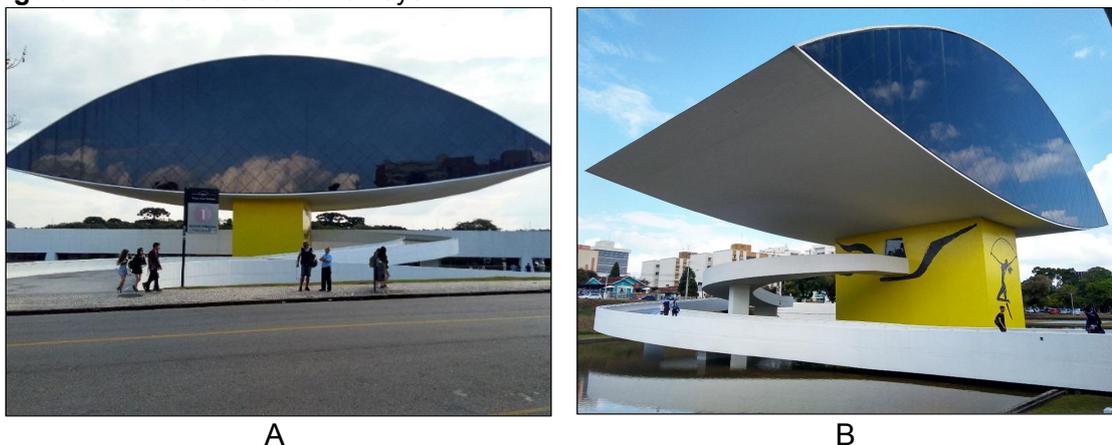
²⁸ Fruto do Plano Agache, desenvolvido pelo engenheiro francês Alfred Agache.

²⁹ Integra a relação de bens as seguintes construções: Palácio Iguaçu, Grupo Escolar Tiradentes, Praça 19 de Dezembro, Prefeitura de Curitiba, Casa da Criança, Tribunal do Júri, Palácio da Justiça, Assembleia Legislativa, Tribunal de Contas, Edifício Castelo Branco (anexo ao MON) e toda a extensão da Avenida Cândido de Abreu (sem incluir as construções em seu entorno).

³⁰ Exemplo recente de protesto ocorreu dia 29 de abril de 2015, na gestão do governador do estado Beto Richa. Realizado no local por servidores públicos estaduais, ficou conhecido como a Batalha do Centro Cívico, por causa sobretudo da violência empregada pela polícia militar do estado contra os manifestantes, fato que deixou inúmeros servidores feridos.

como Museu do Olho³¹ (Figura 21). Projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e inaugurado em 2002, o MON é tido como o maior e mais moderno museu do Brasil, segundo o fôlder da Linha Turismo, e o maior da América Latina, segundo o *site* da instituição, com cerca de 35 mil m² de área construída e mais de 17 mil m² de área expositiva. Ainda segundo o *site*, em 2013 o museu já havia recebido dois milhões de visitantes desde que a contagem havia sido iniciada, em 2003 (MUSEU OSCAR NIEMEYER, 2018).

Figura 21 – Museu Oscar Niemeyer



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 6 maio 2018

No *Bosque do Papa*³² deparo com o *Memorial da Imigração Polonesa* (MIP). Inaugurado em 1980, após a visita do Papa João Paulo II, o MIP conta com sete casas originais do século XIX, construídas por imigrantes poloneses (Figura 22). Provenientes da colônia de Thomaz Coelho, de Araucária, as casas foram removidas para o bosque quando da construção do reservatório de Passaúna. Thomaz Coelho fez parte, juntamente com outras colônias, do chamado “Cinturão Verde” de Curitiba³³. O Cinturão Verde foi concebido para abastecer a capital com produtos agrícolas, daí o uso dos chamados carroções eslavos que podem ser vistos no MIP. Em 1877, segundo Wachowicz (2002), a população do Cinturão Verde era de 3.300 pessoas, a maioria de origem polonesa. A Colônia Thomaz Coelho era formada por 739 habitantes.

³¹ No ano de 2018 assumiu sua diretoria Ilana Lerner, filha do ex-prefeito Jaime Lerner (gestor responsável pela construção do referido equipamento cultural, quando governador do estado).

³² Tombado pela Coordenação do Patrimônio Cultural do Paraná enquanto Parque Estadual Papa João Paulo II, em 1990.

³³ Ideia concebida, na segunda metade do século XIX, pelo então presidente da província do Paraná, Adolfo Lamenha Lins.

Hoje o espaço do MIP possui uma vasta área verde, que além do memorial engloba *playgrounds* e trilhas para caminhadas. Logo na entrada principal do bosque, há uma estátua do astrônomo e matemático polonês Nicolau Copérnico, feita para homenagear o presidente da Polônia Lech Walesa, que visitou Curitiba em 1995. A estátua do Papa que dá nome ao bosque se localiza em uma espécie de clareira mais no interior do parque. As trilhas que levam a esse monumento são ornamentadas com versículos bíblicos escritos em placas sustentadas por blocos de concreto.

Na praça, onde fica o coração do memorial, há um grande palco circular, que é utilizado para apresentações artísticas e culturais durante as festividades típicas da colônia, a exemplo da festa em louvor à Nossa Senhora de Czestochowa³⁴, padroeira da Polônia.

Com muitas árvores e flores, um dos pontos atrativos do bosque são as casas de arquitetura colonial polonesa. Elas foram construídas com troncos de pinheiro encaixados, isto é, sem o uso de pregos. A casa que se localiza no centro é usada como uma capela em homenagem à Virgem Negra de Czestochowa. Antes de ser colocado no bosque, esse pequeno santuário foi montado sob orientação da Casa Romário Martins e do Ippuc no Estádio Major Couto Pereira, onde o pontífice João Paulo II realizou uma missa no dia 5 de julho de 1980³⁵.

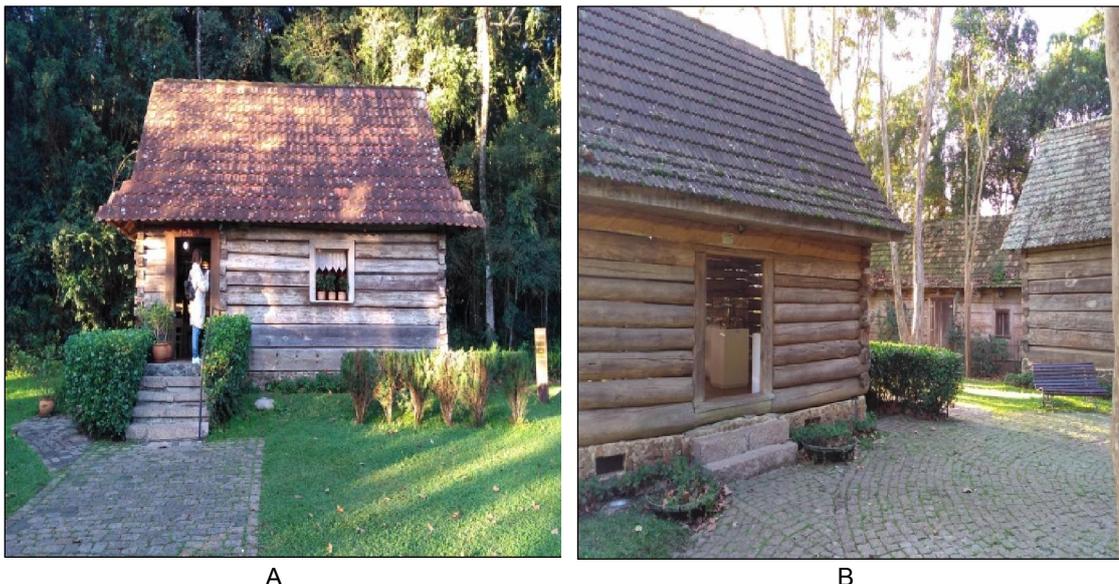
As outras edificações abrigam objetos variados de uso cotidiano, ou seja, um acervo de móveis, utensílios domésticos e ferramentas agrícolas que procuram remeter o visitante ao estilo de vida dos colonos à época da imigração.

O MIP traz em sua paisagem um misto de patrimônio natural e cultural, nas suas formas material e imaterial, e constitui um museu em espaço aberto na cidade. A lamentar apenas o fato da restrição a um acesso mais próximo de seu acervo, uma vez que é proibido entrar nas casas e tirar fotos dos abjetos ali expostos.

³⁴ A festa é realizada pela Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil, pela Missão Católica Polonesa no Brasil, pelo Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, pela Fundação Cultural de Curitiba (FCC) e pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Curitiba (CURITIBA, 2017c).

³⁵ Tal informação está fixada no interior do santuário.

Figura 22 – Casas dos imigrantes poloneses, provenientes da colônia Thomaz Coelho, de Araucária



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 2017

Próximo ao MIP, foi construído no contexto da Comemoração dos 300 Anos de Curitiba o Portal Polonês. Na sua parte superior há uma imagem do Papa João Paulo II, e em uma de suas colunas está gravado um símbolo paranista (Figura 23), com seus pinhões, pinhas estilizadas e pinheiros. No lado oposto à coluna, podem ser vistos símbolos poloneses e uma placa com os seguintes dizeres:

Este Portal Polonês, erguido no limiar dos 300 anos de Curitiba, é marco da primeira imigração desta etnia ao Paraná, em 1871. Esta rua, antigo Caminho do Assunguy, demandava as colônias do Pilarzinho, Abranches, Santa Cândida e Lamenha Grande. Os poloneses entre nós abriram caminhos, produziram os mais altos valores culturais de sua pátria na arte, literatura, poesia, arquitetura, culinária e técnicas agrícolas, imbuídos de um profundo espírito religioso. A estes semeadores³⁶, a homenagem de todos os curitibanos. Curitiba, 9 de novembro de 1991.

A comunidade polonesa de Curitiba agradece a construção deste portal, parceria do Banco Bamerindus do Brasil S/A e Prefeitura Municipal de Curitiba, com apoio do Instituto dos Arquitetos do Brasil – Departamento do Paraná e Comissão Especial da Comunidade Polonesa de Curitiba.

³⁶ Possível referência a obra O Semeador, do paranista Zaco Paraná, presente da colônia polonesa a cidade no contexto da Comemoração do Centenário da Independência do Brasil (Figura 64A).

Figura 23 – Coluna do Portal Polonês. No detalhe, símbolos paranistas (pinhão, pinha e pinheiro)



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 2017

No *Bosque Alemão*, inaugurado em 1996, deparei com várias famílias com crianças pequenas. Não foi difícil entender o porquê. Além das construções típicas desses imigrantes, expressas no Oratório de Bach³⁷ e no Portal Alemão³⁸ (como pode ser visto nas Figuras 24 e 25), o bosque dispõe de uma estrutura denominada de Casa Encantada. Nesse espaço há uma biblioteca, onde são realizadas contações de histórias. A Casa da Bruxa, como é chamada, é seguida da trilha de João e Maria (memória do conto infantil dos irmãos Grimm, escrito em 1872), em que o visitante pode ver e ler a história enquanto caminha pelo bosque (Figura 26).

Por fim, o local conta ainda com uma cascata e com a chamada Torre dos Filósofos, espécie de escadaria-mirante que possibilita uma vista panorâmica de Curitiba.

Na sua totalidade, o Bosque Alemão quer ressaltar aspectos da cultura germânica. Exemplo disso é a placa fixada no local, datada de 29 de março de 1996,

³⁷ Edificação de 1933, transferida para o local atual em 1996, destinado a espetáculos de música clássica, ocupa antigo templo de confissão evangélica derivada da reforma.

³⁸ Réplica de residência localizada no centro histórico de Curitiba, datada de 1870, construída em alvenaria e nos moldes arquitetônicos introduzidos pelos imigrantes alemães.

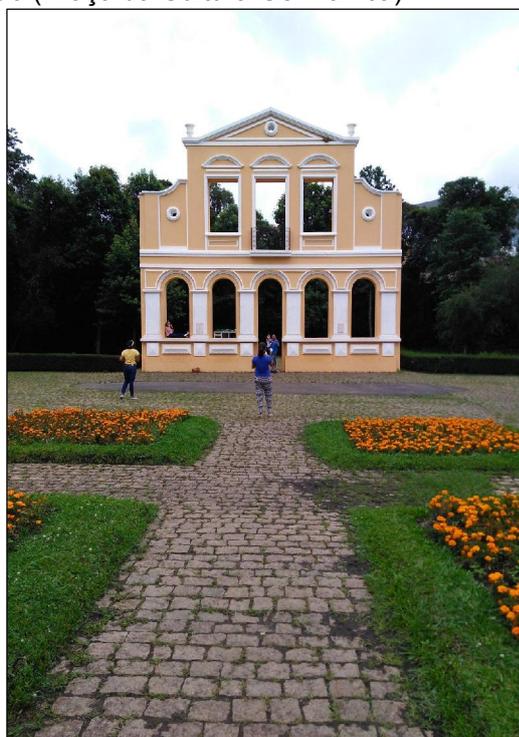
que traz os seguintes dizeres “Homenagem da cidade de Curitiba a Goethe, Schiller, Thomas Mann, Brecht, e tantos outros poetas e escritores em língua germânica que souberam exercer seu gênio com paixão humanista”.

Figura 24 – Oratório de Bach



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 29 dez. 2017

Figura 25 – Portal Alemão (Praça da Cultura Germânica)



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 29 dez. 2017

Figura 26 – Trilha de João e Maria



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 29 dez. 2017

Apesar de possuir um bonito lago (oriundo de uma antiga pedreira), minha ida à *Universidade Livre do Meio Ambiente* (Unilivre) e ao Bosque Zaninelli foi rápida, uma vez que o seu mirante estava interdito (Figura 27). A Unilivre, segundo o folheto turístico que eu tinha em mãos, foi a “primeira universidade criada para estudar o desenvolvimento com preservação ambiental”. Na sua inauguração³⁹, em 1992, esteve presente, além das autoridades locais, o oceanógrafo Jacques Cousteau.

Composto de uma torre de madeira e de uma rampa em espiral que dá acesso as salas de aula, escritório e mirante, a Universidade Livre do Meio Ambiente constitui projeto de Domingos Bongestabs, arquiteto que também assina o projeto da Ópera de Arame.

³⁹ Em seu *site* institucional, há um vídeo com imagens da inauguração. Ver: UNILIVRE, 2017.

Figura 27 – Universidade Livre do Meio Ambiente



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 29 dez. 2017

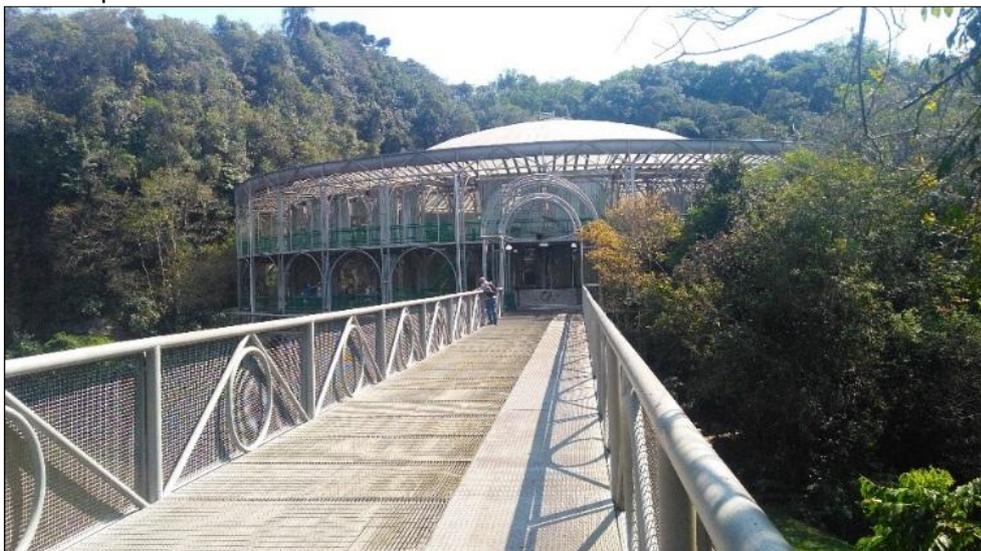
Em seguida, do alto do ônibus vejo o *Parque São Lourenço*⁴⁰. Área de lazer, o parque possui um lago cercado por área verde nativa e pistas de corrida. Local de encontro de atletas amadores, ciclistas, *skatistas* e de brincadeiras com carrinho de rolimã, possui ainda um Centro de Criatividade, que oferece cursos e exposições.

Na *Ópera de Arame* (Figura 28), equipamento cultural mencionado por Mario Vargas Llosa (1994) e citado na introdução desta dissertação, a rotatividade de passageiros do ônibus da Linha Turismo intensifica-se. Muitos descem para conhecer a estrutura tubular de teto transparente, que abriga 1.572 espectadores⁴¹, construída em meio à vegetação nativa, no ano de 1992⁴². No local podem ser vistos ainda uma cascata e um lago, além de muitas placas de identificação colocadas pela Prefeitura de Curitiba, a fim de registrar a passagem de personalidades naquela localidade. Optei aqui por exibir uma imagem da internet (Figura 29), uma vez que o acesso ao setor das placas estaca obstruído no dia da visita, não sendo possível tirar fotos.

⁴⁰ Local remanescente da antiga Linha Pró-Parques.

⁴¹ Projeto de autoria do arquiteto Domingos Bongestabs.

⁴² Para visualização em 360° do espaço onde está localizada a Ópera de Arame, ver: CURTA CURITIBA, 2018.

Figura 28 – Ópera de Arame

Fonte: acervo do autor. Fotografia de 29 dez. 2017

Figura 29 – Mural de Placas

Fonte: TRIPADVISOR, 2018a

Da mesma forma que descem do ônibus, muitos embarcam a fim de percorrer os demais pontos turísticos da cidade. Em uma consulta ao *site* TripAdvisor Brasil, constatei que o interesse dos turistas por essa localidade pode estar ligado à sua boa avaliação. O Quadro 1, apresentado anteriormente, corrobora essa observação. O interesse pode estar associado ainda ao fato de a imagem da Ópera de Arame estar presente na capa do fôlder da Linha Turismo (ver Figura 1).

Ao lado da Ópera de Arame, encontra-se outra atração, a Pedreira Paulo Leminski⁴³, local de eventos e de *shows* nacionais e internacionais. Ali já se apresentaram artistas como Paul McCartney, David Bowie, Elton John, Ramones, AC/DC, David Gilmour (Pink Floyd), Guns N' Roses, Kiss, Iron Maiden, Black Sabbath, Katy Perry, o tenor espanhol José Carreras, Roberto Carlos, entre outros. O espaço, rodeado por paredões de pedra com mais de 30 metros de altura e de excelente acústica, possui capacidade para 26 mil pessoas. Construído em 1990, ficou fechado por seis anos, sendo reaberto em 2014, após reforma. Ambos, Pedreira Paulo Leminski e Teatro Ópera de Arame, fazem parte do complexo Parque das Pedreiras, administrados pela DC Set Group desde 2012.

O *Parque Tanguá* (Figuras 30 e 31) é outro local requisitado pelos turistas. Novamente ocorre aquele entra e sai no ônibus. Construído em 1996, onde havia antigas pedreiras, tem servido de proteção à bacia do Rio Barigui. Possui um jardim em estilo francês, lago, cascata, mirante, passarela e espaços verdes para lazer. Sua infraestrutura conta ainda com estacionamento, lanchonete e banheiros⁴⁴. Como pude verificar posteriormente, isto é, após realizar o trajeto da Linha Turismo, o espaço também é muito bem avaliado pelos usuários do *site* TripAdvisor Brasil (Quadro 1), fato que talvez ajude a explicar a grande visitação.

Figura 30 – Visão da parte superior do Parque Tanguá



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 3 nov. 2018

⁴³ Antiga pedreira municipal, localizada no bairro Pilarzinho, foi transformada em espaço cultural ao ar livre no ano de 1989 e inaugurada em 1990, na terceira gestão Lerner. Ver: CURITIBA CULTURA, 2018.

⁴⁴ Vídeo de divulgação do Parque Tanguá pode ser encontrado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pE4g0jcw7WE>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

Figura 31 – Visão da parte inferior do Parque Tanguá

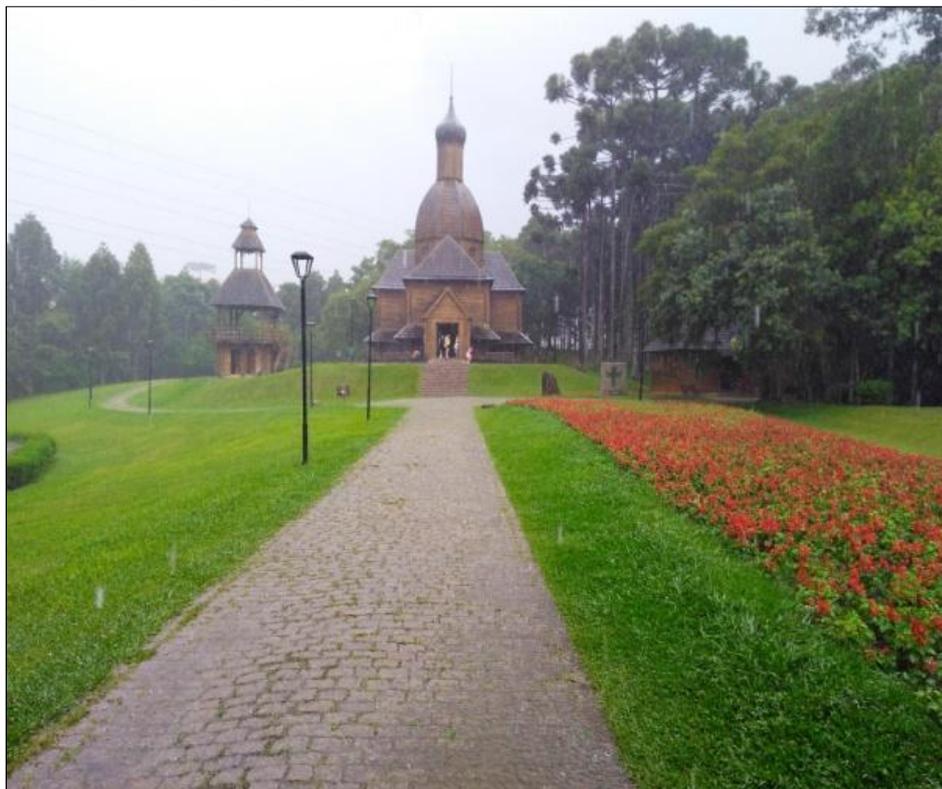


Fonte: acervo do autor. Fotografia de 3 nov. 2018

O Parque Tingui, embora possua um amplo espaço verde, despertou pouco interesse nos turistas; ninguém desceu do ônibus para conhecê-lo. Talvez isso se deva ao fato de a próxima parada se dar no Memorial Ucrâniano, anexo ao parque, ou porque ele não tem a infraestrutura de outros parques como o Tanguá nem a localização privilegiada como a do Barigui. No Parque Tingui pode ser vista a estátua do cacique Tindiquera, esculpida em bronze, homenagem aos primeiros habitantes da região.

Chego em seguida ao Memorial Ucrâniano, edificado em 1995 com o intuito de homenagear o centenário da chegada desses imigrantes. Na sua entrega, além das autoridades, fizeram-se presentes a professora e diretora do Patrimônio Histórico-Cultural de Curitiba Oksana Boruszenko e a poetisa Helena Kolody, ambas representantes da colônia ucraniana no estado. Construído em madeira, com cúpula de bronze e estilo bizantino, o principal monumento local constitui uma réplica da Igreja de São Miguel, na Serra do Tigre, em Mallet, interior do estado paranaense (ver Figura 32). O local também funciona como um museu da cultura ucraniana, com ênfase marcante na religiosidade, como pode ser observado em seu acervo (Figuras 33 e 34). Diferentemente do Bosque do Papa, lá é permitido entrar e tirar fotos no interior das edificações.

Figura 32 – Memorial Ucrainiano



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 29 dez. 2017

Figura 33 – (A) Interior do Memorial Ucrainiano; (B) pêsankas ucranianas



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 29 dez. 2017

Segundo o *site* da Fundação Cultural de Curitiba (2016a), no espaço destinado ao Memorial Ucrainiano, ocorrem manifestações folclóricas e festas típicas⁴⁵, como a

⁴⁵ Muitas vezes as chamadas festas típicas são bricolagens de trajes, danças, comidas e bebidas feitas pelos descendentes dessas colônias, uma teatralização realizada com base em duas realidades

Bênção dos Alimentos (no Sábado de Aleluia), a Festa Nacional da Ucrânia (em agosto), a Festa da Colheita (em outubro) e a Festa de São Nicolau (em novembro). As festividades contam com o apoio da FCC e da “comunidade ucraniana”.

Novamente, assim como nos bosques do Papa e Alemão, o patrimônio natural e o cultural misturam-se e integram-se à paisagem. Na saída do memorial, assinei o livro de registro de visitantes, não sem antes dar uma rápida olhadela nas visitas realizadas naquele dia. Deparei então com a assinatura de pessoas de vários estados brasileiros, bem como com a de visitantes do exterior (alemães, japoneses, egípcios, colombianos e italianos).

No *Portal Italiano* e no bairro *Santa Felicidade*, há uma nova movimentação dos usuários do ônibus. A Colônia de Santa Felicidade foi fundada em 1878 por imigrantes vindos principalmente da região de Vêneto e Trento, na Itália⁴⁶ (ver Figuras 34A e 34B).

Aqui os atrativos são muitos:

- as igrejas, o cemitério e as casas de antigos colonos com suas características arquitetônicas próprias (Figuras 34C, 34D e 34E);
- e as vinícolas e restaurantes, uma vez que Santa Felicidade é hoje um bairro gastronômico (Figura 34F);
- o Bosque São Cristóvão, de 1993/96, onde está localizado o Memorial Italiano, com sua réplica da fachada da Igreja de São José de 1891 e com suas arcadas neorromânticas que celebram a cultura clássica (Figura 35);
- o Portal Italiano, inaugurado em 1990 na entrada do bairro de Santa Felicidade (Figura 36).

Daí a grande movimentação de turistas.

ontologicamente distintas, a de sua origem e a de sua releitura realizada no Brasil, e isso por meio de um “orgulho étnico” que produz uma espécie de “cultura artificial”. Ver: WESTPHAL, 2012.

⁴⁶ Para mais informações, ver: GUIA GEOGRÁFICO CURITIBA, 2017.

Figura 34 – Mural alusivo aos 140 anos de imigração italiana em Santa Felicidade, na Praça Piazza San Marco, pela gestão Rafael Greca, 2018



A



B



C



D



E



F

Fonte: acervo do autor. Fotografias de 29 nov. 2018

No Portal Italiano (Figura 36), há uma placa com os seguintes dizeres:

Esse Portal de Santa Felicidade simboliza os eternos ritos de passagem da gente que hoje compõe Curitiba. Significa a entrada para fazer a América no sonho dos oriundi. É sinônimo de uma folha de serviços dos imigrantes, na luta pelo ideal de vida melhor. E marca do ir e vir dos carroções plenos de produtos da terra para a venda no

centro da cidade em volta do Bebedouro do Largo da Ordem. É memória de uma saga iniciada em 1878. É patrimônio da cidade. A Associação do Comércio e Indústria de Santa Felicidade, promotora do concurso público, agradece a Prefeitura Municipal de Curitiba e ao Instituto de Arquitetos do Brasil – Paraná, entidades organizadoras. Este Portal é um marco para a comunidade italiana de Santa Felicidade, oferecido e construído pelo Banco Bamerindus do Brasil Sociedade Anônima, de junho a outubro de 1990. Inaugurado em 27 de outubro de 1990.

Atrações à parte, dependendo da época do ano o visitante pode participar ainda da Festa do Frango, Polenta e Vinho, assim como da Festa da Uva, que ocorrem no Bosque São Cristóvão, ambas ligadas às paróquias locais. A primeira estará em julho de 2019 na sua 37.^a edição, e a segunda, por sua vez, mais antiga, completou 61 anos em fevereiro de 2019, mês de sua realização.

Não foi possível fazer uma visita *in loco* ao Bosque São Cristóvão, onde está localizado o Memorial Italiano (Figura 35). Por duas vezes estive no local após percorrer a Linha Turismo. Em ambas deparei com grades, muro, portão fechado, além de uma placa de aviso: “Cão bravo”⁴⁷.

Esse fato causou-me estranheza, afinal o referido espaço é público ou é privado? Verifiquei então que, embora tenha havido participação pública na remodelação desse espaço, como a construção do Memorial Italiano, a área do bosque pertence à Igreja Católica, daí o seu acesso restrito, estando aberto ao público nos eventos ali promovidos, a exemplo da Festa do Frango, Polenta e Vinho e da Festa da Uva.

A construção do Portal Polonês e a do Portal Italiano contaram com apoio do antigo Banco Mercantil e Industrial do Paraná (Bamerindus), e houve participação da Prefeitura de Curitiba na remodelagem do Bosque São Cristóvão, o que mostra o poder econômico e a força política dessas comunidades de imigrantes estabelecidas em Curitiba.

⁴⁷ Segundo a imprensa no local há três cães da raça rottweiler, essa notícia foi divulgada após um homem ter sido encontrado morto no bosque, no dia 04 de março de 2019, vítima de ataque dos animais.

Figura 35 – Memorial Italiano



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 21 jan. 2019

Figura 36 – Portal Italiano



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 21 jan. 2019

Na sequência, por opção observo o *Parque Barigui*⁴⁸ do alto da jardineira da Linha Turismo. Datado de 1972, o espaço é muito bem equipado em termos de infraestrutura. Quando o assunto são seus frequentadores, diferentemente do Passeio Público, que é mais popular, o Parque Barigui, em virtude de sua localização geográfica, perto de bairros nobres da cidade, tem como característica ser mais elitizado. Bem arborizado, possui um imenso lago, constituindo um local para passeio, caminhada e prática de esportes. Conta ainda com um pavilhão de exposições e com o Museu do Automóvel, entre outras instalações.

Próximo ao Parque Barigui está a *Torre Panorâmica*. Segundo o folheto turístico, é a única torre de telefonia do Brasil com um mirante aberto à visitação. Inaugurada em 1991, a Torre Panorâmica oferece visão de 360° da cidade, isso numa altura de 109,5 m.

Por fim, chego ao final de minha jornada, isto é, no *Setor Histórico* da cidade, o Largo da Ordem (Figuras 37 e 38). Próximo dali está a Praça Tiradentes, local onde iniciei minhas observações. O Largo da Ordem, com seu calçamento em pedras, é composto de construções como as Ruínas de São Francisco, o Bebedouro, a Igreja da Ordem e a do Rosário, a Casa Romário Martins, o Museu Paranaense, a Igreja Presbiteriana e a Mesquita de Curitiba, o Relógio das Flores e a Fonte da Memória, além do Memorial de Curitiba (idealizado em 1993, no contexto dos 300 anos da cidade, e inaugurado em 1996).

Na Fonte da Memória a um monumento conhecido popularmente como “Cavalo Babão” que faz referência à memória imigrante. Nele há uma placa com os seguintes dizeres:

“A CIDADE, O TEMPO E O SONHO. Houve um tempo em que Curitiba despertava ao som do trote de animais puxando carroções conduzidos por semeadores imigrantes. Traziam aos mercados da Cidade os frutos da terra ainda cobertos de orvalho. Vinham por entre pinheirais, nos velhos caminhos envoltos em véus de cerração. Hoje só cavalos de sonho vencem as barreiras da modernidade para, afinal, matar sua sede no velho bebedouro do Largo da Ordem. Para a memória da Cidade e do Sonho foi colocada aqui esta escultura do curitibano Ricardo Tod no mês de maio de 1995 sendo prefeito Rafael Greca de Macedo”.

⁴⁸ Assim como o Passeio Público e o Parque São Lourenço, o Parque Barigui também é remanescente da antiga Linha Pró-Parques e foi incorporado à Linha Turismo.

Figura 37 – Centro Histórico de Curitiba



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 24 maio 2018

Figura 38 – Largo da Ordem



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 24 maio 2018

Patrimônio histórico e cultural, o Largo da Ordem é bastante movimentado à noite, especialmente nos fins de semana, em virtude da grande quantidade de barzinhos ali localizados. De dia, a presença é menor, como qualquer lugar de

passagem no centro da cidade, excetuando-se os domingos, quando é realizada no local a Feira do Largo da Ordem⁴⁹. A feirinha oferece a seus visitantes todo tipo de artesanato e produtos gastronômicos vendidos em barraquinhas, além de música ao vivo, teatro de rua, entre outras atrações. No dia 26 de abril de 2018, os membros do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (CMPC) aprovaram o registro da feirinha como patrimônio imaterial de Curitiba, destacando seu papel para o lazer e turismo da capital paranaense. O processo de registro tem como nome Feira de Artes e Artesanato do Largo da Ordem. Sua administração está hoje sob responsabilidade do Instituto Municipal de Turismo (IMT) da cidade.

Percorrer a cidade num misto de *voyeur* e caminhante possibilitou, em certa medida, tratá-la como um enigma a ser decifrado. Digo em certa medida, porque decifrar a escrita da cidade pela Linha Turismo e as escolhas realizadas no processo de turistificação e espetacularização da urbe se dão em um contexto que precisa ser mais bem historicizado.

1.2 A POLÍTICA DO *CITY MARKETING* E A CRIAÇÃO DA LINHA TURISMO

Os primeiros indícios de mudança da imagem de Curitiba remontam à gestão de Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-55), especialmente quando da construção e inauguração de obras que marcaram o contexto dos festejos do Centenário da Emancipação Política do Paraná, em 1953. No seu governo foram construídas obras como: a Biblioteca Pública do Paraná, a Praça 19 de Dezembro, o Teatro Guaíra e o Centro Cívico (os dois últimos, pontos constitutivos da Linha Turismo). Da mesma forma, foi na sua gestão que se deu a criação da Lei estadual n.º 1.211/53, que versa sobre o patrimônio histórico, artístico e natural do estado do Paraná. O Paraná passava por um momento de pujança econômica e aumento populacional oriundos do cultivo do café e da consequente colonização do norte do estado, momento que marcou o nascimento de cidades como Apucarana, Maringá e Londrina, por exemplo.

Mas foi, segundo García (1997) e Oliveira (2000), no início da década de 1970 que se situou o marco temporal das grandes transformações urbanas de Curitiba

⁴⁹ Também conhecida como Feira Hippie, em decorrência de sua origem, em meados da década de 1970. Ver: BONZATTO; POLICHUK, 2014.

(pautadas pelo Plano Diretor de 1966 e pelas diretrizes de planejamento do Ippuc)⁵⁰. Tais instrumentos criaram uma base para as transformações que viriam a ser realizadas nas gestões Lerner (1971-74 / 1979-83 / 1989-92) e Greca (1993-96).

Tais transformações urbanas alçaram Curitiba ao rol das cidades-modelo (Quadro 2). Criaram as chamadas imagens-síntese, imagens de marca⁵¹ que se sucederam ao longo das últimas décadas impulsionadas principalmente pelas políticas do *city marketing*, sobretudo nos anos 1990. Fenômeno semelhante ocorreu fora do Brasil com Barcelona, por exemplo (MOURA, 2007; SÁNCHEZ, 2010).

Quadro 2 – Imagens de marca

Curitiba	Barcelona
Cidade-modelo	Cidade-modelo
Cidade sustentável	Cidade sustentável
Cidade planejada	Cidade planejada
Cidade competitiva	Cidade competitiva
Cidade de primeiro mundo	Capital mediterrânea
Capital ecológica	Cidade turística
Capital brasileira da qualidade de vida	Modelo de qualidade de vida
Curitiba de todas as gentes	Cidade multiétnica
Cidade saudável	Cidade saudável
O Brasil urbano que deu certo	Centro logístico do Mediterrâneo
Capital social	Cidade solidária

Fonte: adaptado de MOURA (2007, p. 347)

As imagens-síntese, enquanto iniciativa oficial, buscam promover um sentimento de pertença que concorra a dar mais visibilidade à capital: “A grande revolução curitibana, que se renova a cada dia, seria o surgimento de um sentimento coletivo de orgulho pela cidade”, afirma Veja Paraná (1990b).

Desse modo, as imagens-síntese passam a ditar comportamentos e definir o que é ser curitibano. Logo, curitibano nato tornou-se aquele que frequenta parques, bosques e os equipamentos culturais⁵² da cidade; não joga papel no chão; separa o

⁵⁰ Semelhança guarda o “modelo Barcelona”, fortemente tecnocrático, onde a política urbanística do período democrático inspirou-se no chamado Plan General Metropolitano de Ordenación Urbana (PGM), gestado no período franquista, muito embora a primeira modernização da cidade entendida não apenas em termos políticos e econômicos, mas também em termos de homogeneização e unificação simbólicas remetam ao final do século XIX, o chamado barcelonismo. (DELGADO, 2017).

⁵¹ Nesse contexto, a “marca” é vista como uma imagem promocional da cidade, como um macroproduto de consumo.

⁵² Termo usado pelo Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável do governo do estado (PARANÁ, 2012), para se referir à Linha Turismo de Curitiba, por exemplo. O termo *equipamentos urbanos* também é usado pelo Ippuc.

Figura 40 – Parque Tanguá

Fonte: acervo do autor. Fotografia de 3 nov. 2018

Como afirma García (1997), as imagens-síntese instituem os valores associados ao estilo de vida da classe média curitibana. Um bom exemplo disso pode ser visto na propaganda de um *shopping center* da cidade veiculado no suplemento *Veja Paraná* (1992), que à época trazia os seguintes dizeres: “A classe média de Curitiba é mais média que a média brasileira” e “Abra uma loja aqui e venda acima da média”⁵⁵. Ou, como diria Delgado (2017), em referência ao modelo Barcelona, a intenção de políticos e urbanistas conforme a lógica do mercado mundial das cidades (e aqui se pode incluir Curitiba) era construir um cenário performático de civismo e civilidade nos espaços públicos que exaltasse os valores da classe média e aplacasse os conflitos sociais vigentes⁵⁶. Isto é, construir um espaço público onde as pessoas passeassem despreocupadas como se fossem figurantes de *un colossal spot publicitario*.

⁵⁵ Situação semelhante pode ser vista em outra cidade-modelo, Barcelona, onde desde o natal de 1997 um lema promocional dos comerciantes foi assumido pela propaganda oficial. Ele proclamava: “*Barcelona, la mejor tienda del mundo*”.

⁵⁶ Em Barcelona tais conflitos envolvem jovens, imigrantes e trabalhadores que protestam contra o preço das moradias (fruto do processo de gentrificação e da especulação imobiliária), contra a flexibilização das leis trabalhistas e a desestruturação do Estado de bem-estar social, por exemplo.

Em relação a esse espaço público e seus equipamentos culturais, vale a tônica de Sovick (2018), quando diz na apresentação da obra de Stuart Hall *Da diáspora: identidades e mediações culturais*: “O meio mercantilizado e estereotipado da cultura de massa se constitui de representações e figuras de um grande drama mítico com a qual as audiências se identificam, é mais uma experiência de fantasia do que de autorreconhecimento” (SOVICK, 2018, p. 13).

Essa sociedade que transforma tudo em mercadoria, inclusive as cidades e seus patrimônios culturais – fato observado nas políticas do *city marketing*, especialmente em cidades como Curitiba e Barcelona –, traz em seu interior características da pós-modernidade, “modernidade tardia”, segundo Hall (2004), ou “modernidade líquida”, nos dizeres de Bauman (2012). Cria simulacros e contribui para a teatralização dos e nos espaços urbanos, em que o não consumidor se torna o não ser, uma espécie de pária dessa sociedade do consumo e do efêmero, pois efêmeras são também as relações entre seus habitantes, pautadas na maioria das vezes no individualismo e no imediatismo das necessidades humanas.

Delgado (2017) não poupa adjetivos a esse modelo de cidade, denominando-o de cidade espetáculo, cidade logotipo, cidade efeitos especiais, cidade mentirosa. Uma cidade trivial que gera o conformismo acrítico de grande parte de seus cidadãos. Ainda, de acordo com o autor:

En ese espacio modélico no se prevé la posibilidad de que irrumpa el conflicto, puesto que la calle y la plaza contemplan la realización absoluta de las diferencias de clase y las contradicciones por la vía de la aceptación común de un saber comportarse que iguala⁵⁷ (DELGADO, 2017, p. 273).

No caso de Curitiba, nem mesmo as crianças são poupadas do *marketing* da cidade, afinal ser curitibano é estar em sintonia com o projeto de cidade que não se encerra no presente, mas se vislumbra no amanhã. Assim, ações pedagógicas são desenvolvidas nas escolas públicas municipais por meio de materiais didáticos, a exemplo do *Jornal Curitibinha* (Figura 41) e da coleção Lições Curitibanas (Figura 42).

⁵⁷ “Nesse espaço exemplar, não há possibilidade de o conflito estourar, já que a rua e a praça contemplan a realização absoluta das diferenças e contradições de classe pela aceitação comum de um modo de se comportar que é igual” (DELGADO, 2017, p. 273, tradução livre).

Ferreira e Romano (2011) denominam tal material de “literatura *outsider* para uma cidade estabelecida”. Em seu artigo, as autoras trabalham com os conceitos do sociólogo alemão Norbert Elias. Assim, verificam nos materiais didáticos analisados a presença de ideias paranistas, o que se dá por meio do uso dos chamados autores estabelecidos. São *outsiders*, segundo as pesquisadoras, os autores ausentes da referida produção, isto é, aqueles que questionam a imagem idealizada e oficial da cidade⁵⁸. As autoras em sua investigação afirmaram:

De modo geral percebeu-se que o currículo oficial apresentava ideias de cidade e literatura que reforçavam o modelo “estabelecido” de urbe [...], como, por exemplo, a literatura paranista. Sobre o currículo em ação, os dados coletados demonstraram que a maioria dos professores entrevistados [...] não trabalhava com possibilidades literárias que fizessem um contraponto às leituras oficiais da cidade (FERREIRA; ROMANO, 2011, p. 306).

O *Curitibinha*, por exemplo, foi criado pelo cartunista Marcos Vaz e lançado em 1993 na comemoração dos 300 anos da cidade. *Curitibinha*, filho do Senhor das Araucárias e da Rainha das Flores, foi adotado pela Dona Felicidade (analogia ao bairro de Santa Felicidade) e pelo Tio Barigui (analogia ao rio de igual nome que corta a cidade e também ao Parque Barigui). A personagem é um menino cujas roupas tem as cores da bandeira da cidade e uma folha no lugar do cabelo, representando a preocupação ambiental. Sua edição foi encerrada em 2005. Após 25 anos de existência, a produção ganhou nova edição em 2018 (VAZ, 2018). A proposta era que o material fosse distribuído aos mais de cem mil estudantes da rede municipal de ensino da capital, uma vez que, como diz o prefeito Rafael Greca, os estudantes “têm que guardar a cidade na cabeça e no coração” (CURITIBA, 2018b).

Na Figura 43 pode ser vista a cidade de Curitiba abandonada após o sumiço do *Curitibinha*, uma das histórias presentes no gibi comemorativo dos 25 anos. Talvez uma analogia ao encerramento da edição e do período do lernismo em Curitiba, que retornou com a nova gestão Greca (2017-2020), embora o autor afirme ter produzido a história do sumiço do *Curitibinha* originalmente em 2003. Igualmente interessante

⁵⁸ O escritor Dalton Trevisan é um exemplo a ser citado. Fundador da revista *Joaquim* (1946-1948) criticou o provincianismo e os velhos avatares fossilizados nas ideias paranistas no estado. Segundo Kersten (1998), a revista *Joaquim* recebeu a colaboração de jovens intelectuais paranaenses, bem como de autores como Mario, Drummond e Oswald de Andrade, além de traduções de Rilke e Elliot. Ainda segundo a autora, foi a primeira revista a traduzir Kafka para o português.

nessa edição são os depoimentos de gerações de professores e alunos que tiveram acesso ao material nas escolas.

Figura 43 – Curitiba 25 anos: jubileu de prata com “O sumiço do Curitiba”



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 4 jan. 2019

Assim, a política do *city marketing* em Curitiba transforma a cidade em um espetáculo performático, um simulacro, em que sua imagem e teatralização não deixam que as pessoas se esqueçam da qualidade dos serviços urbanos ofertados e de como é bom ser curitibano. Logo, a cidade espetáculo em construção é “indicada por urbanistas da Organização das Nações Unidas, a ONU, como uma das três melhores cidades do planeta para se viver, ao lado de Roma e da americana San Francisco” (VEJA PARANÁ, 1990b).

Tais observações se sucedem entre seus interlocutores, como mostra a reportagem de capa da revista *Veja* de 31 de março de 1993 intitulada “Curitiba: a cidade-modelo de um Brasil viável”:

“Curitiba é uma das cidades mais agradáveis que eu já vi em qualquer parte do mundo”. Surpreende-se Arthur Eggleton, ex-prefeito de Toronto, a maior cidade do Canadá, depois de percorrer a capital paranaense no ano passado, “É uma cidade-modelo para o Primeiro Mundo, não apenas para o terceiro”, sustenta Michael Cohen, chefe do departamento de desenvolvimento urbano do Banco Mundial, em uma reportagem de página inteira publicada no ano passado pelo *The Wall Street Journal*, a bíblia do capitalismo americano (VEJA, 1993, p. 68).

O grande problema das imagens-síntese é que elas são homogeneizadoras e excludentes. Ao mesmo tempo em que buscam criar um sentimento de pertença numa parcela significativa da população, excluem aqueles que não se veem representados na imagem da cidade. Tal fato também é apontado por Delgado (2017) quando da análise da “cidade-modelo” de Barcelona. Segundo o antropólogo espanhol, a capital da Catalunha também é um

modelo de simplificación identitária, en busca de una personalidad colectiva estandarizada y falsa, que sirva al mismo tiempo para crear cohesión ciudadana en torno a los valores políticos hegemónicos y la esquematización propia de un producto comercial como cualquier otro. Modelo de intervencionismo tecnocrático y de un despotismo centralizador, que ha hecho bien poco para promocionar la democracia participativa⁵⁹ (DELGADO, 2017, p. 11).

No caso de Curitiba, dois exemplos de exclusão social podem ser constatados nesse modelo homogeneizador e de simplificação identitária, um de classe e outro de etnia.

A *exclusão de classe* relaciona-se a um gradativo processo de gentrificação urbana ocorrida na capital paranaense, “*gentrificación disimulada*” nos dizeres de Delgado (2017), que atinge especialmente a parcela mais pobre da cidade⁶⁰. Segundo Sánchez (2010, p. 61),

gentrificação dos espaços é um processo de reapropriação deles pelo mercado através de operações urbanas que lhes conferem novo valor econômico e simbólico, geralmente orientados para o consumo – residencial ou de serviços – das camadas médias. Apesar de apresentados, para fins mercadológicos, como espaços “revitalizados”, são espaços onde a população original vivencia a “revitalização” como processo que gera expulsão e apartação social.

⁵⁹ “Modelo de simplificación identitária, buscando una personalidad colectiva padronizada e falsa, que sirva ao mesmo tempo para criar coesão cidadã em torno dos valores políticos hegemônicos e a esquematização de um produto comercial como qualquer outro. Um modelo de intervencionismo tecnocrático e um despotismo centralizador, que fez muito pouco para promover a democracia participativa” (DELGADO, 2017, p. 11, tradução livre).

⁶⁰ Processo diferente do que ocorreu em áreas degradadas e posteriormente revitalizadas como a dos centros históricos de Salvador e do Recife nos anos 1990, locais em que a gentrificação foi mais visível e contundente, atingindo amplos segmentos. Em Curitiba, o planejamento urbano, com suas áreas de zoneamento, construção de equipamentos culturais e a decorrente especulação imobiliária daí advinda, promoveu o afastamento da população mais pobre para a periferia da cidade, bem como para a região metropolitana da capital paranaense.

A valorização de alguns bairros e áreas urbanas – sobretudo com a construção desses equipamentos culturais que compõem a Linha Turismo –, associada à especulação imobiliária, teria promovido ao longo dos anos um afastamento da população de baixa renda para a periferia da cidade, principalmente para a região metropolitana (ver Tabela 1). Exemplo disso são os municípios de Almirante Tamandaré, Araucária, Colombo, Pinhais, entre outros, muitos deles conurbados a Curitiba, constituindo na maioria dos casos verdadeiras cidades-dormitório, reforçando o mito da Curitiba “cidade de classe média”. Citando o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, Giovanaz (2017) em reportagem *online* ao *Brasil de Fato* afirma que uma criança nascida no bairro do Batel em Curitiba terá em média 12 anos a mais de vida do que uma criança que venha a nascer no bairro do Parolin. A situação fica pior quando Curitiba é comparada a alguns municípios pertencentes à região metropolitana. Segundo a reportagem, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Matriz 1, região que contempla os bairros próximos ao centro, é de 0,928, ou seja, semelhante ao da Suíça, enquanto o IDH de municípios como Doutor Ulysses, por exemplo, é de 0,546, semelhante ao do Quênia, uma das regiões mais pobres da África.

Tabela 1 – Mapa da pobreza e da desigualdade, de 2003

	Índice da pobreza (%)	Índice da pobreza subjetiva (%)
Almirante Tamandaré	48,63	20,71
Araucária	41,92	16,66
Colombo	44,91	18,45
Curitiba	31,71	11,60
Fazenda Rio Grande	49,73	20,23
Itaperuçu	54,63	25,85
Pinhais	40,83	16,34
São José dos Pinhais	38,48	15,40

Fonte: adaptado de IBGE, 2003

Para Sánchez (2010, p. 173):

A concentração populacional nos municípios vizinhos a Curitiba é expressão da regulação do uso do solo aliada à atuação do mercado imobiliário, que, junto com a ausência de políticas e programas habitacionais intensivos para baixa renda, contribuíram expressivamente para a seletividade da ocupação do município-polo. O encarecimento do preço do solo, o alto valor dos imóveis, a falta de

alternativas habitacionais e o próprio processo de planejamento da chamada “cidade modelo”, que vem intensificando os processos de valorização do solo, impedem, na prática, as famílias de baixa renda de se instalarem em Curitiba.

Mesmo cidades como Araucária e São José dos Pinhais, a primeira beneficiada pelo setor petroquímico, onde se encontra a refinaria da Petrobras, e a segunda por ser um polo automobilístico, concentram um índice de pobreza e de pobreza subjetiva maior do que a da capital Curitiba (ver Tabela 1), ratificando “a funcionalidade do papel desempenhado pelos municípios vizinhos na absorção de mazelas sociais e ambientais” (OLIVEIRA, 2000, p. 186).

A *exclusão étnico-cultural*, por sua vez, pode ser constatada na imagem da cidade quando da construção de marcos referenciais do passado como praças, bosques e memoriais representativos, especialmente das etnias europeias. A invisibilidade de etnicidades como a de afro-brasileiros e indígenas é, nesse sentido, instrumental para a construção da imagem da cidade forjada sob os auspícios do mito da cidade europeia⁶¹.

Essa “segregação” faz com que a maior parte da população negra da Grande Curitiba se concentre na região metropolitana da capital, como pode ser observado pelos indicadores das Tabelas 2, 3 e 4.

Tabela 2 – Presença de afrodescendentes no Paraná (ac/IBGE)

	Afrodescendentes (%)
Almirante Tamandaré	24,40
Araucária	22,10
Colombo	22,30
Curitiba	17,40
Rio Branco do Sul	46,20

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Fonte: adaptado de AFRICAXÉ, 2006, p. 14-15

⁶¹ Aos habitantes originários da região, isto é, aos indígenas, foi reservado espaço apenas na história do mito fundador que deu origem ao nome da cidade, bem como na nomenclatura de alguns parques e rios da região. Em 2016 foi inaugurado na capital o Museu de Arte Indígena (MAI). Privado, oriundo de um acervo particular fruto do colecionismo, o MAI retrata a cultura e a diversidade de diferentes etnias indígenas brasileiras com destaque à sua arte plumária e a objetos ritualísticos, musicais, entre outros.

Tabela 3 – População afrodescendente em Curitiba e região metropolitana, conforme Censo IBGE de 2000

	Total	Parda	Preta	Afrodescendentes (%)
Almirante Tamandaré	88.277	19.862	3.516	26,48
Araucária	94.258	16.069	2.594	19,79
Colombo	183.329	41.073	5.198	25,23
Curitiba	1.587.315	179.476	39.352	13,78
Fazenda Rio Grande	62.877	9.715	2.253	19,03
Itaperuçu	19.344	8.305	286	44,41
Pinhais	102.985	20.238	3.277	22,83
São José dos Pinhais	204.316	28.852	4.477	16,31

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Fonte: adaptado de: IBGE, 2000

Tabela 4 – População afrodescendente em Curitiba e região metropolitana, conforme Censo IBGE de 2010

	Total	Parda	Preta	Afrodescendentes (%)
Almirante Tamandaré	103.204	32.004	3.700	34,59
Araucária	119.123	31.614	4.471	30,29
Colombo	212.967	65.651	8.124	34,64
Curitiba	1.751.907	296.140	49.320	19,71
Fazenda Rio Grande	81.675	23.875	2.913	32,79
Itaperuçu	23.887	8.302	288	35,96
Pinhais	117.008	30.675	4.119	29,73
São José dos Pinhais	264.210	61.874	8.490	26,63

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Fonte: adaptado de: IBGE, 2010

Aqui há a associação entre as questões étnicas e as questões econômico-sociais, como vem denunciando os movimentos sociais negros em todo o Brasil, quando de seus questionamentos em torno do denominado “mito da democracia racial”⁶², uma vez que as regiões com maiores índices de pobreza e pobreza subjetiva são também as que apresentam a maior porcentagem de afrodescendentes⁶³.

⁶² O “mito da democracia racial” teria sua origem na década de 1930, com as publicações do sociólogo Gilberto Freyre (2001), especialmente de sua obra *Casa-Grande & Senzala*. Embora não tenha operado com o conceito de democracia racial nessa obra, ao romper com a ideia do racismo científico vigente, o autor amenizou as contradições existentes nas relações raciais no país, criando a partir daí as bases para a constituição do mito da democracia racial no Brasil.

⁶³ Com ênfase em indicadores sociais das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, o sociólogo Oliveira (2013), na obra *A cidade e o negro no Brasil: cidadania e território*, tem conclusão semelhante, isto é, chama atenção para a interface entre desigualdades urbanas e desigualdades raciais nas cidades brasileiras.

Em síntese, pode-se concluir que políticas urbanas como as realizadas em Curitiba, ao apagar diferenças étnicas e sociais, dificultam outras formas de escrita e possibilidades de leitura da cidade, uma vez que naturalizam imagens-síntese que visam criar consensos e rechaçar as diferenças no tecido urbano⁶⁴.

Em relação a essas imagens-síntese, traço aqui dois momentos distintos, porém complementares de sua construção em Curitiba. Primeiramente, a gestão Lerner, responsável pela criação das imagens-síntese do tipo: cidade planejada, cidade-modelo, cidade sustentável e capital ecológica. Ou seja, cenário apresentado no processo de turistificação da capital, por meio da Linha Pró-Parques. Em segundo lugar, a gestão Greca, responsável por ratificar a criação das imagens-síntese anteriores e agregar outras, como cidade de primeiro mundo e capital de todas as gentes, consubstanciando o mito da cidade europeia. Destaque aqui para a Linha Turismo, quando da consolidação nacional e internacional da “marca” Curitiba.

1.2.1 Cidade-modelo e capital ecológica: gestão Lerner

Segundo Sánchez (2001), as apregoadas “cidades-modelo” são imagens de marca construídas pela ação combinada de governos locais e atores hegemônicos com interesses localizados a agências multilaterais que fomentam as redes mundiais de cidades. Para que tal realização se efetive, pressupõe-se uma gestão empresarial da cidade centrada na “construção mitificada da figura do líder carismático, do administrador erudito, da liderança política enaltecida sobretudo pela competência técnica capaz de situá-lo acima da política, requisitos tidos como indispensáveis do ‘Prefeito empreendedor’” (SÁNCHEZ, 2001, p. 40).

Aqui entra a figura de Jaime Lerner. Filho de imigrantes judeu-polonês, graduou-se pela Escola de Arquitetura da UFPR⁶⁵ e estagiou na França. No retorno

⁶⁴ Interessante observar que, entre os censos de 2000 e 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Tabelas 3 e 4), é perceptível o aumento da população afrodescendente nas cidades citadas, com exceção da pequena Itaperuçu, que teve decréscimo. Tal aumento deve-se às políticas afirmativas e à forma como a população negra passou a ser vista nos últimos anos, trabalho árduo dos movimentos sociais, que têm contribuído com a autoidentificação dessa parcela da população. Apesar desse aumento, Curitiba continua sendo a cidade com o menor número em termos proporcionais de pretos e pardos, segundo o IBGE.

⁶⁵ Na década de 1960, derivado do curso de Engenharia, foi criado o curso de Arquitetura e Urbanismo na UFPR, o que impulsionou o debate sobre o planejamento urbano em Curitiba.

ao Brasil, passou a dirigir o Ippuc, sendo nomeado prefeito biônico⁶⁶ em 1971, aos 33 anos, pelo então governador Haroldo Leon Peres.

A partir de então, Jaime Lerner seria prefeito de Curitiba por três mandatos (1971-74 / 1979-83 / 1989-92), vindo também a ser governador do estado entre os anos de 1995 e 2002. Tido como gestor moderno, de ideias criativas, sempre com um caderninho nas mãos (de onde saíam projetos inovadores), Lerner já no primeiro mandato ganhou projeção nacional ao mandar substituir o asfalto de um trecho da Rua XV de Novembro pelo calçamento de *petit-pavé*. Com essa ação, transformou uma das ruas centrais da capital em um calçadão de pedestres, o primeiro construído no país:

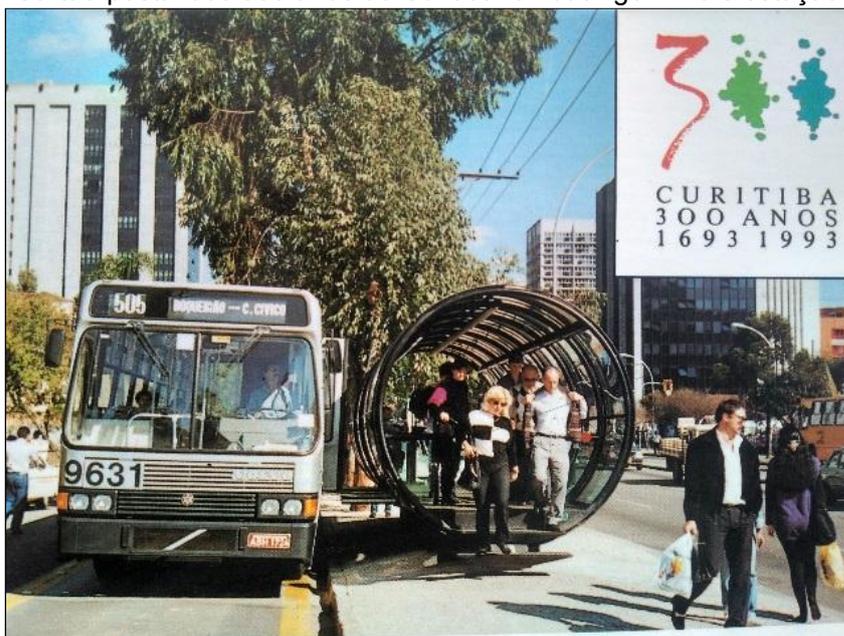
Aos 20 anos, o primeiro calçadão do país é um sucesso. Comerciantes que de início criticavam a ideia do prefeito Lerner festejam seus lucros. A antiga Rua XV de Novembro, com flores o ano inteiro, é um ponto de encontro movimentado e alegre (VEJA PARANÁ, 1990a).

Outras de suas “inovações urbanas” ganharam destaque. O transporte coletivo, o primeiro com ônibus expressos, que passaram a circular em canaletas exclusivas de avenidas transformadas em vias estruturais e, posteriormente, com os ligeirinhos e suas estações-tubo (Figura 44). Esta última foi levada a exposições em Nova York e depois em Istambul, na II Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos (Habitat II) (MOURA, 2007). Acrescenta-se ainda na sua gestão a implementação da linha turística Pró-Parques.

Tais iniciativas urbanas, somadas à construção de equipamentos culturais como o Jardim Botânico, a Rua 24 Horas e a Ópera de Arame, sustentaram a marca Curitiba baseada nas imagens-síntese de cidade-modelo e cidade planejada.

⁶⁶ Cargo biônico é aquele cujo titular (governador, senador ou prefeito) era investido mediante a ausência de sufrágio universal. Na época da ditadura militar, especialmente a partir de 1966 com o Ato Institucional (AI) 3, tal escolha passou a ser realizada por sanção das autoridades de Brasília como forma de conter a oposição ao regime.

Figura 44 – Cartão-postal dos 300 anos de Curitiba: ônibus ligeirinho e estação-tubo



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 3 nov. 2018

Tão relevantes quanto as propaladas inovações urbanas na área do transporte e na construção de equipamentos culturais foram as ações de sua gestão na área ambiental. Segundo o arquiteto e engenheiro civil Castelnou (2006, p. 57-58)

Embora as áreas verdes em Curitiba tenham existido desde sua formação e evolução urbana – como no caso da criação de seu Passeio Público, no último quartel do século XIX, de caráter essencialmente higienista – e a preocupação com a conservação de matas e áreas naturais tenha aparecido em várias de suas diretivas administrativas [...] foi a partir da década de 1970 que se introduziu na cidade o conceito de aproveitamento de áreas verdes como espaços de lazer e recreação, além de indicadores de qualidade de vida urbana.

Em 1972 foram criados os três primeiros parques públicos da cidade: São Lourenço, Barreirinha e Barigui. Mais do que a preservação de espécies nativas, os parques foram pensados como solução urbana para a contenção de enchentes e áreas de lazer. Seguiu-se a eles a criação do Bosque do Papa, Bosque Capão da Imbuia e Zoológico Municipal. Assim, de acordo com Castelnou (2006), Curitiba assumiu em 1985 o título de capital ecológica. O “parquismo”, como denomina o autor, incluiu ainda na gestão Lerner o Bosque Reinhard Maack, o Parque das Pedreiras, o

Bosque do Pilarzinho, o Bosque Zaninelli e o Parque Municipal do Passaúna⁶⁷. Segundo dados do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável, do Paraná (2012), Curitiba possui 55 m² de área verde preservada⁶⁸ por habitante, área superior aos 16 m² recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Vale ressaltar que, além das áreas públicas como parques, bosques e praças, apontadas por Castelnou (2006), nos últimos anos têm crescido as Reservas Particulares do Patrimônio Natural Municipal (RPPNMs).

Além do parquismo, destacam-se ainda nas gestões Lerner a criação da Unilivre, o incentivo à educação ambiental nas escolas, a instituição do Passaporte Verde⁶⁹ e a coleta seletiva de resíduos sólidos. Essa última era realizada pelo Programa Lixo que não é Lixo. Sua campanha publicitária envolvendo as personagens da Família Folhas⁷⁰ fez tanto sucesso que extrapolou o *marketing* oficial, como pode ser visto na Figura 45.

Figura 45 – Campanha publicitária do *shopping center* PolloShop



Fonte: disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/479492691550267429/?lp=true>>. Acesso em: 28 dez. 2017

⁶⁷ Responsável por proteger a represa do Rio Passaúna, que oferta 1/3 da água consumida na cidade.

⁶⁸ No *site* do Ippuc pode ser encontrado o mapa “Bosques, Parques e Praças”, que permite melhor visualização desses espaços verdes, como, por exemplo, sua distribuição pelos bairros de Curitiba. Disponível em:

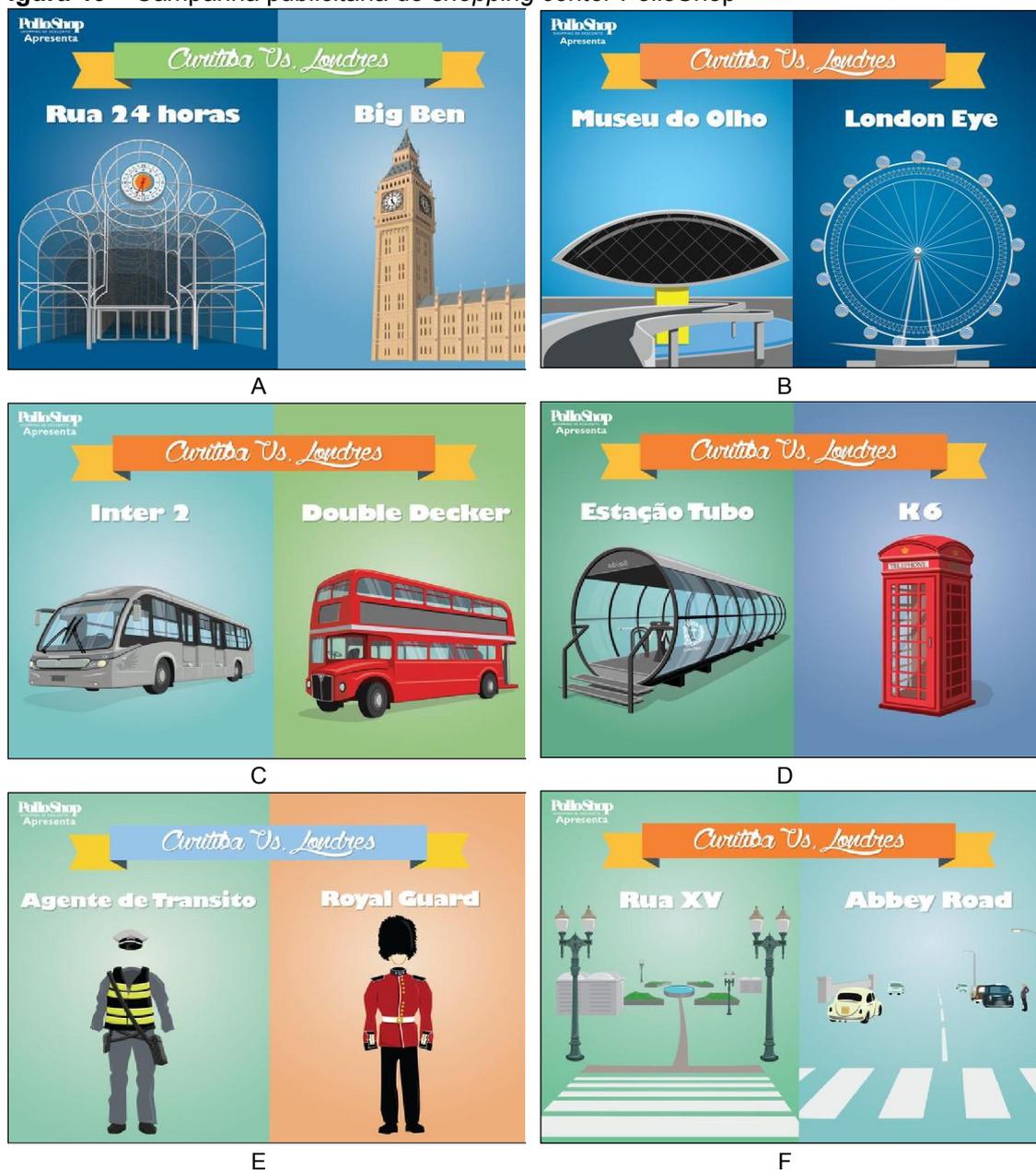
<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/fisico_-_bosques_e_praças.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2017.

⁶⁹ Guia turístico de Curitiba com informações sobre a cidade e lista de restaurantes, bares e hotéis em que o turista pode obter descontos por meio da apresentação do passaporte.

⁷⁰ Criada com a participação do cartunista Ziraldo.

De modo geral, a ideia presente no *marketing* oficial de Curitiba passou a ser utilizada também no comércio local, como é verificado no material publicitário exibido na Figura 46.

Figura 46 – Campanha publicitária do shopping center PolloShop





G



H



I



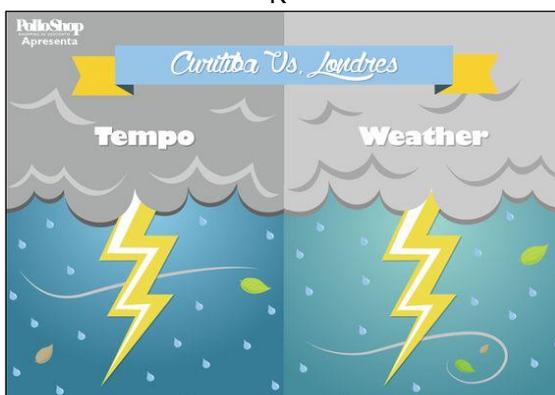
J



K



L



M



N

Muitas empresas e curitibanos “compraram” a ideia gestada na política do *city marketing* da gestão Lerner e posteriormente da gestão Greca. Segundo Sánchez (2010), quando a cidade é transformada em um produto e passa a ter uma logomarca, ela transfere valor simbólico a qualquer produto a ela associado, seja uma loja de calçados, seja um plano de saúde, como as propagandas visualizadas nas Figuras 47 e 48, ou mesmo um *shopping center* como o PolloShop.

Figura 47 – Pintura representando alguns símbolos de Curitiba: fachada lateral da loja



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 29 ago. 2017

Figura 48 – Propaganda da Agemed Planos de Saúde



Fonte: GAZETA DO POVO. Curitiba, 10-16 jun. 2017

A campanha publicitária do *shopping center* PolloShop trabalha com algumas ideias das imagens-síntese da cidade, a exemplo da Curitiba cidade-modelo (Figuras 46A, 46B, 46C e 46D), capital ecológica (Figuras 46F e 46G) e cidade europeia (Figura M). Curitiba vs. Londres, nome da campanha publicitária, convida a população a dar sugestões que associem as duas cidades⁷¹ (Figura 46N), a segunda já consolidada no cenário internacional (capital da Inglaterra) e a primeira buscando sua consolidação.

Curitiba parece ter tudo o que uma importante capital tem. Isso inclui grandes obras como atrativos turísticos. Se Londres tem o tradicional Big Ben, Curitiba tem a moderna Rua 24 Horas. Se Londres tem seus tradicionais ônibus *double deck* e cabines telefônicas K6, Curitiba tem sua moderna frota de ônibus Ligeirinhos, que pega os passageiros dentro das estações-tubo. Curitiba, com o seu Museu do Olho, não parece ficar atrás de Londres com seu London Eye⁷². Ambas as cidades têm suas tradições, alimentos, brincadeiras de infância, suas personagens da vida real que podem ser vistas nos parques e nas principais ruas da cidade. As duas possuem personagens fictícias ou heróis dos quadrinhos; no caso de Curitiba, O Galha, herói mais comedido e conservador que o anarquista V, da Londres futurista. Em síntese, Curitiba tem, à sua maneira, tudo o que uma grande e consolidada cidade tem. Até o clima, segundo a campanha publicitária, a aproxima de Londres. É o mito da cidade europeia transbordando na política do *city marketing* da Prefeitura de Curitiba.

Hoje, fora do cenário político, Lerner apresenta-se como arquiteto, urbanista e fundador do Instituto Jaime Lerner e da empresa Jaime Lerner Arquitetos Associados (JLAA). Fundada em 2003 e com sede em Curitiba, a JLAA desenvolve projetos para os setores público e privado e tem como proposta de trabalho, de acordo com seu *site*, construir e apresentar ideias e soluções aos gestores das cidades:

Mais do que uma simples transferência de modelos ou projetos, a proposta é a aplicação prática e conceitual de princípios urbanísticos que considerem o papel estratégico das cidades em seus países e no cenário mundial; a busca pelo desenvolvimento sustentável das cidades; a prioridade para o transporte público, pedestres e áreas de encontro nas cidades; a necessidade de se promover uma mistura de rendas e funções na cidade e nos bairros; a preservação e valorização

⁷¹ Ao buscar a semelhança entre as duas cidades, a campanha publicitária teria se inspirado no trabalho de Vahram Muratyan. O *designer*, de origem armênia, criou em 2010 o *blog* Paris versus Nova Iorque, espécie de registro visual de suas experiências. O sucesso de seu trabalho rendeu-lhe a publicação de um livro sobre o assunto, editado no Brasil pela editora Intrínseca.

⁷² Roda-gigante de observação construída na virada do milênio.

da identidade local e da memória urbana; a valorização dos espaços públicos; a valorização das paisagens urbana e natural; o desenvolvimento das vocações econômicas locais e a atração de novos negócios (JAIME LERNER ARQUITETOS ASSOCIADOS, 2017).

Estes seriam, conforme o *site*, alguns dos princípios fundamentais que conduzem os projetos elaborados pela JLAA, princípios baseados na visão que o arquiteto e urbanista tem sobre as cidades. Em 2017, Jaime Lerner foi escolhido o segundo urbanista mais influente de todos os tempos pelos leitores do Planetizen (ver Figura 49), página virtual californiana de notícias na área de planejamento e urbanismo visto por 1,5 milhão de visitantes/ano. Por “todos os tempos”, a lista do Planetizen traz referência a nomes que datam de 498 a.C. até a atualidade, com seus pensadores contemporâneos, ativistas, planejadores e *designers*⁷³.

Figura 49 – Notícia publicada no *site* da Jaime Lerner Arquitetos Associados



Fonte: JAIME LERNER ARQUITETOS ASSOCIADOS, 2018

Toda a trajetória profissional como gestor público seria o pano de fundo que impulsiona, no presente, os negócios empresariais de Jaime Lerner. A aplicação dos seus modelos é ofertada destacando-se os diferenciais que concebeu na sua própria trajetória política como gestor urbanista e que fez de Curitiba uma cidade atrativa para o consumo, especialmente turístico, no mercado mundial das cidades.

⁷³ A lista completa pode ser vista em: PLANETIZEN, 2017.

1.2.2 Cidade de primeiro mundo e capital de todas as gentes: gestão Greca

Sucessor de Jaime Lerner, o prefeito Rafael Valdomiro Greca de Macedo assumiu o mandato (1993-96) no contexto de comemoração dos 300 anos da capital paranaense⁷⁴. À época, Curitiba chegou a ter uma novela ambientada na cidade, *Sonho Meu*, da emissora Rede Globo de Televisão (ver Figuras 50 e 51). Já nos primeiros capítulos a telenovela, de nome bem sugestivo, apresenta a cidade ao público. Foi a primeira vez que uma telenovela era ambientada na capital paranaense. Assim, são mostrados os parques, o calçadão da Rua XV de Novembro, as estações-tubo e os ônibus expressos, a Rua 24 Horas, o Teatro Guaíra, o Prédio Histórico da UFPR, a Unilivre, a Ópera de Arame, o Jardim Botânico e a Torre Panorâmica, por exemplo.

Figura 50 – Imagens da novela *Sonho Meu*, ambientada em Curitiba. (A) Personagem de Leonardo Vieira no Jardim Botânico; (B) personagens de Fábio Assunção e Patrícia França no mirante da Torre Panorâmica



A



B

Fonte: CANAL DO BICHO, 2017; GAZETA DO POVO, 2015

A imagem da cidade é a de um lugar organizado, limpo e diferenciado não só por sua arquitetura urbana, mas até mesmo pelo clima, como demonstra o figurino da telenovela.

⁷⁴ No contexto da celebração dos 500 anos do Brasil, Rafael Greca tornou-se ministro do Transporte e Turismo do governo FHC. Essa passagem pela vida pública não será foco de análise da presente pesquisa.

Figura 51 – (A) Capa da revista *Amiga* com personagens da telenovela ao centro; (B) personagem de Elias Gleizer no Parque Barigui, de Curitiba



A



B

Fonte: ELIAS, 2014; GAZETA DO POVO, 2015

O ar europeu faz-se presente também na cidade cenográfica, reproduzida para ser uma vila polonesa. *Sonho Meu* teve 205 episódios passados na televisão entre os dias 27 de setembro de 1993 e 14 de maio de 1994. Atingiu média geral de 44 pontos de audiência e recorde semanal de 56 pontos – a maior média semanal de uma novela das 6. Foi exibida em vários países da América Latina, além de Portugal, Polônia, Rússia, Turquia, Ucrânia, Síria, Líbano, Filipinas, Malásia, entre outros. Segundo reportagem *online* do jornal *Gazeta do Povo* (2015), a ideia de usar Curitiba como cenário teria sido do diretor Reynaldo Boury, que, após passar férias na capital, em abril de 1993, teria dito que Curitiba parecia uma cidade de primeiro mundo.

Tal escrita da cidade foi ampliada exponencialmente pela narrativa da telenovela dentro e fora do país. Era de se esperar que essa leitura da cidade corroborasse as estratégias de *city marketing* em voga naquele momento e fizesse parte delas, bem como atraísse um maior fluxo de turistas à capital paranaense. Assim tem ocorrido, conforme Lima e Sanson (2008), quando de sua análise das influências midiáticas do cineturismo. Embora o exemplo de Curitiba não diga respeito à sétima arte, creio que a telenovela não foge muito à regra. Para Sánchez (2010), indicadores econômicos apontam, nesse contexto, para a tendência da cidade em tornar-se um polo de prestação de serviços. Curitiba triplicaria sua movimentação financeira entre os anos de 1994 e 1998, “passando de R\$ 1,5 milhão a R\$ 4,5 milhões, com novos hotéis, restaurantes, escolas, bancos, seguradoras e empresas de publicidade e comunicação” (SÁNCHEZ, 2010, p. 180). Destaque aqui para o setor do turismo, um dos que mais cresceu, de acordo com a autora, com a participação de 5% no produto

interno bruto (PIB) da cidade em 2000, número superior a 1990, quando essa participação era inferior a 3%.

Voltando ao cinema, Lima e Sanson (2008) apresentam alguns exemplos de sucesso dessa relação cinema, local de filmagens e turistas. Sucesso do ponto de vista do aumento do número de visitantes à localidade, o que pode trazer aspectos positivos ou não aos moradores da região. Os autores citam exemplos de filmes como *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* (1977), *Thelma e Louise* (1991), *Quatro Casamentos e um Funeral* (1994), entre outros que aumentaram a visita de turistas, seja à cidade ou a locais específicos das filmagens. Outros filmes como *Diários de Motocicleta* (2004) geraram a criação de roteiros turísticos, ainda segundo os autores, que acreditam que a imagem de um destino é fator decisivo para a atração de turistas. A telenovela, assim como o cinema, possui esse poder midiático, não sendo diferente com Curitiba.

Economista, engenheiro civil, com especialização em urbanismo pela UFPR e membro da Academia Paranaense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR), Greca deu continuidade à escrita da cidade, bem como às políticas de *city marketing* do seu antecessor.

De acordo com Castelnou (2006), sua gestão continuou a expandir a ideia do parquismo (a exemplo da construção dos parques Tingui e Tanguá), reiterando a marca “Curitiba capital ecológica”, mas isso não foi tudo. Buscou também associar à imagem da cidade a questão cultural. Na sua gestão, Greca passou a:

Enfatizar a construção de uma identidade social para Curitiba e os parques tornaram-se os espaços ideais para manifestações culturais, incentivando-se ali festas étnicas, folclóricas e religiosas. Até o término de sua gestão, em 1996, haviam sido criadas mais de dez novas áreas públicas, além de vários memoriais para homenagear as raças e culturas que constituíam a população curitibana. Foram inaugurados os memoriais de Portugal, da Ucrânia, da Imigração Alemã, da Imigração Italiana e da Cidade (CASTELNOU, 2006, p. 64).

O que Castelnou (2006) aponta como associar a questão cultural eu diria, especialmente, associar o componente étnico à imagem da cidade. Embora Oliveira (2000) assinala a partir do segundo mandato do prefeito Jaime Lerner a existência da “faceta étnica” na política urbana de Curitiba, foi na gestão Greca que ela aumentaria exponencialmente. Foi quando se somariam às já existentes Praça da Ucrânia, Praça da Espanha e Memorial Polonês os seguintes sítios e bens patrimoniais: Memorial da

Imigração Japonesa (1993), na Praça do Japão⁷⁵; Memorial Italiano (1993-96); Bosque de Portugal (1994); Memorial Ucrainiano (1995); Bosque Alemão (1996); e Memorial Árabe (1996). Além desses referenciais étnicos, foi inaugurado o Memorial de Curitiba, espécie de imagem-meta síntese da cidade. Assim, na gestão Greca, a imagem da cidade renovou-se. Adicionou-se à marca cidade-modelo e capital ecológica as marcas cidade de primeiro mundo e capital de todas as gentes, reforçando os mitos da cidade de classe média e da cidade europeia.

Idealizado no contexto da comemoração dos 300 anos da cidade, o Memorial de Curitiba foi inaugurado em 1996. Construído no Largo da Ordem, centro histórico de Curitiba, o projeto arquitetônico, inspirado no pinheiro paranaense, destoa do conjunto de edificações locais por suas características modernas, a exemplo das vigas metálicas usadas na construção e na cobertura e das laterais de vidro transparente (ver Figura 52). Como centro cultural, compreende salas de exposições, anfiteatro, mirante e praça interna com palco de eventos.

Figura 52 – Interior do Memorial de Curitiba



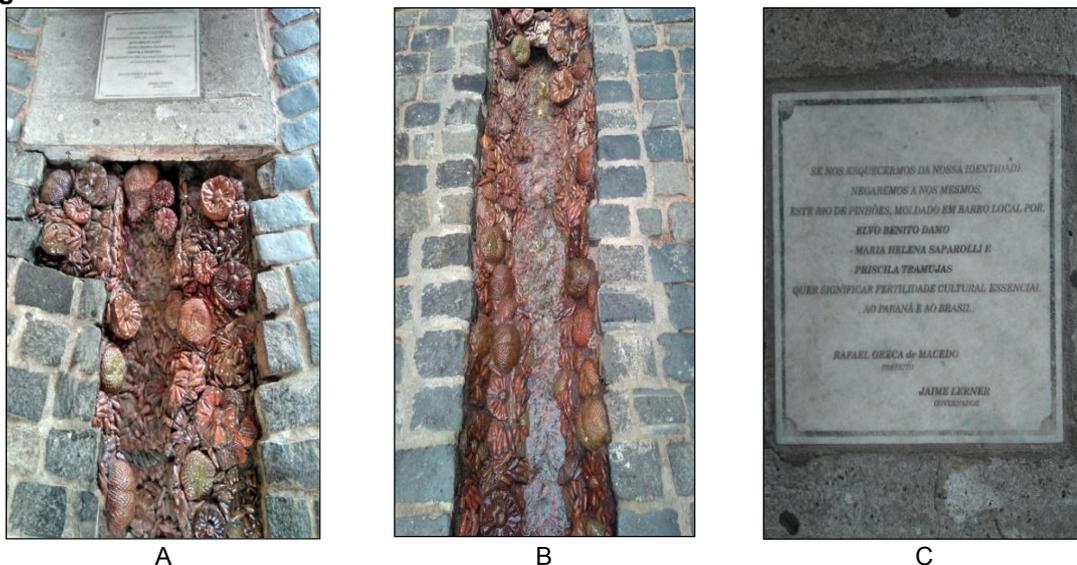
Fonte: acervo do autor. Fotografia de 6 maio 2018

⁷⁵ Em 2008, para homenagear os cem anos da imigração japonesa no Brasil, foi projetado ainda o Parque da Imigração Japonesa, inaugurado em 2012 e revitalizado em 2018, na comemoração dos 325 anos de Curitiba.

Além do fato de o edifício ter sido inspirado no pinheiro paranaense, árvore cujo fruto é o pinhão, dois outros “detalhes”⁷⁶ chamaram-me a atenção quando da visita ao memorial.

O primeiro deles é o Rio de Pinhões (Figura 53), obra composta de 4.500 unidades, entre pinhões e pinhas, moldadas em argila, com 15 m de comprimento, realizada no calçamento interno do Memorial de Curitiba.

Figura 53 – Rio de Pinhões



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 29 dez. 2017

Da placa de identificação, constam os seguintes dizeres:

Se nos esquecermos da nossa identidade negaremos a nós mesmos, este rio de pinhões, moldado em barro local, por Elvo Benito Damo, Maria Helena Saporolli e Oriscila Tramuja quer significar fertilidade cultural essencial ao Paraná e ao Brasil.
Rafael Greca de Macedo (prefeito) e Jaime Lerner (governador).

O segundo “detalhe” é a Capela dos Fundadores, obra do artista curitibano e radicado na França Sérgio Ferro. Segundo o *site* do jornal *Folha de Londrina* (SUCURSAL DE CURITIBA, 1996), a obra, de 100 m², foi encomendada pelo prefeito de Curitiba Rafael Greca. O painel foi realizado com o uso de várias telas de linho, com óleo e resina alquídica, formando uma tela maleável que ocupa hoje parte do teto

⁷⁶ Utilizo o termo entre aspas, pois aquilo que denomino de “detalhe” é muito mais do que a palavra expressa. Trata-se de importantes obras de arte incorporadas ao conjunto arquitetônico do Memorial de Curitiba e que tomo aqui como fontes históricas a serem analisadas.

e da parede de um dos cantos do andar superior (primeiro piso) do Memorial de Curitiba (ver Figura 54). A pedido do prefeito da cidade francesa onde Sérgio Ferro vivia, a obra foi exposta aos moradores locais antes de embarcar no Brasil. Segundo Ferro, sua obra retrata Curitiba por meio de símbolos e mitos. A ideia dos corpos nus expressa seu desejo de valorização da forma, influência renascentista.

A pintura de Ferro e a composição da Capela dos Fundadores são elementos que chamam atenção para análise. Na parte superior da pintura podem ser vistos em harmonia com os pinheirais os chamados fundadores, bem como suas respectivas atividades econômicas. No lado esquerdo da imagem se verifica o índio Tindiquera, personagem do mito fundador da cidade. Do lado direito, há o pelourinho⁷⁷, monumento de pedra e madeira que simbolizava a autoridade municipal e onde eventualmente eram punidos os denominados transgressores, muitos dos quais africanos escravizados. Tudo isso sob a benção da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, e da gralha azul, ave símbolo do estado do Paraná, que substitui na imagem sacra a pomba do Espírito Santo. Também se veem na obra, em ambas as margens, pinhões estilizados, bem ao estilo paranista.

Figura 54 – Capela dos Fundadores. (A) Pintura de Sérgio Ferro; (B) altares retábulos



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 17 maio 2018

⁷⁷ O pelourinho de Curitiba foi erguido em 4 de novembro de 1688, por Gabriel de Lara, capitão-mor e procurador do Marquês de Cascais, senhor das terras da Capitania de Paranaguá. Foi instalado onde é hoje a Praça José Borges de Macedo.

Junto à pintura, compondo a Capela dos Fundadores, estão os altares retábulos⁷⁸ (ver Figura 54B), confeccionados em cedro maciço originário de Portugal, provavelmente do século XVIII, segundo informação disponível no memorial. Os altares teriam pertencido à primeira Igreja Matriz de Curitiba de 1780 a 1876, sendo transferidos posteriormente à Igreja do Rosário, onde permaneceram até 1933. Abandonados quando da reforma da igreja, foram recuperados e integrados ao acervo do Museu Paranaense. Atualmente sua casa é o Memorial de Curitiba, formando, com a obra de Sérgio Ferro, a Capela dos Fundadores. Essa composição, pintura e retábulos religiosos integrando a capela reforçam a ideia de sacralidade que envolve esse espaço.

O Memorial de Curitiba é, pois, uma obra-síntese produzida no momento em que se comemoravam três séculos de uma história que congregou povos e que constituiu aquilo que vem a ser o “verdadeiro homem curitibano”. Não é à toa que o rio de pinhões foi nele confeccionado em argila, pois do barro veio o homem. O pinhão é a semente, e o pinheiro, o corpo desse homem paranaense e curitibano, como já preconizava o paranismo. A Capela dos Fundadores é a própria sacralização do mito fundador e compõe no presente a rota religiosa “Fé e Misticismo” em Curitiba⁷⁹. O antropólogo espanhol Prats (1997, p. 22) já dizia:

Al confluir estas fuentes de sacralidad en elementos culturales (materiales o inmateriales) asociados con una identidad dada y unas determinadas ideas y valores, dicha identidad y las ideas y valores asociados a los elementos culturales que la representan, así como el discurso que la yuxtaposición de un conjunto de elementos de esta naturaleza genera (o refuerza), adquieren asimismo un carácter sacralizado y, aparentemente, esencial e inmutable⁸⁰.

⁷⁸ Peças de madeira ou mármore que normalmente ficam atrás e/ou acima do altar, com painéis pintados ou em baixo-relevo, comum nos países ibéricos e no Brasil colonial.

⁷⁹ A rota religiosa “Fé e Misticismo” está dividida em três roteiros: Legados da Fé, Inter-religioso e Devocional. A Capela dos Fundadores, no Memorial de Curitiba, faz parte do roteiro Legados da Fé, que abrange a região do centro histórico da cidade e congrega, além da capela, a Praça Tiradentes e arredores, a Igreja da Ordem, a Igreja Presbiteriana Independente, a Igreja do Rosário, a Igreja Luterana, as Ruínas de São Francisco, a Mesquita Imam Ali Ibn Abi Talib, a Arquidiocese de Curitiba, a Igreja São Vicente de Paulo, o Templo Hare Krishna, o Cemitério Evangélico Luterano e o Cemitério Municipal São Francisco de Paula.

⁸⁰ “Quando essas fontes de sacralidade convergem em elementos culturais (materiais ou imateriais) associados à determinada identidade e certas ideias e valores, essa identidade e as ideias e valores associados aos elementos culturais que a representam, bem como o discurso de que a justaposição de um conjunto de elementos dessa natureza gera (ou reforça), eles também adquirem um caráter sacralizado e, aparentemente, essencial e imutável” (PRATS, 1997, p. 22, tradução livre).

Essa sacralização do memorial-síntese da cidade, bem como dos valores a ele associados, traz à tona as características do essencial e do imutável do discurso oficial que se constrói em torno da imagem e da escrita da cidade. Remonta a retomada das ideias paranistas, discurso identitário que teve seu epicentro em Curitiba, nas primeiras décadas do século XX. O paranismo, enquanto movimento regional, será mais bem explorado nas linhas que seguem a este capítulo, especialmente no capítulo 2. Por ora, basta apontar que, no âmbito desta investigação, a criação da Linha Turismo e de seu respectivo itinerário, outrora Linha Pró-Parques, será a coroação dessa imagem renovada da cidade.

1.3 ATIVAÇÃO PATRIMONIAL, MEMÓRIA OFICIAL E A ESCRITA DA CIDADE

Ao analisar, por meio de anúncios promocionais dos lugares, o processo de gestão das imagens das cidades, o sociólogo português Paulo Peixoto (2000) aponta três eixos principais por meio dos quais as cidades se apresentam no jogo concorrencial das cidades:

- o alvo de públicos e mercados dos promotores e publicitários das imagens das cidades;
- as estratégias utilizadas para atrair;
- os atores responsáveis pela existência das mensagens publicitárias do local.

Quanto ao alvo de públicos e mercados, Peixoto (2000) define-os em visitantes; residentes e trabalhadores; atividades econômicas; e por fim os mercados externos que possam absorver bens e serviços produzidos pela cidade. Os vetores estratégicos são a divulgação de imagens sólidas e firmes do lugar; a existência de atrações que confirmam a distinção do lugar; a infraestrutura que faz funcionar o lugar; e, por último, as características dos residentes. Os atores responsáveis, por sua vez, são os setores público e privado.

Nos anos de 1990, cidades como Curitiba e Barcelona foram exemplos de sucesso de *marketing* urbano. Ambas se mostraram bem entrosadas com a perspectiva apontada por Peixoto (2000) no tocante à gestão estratégica das cidades. No caso de Curitiba, a construção de imagens-síntese e a constituição de uma memória oficial da cidade foram acompanhadas de um processo de ativação

patrimonial que concorreu na composição da materialidade cênica da cidade. De acordo com Zanirato⁸¹ (2016, p. 205),

A ativação patrimonial é o processo de mobilização de valores atribuídos como formadores de um conjunto de referências, posto em ação por meio de agentes, tais como o Estado. Nesse processo, elementos de invenção de um passado são acompanhados de outros que articulam sua legitimação.

Dessa ativação patrimonial, surge a equação patrimônio e identidade. Recurso metonímico, segundo Peixoto (2004). Discurso retórico pautado, no caso de Curitiba, na construção de uma imagem-síntese como marca da cidade que toma a parte como o todo, o invólucro como o conteúdo. Dessa forma, patrimônio e identidade apresentam-se como uma construção social (PRATS, 1997). Como ela se deu na capital paranaense, bem como alguns de seus efeitos, é o que será visto na sequência deste trabalho.

1.3.1 A mobilização do paranismo na escrita da cidade

O “*pool*”, para usar a expressão de Prats (1997), que levou à ativação patrimonial em Curitiba – principalmente quando da construção de parques, praças, bosques e memoriais étnicos e que contribuiu para o processo de turistificação da cidade – realizou-se mediante um projeto, uma escrita de cidade que se iniciou na gestão Lerner e se expandiu na gestão Greca.

Para o antropólogo espanhol Prats (1997), “la naturaleza, la historia y la inspiración creativa” são os referentes simbólicos que constituem esse *pool* e podem potencializar a ativação patrimonial. Não é sem razão que os memoriais étnicos são construídos em parques e bosques, mas o que chama a atenção é o expediente, a opção usada na construção da imagem da cidade a partir da comemoração de seus 300 anos⁸². Não apenas foi dado continuidade ao parquismo, aos equipamentos

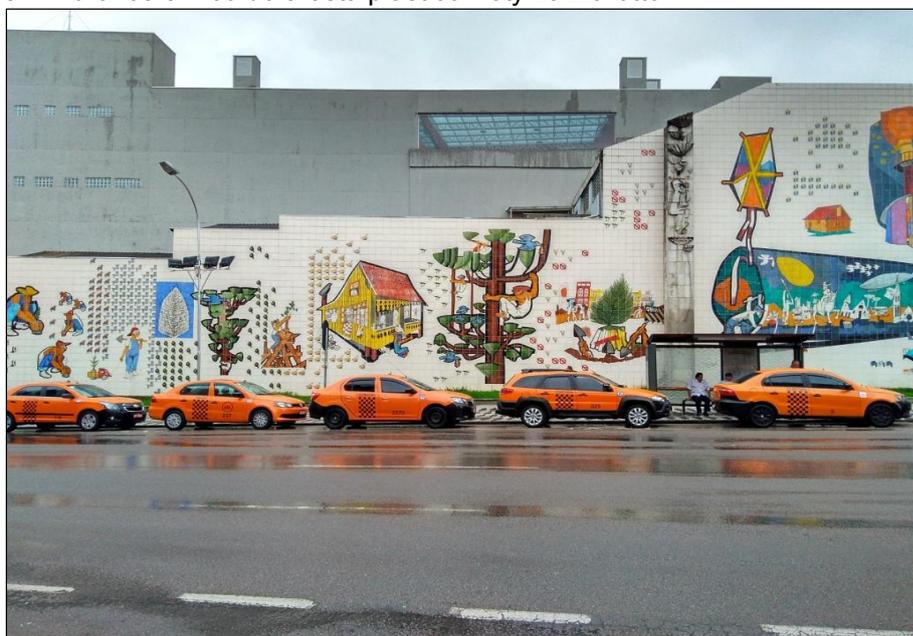
⁸¹ A autora baseia-se no conceito de ativação patrimonial proposto pelo antropólogo espanhol Prats.

⁸² A comemoração dos 300 anos de Curitiba, em 1993, foi um marco nas transformações da cidade na perspectiva da política do *city marketing*, no mercado mundial das cidades. Um ano depois foi inaugurada a Linha Turismo de Curitiba. Nessa conjuntura da criação do mercado mundial das cidades, está também Barcelona. A capital catalã tem como marcos de transformação os Jogos Olímpicos de 1992 e posteriormente o Fórum Mundial das Culturas em 2004. O contexto mundial de tais transformações e conseqüentemente do mercado mundial das cidades, no qual se inserem Curitiba e Barcelona, são o contexto da derrocada do chamado bloco socialista, do mundo bipolar e, por conseguinte, do surgimento de uma nova ordem mundial.

culturais e às obras de infraestrutura de Lerner como foram construídos, para além dos memoriais étnicos, obras que visavam ressaltar a imagem-síntese da cidade, como é o caso do maior mural cerâmico do país⁸³, de autoria do artista plástico Poty Lazzarotto (1924-1998)⁸⁴.

No painel (Figura 55) podem ser constatados alguns elementos como a araucária, o pinhão, a gralha-azul, a casa dos imigrantes e alguns símbolos da modernidade e inovação da capital paranaense (estação-tubo do ônibus Ligeirinho, Ópera de Arame, Jardim Botânico, Rua 24 Horas, Farol do Saber⁸⁵), um tributo à memória oficial, enquanto representação da e para a cidade. O painel em questão encontra-se próximo ao centro histórico, isto é, próximo ao Largo da Ordem.

Figura 55 – Mural cerâmico do artista plástico Poty Lazzarotto



A

⁸³ Adjetivos como maior, primeiro e único são recorrentes na descrição de alguns equipamentos culturais e cenários da cidade. Tais adjetivos potencializam as imagens-síntese de Curitiba, pois constroem um sentimento ufanista ao redor da imagem da cidade.

⁸⁴ O artista Poty Lazzarotto ficou conhecido por seus trabalhos com desenhos, gravuras, murais, serigrafias e litografias. Possui inúmeros painéis espalhados pela capital paranaense. Algumas de suas obras foram tombadas pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Cepha) e reconhecidas como Patrimônio Cultural do Paraná em 2014. Há em Curitiba uma rota turística denominada de Poty by bike, que promove um itinerário por diferentes espaços da cidade onde podem ser vistos ao longo de 13,5 km, priorizando-se o uso de bicicleta, murais e painéis do artista curitibano. Ver: <<http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/roteiro-poty-by-bike/1915>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

⁸⁵ Equipamento cultural construído na gestão Greca, consiste num conjunto de bibliotecas espalhadas pelos bairros da cidade. Tais bibliotecas foram projetadas no formato de um farol. O Farol do Saber de Curitiba é uma alusão ao Farol e à Biblioteca de Alexandria.



B

Fonte: acervo do autor. Fotografias de 15 jan. 2018

Para planejar as ações comemorativas, o prefeito Rafael Greca foi buscar referências no paranismo. É o próprio Greca quem afirma isso em sua obra *Curitiba Luz dos Pinhais*:

Ideais paranistas também me inspiraram, então prefeito de Curitiba, em 1993, na ocasião da comemoração dos 300 anos da cidade. Fruto dessa mentalidade é o Memorial de Curitiba, prédio em forma de araucária, com afrescos evocativos dos fundadores do Brasil e de Curitiba – do pintor curitibano Sérgio Ferro [...]. Ali, um rio de pinhas e pinhões refere que toda Cultura deve ser acessível apenas a quem é capaz de contemplar o chão nativo e as suas raízes, e de atravessar o rio da sensibilidade (MACEDO, 2016a, p. 539).

Pelo visto essa inspiração paranista acompanha sua gestão atual (2017-2020), como pode ser observado no *print* da página da Prefeitura de Curitiba que traz a notícia “Curitiba vai ganhar Memorial Paranista e jardim de esculturas de João Turin” (Figura 56).

Figura 56 – Página da Prefeitura de Curitiba. Detalhe: leiaute da página



Fonte: CURITIBA, 2017a

O paranismo⁸⁶ a que se refere o prefeito foi um movimento do início do século XX realizado por intelectuais e políticos, a exemplo do historiador, jornalista e político Romário Martins (1874-1948)⁸⁷ e de artistas plásticos como João Turin (1878-1949)⁸⁸, Lange de Morretes (1892-1954)⁸⁹, Zaco Paraná (1884-1961)⁹⁰, entre outros, que objetivava definir uma identidade do homem paranaense. Nesse sentido, o “homem paranaense” por excelência passava a ser o imigrante homem, adulto, forte, branco e de origem europeia, personificação geral do modelo de civilização e de desenvolvimento almejado por esses intelectuais.

⁸⁶ O termo *paranismo* pretendia ser mais abrangente que paranaense, englobando não só o natural do Paraná, mas também aquele que escolheu essa terra como sua, a exemplo dos imigrantes europeus.

⁸⁷ Historiador, jornalista, escritor e político nascido em Curitiba, foi diretor do Museu Paranaense, fundador do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense e do Centro de Letras do Paraná, sócio benemérito do Círculo de Estudos Bandeirantes, membro da Academia Paranaense de Letras, entre outros. Camarista municipal e deputado em dez legislaturas, ocupou vários cargos públicos. Foi também colaborador da revista *Ilustração Paranaense*, mensário paranista de arte e atualidades. Ver: HOERNER JUNIOR; BÓIA; VARGAS, 2001.

⁸⁸ Escultor paranaense, nasceu em Morretes. Foi colaborador da revista *Ilustração Paranaense*. Destaque: arte da capa da revista (um dos símbolos paranistas). Sobre o autor, ver: PARANÁ, 2018.

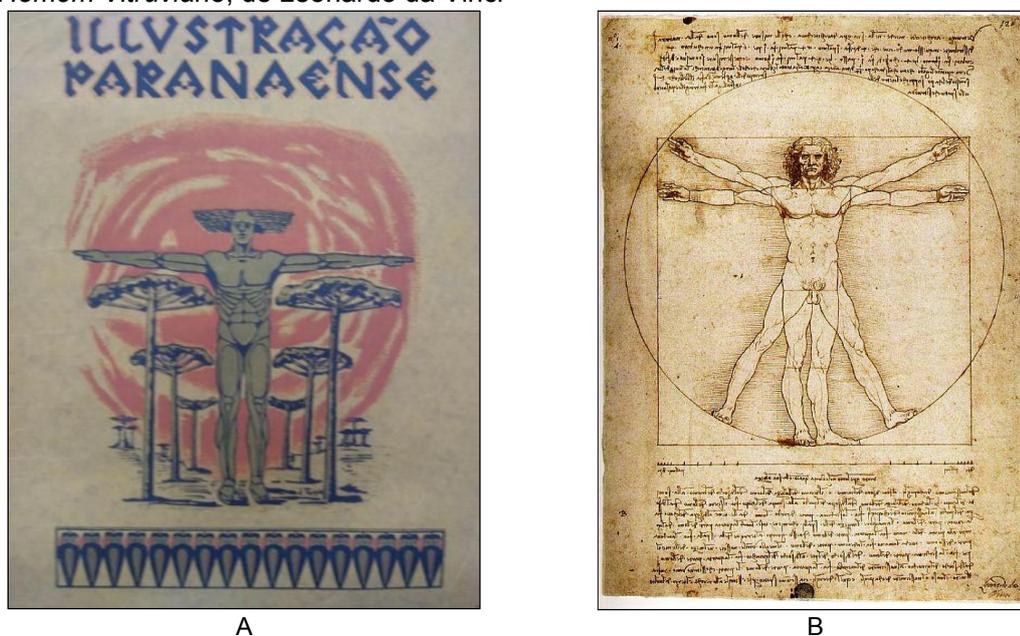
⁸⁹ Pintor, desenhista, gravador, cientista e professor paranaense, nasceu em Morretes. Um dos idealizadores do movimento paranista nas artes. É de sua autoria os pinhões estilizados que passaram a compor as calçadas de Curitiba. Sobre o autor, ver: UM POUCO DE ARTE DO PARANÁ, 2018b.

⁹⁰ Escultor radicado no Paraná, nasceu em Brzezany, na Polônia. Autor da obra *O Semeador*, símbolo paranista. Sobre o autor, ver: UM POUCO DE ARTE DO PARANÁ, 2018a.

Uma das marcas desse movimento foi o uso do pinheiro e da erva-mate como elementos simbólicos a integrar esse “homem” à terra paranaense. Como uma espécie de alusão ao corpo e ao sangue desse “homem paranaense”, outras características lhe seriam atribuídas: laborioso, morigerado, ordeiro, disciplinado e civilizado. Para Szvarça (2004, p. 29), “se a imagem do pinheiro transfigura-se na do corpo do homem paranaense, o mate torna-se a seiva que lhe garante a força física e a potência moral”. E conclui: “O pinheiro e a erva-mate, simbolicamente fornecem a forma e a energia de uma civilização que vai se forjando pelo trabalho” (SZVARÇA, 2004, p. 30). Essa análise é realizada pelo referido autor quando se propõe a fazer um estudo das obras de Romário Martins, a quem chama de “o forjador”.

A capa da revista *Ilustração Paranaense*, mensário⁹¹ paranista de artes e atualidades que circulou entre os anos de 1927 e 1930, é bem significativa nessa perspectiva. Nela, pode-se ver o homem paranaense em harmonia com os pinheirais e de braços abertos para o futuro (ver Figura 57A). Esse homem está rodeado de símbolos paranistas e apresenta-se como a medida de todas as coisas, a exemplo de *Homem Vitruviano*, de Leonardo da Vinci, cujas proporções são perfeitas segundo o ideal clássico de beleza (Figura 57B).

Figura 57 – (A) Capa da revista *Ilustração Paranaense*, de autoria de João Turin; (B) imagem de *Homem Vitruviano*, de Leonardo da Vinci



Fonte: (A) ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE, 1927-1930; (B) MACHADO, 2011

⁹¹ Referente à publicação mensal.

Tal uso simbólico vem ao encontro do que afirma Schama (1995, p. 26): “As paisagens podem ser conscientemente concebidas para expressar as virtudes de uma determinada comunidade política ou social”. A mística construída em torno da tradição paisagística alimenta o fascínio ao redor da construção da identidade e faz das paisagens artificios humanos, isto é, construções culturais realizadas em determinados tempos e espaços e, portanto, também sujeitas a mudanças e ressignificações. Assim, na capital paranaense, a integração homem–meio aparece na escrita da cidade e vai sendo representada cada vez mais pelos símbolos paranistas.

O fato é que, no processo de *turistificação* da cidade e na construção das imagens-síntese, os símbolos paranistas se combinam num *pool* à ativação patrimonial, que recorre às obras de Romário Martins e dos demais paranistas. Consequentemente, há evocação (e convocação) de uma memória coletiva⁹² que vai se tornando oficial à medida que é reiterada nos discursos dos gestores políticos da capital paranaense, especialmente com as políticas do *city marketing*. Por isso, pode-se entender que, na contemporaneidade urbana, o conjunto de sítios e bens culturais representam determinada escrita da cidade, escrita homogeneizadora e hegemônica. Contudo, ao investir numa noção modelar de “homem paranaense”, acaba por se expor à crítica, quer por parte dos grupos que exclui, quer pelas vivências cotidianas na cidade, como poderá ser visto nos capítulos seguintes.

Neste capítulo, procurei por meio da Linha Turismo observar a cidade em seus aspectos urbanísticos e projetuais, sob os quais se organiza o “teatro da cidade”, modelo a ser ofertado e consumido turisticamente, porém captar os aspectos pulsantes ainda é um desafio a ser alcançado quando da análise da Linha Preta (capítulo 3).

Para Certeau *et al.* (2011), uma perspectiva de democratização urbana das cidades não pode ser feita sem que se dê particular atenção aos gestos e relatos de seus habitantes, afinal habitar é narrativizar, é despertar as histórias adormecidas das ruas. Pensar a cidade e seus bens patrimoniais pressupõe pensar em seus habitantes. Caso contrário, o que se tem é a museificação da cidade, que passa a ser exposta à contemplação, e não à interação. Tal museificação, por vezes guiadas por técnicos

⁹² Nos termos de suas funções atribuídas por Halbwachs, isto é, promover coesão social com base num passado comum e laços de pertencimento entre o indivíduo e o grupo que integra. A esse respeito ver: HALBWACHS, 1990, especialmente o capítulo 1 (“Memória coletiva e memória individual”).

e/ou pelo mercado, por “conservadores” e “*marchands*”, acelera o processo de gentrificação. As políticas públicas na área da cultura e do turismo, na perspectiva de *city marketing*, contribuíram para tal processo, como mostra o caso de Curitiba. Além de certo processo de gentrificação, há ainda no caso da capital paranaense um processo de invisibilização social de pessoas e grupos que não se veem representados na escrita da cidade, tampouco nos serviços e nas atividades turísticas.

Embora Certeau (2011) tenha qualificado as ruínas de Paris de “fantasmas da cidade”, quando da análise do processo de patrimonialização de Curitiba, a metáfora “fantasmas da cidade” pode ser utilizada como um instrumento heurístico de minha análise sobre o acionamento, em outros termos e valores culturais, de monumentos que compõem a Linha Preta⁹³. Monumentos que serão objeto de novas leituras e escritas da cidade. Essas novas leituras e escritas da cidade, como se verá, imprimem, por uma rede de práticas e representações, novos sentidos à cena urbana da capital paranaense. A ativação patrimonial da Linha Preta levantará aspectos outrora invisibilizados de uma cidade e de um discurso pautado nas tradições paranistas, responsável pela construção recente das imagens-síntese e dos mitos da cidade de classe média, cidade de primeiro mundo, capital europeia, entre outros.

⁹³ Roteiro apresentado em 2015, responsável por ressaltar os principais pontos da cidade que remetem a história e a cultura afro-brasileira e africana em Curitiba.

2 UMA LEITURA A CONTRAPELO DA ESCRITA DA CIDADE

A nossa realidade é riquíssima, a nossa realidade é inclusive desconhecida. É como se o Brasil fosse um espaço imenso, muito rico, e como se um tapete velho roçado, um tapete europeu cheio de bolor e poeira, tentasse cobrir e abafar este espaço. É preciso levantar este tapete, tentar entender o que se passa por baixo. É dessa realidade que devemos nos aproximar (MAGALHÃES, 1985).

Em suas teses sobre o conceito de história, já dizia o filósofo, ensaísta e crítico literário Walter Benjamin (2016) que “não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie”. Monumentos como o Arco do Triunfo e o Muro de Berlim bem exemplificam esse conceito, assim como reformas que consubstanciam determinado patrimônio cultural em detrimento da exclusão e da gentrificação de áreas urbanas, como foi o caso do Rio de Janeiro¹ no início do século XX. A Linha Turismo de Curitiba, enquanto itinerário e escrita da cidade, realizada num processo de turistificação que permeou a política do *city marketing* na capital paranaense nos anos 1990, também é um documento de cultura e um documento de barbárie. Enquanto escrita da cidade, sua narrativa celebra a história dos vencedores e oculta a história dos vencidos. Seu traçado esconde contradições e homogeneíza as diferenças na sociedade paranaense. Faz crer a todos que aquilo que é construído, segundo a lógica das elites locais², é algo dado e natural, que sempre foi assim. Os movimentos sociais dirão que não e apontarão as contradições desse discurso, dessa história dos vencedores, que continua a marchar sobre os despojos dos vencidos. Afinal, um bem cultural não carrega em si uma essência ou um conjunto de significados naturalmente emanados dele, “mas se caracteriza por possibilitar que um conjunto de signos verbais e não verbais, definidos historicamente, seja acionado, para significar através dele” (KERSTEN, 1998, p. 48).

Após ter realizado uma discussão no capítulo 1 que teve como mote de análise a Linha Turismo de Curitiba, bem como a construção das imagens-síntese da capital

¹ As reformas urbanas ocorridas no Rio de Janeiro, no início do século XX, sob a direção do prefeito Pereira Passos, tiveram como mote de inspiração as reformas ocorridas em Paris, na França, encabeçadas pelo Barão de Haussmann. Foram acompanhadas de reformas nos portos sob o comando de Lauro Müller e de políticas sanitárias na capital federal, sob as ordens de Oswaldo Cruz. O conjunto de tais reformas modernizou a capital federal, mas promoveu a exclusão social da população do centro para a periferia da cidade, os chamados morros cariocas, além de ficar marcado pelo desfecho de uma revolta urbana denominada de Revolta da Vacina (1904). Ver: SEVCENKO, 2018.

² A história do continuísmo das elites locais na política paranaense pode ser vista em: OLIVEIRA, 2012.

paranaense, procurei fazer no presente capítulo aquilo que Benjamin (2016) denominou de “escovar a história a contrapelo”, ou seja, efetivar uma leitura a contrapelo do cenário e da escrita da cidade de Curitiba, foco da presente dissertação. Para tal, foi necessário buscar as origens do discurso atual, que com novas colorações e técnicas publicitárias ajudaram e ajudam a perpetuar uma tradição nascida no discurso paranista e que alimenta no presente o mito da cidade de classe média, europeia e de primeiro mundo. Da mesma forma, precisou-se buscar os novos sujeitos e atores sociais que contestam essa imagem oficial tributária da história e da memória dos vencedores.

Para alcançar tal propósito, o capítulo foi pensado e dividido em três partes.

No primeiro momento se fez uma abordagem concernente ao movimento regionalista paranaense, isto é, tratou-se do paranismo. Esse movimento teve como um de seus expoentes Romário Martins, chamado por Szvarça (2004) de “o forjador”. A análise do paranismo remete-nos à assertiva de Benjamin (2016) quando diz que o objeto de empatia do historiador de orientação historicista é o vencedor, haja vista ser esse o caso do historiador Romário Martins, ele próprio membro da elite política local. Ainda de acordo com Benjamin (2016, p. 12), essa “empatia que tem por objeto o vencedor serve sempre aqueles que, em cada momento, detêm o poder”. Destaco tal citação porque ela ajuda a entender a retomada das ideias paranistas quando da escrita da cidade na década de 1950, ou mais recentemente, nas gestões Lerner (1971-74 / 1979-83 / 1989-92) e Greca (1993-96).

No segundo momento pretendi compreender os questionamentos resultantes dessa escrita da cidade. Questionamentos que se deram em torno dos mitos da cidade de classe média e da cidade europeia, uma vez que produziram pelo menos dois processos de exclusão social na capital paranaense, um de classe e outro de etnicidade. É importante que se diga que essas exclusões não são absolutamente distintas, pois há na maioria das vezes imbricações entre elas, como vimos no capítulo anterior. Muitos daqueles que sofreram com o processo de gentrificação e com a especulação imobiliária, quando da urbanização dos espaços da cidade, são os que não se veem hoje representados nas políticas patrimoniais consubstanciadas nos memoriais, praças, bosques e parques. Para esses excluídos e invisibilizados da

imagem da cidade, a memória coletiva que se forjou não passa de uma retórica holista, nos dizeres de Candau (2011), em franca decadência³. Daí o seu questionamento.

Por último, fiz uma breve análise referente à história do movimento negro, às políticas afirmativas e ao trabalho do Neab/UFPR. O objetivo aqui foi entender o contexto, bem como os atores sociais, ou, nos dizeres de Hall (2018), “o povo da diáspora negra” envolvido nos questionamentos quanto à escrita da cidade. Lembrando que esses questionamentos propiciariam, entre outras coisas, um processo de ativação patrimonial do qual resultaria a Linha Preta, marco constitutivo da presença da história e da cultura negra em Curitiba e vetor de memória.

Nesse momento, a análise da ativação patrimonial na Linha Preta é introdutória, visto que esse assunto será mais bem explorado no terceiro capítulo da dissertação, quando novamente, num misto de *voyeur* e caminhante, percorro o itinerário da Linha Preta, assim como já fiz com a Linha Turismo, para em seguida traçar algumas considerações finais quanto a esse processo de ativação patrimonial.

2.1 O PARANISMO E A INVISIBILIDADE NEGRA NO PARANÁ

2.1.1 A trajetória paranista e a construção do homem paranaense

Os arquitetos e urbanistas Gonçalves *et al.* (1991) em sua obra *O que é urbanismo* apontam Curitiba como exemplo de cidade cujo planejamento congrega relações funcional, sensitiva e imaginativa. A relação funcional, segundo os autores, foi trabalhada na capital paranaense por meio da criação de sistemas estruturais que permitiram o extravasamento do crescimento da cidade. Criou-se a relação sensitiva, por sua vez, com os calçadões na área central da urbe, que geraram relações mais humanas e participativas na capital paranaense. Por fim, a relação imaginativa foi estimulada pelo “tratamento visual supercontemporâneo aliado ao resgate de aspectos tradicionais, como o paranismo [...], implantados nas regiões de fluxo diário da maioria dos curitibanos” (GONÇALVES *et al.*, 1991, p. 56).

³ Com base na antropologia cognitiva Candau (2011) distingue três tipos de memória: a de baixo nível, ou protomemória, a memória propriamente dita, ou de alto nível, e a metamemória. Para o autor, a protomemória e a memória de alto nível dependem da faculdade da memória. Já a metamemória é uma representação relativa a essa faculdade. Ainda segundo o autor, a expressão “memória coletiva” é uma representação, um enunciado que membros do grupo vão produzir a respeito de uma suposta memória comum a todos os membros desse grupo. Tal memória nesse contexto tende a ser uma retórica holista.

A fim de dar continuidade à discussão do primeiro capítulo, atendo-me agora a essa relação imaginativa, especialmente ao chamado “resgate de aspectos tradicionais”, citado pelos arquitetos e urbanistas mencionados, isto é, ao paranismo, lembrando, como diz Delgado (2017, p. 123):

La misión de esta señalización sería la de institucionalizar ciertos aspectos del pasado urbano y procurar la conversión de lugares identificables en lugares identificadores. Todo ello recoge y quiere activar el papel de una supuesta memoria común en la génesis y en la evolución de los tejidos urbanos, aferrados a ciertas concreciones del paisaje de la ciudad⁴.

O paranismo nasceu como uma corrente artística nas primeiras décadas do século XX e passou a ganhar contornos de um movimento regionalista e identitário, principalmente com Romário Martins, o “expoente paranista”. Entretanto, para compreender a trajetória desse movimento, é necessário retroceder ao fim do século XIX.

Segundo Pereira (1996), com a derrocada da monarquia, em 1889, os anos subsequentes assistiriam no Brasil, com a nascente república, à implementação do federalismo. Seu caráter, eminentemente descentralizador, possibilitaria a emergência de inúmeros regionalismos, como o bandeirantismo, o gauchismo, a mineiridade e o paranismo, por exemplo. Este último surgiria no seio do debate político, num momento em que o Paraná ainda buscava uma identidade que o consolidasse enquanto estado, uma vez que sua emancipação política fora tardia. Até 1853 o Paraná foi a quinta comarca da Província de São Paulo⁵.

Nessa conjuntura da nascente república, ou seja, nesse período de transição do século XIX para o século XX, o Paraná ainda era visto como um caminho de ligação entre São Paulo e Rio Grande do Sul, herança do tropeirismo. Sua economia, de pouca importância no cenário nacional, baseava-se no extrativismo da madeira e principalmente da erva-mate. Seus limites eram inconclusos, visto que o Paraná estava em litígio territorial com o estado de Santa Catarina⁶. Seu território, um vazio

⁴ “A missão dessa sinalização seria institucionalizar certos aspectos do passado urbano e buscar a conversão de lugares identificáveis em lugares identificadores. Tudo isso reflete e quer ativar o papel de uma suposta memória comum na gênese e evolução dos tecidos urbanos, agarrados a certas concreções da paisagem da cidade” (DELGADO, 2017, p. 123, tradução livre).

⁵ Entre 1853 e 1889, período de vigência da Província do Paraná, o imperador nomeou 29 presidentes de província, dos quais apenas três eram paranaenses (João José Pedrosa, Joaquim de Almeida Faria Sobrinho e Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá).

⁶ Momento em que ocorreria a Guerra do Contestado, de 1912 a 1916.

demográfico, encontrava-se apenas 1/3 ocupado. Já no que tange aos processos de imigração, o estado apresentava-se como espécie de “colcha de retalhos”, ou como um “laboratório étnico” a ser desvelado.

Intelectuais como o historiador Romário Martins e os artistas João Turin, Lange de Morretes, Zaco Paraná e João Ghelfi teriam importante papel na construção e definição da identidade do homem paranaense, responsáveis por um movimento que recebeu o nome de paranismo.

Todavia, qual é a singularidade desse nome? Esse termo, segundo o historiador Romário Martins, teria sido utilizado pela primeira vez em 1906 pelo poeta Domingos Nascimento, após ter retornado de uma viagem ao norte do estado. Lá, as pessoas chamavam-no de *paranista*, uma alusão ao termo *paulista*, isto é, aquele que é natural do estado de São Paulo. O movimento regionalista do Paraná passaria então a usar esse termo, pois, diferentemente de paranaense, ele poderia aglutinar não só as pessoas que nasceram no estado, mas todos que adotaram essa terra como sua, a exemplo dos imigrantes que aqui chegaram, como ilustra a Figura 58.

Figura 58 – Hall de entrada do Hotel Tibagi, de Curitiba. No detalhe⁷, pinha estilizada e casal de imigrantes



Fonte: disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Hotel_Review-g303441-d307033-Reviews-Hotel_Tibagi-Curitiba_State_of_Parana.html>. Acesso em: 10 jan. 2018

⁷ Detalhe na parede com os seguintes dizeres: “Homenagem, vindos de terras distantes, trouxeram uma bagagem de esperança e sua visão de futuro. Ao casal Max e Hindea Epelzwaje, idealizadores e fundadores desse estabelecimento. Inaugurado, em 29 de dezembro de 1973, por reconhecimento de seus familiares, pela dedicação e pelo trabalho de toda uma vida. Curitiba, julho de 1997”.

Aliás, seria em torno desses imigrantes que se forjaria tal identidade, pois o imigrante de origem europeia representava o modelo de civilização e de desenvolvimento almejado pelos intelectuais da época.

Em síntese, o termo *paranista* passou então a ser adotado pelos intelectuais do movimento, que viam nele uma possibilidade simbólica de aglutinar todas as culturas presentes no Paraná, fato que não seria possível com a utilização do termo *paranaense* (PEREIRA, 1996; SZVARÇA, 2004). O paranismo “buscou inventar um patrimônio cultural comum para o Estado multifacetado etnicamente” (KERSTEN, 1998, p. 115).

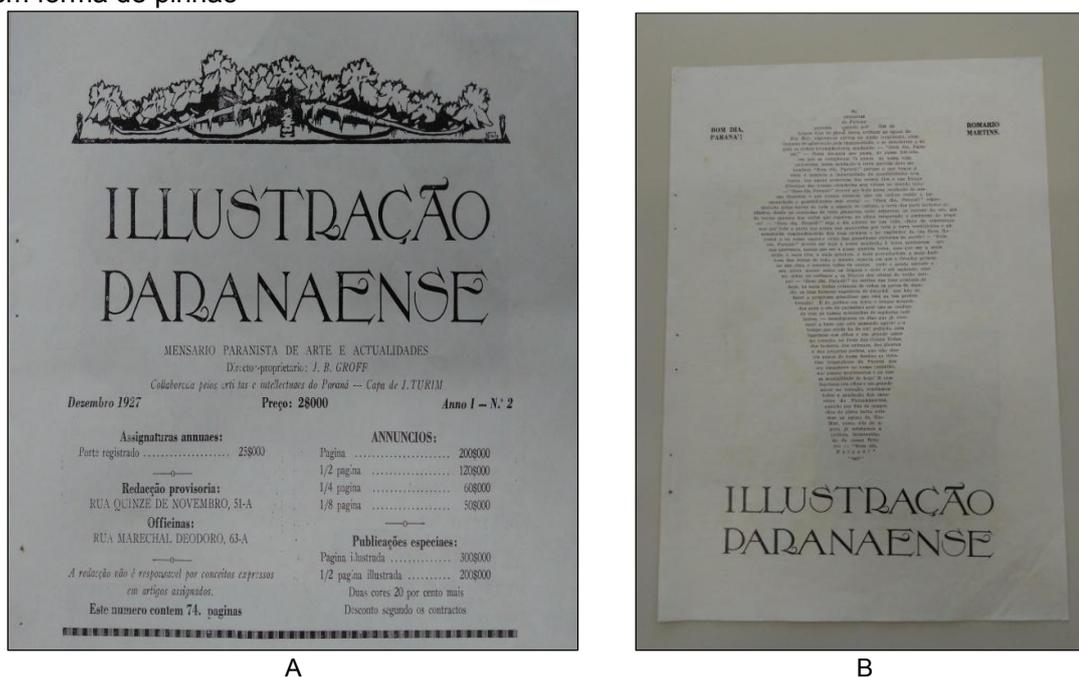
Mas quais elementos estavam presentes na construção desse movimento regionalista na primeira república? Como ele obteve êxito? Quais foram suas marcas e consequências? São algumas perguntas a serem respondidas com esta investigação.

Para responder a essas questões, vou percorrer o caminho traçado pelos autores paranistas, utilizando para isso os estudos de dois historiadores paranaenses, Luís Fernando Lopes Pereira (1996) e Décio Szvarça (2004), além de algumas fontes primárias, a exemplo do mensário paranista de artes e atualidades, isto é, da revista *Ilustração Paranaense* (1927-1930)⁸, dirigida por J. B. Groff (Figura 59), e em menor medida do filme *Pelo Paraná Maior* (1927)⁹, este último já demonstrando a incorporação do discurso paranista no Estado.

⁸ A revista *Ilustração Paranaense* pode ser encontrada no setor de periódicos da Biblioteca Pública do Paraná, bem como na Biblioteca Nacional. A revista contou com colaboradores como Romário Martins, João Turin, Langue de Morretes, Zaco Paraná, Dario Vellozo, Theodoro De Bona, Ermelino de Leão, Alfredo Andersen, entre outros. Ricamente ilustrada com fotografias, desenhos originais, reproduções de pinturas e esculturas, articulava textos e imagens, trazendo crônicas, reportagens, lendas e poemas, muitos dos quais com conteúdo de visível exaltação e ufanismo a cerca do Paraná. Além de elementos visuais e textuais, pode ser encontrado na revista inúmeras propagandas de produtos e serviços oferecidos aos seus leitores.

⁹ Produzido em uma agência carioca, *Pelo Paraná Maior* primou pela divulgação do estado do Paraná, sua capital, suas riquezas, sua gente. Preto e branco, mudo e com intertítulos, o filme mostra a modernização pela qual a capital paranaense vinha passando, as riquezas do estado, a preocupação com a saúde e a educação de sua gente. A educação, como é o caso do abrigo de menores, voltada para o mundo do trabalho, visava tirar as crianças dos vícios e desregramentos da rua e assim prepará-las para uma sociedade que se pretendia ordeira, disciplinada e laboriosa. O filme traz ainda imagens de colônias imigrantes, bem como sua integração às terras paranaenses.

Figura 59 – Revista *Ilustração Paranaense*. (A) Contracapa em forma de pinheiro; (B) texto em forma de pinhão



Fonte: ILLUSTRACÃO PARANAENSE, 1927-1930

Seguindo a trilha deixada por esses autores, é possível notar que o paranismo, enquanto movimento de construção de uma identidade regional, ocorreu no contexto de efervescência das ideias do positivismo, do anticlericalismo e do federalismo da nascente república, acrescidas no caso do Paraná das ideias associadas ao movimento simbolista¹⁰, que teria como um de seus expoentes no estado o poeta e escritor Dario Vellozo. “Daí a questão simbólica ser o ponto central, para os paranistas, que não à toa, tinham uma forte ligação com o Movimento Simbolista cujas raízes eram fortemente fincadas no Paraná que foi um dos precursores do simbolismo no país” (PEREIRA, 1996, p. 164). Essa efervescência de ideias foi acompanhada de um surto econômico no estado, que coadunaria no imaginário da época como resultado dos novos ares oriundos dos ventos republicanos.

Assim, juntamente com a urbanização da cidade (que presenciava o advento da iluminação e do sistema de tração elétrica nos bondes, um número crescente de automóveis, o uso da fotografia, do cinematógrafo e do fonógrafo, bem como as novas

¹⁰ Os simbolistas paranaenses caracterizavam-se por sua postura anticlerical e positivista. Seu movimento agregava intelectuais e políticos que influenciaram a produção literária, artística e a própria visão de patrimônio e bem cultural. O Paraná foi um dos principais centros de difusão do simbolismo no Brasil, com destaque para Dario Vellozo (1869-1937), Emiliano Perneta (1866-1921) e Nestor Vítor (1868-1932). Nos demais estados da federação o simbolismo foi menos influente, mas apresenta assim mesmo alguns destaques como Cruz e Souza, Augusto dos Anjos e Alphonsus de Guimarães.

técnicas de registro sonoro, impressão e reprodução de textos nas tipografias) (ver Figuras 60 e 61), surgiram entidades e instituições como o IHGPR (1900), o Instituto Neo-Pitagórico (1909), a Universidade do Paraná (1912), o Centro Paranista (1927) e o Círculo de Estudos Bandeirantes (1929) (ver Figura 62). Avanços de uma nova era que parecia ligados a uma nova forma de governo que tinha como lema a ordem e o progresso.

Figura 60 – Propagandas veiculadas na revista *Ilustração Paranaense*



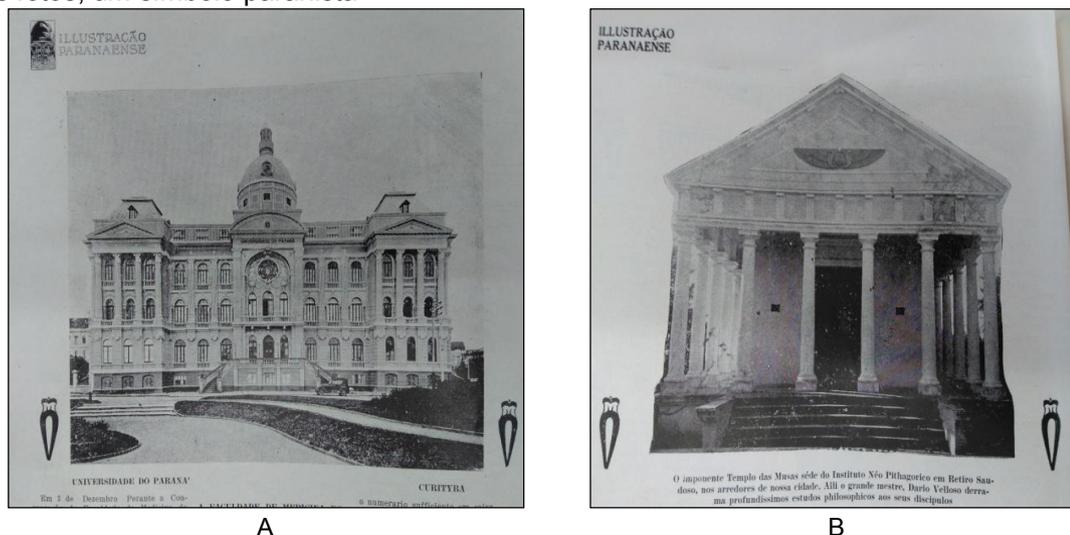
Fonte: ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE, 1927-1930

Figura 61 – Foto veiculada na revista *Ilustração Paranaense*



Fonte: ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE, 1927-1930

Figura 62 – Fotos veiculadas na revista *Ilustração Paranaense*. (A) Universidade do Paraná; (B) Templo das Musas do Instituto Neo-Pitagórico. No detalhe, a presença de pinhões junto às fotos, um símbolo paranista



Fonte: ILLUSTRACÃO PARANAENSE, 1927-1930

A partir daqui é possível perceber a base cultural e o aparato simbólico com os quais trabalharia o chamado movimento paranista, “identidade esta impregnada por estes valores científicos e de fé em um novo sistema político que acaba orientando a sociedade para o futuro, um futuro mítico e perfeito” (PEREIRA, 1996, p. 62).

Foi nessa Curitiba que se desenvolveu, na primeira república, o movimento paranista. Os paranistas trabalhavam na construção de um passado mítico fortemente ligado ao presente, com a finalidade de construir uma comunidade de sentido para a população. Ao mesmo tempo, lançariam as bases para a construção de uma sociedade futura ao semear as ideias que viriam a compor esse devir ufanista, de uma sociedade forjada no trabalho e nos valores civilizatórios pautados na ordem, no progresso e na modernidade¹¹.

Para tal propósito, alguns elementos estariam presentes nesse discurso regionalista, como a criação de mitos de origem, heróis, festas cívicas, símbolos que envolvem a história, a arte e a literatura num projeto marcado por aquilo que o historiador inglês Eric Hobsbawm chamaria de invenção das tradições. Por “tradição inventada”, segundo o autor,

¹¹ Tais ideias foram incorporadas à política do *city marketing* quando da construção das imagens-síntese da cidade nas gestões Lerner e Greca, como visto no capítulo 1.

entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 2002, p. 9).

Para Pereira (1996, p. 133-134),

esta fabricação de heróis e a construção de um passado de glórias para o Paraná e a ligação deste com o presente serão a tônica da elaboração do discurso histórico paranista, onde tal passado justificará as atuações presentes e, particularmente, as pretensões paranistas de construção de um Estado com base no progresso, na ordem, na civilização. [...] Cabe a ele, habitante das terras do Paraná dar continuidade ao grande projeto de construção de um estado pujante, rumo a um futuro promissor.

Não é sem razão que Szvarça (2004), ao estudar a produção do principal expoente paranista, Romário Martins, o denominaria de “o forjador”. O pesquisador divide em sua obra os símbolos criados ou destacados pelo autor paranista em três categorias, que passam pelos mitos da terra, do homem e da cidade.

Entre esses mitos, é possível destacar as lendas do pinheiro, da erva-mate e da própria fundação da cidade de Curitiba, que se somam a uma visão idílica do território e do clima da capital paranaense que remete às observações do viajante francês Auguste de Saint-Hilaire. Tais mitos seriam responsáveis ainda por fundir de forma harmônica homem e natureza, passado e presente, ressaltando as qualidades do homem paranaense, descendente dos antigos bandeirantes e das populações indígenas da região. Atributos em franco processo de amálgama às qualidades civilizatórias dos imigrantes europeus.

Tributário do romantismo indianista do século XIX, Romário reconhece no índio qualidades morais e físicas superiores que estariam presentes na formação do paranaense, onde se destacam exatamente os guaranis que teriam uma aptidão maior que os outros para a evolução, para sair do estágio primitivo em que se encontram, o que já é demonstrado no mito da erva mate, onde há um destaque para o interesse dos mesmos em se converterem a fé cristã (PEREIRA, 1996, p. 150).

Diferentemente do indígena, figura presente nos mitos de origem e na composição étnica do povo paranaense – embora visto como o bom selvagem, aos moldes do romantismo do século XIX –, é possível perceber nesse discurso a ausência negra na composição do homem paranaense. Segundo Romário Martins em sua *História do Paraná*, tida por muitos como a obra que lança as bases para uma história regional paranaense, a explicação para tal fato se daria em virtude de seu pequeno número em comparação a outras etnias formadoras da história e da cultura paranaense. De acordo com Martins (1995, p. 158), “a população negra e mestiça de negro, nunca foi numerosa no Paraná. [...] O máximo total a que os escravos negro e mulato atingiram entre os paranaenses foi, em 1872, de 10.560 numa população branca de 116.162 almas”. Szvarça (2004), por exemplo, ao analisar as obras de Romário Martins, afirma que, para o autor,

a contribuição do negro é pequena, portanto, dos tipos formadores da população fundamental do Brasil, aqui ganham realce os caracteres do branco ibérico e do índio, bem como o mestiço destas greis, o mameluco. A partir do século XIX vieram plasmar-se a esses o sangue de novas etnias (SZVARÇA, 2004, p. 56).

Ainda segundo Romário Martins (1995, p. 157),

são tais os efeitos do cruzamento de mestiços de negro observados no Brasil, que se pode prever, ainda para este século, o desaparecimento total dos seus restantes índices etiópicos na fisionomia da parte da população nacional que lhe é correspondente.

Se o autor acreditava em tal ideia para o Brasil, é de se supor que no Paraná ela também se aplicasse, talvez como mais intensidade, pois, como afirma, no Paraná “a população negra e mestiça de negro, nunca foi numerosa” (MARTINS, 1995, p. 158).

Observamos aqui uma aproximação da fala de nosso autor paranista com uma ideia corrente entre alguns intelectuais brasileiros do período da escravidão e do pós-abolição no país, como é o caso de Oliveira Vianna (1883-1951)¹², Nina Rodrigues

¹² Jurista, historiador e sociólogo, foi o autor de obras como *Pequenos estudos de psicologia social*, *Evolução do povo brasileiro*, *Raça e assimilação*, entre outras.

(1862-1906)¹³, Sílvio Romero (1851-1914)¹⁴ e Euclides da Cunha (1866-1909)¹⁵, por exemplo. Ideias pautadas na eugenia e na ideologia do branqueamento ou embranquecimento¹⁶.

Seria na cidade que esse discurso regionalista se consolidaria nos corações e nas mentes da população e ganharia contornos de uma memória coletiva. Além dos mitos de origem, símbolos foram criados por esses intelectuais, a exemplo da erva-mate e do pinheiro, o corpo e o sangue do homem paranaense. Aqui, mito de origem e símbolo entrecruzam-se numa das lendas do pinheiro proferida pela Miss Paraná Didi Caillet, na revista *Ilustração Paranaense*:

Havia num paiz longe, para lá da terra dos sonhos [...] o mais lindo príncipe do mundo. Era alto e esbelto como o seu mais guapo guerreiro [...] esse formoso príncipe amava. [...] Poderes miraculosos tinha o rei daquele reino azul, e movido pelos conselheiros sagazes [...] resolveu converter numa pobre arvore dos campos a nynpha do bosque de faias – A loucura escureceu o cérebro do mancebo, ao procurar em vão, na planície sem fim, a sua amada [...]. A piedade do rei mago socorreu-o: mas como não podia fazer com que a faia dos campos voltasse a ser mulher, converteu em arvore também o príncipe delirante. Numa arvore alta como uma torre, que parece querer enfiar no ceo de turqueza os braços tremulos, que o desespero fustiga: e ainda com a coroa real equilibrada muito lá em cima, sobre uns hombros desfeitos que as tempestades chicoteiam [...]. Essa arvore foi o pinheiro! (ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE, 1929).

Visto ora como o homem paranaense, ora como uma figura real e ativa, o pinheiro era, nos dizeres de Berilo Neves, outro a escrever para a revista *Ilustração Paranaense*, “um symbolo de elegância moral e de pureza ethnica” (ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE, 1928).

Tais símbolos são fartamente exaltados nas produções paranistas, como na arquitetura, nas artes plásticas e nos textos da revista *Ilustração Paranaense*. Além desses símbolos estilizados que se espalhariam pela cidade e que estão presentes ainda hoje em Curitiba (ver Figura 63), há participação dos paranistas na própria construção dos símbolos oficiais, como na bandeira e no brasão do estado.

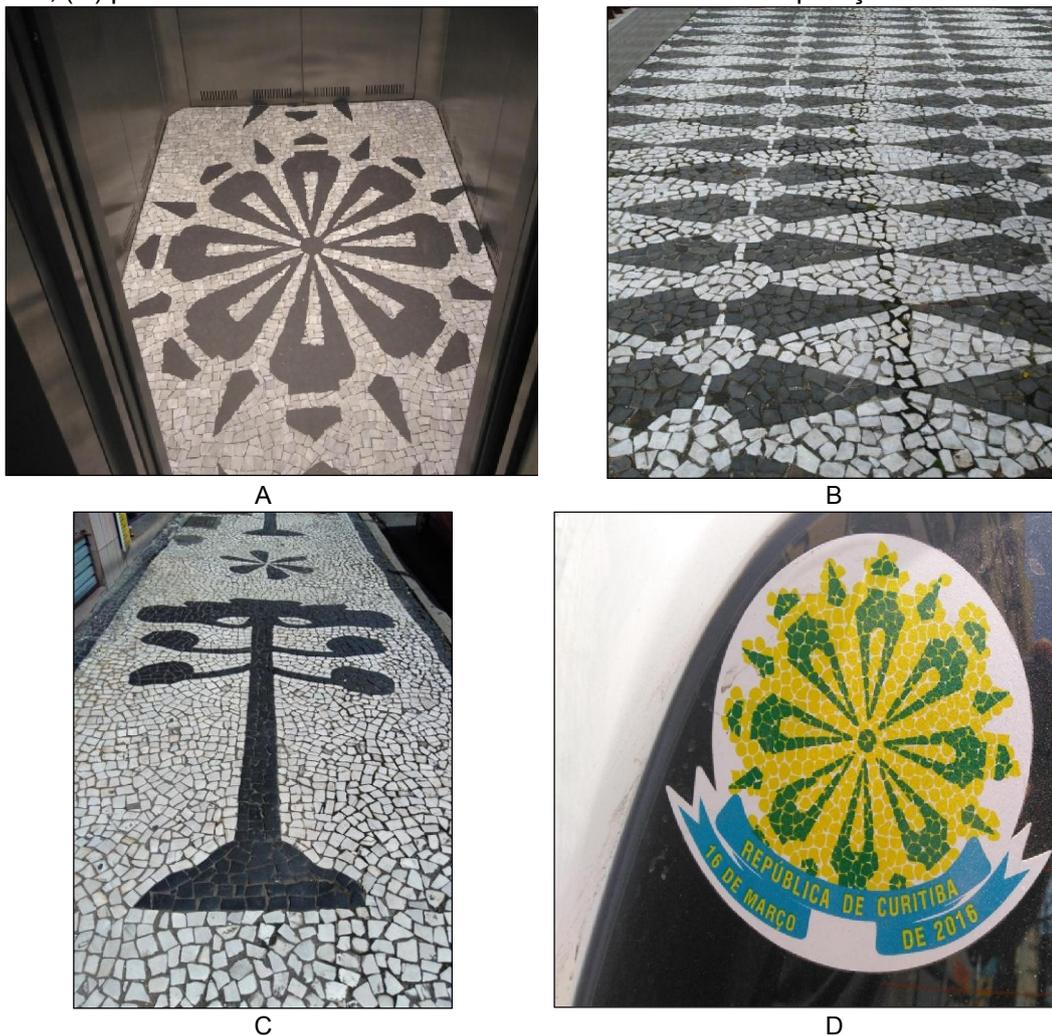
¹³ Médico, psiquiatra, antropólogo e etnólogo brasileiro, foi autor de obras como *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, *O animismo fetichista dos negros baianos*, *Os africanos no Brasil*, *As coletividades anormais*, entre outras.

¹⁴ Advogado, jornalista, historiador e sociólogo.

¹⁵ Escritor e jornalista, autor, entre outras, da obra *Os sertões*.

¹⁶ Interessante artigo sobre o assunto envolvendo os autores citados foi publicado no jornal *Folha de S.Paulo*. Ver: SODRÉ, 1995.

Figura 63 – (A) Pinha estilizada, no elevador do *shopping center* Mueller, de Curitiba; (B) pinhões estilizados, na calçada de *petit-pavé* em Curitiba; (C) pinheiro, na calçada de *petit-pavé*; (D) pinha estilizada no adesivo de carro com referência à Operação Lava Jato



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 16 set. 2017

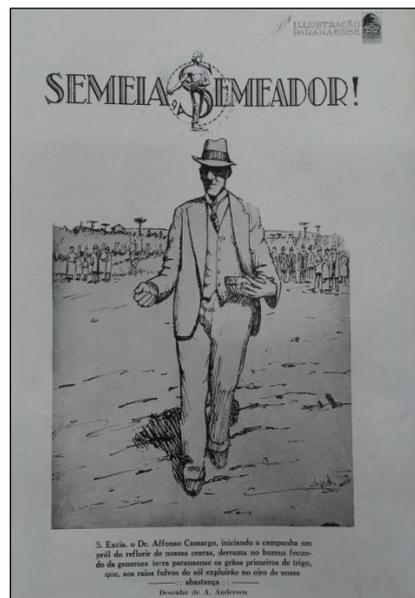
Outro símbolo que chama a atenção é a obra *O Semeador*, presente da colônia polonesa ao estado do Paraná em comemoração ao centenário da independência do Brasil. A obra, de Zaco Paraná, faz coro a uma ideia que já vinha sendo defendida por Romário Martins, isto é, a cruzada do trigo. Havia para Martins a necessidade de substituir a economia paranaense, pautada no extrativismo da madeira e da erva-mate, pela agricultura, especialmente a do trigo, alimento nobre e civilizador.

O semeador substituiria assim, enquanto símbolo estadual, o ceifador, símbolo ligado à atividade extrativista. O semeador passaria a representar não apenas aquele que lança as sementes, mas também as ideias que transformariam o estado e a gente do Paraná (Figura 64).

Figura 64 – (A) *O Semeador*, obra de Zaco Paraná; (B) desenho de A. Andersen¹⁷ veiculado na revista *Ilustração Paranaense*



A



B

Fonte: (A) acervo do autor. Fotografia de 17 jan. 2018; (B) ILLUSTRACÃO PARANAENSE, 1927-1930

A obra *O Semeador* encontra-se na Praça Eufrásio Correia¹⁸, nome dado em 1888 ao logradouro público em homenagem ao político abolicionista, no entanto tal fato histórico passa despercebido ou invisibilizado. Não há nenhuma menção no local, placa, estatutária ou monumento, que remeta à presença negra ou à abolição no estado. O que são ressaltadas são as referências europeias do e no espaço. Essas referências dão-se, como já foi dito, por meio da obra *O Semeador*, que foi um presente da colônia polonesa dado em 1922, e de um pedestal com uma placa em bronze, uma homenagem de 1987 dos vereadores de Curitiba às famílias polonesas radicadas na cidade. Essas referências estão até nas políticas de revitalização da praça, como na ocorrência em 1993, na gestão Greca. No contexto da comemoração dos 300 anos de Curitiba houve a ênfase na colocação de lampadários modelo centenário do Paraná na praça e no restauro de sua fonte francesa.

Em relação às festas cívicas, além da comemoração do centenário da independência do Brasil, em 1922, há que se fazer destaque à Exposição Industrial

¹⁷ Abaixo da imagem, seguem os dizeres: “S. Excia. o Dr. Affonso Camargo, iniciando a campanha em prol do refflorir de nossas cearas, derrama no húmus fecundo da generosa terra paranaense os grãos primeiros de trigo, que, aos raios fulvos do sol expluirão no oiro de nossa abastança”.

¹⁸ Primitivo Campo do Schmidlin, depois Largo da Estação e Praça Eufrásio Correia (a partir de 1888), o local foi endereço do poder legislativo do estado do Paraná. Desde 1963, foi sede da Câmara Municipal de Curitiba, sendo tombado em 1986 com inscrição no livro-tombo arqueológico, etnográfico e histórico.

Comemorativa do Cinquentenário do Paraná, em 1903, e ao cortejo fúnebre do coronel João Gualberto, em 1912, morto na Guerra do Contestado e tornado herói em Curitiba, apesar de existirem dúvidas sobre sua liderança no fatídico combate. O Contestado foi um conflito caro aos paranistas que defendiam a integridade das fronteiras paranaenses, a exemplo dos estudos de Romário Martins. João Gualberto, destarte, é hoje nome de uma das principais artérias urbanas da cidade, a canaleta da via expressa. Nessas festividades os símbolos paranistas se renovaram na estatutária da cidade, nos recitais, nos discursos, no cotidiano da população, constituindo a memória oficial da capital paranaense.

Ao enfatizar o imigrante branco como portador do modelo civilizatório, como modelo de homem paranaense, tais intelectuais acabaram por invisibilizar outras etnias quando da escrita da cidade, a exemplo do que ocorreu com a história e a cultura negra no Paraná. Tal discurso regionalista seria retomado em outros dois momentos, segundo os arquitetos Gonçalves Júnior *et al.* (1987), que os denominariam, tomando como referência seu campo de trabalho, de neoparanismo¹⁹ e pós-paranismo. Essa retomada do discurso significa aqui reforçar e consolidar tais práticas e representações. Sublinha a passagem de uma memória comunicativa para uma memória cultural, que ganha estatuto de memória oficial.

Os autores em questão não se preocupam em historicizar nem em explorar devidamente esses dois momentos de retomada das ideias paranistas. Também não é esse o objetivo deste trabalho, muito embora não posso me furtar de uma análise, mesmo que superficial, do contexto histórico aqui apresentado.

O primeiro momento dessa retomada foi a década de 1950, especialmente no contexto das comemorações do centenário da emancipação política do Paraná. Esse período foi marcado pela migração ítalo e teuto-gaúcha no oeste e sudoeste do estado, bem como pela colonização do Norte Novo e Novíssimo do Paraná²⁰, onde hoje se localizam as duas maiores cidades do estado depois da capital, Londrina e

¹⁹ Kersten (1998) denomina esse período da retomada das ideias paranistas de *paranidade*, momento em que o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto com o apoio de um grupo de intelectuais recriou esse discurso com base numa concepção determinista e evolutiva da ideia de nação aliada à visão católica e patriótica capitaneada, entre outras, pelo Círculo de Estudos Bandeirantes. Tal visão demandou políticas públicas nas áreas da educação e cultura do Paraná do centenário.

²⁰ Historiadores como Wachowicz (2002) dividem a colonização do norte do estado em Norte Velho ou Pioneiro, Norte Novo e Novíssimo. A primeira região foi ocupada ainda no século XIX e concentra cidades como Assaí, Cornélio Procópio, Ibaiti, Jacarezinho, Wenceslau Braz, entre outras. A segunda concentra cidades como Apucarana, Londrina e Maringá. E a última, cidades como Cianorte, Paranavaí e Umuarama, por exemplo.

Maringá. Segundo o governador do centenário, Bento Munhoz da Rocha Neto, os ítalos e teuto-gaúchos tendiam a

manter as características que o Paraná começou a adquirir no século XIX com a imigração européia, principalmente pelo aspecto somático. Com êles continua o Paraná a ser a mancha loira do Brasil [...]. Nacionais de ascendência italiana e alemã, de duas ou três gerações de Brasil, originários do Rio Grande e Santa Catarina, já integrados em características regionais, trazem uma contribuição de primeira ordem. São migrantes qualificados sob o aspecto da educação e da economia. Não aventuram nem são trabalhadores assalariados. São sempre proprietários de suas glebas, assim continuam e só assim compreendem seu deslocamento para o Paraná (ROCHA NETO, 1969, p. 20-22).

A colonização do norte do estado, por sua vez, deu-se em decorrência do grande fluxo de migrantes de outros estados da federação para a região, a exemplo de São Paulo e Minas Gerais. Migrantes que se deslocavam em busca das riquezas provenientes do ouro verde, isto é, do café.

A Figura 65 traz uma propaganda cujo título é “Cidades surgem na selva da noite para o dia!”, bem representando esse fluxo migratório e a colonização da região.

Figura 65 – Propaganda dos pneus Goodyear retratando a colonização do norte do Paraná



Fonte: O CRUZEIRO, 1953

No primeiro plano da imagem pode ser vista a derrubada da mata de araucárias. Nos planos subsequentes, estão o preparo da terra para o plantio do café e o nascimento das cidades. O texto, que também é muito ilustrativo, retrata o surgimento de novas cidades na região, o aumento populacional no estado (que teria dobrado em um decênio) e a economia (cuja renda teria crescido 4.520% nos últimos 16 anos). Fatores atribuídos à nova fronteira agrícola, oriunda da ocupação do território e do plantio do café. Em síntese, na propaganda, o Paraná é visto e retratado como o novo El Dorado brasileiro²¹.

Assim, era imperativo fazer com que esse “estrangeiro” se sentisse parte constitutiva do estado, como ocorreu com o imigrante na virada do século XIX para o XX, à época do discurso paranista. Do ponto de vista econômico, por exemplo, as riquezas do norte do estado deveriam ser escoadas pelo porto de Paranaguá, e não pelo porto de Santos. Daí a necessidade de identificação desse grupo de migrantes com a nova terra e não com seu local de origem, São Paulo.

Outras semelhanças entre a década de 1950 e o contexto do surgimento das ideias paranistas na primeira república são o enfraquecimento da política centralizadora do Estado Nação²² e a questão da ameaça que pairava sobre os limites territoriais do Paraná²³.

²¹ Sobre a colonização do norte do estado do Paraná, diz a propaganda: “Uma Nação em Marcha...”

Paraná, o novo El Dorado brasileiro, é bem o símbolo desta época trepidante de uma Nação em marcha... Aí, onde ontem era a selva virgem, surgem, da noite para o dia, cidades ricas e movimentadas. Arapongas, Londrina, Maringá, Apucarana, Mandaguari... erguem-se hoje onde há vinte anos ouvia-se ecoar o búzio dos selvagens. E, por todo o Norte do Estado – ontem jângal intransitável – desenrolam-se os cafezais, que dentro de poucos anos estarão produzindo 12 milhões de sacas. A renda do Estado cresceu 4.520% aos últimos 16 anos; a população dobrou, num decênio; e Paranaguá, seu escoadouro marítimo, transformou-se num rival de Santos na exportação de café. Na conquista desta nova fronteira econômica do Brasil ao lado do Homem, esse eterno herói da História coube ao caminhão um papel predominante. Rasgando caminhos onde não havia estradas, carregando homens, mercadorias, alimentos, riquezas, o caminhão foi o grande dinamizador deste rush espetacular. A Cia Goodyear do Brasil sente-se orgulhosa por sua participação nesta obra gigantesca, suprimindo com pneus brasileiros os caminhões e tratores dos pioneiros que criaram essa pujante lavoura” (O CRUZEIRO, 1953, p. 47).

²² Se o paranismo surgiu com a derrocada da monarquia, o neoparanismo encontrou espaço com o fim do Estado Novo.

²³ No contexto do paranismo, a ameaça territorial deu-se em virtude da Guerra do Contestado. Na década de 1950, a ameaça ligava-se à lembrança recente da perda de parte das regiões oeste e sudoeste do estado do Paraná, quando da criação do estado do Iguçu, em 1943, território federal extinto em 1946.

Apesar da referência a esse período, não é objetivo do presente trabalho explorá-lo a fundo. Cabe aqui apenas a menção de que foi no contexto do centenário da emancipação política do Paraná, em 1953, que se reavivaram algumas tradições regionalistas elencadas pelos primeiros paranistas. Assim, concordo com Machado (2018), especialmente quando ao analisar aspectos concernentes às comemorações do centenário da cidade de Joinville (SC), diz:

Apesar de seu caráter efêmero, as comemorações acabam deixando marcas duráveis, tais como monumentos, livros, fotografias, dentre outros vestígios tangíveis e visíveis, é possível notar a persistência de sua força no ordenamento narrativo de memórias socialmente compartilhadas, ainda que essa força seja constantemente desafiada por memórias destoantes ou adversas (MACHADO, 2018, p. 56).

As festas cívicas²⁴, os cortejos, os discursos ufanistas pautados nas ideias de ordem, progresso e modernidade (palavras bastante em voga nos periódicos e discursos da época) marcaram esse período²⁵. Não por acaso, foi no ano de 1953 que se criaram o Teatro Guaíra, a Biblioteca Pública do Paraná, o Centro Cívico e a Praça 19 de Dezembro (Figuras 66 e 67), em Curitiba.

Tais festividades e eventos ocorreram tanto nos logradouros públicos, a exemplo de ruas e praças da capital, como em ambientes restritos de clubes e sociedades curitibanas, como pode ser observado na revista *Ilustração Brasileira*²⁶ (1953).

²⁴ O cinejornal *Comemoração do 1.º Centenário do Paraná*, de 1953, produção de Rilton Filmes e Renato Milito (cineasta jornalista), traz relatos e imagens dessa festividade, que contou com a presença, entre outras, do presidente da república Getúlio Vargas. Numa das passagens do filme, pode-se ver um desfile cívico das forças públicas acrescido de um desfile das etnias. Esta última, composta de representantes das colônias de imigrantes europeus radicados no Paraná, com sua cultura e suas roupas típicas a desfilar pelas ruas de Curitiba, sobre os olhares da população local e das autoridades presentes.

²⁵ Os festejos do centenário da emancipação política do Paraná foram programados pela Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná, instituída mediante Lei nº 1.039, de 10 de novembro de 1952. Embora tenham ocorrido durante todo o ano de 1953, a concentração maior das festividades se deu entre as datas de 29 de agosto e 19 de dezembro. A primeira remete a data em que a lei de emancipação é sancionada pelo Imperador D. Pedro II, no ano de 1853. A segunda data é marcada pela chegada a Curitiba, de Zacarias Góes de Vasconcelos, o primeiro presidente da nova província, no ano de 1853.

²⁶ A revista *Ilustração Brasileira* é importante fonte para a compreensão dos festejos do centenário da emancipação política do Paraná. Com textos e fotos, seu número 244, de dezembro de 1953, traz um relato minucioso das comemorações realizadas na capital paranaense.

Figura 66 – Praça 19 de Dezembro. Da esquerda à direita: estátua de *O Homem Nu*, obelisco e painel em alto-relevo (escultura em granito representando os ciclos econômicos do estado dos artistas Erbo Stenzel e Humberto Cozzo)



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 15 jan. 2018

Figura 67 – Praça 19 de Dezembro. Painel em azulejo, do artista Poty Lazzarotto. A obra retrata a história política do estado, da ocupação do território à fundação da Província do Paraná, em 1853



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 15 jan. 2018

Com a cooperação do Serviço de Turismo do Estado do Paraná, o ano do centenário ficou marcado ainda pela divulgação das belezas e potencialidades do estado. Exemplo disso é o cinejornal *Além do Pão de Açúcar*, de 1953, produção de Hermes Gonçalves. Além disso, é desse ano a legislação patrimonial estadual, consubstanciada com a Lei n.º 1.211, que dispõe sobre o patrimônio histórico, artístico e natural do Paraná²⁷.

Como dito anteriormente, o ex-governador Bento Munhoz da Rocha Neto referia-se ao Paraná desse contexto como a “mancha loira do Brasil”. Em relação à população negra, afirma:

Sem lavouras coloniais de produto tropical de exportação, a contribuição do negro foi diminuta na formação étnica do paranaense. O escravo africano, aqui, como na Nova Inglaterra, foi destinado aos trabalhos domésticos nas cidades. E aqui, também aos trabalhos domésticos e aos misteres das fazendas de criar, em que a mão-de-obra, por sua própria natureza, era de demanda escassa (ROCHA NETO, 1969, p. 20).

O segundo momento da retomada das ideias paranistas alude, como visto no capítulo anterior, às décadas de 1970, 80 e 90, quando da construção de espaços de memórias na capital paranaense, como bosques, praças, portais, entre outros, que se tornaram vetores de memória de uma cidade que passou a se intitular “europeia” e de “primeiro mundo”. Como afirma Assmann (2016, p. 119), as “coisas não ‘têm’ uma memória própria, mas podem nos lembrar, podem desencadear nossa memória, porque carregam as memórias de que as investimos”.

Tais coisas ou marcos referenciais de um passado desejado e reproduzido pela elite local, como o Bosque Alemão e o Bosque Português, o Memorial Polonês e o Memorial Ucrainiano, o Portal Italiano, as praças da Ucrânia e da Espanha, entre outros, ganham o mundo por meio da publicidade, da política do *city marketing* e encantam turistas de diversas regiões, que vislumbram tais monumentos do alto das jardineiras da Linha Turismo.

Esse período também foi marcado por uma grande comemoração, os 300 anos de Curitiba. Com o título “Festa de polaco”, o suplemento publicitário da *Veja Paraná*

²⁷ Quanto às questões patrimoniais no estado do Paraná, vale menção à citação do Conselho Superior de Defesa do Patrimônio Cultural Paranaense (Lei n.º 38/35), o primeiro da América Latina, segundo Kersten (1998). Atuando de maio de 1936 a novembro de 1937, promoveu 15 reuniões, sendo as primeiras presididas por Romário Martins, que após a quinta reunião renunciou à presidência. Tal conselho seria obliterado e deixaria de existir com o advento do Estado Novo.

traz informações sobre a programação efetuada em 1991 pela “Comissão do Terceiro Centenário”, presidida pelo deputado e futuro prefeito Rafael Greca de Macedo:

Todo dia 29 de cada mês, até março de 1993, será dia de festa * Estão prometidos eventos culturais, inaugurações de obras, comemoração de fatos históricos * Sempre nos dias 29 uma idéia se transformará em realidade * [...]. No asfalto da cidade continuarão a ser pintadas as faixas de pedestres com frisas de pinhões estilizados, resgatando a tradução do indígena da palavra Curitiba: muito pinhão * Já em abril uma linha vermelha com ‘as pegadas da memória’ será pintada em toda a área central para servir como um roteiro a ser percorrido à pé pelas ruas e prédios mais significativos da cidade * A instalação da linha será acompanhada da edição de um guia de bolso * Haverá também a edição do livro “Curitiba – Capital Ecológica”, de vários autores, com versões em português e inglês * [...] Finalmente, a inauguração de um Teatro Municipal de Curitiba [...] * Na fachada do teatro haverá a réplica de uma obra do escultor paranista João Turin * Além desta programação, a cidade verá surgir na consciência de seus habitantes a oportunidade de reavivar a memória da fundação de Curitiba, trazendo à tona suas tradições, valores e sua própria história (VEJA PARANÁ, 1991).

Interessante ressaltar ainda, no contexto das festividades, a proposição do desfile cívico e étnico, tido como um encontro dos povos de Curitiba, a exposição do joinvilense Juarez Machado, com suas pinturas, que trouxeram exemplos da arquitetura da cidade, dos monumentos históricos e dos primeiros imigrantes, além de *shows* de artistas nacionais e estrangeiros, como os ocorridos na Pedreira Paulo Leminski e na Ópera de Arame, entre outros.

Por tudo o que foi exposto, a pergunta que fica aqui é: e a população negra? Compôs aquilo que viria a ser, no presente, o “homem paranaense”? Ajudou a construir esse estado, fosse durante a vigência do regime escravocrata no Brasil, fosse no pós-abolição? Se sim, quais espaços lhes foram destinados? Como essa população vem sendo representada na capital paranaense?

2.1.2 Tensionamentos e princípios de desconstrução do discurso paranista

Não é fácil identificar o paranismo, o neoparanismo e o pós-paranismo, três momentos resultantes da experiência e continuidade das ideias paranistas, principalmente quando seus símbolos, enquanto marcos referenciais, se transformam em vetores da memória oficial e passam a compor a memória coletiva da sociedade. Os cenários e as tradições construídas e retomadas em cada época acabam por abolir

as marcas do tempo, dando a impressão de que “sempre foi assim”. Fixam uma ideia de imagem da cidade museificada, petrificada, de uma cidade de cartão-postal. Como diz Robin (2016, p. 31), “o passado não é livre. Nenhuma sociedade o deixa à mercê da própria sorte”.

No caso de Curitiba, a arte e a arquitetura, o urbanismo e o paisagismo corroboram para a escrita da cidade ao responder por uma narrativa veiculada a determinadas estratégias políticas e culturais. Nas últimas décadas, essa escrita evidencia-se na política do *city marketing* e na construção de logotipos e marcas, como a cidade-modelo, a capital ecológica, a cidade de primeiro mundo. A Linha Turismo, como já visto no capítulo anterior, é a coroação dessa política.

No entanto, as ações dos governos locais deixam marcas e lacunas. Se por um lado criam um sentimento de pertencimento aos mais favorecidos, por outro criam desilusões àqueles que não se veem parte integrante desse modelo de cidade. Assim, concordo com a afirmação dos autores Jeudy e Jacques (2006) quando dizem que “a cidade é um conjunto de cenários oferecidos aos corpos que nela se movem” e, especialmente, quando complementam: “Quem diz corpo, quem diz cenário, diz também desacordo” (JEUDY; JACQUES, 2006, p. 7).

É desse desacordo que falarei em seguida, mas antes cabe fazer menção a outra observação de Benjamin, a de que “a história é objeto de uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogêneo, mas por um tempo preenchido pelo Agora” (BENJAMIN, 2016, p. 18), percepção que se contrapõe à visão historicista de uma imagem eterna do passado, imagem esta rememorada na capital paranaense, por meio das ideias paranistas, como um *continuum*. Diferentemente do discurso historicista que se faz valer de um acúmulo de fatos que visa preencher o tempo vazio e homogêneo, os objetivos aqui são identificar o objeto histórico como uma mônada e buscar sair desse fluxo homogêneo da história.

Os sociólogos Moraes e Souza (1999), ao analisar o processo de construção da imagem de Curitiba como capital europeia, apontam para o processo de invisibilização do qual foi vítima a população negra do estado, especialmente da capital paranaense. Para os autores, essa invisibilização constituiu-se em três vertentes interdependentes: da concepção e configuração arquitetônica da cidade, do

discurso da *intelligentsia* e suas atualizações e, por fim, da consecução do projeto político governamental. Moraes e Souza (1999) apontam ainda três autores, em diferentes épocas, que ajudaram, cada um à sua maneira, a consolidar essa imagem do Paraná como um “Brasil diferente”. São eles: Romário Martins, Wilson Martins e Ruy Wachowicz.

Contraopondo-se a tais ideias, Moraes e Souza (1999) buscam fundamentação na obra de Octavio Ianni *As metamorfoses do escravo*, livro publicado em 1962 como parte de uma pesquisa maior coordenada por Florestan Fernandes que objetivava analisar a integração do negro na sociedade de classes, apontando assim a presença negra em Curitiba.

Os autores, ao assinalar o processo de invisibilização do negro no Paraná, colocam a figura negra na ótica da ideologia do branqueamento e como um “projeto de construção de uma ‘região’ que pudesse servir de modelo e matriz para o restante da nação, mais evoluída porque livre dos dramas da escravidão, leia-se *africanização*, e da mestiçagem” (MORAES; SOUZA, 1999, p. 12, grifo do original). Segundo eles,

como não acreditar em monumentos que impõem-se com toda sua concretude, que constituem cartões postais e embelezam a cidade? Como duvidar de histórias contadas e recontadas em populares coleções de livros? [...] A cidade continua sem espaço para a população negra, esquecida sua memória e sua presença negada. Assim sendo, e essa é só uma das consequências, fica o poder público impossibilitado de pensar políticas de inserção desta população [...]. Esta é a principal violência cometida contra este grupo e certamente a produtora e legitimadora de muitas outras (MORAES; SOUZA, 1999, p. 13-14).

Souza, à época bacharel em Ciências Sociais, integrante do grupo coordenado por Moraes, isto é, do Grupo de Estudos da Violência (GEV), da UFPR, retomou essa temática em sua dissertação em 2003²⁸, ao mesmo tempo em que se constituiu em uma das lideranças do movimento negro da capital paranaense.

Ainda sobre o artigo citado cabe mencionar algumas referências à gestão Greca, marcada pelo frescor da comemoração dos 300 anos de Curitiba e pela consecução da Linha Turismo na capital.

Como visto no primeiro capítulo desta dissertação, Rafael Greca foi o herdeiro político de Jaime Lerner, do chamado lernismo, e responsável pela continuidade da

²⁸ Sobre a dissertação, ver: SOUZA, 2003.

política urbana e cultural da capital paranaense. Por meio da estratégia do *city marketing*, criou imagens-síntese, agregando as marcas cidade-modelo e capital ecológica às marcas cidade de primeiro mundo e capital de todas as gentes. Assim, sua gestão reforçou a escrita ao redor de alguns mitos, entre eles o da cidade de classe média e o da cidade europeia, isso em grande parte pautando-se na continuidade das ideias paranistas, relação imaginativa, segundo Gonçalves *et al.* (1991), que compõe uma narrativa em torno do cenário da cidade.

No ano de 2016, quando foi candidato à prefeitura de Curitiba, Rafael Greca escreveu um interessante artigo no *Blog do Esmael: a política como ela é em tempo real*. O título do artigo do ex-prefeito e então candidato denomina-se: “Os negros de Curitiba”. Apesar da pouca ou quase nenhuma contribuição da sua gestão (1993-96) para a visibilização do negro em Curitiba, Greca parece querer capitalizar dividendos políticos no seu artigo, em um momento em que o debate acerca da presença negra no estado estava em alta, ora pelas ações dos movimentos sociais, ora pela execução das políticas afirmativas e reparatórias que vinham sendo transformadas em políticas públicas no estado.

Fosse pelo seu desejo de continuar capitalizando dividendos políticos, fosse pela crescente demanda dos movimentos sociais, ou por ambas as razões²⁹, ações em prol da valorização da presença negra em Curitiba seriam efetivadas anos depois em sua segunda gestão. Exemplo disso é a exposição *Presença Negra em Curitiba*³⁰ (Figura 68).

²⁹ A prática conciliatória de interesses não é nova enquanto estratégia de sobrevivência da população negra no Brasil, é sim uma forma de resistência. Ela ocorre desde a colônia, como pode ser visto na obra de João José Reis e Eduardo Silva, *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*, de 2005.

³⁰ No primeiro semestre de 2018, portanto, na segunda gestão Greca, foi exposto na Casa Romário Martins o trabalho denominado de *Presença Negra em Curitiba*. A exposição foi realizada pela Diretoria de Patrimônio da FCC e contou com a participação, segundo o *site* da instituição, do Museu Paranaense, da Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Curitiba, da Sociedade Treze de Maio, do Centro Cultural Humaitá e do Departamento de História da UFPR, na figura de uma de suas professoras envolvidas no projeto. A Casa Romário Martins é uma construção do século XVIII, tida como o último exemplar da arquitetura colonial portuguesa na cidade, tombada e tornada um espaço cultural desde 1973, na gestão Lerner. O local leva o nome do expoente paranista Romário Martins. Seria o local escolha simbólica de uma Curitiba que quer agregar a todos, no atual contexto das políticas públicas?

Figura 68 – Banners da exposição *Presença Negra em Curitiba*, de 2018



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 29 mar. 2018

Retornando à análise de seu artigo, “Os negros de Curitiba”, escrito às vésperas da eleição, é possível observar que Greca (MACEDO, 2016b) procura falar da contribuição dos negros à cultura e à formação da cidade. Afirma que tal contribuição seria relatada no seu livro *Luz dos Pinhais, História e Estórias de Curitiba*, que seria publicado ainda naquele ano pela editora Solar do Rosário. Após dizer que Curitiba e o Paraná já tiveram no século XVIII um terço de sua população composta de “negros e mulatos”, o autor faz referência aos primórdios da cidade, à sua força de trabalho e menciona a primeira imagem que se conhece de Curitiba, uma aquarela de Debret³¹ de 1827 (Figura 69).

³¹ O francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) integrou a missão artística francesa que chegou no Brasil no final do período colonial (a pedido de D. João VI) e permaneceu no país durante o primeiro reinado, fase inicial da Monarquia. Instalado no Rio de Janeiro foi professor na Academia Real de Belas Artes. Fez inúmeras viagens pelo país retratando tipos humanos, costumes e paisagens. De volta a França publicou *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1834-1839)*. Na aquarela em questão, antigo registro visual de Curitiba, é possível ver do Alto do São Francisco (local onde está localizada hoje a praça João Cândido) a seguinte imagem: ao fundo a Serra do Mar, no centro o casario do início do século XIX e em primeiro plano, no canto esquerdo, um trabalhador negro exercendo o ofício de pedreiro ou mestre de obra.

Figura 69 – Aquarela de Jean-Baptiste Debret, 1827. Registro visual de Curitiba



Fonte: CURITIBA por Debret, 2018

Nela é retratado um homem negro trabalhador. Diz Greca (MACEDO, 2016b):

Naquela aquarela preciosa, da coleção Newton Carneiro – que comprei para o acervo da Prefeitura de Curitiba – para o acervo da Casa da Memória de Curitiba – que também fiz construir, podemos ver, em primeiro plano, um escravo pedreiro, com barrete frígio vermelho, lavrando pedras.

À parte o papel de “mecenas” que o autor se atribui ao comprar a obra, outros pontos do artigo chamam atenção. Greca (MACEDO, 2016b) faz alusão à mão de obra negra na realização do calçamento do Caminho do Itupava, na cidade de Quatro Barras, e em algumas calçadas existentes ainda hoje no centro de Curitiba. Quando da emancipação política do Paraná, ele afirma que ela coincide com a proibição do tráfico de escravos (Lei Eusébio de Queiroz, de 1850), advindo daí a necessidade da importação da mão de obra livre para fomentar a economia. Nenhuma menção aqui à Lei de Terras de 1850 ou à política de branqueamento em voga à época. Diz o autor: “Começa a se formar ‘O Brasil Diferente’, mas a contribuição dos negros ainda persistiria” (MACEDO, 2016b). Aqui a expressão “O Brasil Diferente” faz lembrar a obra homônima de Wilson Martins, autor já citado por Moraes e Souza (1999).

Dando continuidade, Greca (MACEDO, 2016b) traz no seu artigo o incidente diplomático entre Brasil e Inglaterra ocorrido em 1850 na baía de Paranaguá. O incidente do Cormorant, como foi chamado, era um fato comprobatório de que a

referida baía era porta de entrada de navios negreiros na região. Na sequência fala da presença negra no cotidiano da cidade, perceptível no século XIX nas páginas do primeiro jornal do Paraná, o *Dezenove de Dezembro*, posto a funcionar em 1954, um ano após a emancipação política da nova província. Diz o autor ser o jornal

repleto de anúncios propondo captura de “negros fujões” a recompensa. Refere também as proibições do chefe de polícia de batuques e zabumbas seja nos terreiros de Curitiba, seja nos dias de festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, seja em noites de Congadas (MACEDO, 2016b).

Na sequência, Greca (MACEDO, 2016b) fala da contribuição de personalidades negras à música local e acrescenta:

Inegável a alegria do povo afro na constituição da alma brasileira. Inclusive aqui em Curitiba. A história revela que, na segunda metade do século 19, o fidalgo – e mestre de música, Bento de Menezes, preparava as crianças da sua casa, filhos de seus escravos e seus sobrinhos para concertos de Natal. Pequenos inocentes, brancos, negros e pardos, então com a candura que não fazia caso das humilhações da condição servil, tampouco das prepotências da condição senhorial, cantavam de mãos dadas, diante do presépio, na grande sala profusamente iluminada. Ali brilhava a Luz dos Pinhais (MACEDO, 2016b).

Essa passagem de seu texto remete-nos ao tão criticado – especialmente pelos movimentos sociais – mito da democracia racial. Tal harmonia racial, mesmo que sob as bênçãos da Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, a padroeira de Curitiba, aliás, bem ao “estilo romariano”, contradiz a referência anterior dada pelo autor sobre as proibições do chefe de polícia quanto aos batuques e zabumbas nos terreiros, dias de festa e noites de congada.

A partir do século XIX, a própria história de sua família começou a se confundir com a saga do povo negro no Paraná:

A saga do povo negro de Curitiba passa pela bela história da Loja Maçônica “Luz Invisível”, pioneira na luta pela alforria de escravos. Nela, segundo o Museu Maçônico paranaense, somavam meu bisavô Comendador José Ribeiro de Macedo, o Barão do Serro Azul Ildelfonso Correia, o médico Abdon Petit Carneiro, os poetas Emiliano David Pernetta e Júlio Pernetta, os historiadores Sebastião Paraná e Agostinho Ermelino de Leão, Ciro Persiano Vellozo, o Padre Vicente Gaudinieri, Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, Joaquim Pereira de Macedo, entre outros irmãos de espírito humanitário e ideais

aboliconistas e republicanos. Este grupo financiava o resgate de escravos, em atividade transgressora na época. Sequestravam de seus donos os negros em risco. Colocavam-nos dentro de barricas de erva-mate, despachando-os, em segredo, dentro dos navios, a partir do armazém do Comendador Macedo, em Antonina, para Montevideu e Buenos Aires. Ali, outros aboliconistas maçons os recebiam, dando-lhes dinheiro, para começar vida nova. Muito deste dinheiro era do próprio então [...] Comendador Macedo e, de outros idealistas da loja Luz Invisível (MACEDO, 2016b).

Ao relatar tal história, o autor omite as diferentes formas de resistência do povo negro no estado, a exemplo da formação dos quilombos e, conseqüentemente, das inúmeras comunidades quilombolas deles advindas. Segundo o jornal *Tribuna do Paraná* (WRONISKI, 2008), já haviam sido identificadas naquele momento 86 comunidades tradicionais negras, das quais 36 eram reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares³². O trabalho de identificação das comunidades quilombolas no estado do Paraná teve início no ano de 2005 – quando da criação do Grupo de Trabalho Clóvis Moura (GTCM)³³ –, na então gestão do governador do estado Roberto Requião (ver Figura 70). Um bom número dessas comunidades quilombolas formou-se nas proximidades de Curitiba, na região metropolitana³⁴.

Assim sendo, o relato de Rafael Greca envolvendo seu bisavô é incompleto e prima apenas pelo viés paternalista da história de uma elite política e econômica que em algum momento também se beneficiou do regime escravocrata³⁵. É a própria história dos vencedores. Tal relato, de certa forma, corrobora para a “coisificação” dessa parcela da população, uma vez que dela subtrai a condição de sujeito e protagonista da própria história.

³² Tais dados, além de um histórico das ações do GTCM, podem ser encontrados também em: GRUPO DE TRABALHO CLÓVIS MOURA, 2010a. No referido *site*, em seu texto principal, há menção ao movimento paranista e sua ênfase à imigração europeia, sendo o estado apresentado como eminentemente europeu e europeizado, destarte a contribuição de outros povos que ao longo da história foram sendo invisibilizados.

³³ Criado pela Resolução Conjunta n.º 01/2005 dos secretários de estado da Educação, Assuntos Estratégicos, Comunicação Social, Cultura e Meio Ambiente, sendo posteriormente ampliado com a participação de outras secretarias.

³⁴ Muitas dessas comunidades situam-se no município de Adrianópolis, no Vale do Ribeira, mas há comunidades remanescentes de quilombo também em municípios como Bocaiúva do Sul, Campo Largo, Doutor Ulysses e Lapa, por exemplo.

³⁵ O autor omite também naquele contexto o investimento maçom na política econômica liberal.

Figura 70 – Mapa “População negra e comunidades quilombolas no estado do Paraná”, do Grupo de Trabalho Clóvis Moura



Fonte: GRUPO DE TRABALHO CLÓVIS MOURA, 2010b

Greca (MACEDO, 2016b) menciona ainda a presença dos irmãos Rebouças e a participação dos engenheiros na captação de água no centro da cidade (chafariz de ferro da Praça Zacarias), bem como sua participação quando da construção da ferrovia Curitiba–Paranaguá.

Adentrando no século XX, aborda a presença negra na fundação da Universidade do Paraná, na figura de um de seus idealizadores, o advogado negro doutor Pamphilo de Assumpção, e cita personalidades negras que faziam parte do círculo de amizade de seus pais. Entre eles, o próprio advogado Pamphilo; a pesquisadora e pintora Maria Nicolas; a primeira engenheira do Paraná, a doutora Enedina Marques; e o advogado Edgard Antunes, presidente da Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários, do Alto de São Francisco.

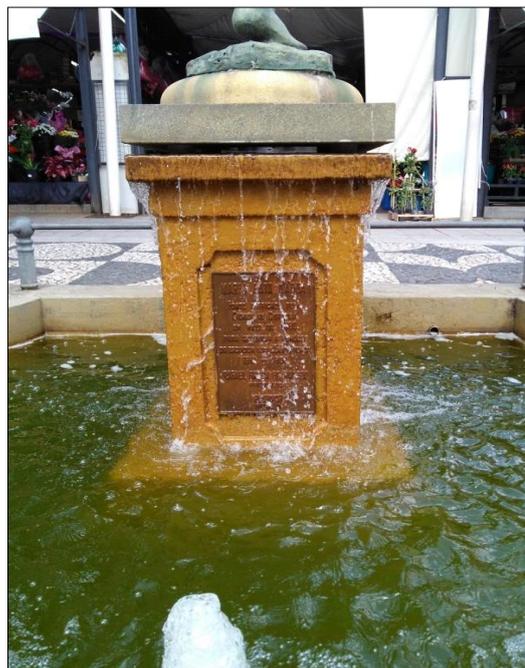
Finalmente, no limiar do século XXI, a história da família Macedo entrelaçou-se com a história do povo negro no estado, na própria figura do então candidato a prefeito, quando ele afirma:

Em 1995, preocupado em afirmar a presença afro em Curitiba, mandei fundir em bronze [...] uma réplica da “Água para o Morro”, colocando-a numa glorieta, nas Arcadas do Pelourinho, junto ao Mercado das Flores, atrás do Paço Municipal [ver Figura 71]. A escultura celebra um amor intenso entre o escultor curitibano Erbo Stenzel e uma mulata que era modelo na escola nacional de Belas Artes. [...] Virou referência afro. Até um cortejo anual sai da Igreja do Rosário em direção à fonte, nas comemorações de novembro, memória de Zumbi dos Palmares. Melhor assim, onde antes houve o lúgubre Pelourinho, agora temos uma alegre e romântica fonte, penhor de um amor multirracial eternizado (MACEDO, 2016b).

Figura 71 – Monumento *Água pro Morro*



A



B

Fonte: acervo do autor. Fotografias de 25 jan. 2018

Destarte novamente a atribuição de seu papel de “mecenas” na construção do monumento e o uso de termos como *mulata*³⁶, questionada pelos movimentos sociais negros, a presente escultura não foi construída para “afirmar a presença afro em Curitiba”, como diz Greca (MACEDO, 2016b). Embora represente uma mulher negra, ao ler a placa de bronze junto à estátua o observador pode constatar que ela foi construída em homenagem a Erbo Stenzel (1911-1980), autor entre outras obras de *O Homem Nu*, localizado na já referida Praça 19 de Dezembro. Da mesma forma, a afirmação “virou referência afro” também é fantasiosa, uma vez que a valoração de tal

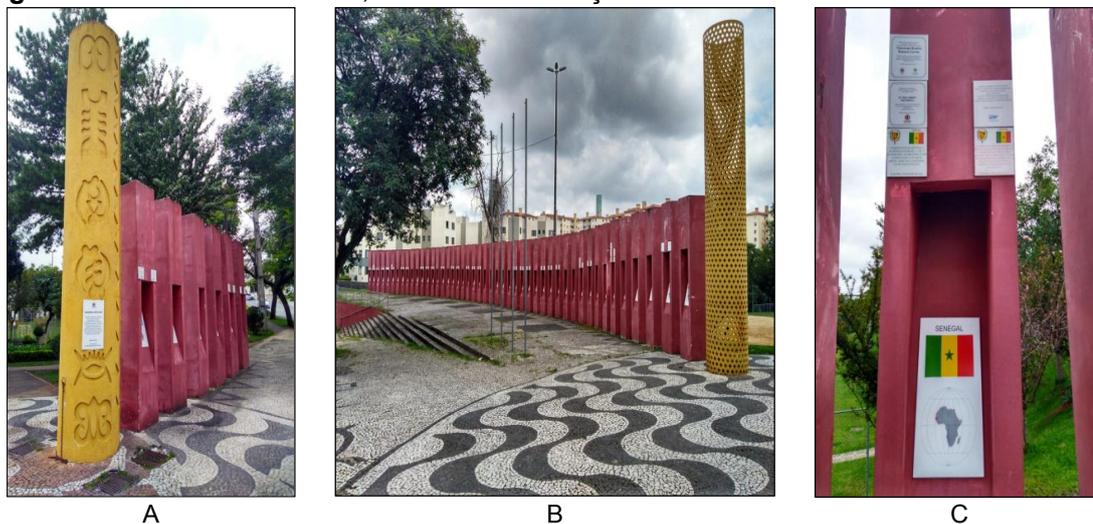
³⁶ Segundo o antropólogo DaMatta (1986), a palavra *mulato* vem de mulo, animal híbrido e incapaz de reproduzir-se, uma vez que é o resultado do cruzamento entre tipos genéticos diferenciados.

espaço, especialmente no mês de novembro, o mês da consciência negra, se deve muito mais ao poder simbólico das Arcadas do Pelourinho do que à estátua de Stenzel. As Arcadas do Pelourinho representam, como afirma os criadores da Linha Preta, as inúmeras formas de resistência desenvolvidas pelo povo negro perante o regime escravista.

Enquanto vetor de memória, monumento de fato representativo de inclusão de referenciais africanos e afro-brasileiros construído nos últimos anos em Curitiba é o Memorial Africano (ver Figura 72). Esse monumento tem envergadura comparável aos construídos para homenagear as demais etnias da capital paranaense, embora localizado distante do centro e dos principais bairros da cidade. O Memorial Africano foi construído na Praça Zumbi dos Palmares, no bairro do Pinheirinho. Segundo a página da *web* da FCC (2016b), o memorial é constituído do maior portal africano do mundo. Sua construção deu-se apenas em 2010, na gestão do prefeito Luciano Ducci.

Ainda que seja um importante espaço de referência da etnia negra, o memorial não faz parte do itinerário da Linha Turismo. Logo, é pouco conhecido pelos moradores da cidade e, menos ainda, pelos turistas, nacionais ou estrangeiros.

Figura 72 – Memorial Africano, localizado na Praça Zumbi dos Palmares



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 25 jan. 2018

Quanto à inclusão de referenciais africanos e afro-brasileiros, é ilustrativo o caso do tombamento do terreiro de candomblé Casa Branca, em Salvador (BA), no ano de 1984, em virtude de seu debate e tensionamento no campo patrimonial, debate acirrado relatado por um de seus participantes, membro do Conselho do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional Gilberto Velho. Como diz o autor, “até aquele período, o estatuto do tombamento vinha sendo aplicado, basicamente, a edificações religiosas, militares e civis da tradição luso-brasileira” (VELHO, 2006, p. 237). Embora houvesse naquele período a compreensão de patrimônio cultural herdeira do Decreto-Lei n.º 25/1937, com ênfase no patrimônio material, há que se registrar a dificuldade de aceitação no que tange ao reconhecimento de um bem cultural de matriz africana³⁷, o que nos leva a concordar com Oriá (2002) quando em suas reflexões sobre a memória e o ensino de história diz:

Elegemos, no decorrer da História, os bens culturais representativos dos seguimentos dominantes, sobretudo os ligados ao elemento de origem europeia, e relegamos ao esquecimento a contribuição de outros segmentos étnicos na formação da cultura brasileira (ORIÁ, 2002, p. 135).

No entanto, ares de mudanças passaram a soprar no cenário nacional, especialmente com a abertura democrática. Para Oliveira (2006, p. 7-8), jamais houve

avanços tão significativos nas políticas específicas para a população negra brasileira. Institucionalmente logramos a SEPPIR – Secretaria Especial de Promoção de Políticas da Igualdade Racial –, que tem *status* de Ministério. No Ministério da Educação tivemos pela primeira vez a [Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade] SECAD, uma secretaria que tem como objetivo promover a diversidade étnico-racial no âmbito da educação. A Fundação Cultural Palmares, ligada ao Ministério da Cultura, fortaleceu-se em suas atividades, sobretudo no que diz respeito aos quilombolas. O Ministério do Desenvolvimento Agrário criou políticas específicas para as comunidades negras rurais. O Ministério da Justiça manteve e ampliou suas políticas voltadas para os afrodescendentes. A UNESCO intensificou seu trabalho político humanitário junto às lideranças negras brasileiras. A política de cotas nas universidades trouxe para o debate público o racismo estrutural existente no Brasil [...]. As [organizações não governamentais] ONGs e os institutos envolvidos com a negritude cresceram abundantemente. O Movimento Negro fortaleceu-se e assumiu seu papel propositivo na construção da sociedade brasileira.

³⁷ Os primeiros bens patrimonializados pelas políticas do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), depois Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), foram chamados de “pedra e cal”. Eram bens materiais imóveis que remetiam à presença branca, portuguesa no país, com ênfase ao período colonial brasileiro. Os processos de tombamento desses bens apresentam basicamente, segundo Fonseca (s.d., p. 59), “informações de caráter formal, estilístico e arquitetônico”, confirmando “o tipo de leitura feita pelos técnicos do Iphan, predominantemente arquitetos”, naquele período.

As políticas públicas citadas por Oliveira (2006) tiveram amplo apoio do governo federal, especialmente nas gestões Lula e Dilma, ambas ligadas ao Partido dos Trabalhadores (PT). Exemplo disso foi a criação da Secretaria Especial de Promoção de Políticas da Igualdade Racial (Seppir), em 23 de maio de 2003, por meio da Lei n.º 10.678. Enquanto política de Estado, reconhecida e sistematizada em orçamento, a Seppir completou 15 anos de atuação em 2018, como pode ser visto no Quadro 3.

Quadro 3 – Principais ações da Secretaria Especial de Promoção de Políticas da Igualdade Racial (Seppir), de 2003 a 2018

Ano	Ações
2003	<ul style="list-style-type: none"> Lei n.º 10.678 – Criação da Seppir, em 23 de maio; Lei n.º 10.639/2003 – Inclusão da obrigatoriedade da temática e cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino; Decreto n.º 4.885/2003 – Institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR).
2004	<ul style="list-style-type: none"> Instituição do Programa Brasil Quilombola; Plano Plurianual 2004-2007 inclui como estratégia de desenvolvimento a redução das desigualdades raciais.
2005	<ul style="list-style-type: none"> 1.º Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Conapir); Ano Nacional de Promoção da Igualdade Racial.
2006	<ul style="list-style-type: none"> Conselho Nacional de Saúde aprova Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.
2009	<ul style="list-style-type: none"> 2.º Conapir. Decreto n.º 6.872/2009 – Aprova o Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Planapir); Instituição da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.
2010	<ul style="list-style-type: none"> Estatuto da Igualdade Racial (Lei n.º 12.288/2010); IBGE – população negra e parda é maioria (50,7%) no Brasil.
2011	<ul style="list-style-type: none"> Lançamento da Campanha Igualdade Racial é Pra Valer; Acontece em Salvador o Afro XXI – Encontro Ibero-americano do Ano Internacional dos Afrodescendentes; Empresas públicas aderem à Campanha Igualdade Racial é Pra Valer (Correios, Petrobras, Caixa Econômica Federal, Casa da Moeda).
2012	<ul style="list-style-type: none"> Plano Plurianual (PPA 2012-2015) inclui Programa 2034 “Enfrentamento ao Racismo e Promoção da Igualdade Racial”; Lei de Cotas (nº 12.711/2012) – Universaliza reserva de vagas para negros nas instituições de ensino superior federais e institutos técnicos federais; É lançado o Plano de Enfretamento à Violência contra a Juventude Negra – Juventude Viva; Ministério da Cultura e Seppir lançam editais para criadores e produtores culturais negros.
2013	<ul style="list-style-type: none"> Assinatura do Decreto n.º 8.136/2003, que regulamenta o Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Sinapir);

	<ul style="list-style-type: none"> • I Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana; • Plano Juventude Viva.
2014	<ul style="list-style-type: none"> • Assinatura da Portaria que aprova os procedimentos para adesão e as modalidades de gestão previstas no Sinapir; • Edital inédito para o curso de Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT); • Promulgada a Lei n.º 12.990/2014, que Reserva aos Negros 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração federal.
2015	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do “Selo Quilombos do Brasil”; • Assinado o Protocolo de Intenções na área de Combate ao Racismo e Promoção da Igualdade Racial com o Instituto Nacional Contra a Discriminação, a Xenofobia e o Racismo (Inadi), da Argentina; • Lançamento oficial da Década Internacional de Afrodescendentes.
2016	<ul style="list-style-type: none"> • Portaria que aprova o Regimento Interno do Fórum Intergovernamental de Promoção da Igualdade Racial (Fipir); • Criação do Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais; • Cartilha incentiva o combate ao racismo durante as Olimpíadas – Rio 2016.
2017	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do Grupo de Trabalho Interministerial de Políticas Públicas para a População Negra; • Publicação da Portaria n.º 344, do Ministério da Saúde, Quesito Cor no Sistema Único de Saúde; • Campanha Nacional “SUS Sem Racismo”; • IV Reunião de Ministros e Altas Autoridades sobre os Direitos dos Afrodescendentes do Mercosul (Rafro); • XXX Reunião de Altas Autoridades em Direitos Humanos e Chancelarias do Mercosul e Estados Associados (Raadh).
2018	<ul style="list-style-type: none"> • Publicação do edital de fomento para projetos de políticas públicas para população negra e comunidades tradicionais; • A Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 3.239 é derrotada, garantindo a constitucionalidade do Decreto n.º 4.887/2003; • Campanha Neste Carnaval Diga Não ao Racismo; • Campanha Diversidade Religiosa.

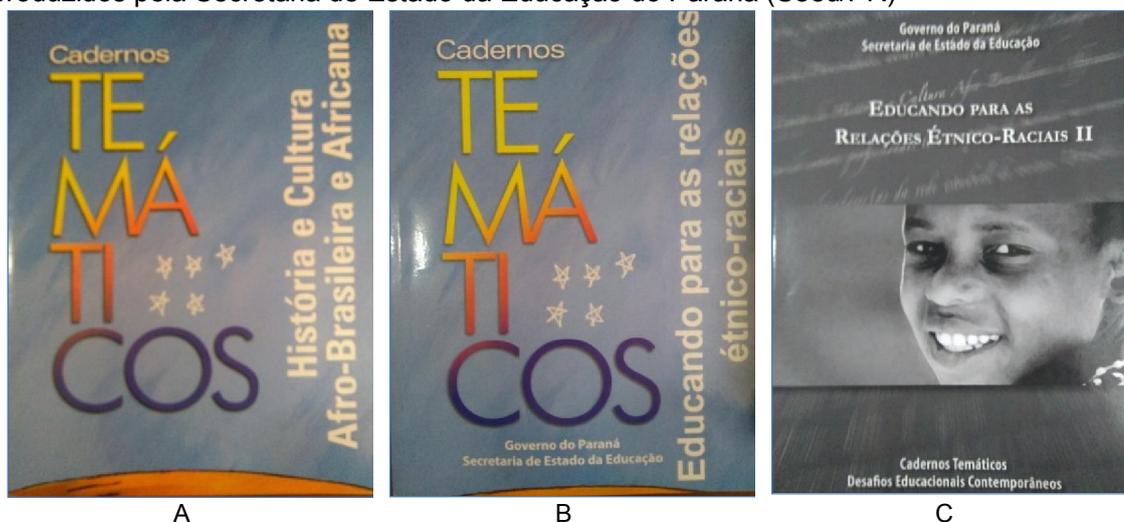
Fonte: BRASIL, 2018b

Reflexo dessa conjuntura, no cenário local, potencializaram-se os questionamentos em torno dos bens culturais representativos dos seguimentos dominantes. As denúncias quanto à invisibilidade negra ganharam força conforme avançavam as discussões e os debates no Paraná, principalmente em sua capital, Curitiba.

Na área da educação, por exemplo, houve grande avanço com a implementação da Lei Federal n.º 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade da temática da história e cultura afro-brasileira nos currículos, bem como com a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações

Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, em 2004. A partir daí foram produzidos materiais de apoio didático-pedagógico, a exemplo dos cadernos temáticos (PARANÁ, 2008), encaminhados a todas as escolas da rede pública estadual de ensino (ver Figura 73), e também ocorreram seminários e simpósios como modalidades de formação continuada aos professores e pedagogos do estado.

Figura 73 – Capas dos materiais de apoio didático-pedagógico Cadernos Temáticos, produzidos pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Seed/PR)



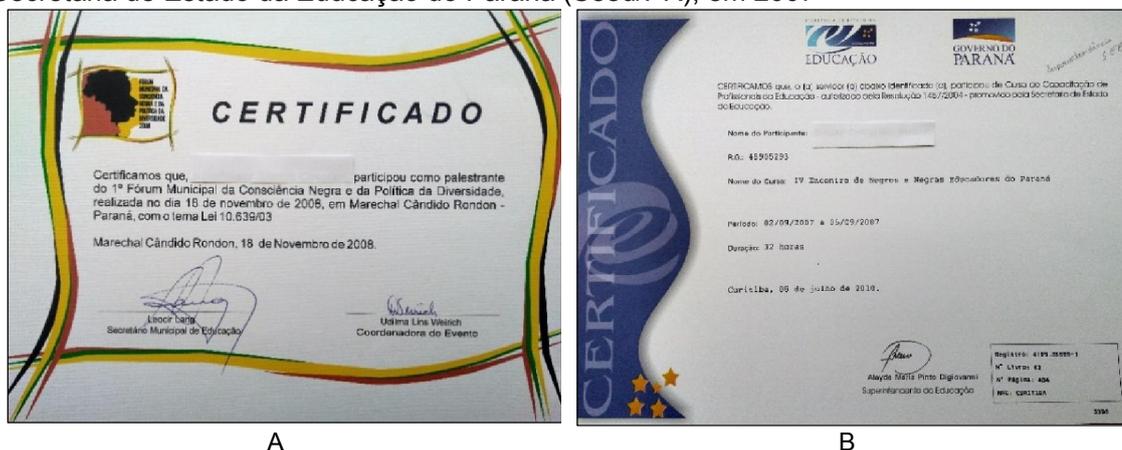
Fonte: acervo do autor. Fotografias de 23 jun. 2018

Ainda na área da educação, cabe mencionar os encontros anuais de educadoras/es negras e negros do Paraná (ver Figura 74), além de ações específicas quanto à educação quilombola, realizadas em parceria com a Secretaria da Cultura e com a Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos, por exemplo. Destaque aqui para o já mencionado GTCM. As ações citadas vão constituindo políticas públicas e consequentemente dando visibilidade à população afrodescendente do Paraná, bem como de sua capital, Curitiba.

Igualmente importante nesse processo são os Fóruns Permanentes de Educação e Diversidade Étnico-Racial, que passaram a ocorrer em diferentes localidades do estado (Figura 75), dando origem a fóruns municipais, a exemplo do I Fórum Municipal da Consciência Negra e da Política da Diversidade, ocorrido em 2008, em Marechal Cândido Rondon, cidade com predominância da descendência alemã (Figura 74A). Tais discussões atingem também o ensino superior no estado, a exemplo das políticas de cotas raciais e a oferta de disciplinas e cursos de extensão

universitária sobre a temática. Importante ressaltar nesse contexto a intensa participação do movimento social negro em todo esse processo.

Figura 74 – Certificados de eventos de formação continuada: (A) 1.º Fórum Municipal da Consciência Negra e da Política da Diversidade, promovido pela Prefeitura de Marechal Cândido Rondon, em 2008; (B) IV Encontro de Negros e Negras Educadores do Paraná, pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Seed/PR), em 2007



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 30 out. 2018

Figura 75 – Certificado de um exemplo de evento de formação continuada, o II Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial do Paraná, ocorrido em Curitiba, em 2006



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 30 out. 2018

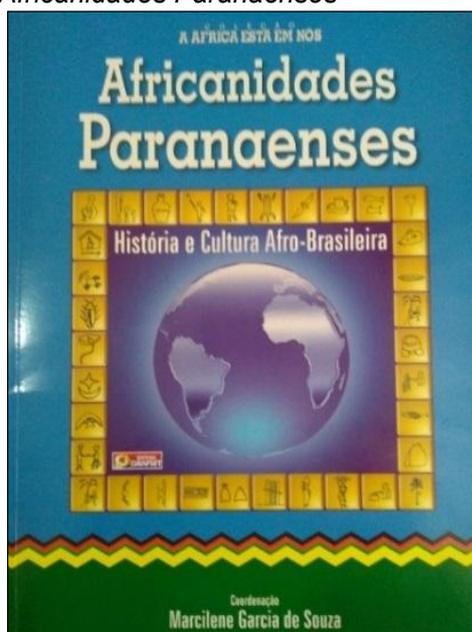
Embora tenho citado aqui algumas ações (muitas das quais eu presenciei enquanto trabalhava na Seed/PR, entre os anos de 2004 e 2010), sei que é difícil arrolar todos os debates e questionamentos em torno das políticas afirmativas e reparatórias que visam restituir a história e a memória afro-brasileira e africana na

capital e no estado. Primeiramente, por serem muitas e estarem ocorrendo em diferentes campos³⁸. Em segundo lugar, por estarem em andamento, em processo de desenvolvimento, demandando uma pesquisa específica, o que não é o objetivo desta dissertação.

O fato é que a cada dia, principalmente em decorrência da mobilização e participação da população negra em diferentes frentes de embate, as discussões em torno da temática ganham corpo, promovendo um deslocamento das grandes narrativas e hierarquias culturais e, por conseguinte, abrindo espaços de contestação.

Um exemplo disso é a produção didática *Africanidades Paranaenses*, escrita por ativistas negras do estado³⁹ (Figura 76). O livro foi dividido em quatro capítulos, denominados respectivamente de: “Contribuição da população negra”, “Escravidão e resistência”, “O negro na sociedade paranaense” e “Para saber mais”.

Figura 76 – Capa do livro *Africanidades Paranaenses*



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 23 jun. 2018

³⁸ No âmbito estadual cabe ainda menção, entre outras, à criação do Fórum Paranaense das Religiões de Matriz Africana, em 2009, bem como discussões que fomentam a criação de leis como a Lei Ordinária n.º 14.274/03, que reserva vagas para afrodescendentes em concursos públicos; a Lei n.º 14.166/03, que dispõe sobre o combate ao racismo no estado; a Lei n.º 15.674/07, que institui o Dia Estadual da Consciência Negra; a Lei n.º 16.060/09, que institui no calendário oficial do estado o Dia da Umbanda e do Umbandista, entre outras. Em Curitiba podem ser citadas a Lei Ordinária n.º 13.298/09, que institui no calendário do município o Dia de Combate à Intolerância Religiosa, por exemplo.

³⁹ Coordenado por Marcilene Garcia de Souza, conta com as participações de Débora Cristina de Araújo, Maria Evilma Alves Moreira e Neide dos Santos Rodrigues.

A obra propõe-se a demonstrar as características e os elementos socioculturais dos negros no Paraná; desconstruir ideias sobre a invisibilidade negra no estado e visibilizar contribuições da população negra em diversas áreas; revelar atividades exercidas e a contribuição dessa população para o crescimento socioeconômico do estado; fornecer informações sobre o processo de resistência negra antes e depois da abolição (a exemplo da organização das comunidades quilombolas no Paraná); destacar o papel da população negra na construção da sociedade paranaense e na proposição de políticas públicas; sugerir fontes de estudo sobre a temática, entre outros. Já em seu prefácio, traz os seguintes dizeres:

Povoa no imaginário do Paraná que a formação do Estado é fruto da imigração europeia.

[...].

Acontece, entretanto, que o Paraná não fugiu à regra do Brasil: suas ruas, igrejas, prédios, ferrovias; sua música, arte, beleza; sua história, cotidiano, política; em suma, seu trabalho e sua inteligência foram construídos também pela mão e pela *alma africana* no Brasil.

[...].

Se o Paraná tem se notabilizado por construir uma representação de “estado mais europeu”, cujas positivities repousariam sobre as origens europeias, este livro almeja mostrar que tal representação participa de um processo que contrapõe este imaginário e oferece perspectivas para inclusão e visibilidade da população negra (SOUZA, 2011, p. 3, grifo do original).

Interessantes também nesse processo de visibilidade da população negra a concepção e criação do Museu Afroparanaense (museu *online*), que traz notícias e histórias de personalidades negras; mitologias e contos africanos; monografias, artigos e teses; informações e vídeos sobre quilombos do Paraná; entre outras postagens, valorizando a história e cultura negra e colocando em pauta sua invisibilidade em território paranaense.

Tal questionamento é perceptível no conteúdo como um todo dessa ferramenta, que passa a constituir, enquanto museu, um lugar de memória, como diria o historiador francês Pierre Nora (1993).

Todavia, o que chama atenção aqui particularmente é uma problematização quanto ao paranismo, visível no leiaute do *site*. No centro superior da página virtual, vê-se uma releitura da obra de João Turin (Figura 77). Nesse leiaute o negro aparece de braços abertos para o futuro em harmonia com os pinheirais, assim como os imigrantes de outrora. Ele também é visto como “a medida de todas as coisas” (Figura

57B), o que leva o interlocutor atento a se perguntar: o negro seria colocado aqui igualmente como parte constitutiva da identidade do homem paranaense ou teríamos um embate identitário visando à desconstrução de um dos símbolos paranistas? Em outras palavras, a arte apresentada em destaque no leiaute da página romperia com o discurso do “homem paranaense”, ou apenas o ampliaria, incorporando a população afro-paranaense? Creio que essa questão demanda mais estudos.

Figura 77 – Site do Museu Afroparanaense. No detalhe, o leiaute da página virtual



Fonte: MUSEUAFROPARANAENSE, 2018

No caso das políticas urbanas, tais contestações abrem caminhos para uma polifonia de vozes que permite a superação de visões hegemônicas em torno do cenário da cidade, para além de uma história e memória dos vencedores, recuperadas de tempos em tempos no plano político, econômico e social sob os auspícios de uma tradição que reforça as funções imaginativas da urbe.

Apesar desse trabalho de desconstrução da escrita da cidade em torno do mito da Curitiba de classe média, da Curitiba cidade europeia – que se consolidou, fosse pela retomada das ideias paranistas, fosse pela política do *city marketing* desenvolvidas nos últimos anos (SÁNCHEZ, 2001; MOURA, 2007) –, ainda há dificuldades no processo de superação da invisibilidade negra na capital paranaense.

Exemplo disso pode ser observado na página do IMT de Curitiba. Como se não bastassem os referenciais negros estarem ausentes⁴⁰ do principal itinerário da cidade, isto é, da Linha Turismo, também estão ausentes da coleção Curta Curitiba (Figura 78), que é composta dos roteiros: Curta Curitiba a Pé, Aventura e Ecoturismo, A Curitiba de Leminski, Poty by Bike, Sabores de Curitiba, Curitiba Flora e Fauna, Curta Curitiba Pedalando e Rotas Religiosas.

Figura 78 – Coleção Curta Curitiba, com oito roteiros autoguiados para conhecer as muitas faces da cidade



Fonte: INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO DE CURITIBA, 2017

Uma análise mais cuidadosa dos roteiros turísticos citados possibilita ver a presença maciça dos aspectos eurocêntricos da cidade, tanto no que tange ao patrimônio cultural material como ao patrimônio cultural imaterial ou intangível, o que corrobora em certa medida para o processo de invisibilidade negra na capital

⁴⁰ A palavra ausente apresenta aqui duas conotações, a ausência primária, isto é, a ausência de fato de determinados lugares e espaços que compõem os itinerários turísticos e a ausência secundária, ou seja, quando ela está presente no local, como é o caso do Setor Histórico, mas é secundarizada devido a falta de informação dos equipamentos turísticos da capital, sendo assim invisibilizada.

paranaense e para o fortalecimento das já apontadas imagens-síntese da cidade⁴¹. Portanto, não se tem nenhuma menção à Linha Preta, que ficou em *standy by* na página da FCC até junho de 2018 (Figura 79), quando foi realizado o seu lançamento oficial.

Figura 79 – Página da Fundação Cultural de Curitiba. No detalhe, o leiaute do *site*, com o tema Linha Preta: um passeio pela história da população negra de Curitiba



Fonte: FCC, 2016b

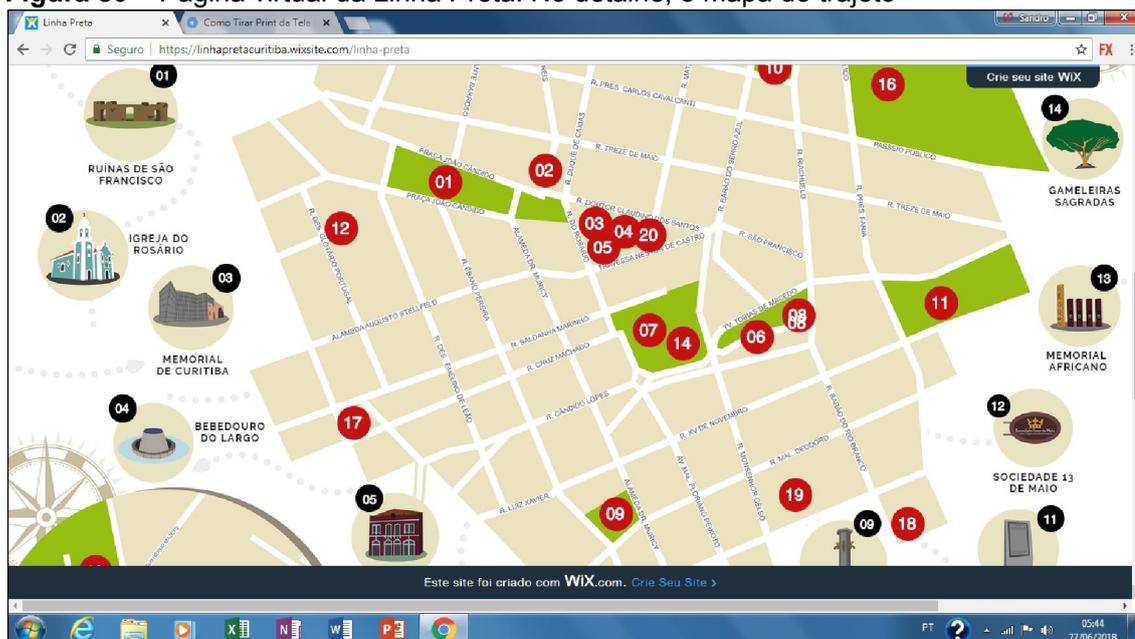
O lançamento oficial da Linha Preta ocorreu no dia 24 de junho de 2018, na Casa Romário Martins, com a participação do Centro Cultural Humaitá⁴². Portanto, três anos após sua concepção (ver Figura 80).

⁴¹ Na página do IMT de Curitiba pode ser encontrado ainda um roteiro com receptivos, a exemplo do Caminhando por Curitiba, Circuito do Vinho, City Tour Fotográfico, City Tour Gastronômico Cultural, Curitiba Intensiva, Curitibaébra – Roteiro Turístico pelas Cervejarias Artesanais, entre outros. Ver: INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO DE CURITIBA, 2018.

⁴² Também denominado de Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura Afrobrasileira. Segundo o *site* da instituição, que se apresenta como uma entidade sem fins lucrativos, a palavra Humaitá é de origem indígena e significa “pedra preta” (CENTRO CULTURAL HUMAITÁ, 2018b). Referência à fortaleza de Humaitá, alvo da batalha fluvial de igual nome, ocorrida na Guerra do Paraguai, em 1868, que tinha como um de seus objetivos liberar a passagem até a capital do Paraguai. Ver: LINHA PRETA, 2018.

O fato mostra que a presente pesquisa vem ocorrendo num contexto de transição. A população negra de Curitiba vem ganhando espaço e representatividade nas políticas públicas da capital paranaense, o que não havia ocorrido nas gestões Lerner e Greca, nas décadas de 70, 80 e 90 do século passado, quando se criaram as imagens-síntese da cidade.

Figura 80 – Página virtual da Linha Preta. No detalhe, o mapa do trajeto



Fonte: LINHA PRETA, 2018

Como lembra Silva (2018), ativista negro também conhecido como Candieiro e assessor de Políticas de Igualdade Racial da Prefeitura de Curitiba, o ano de 2018 comemorou: 130 anos da abolição da escravatura, 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e 30 anos da Constituição cidadã. No âmbito internacional, o autor menciona as diretrizes do Decênio Internacional dos Afrodescendentes, propostas pela ONU para o período de 2015–2024. E acrescenta: “A pedido do prefeito Rafael Greca, estamos trabalhando para desmistificar a ideia errônea de que Curitiba não possui população negra” (SILVA, 2018).

Interessante nessa última frase é que tal ideia errônea, em seu processo de construção, passou pela primeira gestão Greca (1993-1996), especialmente quando da comemoração dos 300 anos de Curitiba e da consecução da Linha Turismo. O próprio título do artigo de Candieiro é sugestivo e vem a somar-se à imagem-síntese da capital paranaense construída à época da política do *city marketing* na capital

curitibana: “Afro-curitibanos, há séculos fazendo história na capital de todas as gentes”. Detalhe para: “capital de todas as gentes”.

2.2 MOVIMENTOS SOCIAIS, MOVIMENTO NEGRO, POLÍTICAS AFIRMATIVAS E O NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

A concepção do Memorial Africano e a preocupação de políticos como Rafael Greca de afirmar em seu discurso recente a presença negra em Curitiba dão-se de forma tardia e podem ser compreendidas como um reflexo do debate contemporâneo referente às questões da diversidade cultural no país.

É evidente, nesse contexto, a importância dos preceitos constitucionais presentes na Constituição cidadã de 1988⁴³, bem como dos acordos internacionais ratificados pelo Brasil em relação aos direitos humanos e ao combate a todas as formas de discriminação e racismo, no entanto os preceitos constitucionais e os acordos internacionais não podem ser vistos como os únicos elementos a comporem o quadro de explicação a respeito do debate contemporâneo quanto à diversidade cultural, embora sejam significantes para fortalecê-lo e dar lastro legal às ações e discussões nesse campo.

Outro elemento relevante para tal é a participação dos sujeitos enquanto atores sociais na luta pela inclusão social do negro e superação do racismo na sociedade brasileira. Refiro-me aqui à participação especialmente do movimento negro brasileiro.

Segundo Domingues (2007), a trajetória desse movimento social na história republicana pode ser dividida em três fases⁴⁴: da primeira república ao Estado Novo (1889-1937), da segunda república à ditadura militar (1945-1964) e do início do processo de redemocratização à república nova (1978-2000).

A primeira fase coincidiu com o advento do movimento paranista no estado e foi marcada pela marginalização da população negra nos campos político, social e econômico. Os dois últimos campos estavam sob a égide do racismo científico em torno do eugenismo e das políticas do branqueamento e da desqualificação da mão de obra negra, preterida quando comparada à do imigrante europeu. Para reverter

⁴³ Destaque aqui para o artigo 3, inciso IV, e no campo da cultura para os artigos 215 e 216.

⁴⁴ Quanto a essas três fases, Domingues (2007) apresenta em seu artigo “Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos” uma interessante tabela-síntese referente às suas principais características.

esse quadro, “libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação” (DOMINGUES, 2007, p. 103).

De cunho eminentemente assistencialista, recreativo e cultural, tais associações agregaram um bom número de trabalhadores negros, a exemplo de ferroviários, portuários, entre outros. Simultaneamente surgiu a imprensa negra em várias cidades, com a finalidade de combater, segundo o termo da época empregado por Domingues (2007), “o preconceito de cor”. Destaque aqui, no caso de Curitiba, para a Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio (um dos pontos da Linha Preta) e para o jornal *União*, de 1918. Ainda nessa primeira fase, na década de 1930 o movimento negro deu um salto qualitativo, segundo o autor, com a fundação em São Paulo da Frente Negra Brasileira (FNB), em 1931. Com reivindicações políticas, a FNB chegou a mais de 20 mil associados e em 1936 se transformou em partido político, mas foi obliterada, assim como outros partidos, com o advento do Estado Novo.

A segunda fase, por sua vez, coincidiu com a retomada das ideias paranistas, ou seja, com o contexto do centenário da emancipação política do Paraná. Nesse período foi fundada em 1943 a União dos Homens de Cor (UHC), também conhecida como Uagacê. A UHC abriu sucursais ou teve representantes em pelo menos 10 estados da federação, entre eles o Paraná, onde teve contato com 23 cidades em 1948⁴⁵. Outro agrupamento importante foi o Teatro Experimental do Negro (TEM), fundado no Rio de Janeiro em 1944, tendo como principais lideranças Abdias do Nascimento e Solano Trindade. Como afirmam Munanga e Gomes (2006), o TEM era um movimento de valorização social do negro no Brasil:

Não era só um grupo de atores e atrizes negras que queriam representar, mas uma frente de luta, um polo de cultura que tinha como objetivo a libertação cultural do povo negro. Ele queria dar uma leitura a partir do olhar do próprio negro e da herança africana à cultura produzida pelo negro no Brasil, distanciando-se da forma ocidental de entender e ver a cultura negra (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 121-122).

⁴⁵ De acordo com Souza *et al.* (2011), a rede da UHC no Paraná era formada por inspetorias regionais, que por sua vez concentravam chefias municipais da mesma região. A inspetoria regional de Arapongas, por exemplo, segundo a autora, compreendia os municípios de Arapongas, Apucarana, Assaí, Cornélio Procópio, Londrina e Uraí, todos do Paraná.

Mais do que isso, o TEM, afirma Domingues (2007), propunha a criação de uma legislação antidiscriminatória no país. Também se aproximou do movimento da negritude francesa, base da luta de libertação nacional dos países africanos.

Nessa segunda etapa a imprensa negra publicou diversos jornais de protesto pelo país. O golpe militar marcaria o seu fim. Do ponto de vista dos militares, os militantes negros estavam criando um problema que supostamente não existia, isto é, o racismo no Brasil.

O movimento social negro reorganizou-se no fim da década de 1970. Em Porto Alegre (RS), a referência seria o Grupo Palmares, o primeiro a defender a substituição da data 13 de Maio, enquanto comemoração festiva da abolição, pelo 20 de Novembro, visto como Dia da Consciência Negra (MUNANGA; GOMES, 2006; DOMINGUES, 2007). Em 1978 foi fundado o Movimento Negro Unificado (MNU).

No plano externo as influências foram as lutas por direitos civis, em que se projetaram lideranças como Martin Luther King Jr. e Malcolm X, além de organizações como a dos Panteras Negras. Somaram-se a esse cenário, de maneira especial, os movimentos de libertação dos países africanos de língua portuguesa.

Diferentemente das fases anteriores, segundo Domingues (2007), o movimento negro em termos ideológicos estaria mais próximo de um viés de esquerda, conjugando assim a luta antirracista com a luta anticapitalista.

No Programa de Ação, de 1982, o MNU defendia as seguintes reivindicações “mínimas”: desmistificação da democracia racial brasileira; organização política da população negra; transformação do Movimento Negro em movimento de massas; formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e a exploração do trabalhador; organização para enfrentar a violência policial; organização nos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, bem como a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país (DOMINGUES, 2007, p. 114).

Nessa perspectiva, o termo *negro* foi adotado para designar os descendentes de africanos escravizados no país, quando da diáspora. O movimento negro “africanizou-se”, nos dizeres de Domingues (2007). O discurso da negritude passava pelo resgate da ancestralidade africana, com a valorização de nomes próprios africanos, principalmente de origem iorubá, e também com a das religiões de matriz africana, sobretudo o candomblé.

Por fim, o autor escreve algumas considerações iniciais sobre o que pode vir a ser uma quarta fase do movimento negro, em que entrou em cena o movimento *hip-*

hop, combinado à denúncia racial e social. Aqui, para diferenciar-se do movimento negro tradicional, o termo *negro* é substituído por *preto*, alusão ao termo *black* utilizado pelo movimento negro nos Estados Unidos. Lá, *negro* origina-se da palavra *niger*, vista com sentido pejorativo.

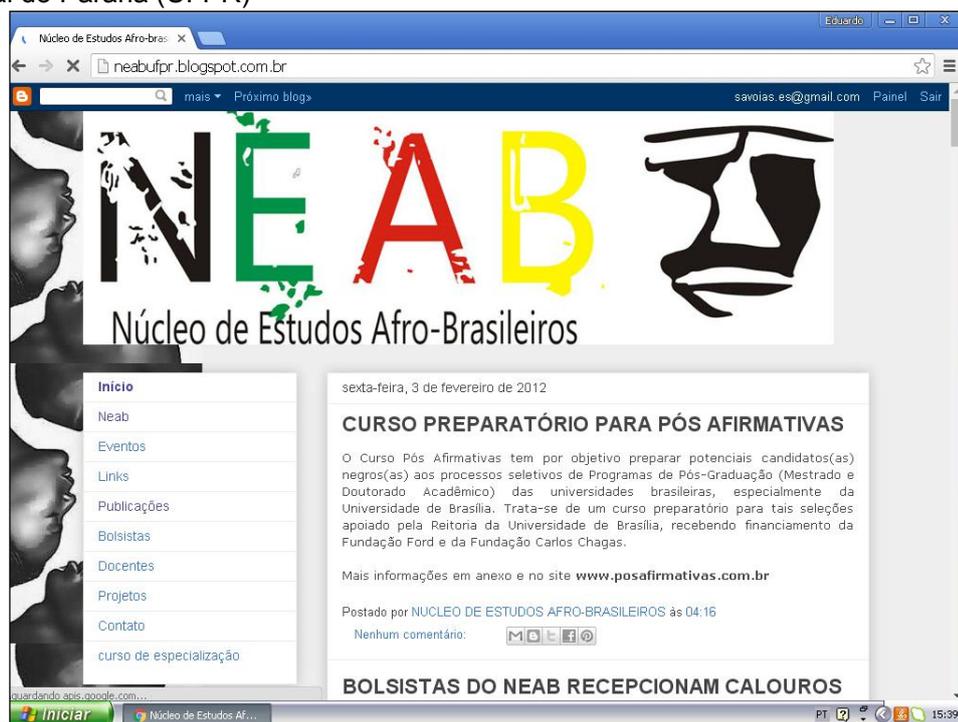
Ainda sobre o movimento negro, é relevante dizer que, apesar de as fases apontadas guardarem características gerais de cada período, o movimento em si não é uno. Assim como qualquer movimento social, contém peculiaridades, ou seja, não é homogêneo em relação a suas pautas e/ou formas de organização. Daí suas várias entidades espalhadas pelo país. No Paraná, por exemplo,

os Movimentos Negros são compostos por uma série de entidades que se organizam, juridicamente ou não. Algumas se autodenominam como sendo entidades, outras como grupos, outras como Organizações Não Governamentais (ONGs) com atuação em temáticas gerais como o “combate ao racismo” ou temas específicos como “o combate ao racismo especificamente na educação” (SOUZA, 2011, p. 131).

Tal retrospectiva a respeito da história do movimento negro é necessária, uma vez que, como dito anteriormente, foi intensa a mobilização de seus militantes na consecução das políticas afirmativas no estado do Paraná e no processo de denúncia contra a invisibilidade à qual os afro-paranaenses foram submetidos, especialmente na capital Curitiba.

Ativistas negros fizeram-se presentes nas reuniões promovidas pelo Neab/UFPR, encontros que levaram à proposição ao redor da ativação patrimonial dos elementos constitutivos da chamada Linha Preta, como poderá ser visto com mais acuidade no próximo capítulo desta dissertação. Lembrando que, segundo o *site* do Neab/UFPR (2018), o referido núcleo de estudos tem por objetivo geral constituir-se como um centro de referência que visa articular atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas aos estudos afro-brasileiros (Figura 81). Da mesma forma têm como objetivos específicos produzir e difundir conhecimentos referentes ao campo de estudos, promover intercâmbio de informações e constituir fórum de articulação e discussão das ações desenvolvidas pela instituição sobre África e africanidades no Brasil.

Figura 81 – Página virtual do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab) da Universidade Federal do Paraná (UFPR)



Fonte: NEAB, 2018

Feitas tais considerações, o importante nesse momento é ressaltar dois pontos.

Primeiramente, a Linha Preta é apresentada como um circuito ou itinerário pela história da população negra de Curitiba no II Copene Sul, evento realizado em Curitiba entre os dias 21 e 24 de julho de 2015, que teve como tema “Saberes Negros do Sul do Brasil; Pensamento Afro-brasileiro; Pensamento Africano e da Diáspora”. Aqui cabem algumas perguntas, por exemplo: que narrativa a Linha Preta explicita? Ela é uma narrativa periférica à imagem da cidade? Tem características de um embate identitário ao modelo hegemônico presente na Linha Turismo? Pretende ser uma linha turística? Traz além dos aspectos históricos e culturais um possível valor econômico a ela subjacente? Quem dela se beneficia? Tais questões serão retomadas no terceiro capítulo e nas considerações finais desta dissertação.

Questões à parte, é interessante ainda perceber a força da imagem-síntese da cidade de Curitiba presente no convite de divulgação do evento (Figura 82). Ela poderia conter a imagem do Prédio Histórico da UFPR ou a do Memorial Africano, por exemplo, mas traz a imagem do Jardim Botânico de Curitiba, um dos ícones da gestão Lerner. Ou seja, a imagem-síntese propalada nas políticas do *city marketing* da cidade-modelo. O material de divulgação do evento mostra, entre outras coisas, a

dificuldade de se romper com tais imagens, ainda sabendo que esses ícones patrimoniais são construções carregadas de intencionalidades. Por outro lado, no canto inferior esquerdo do convite há uma arte: a mandala africana. Ela faz parte da tradição afro-brasileira e remete à circularidade⁴⁶, princípio fundante de vida na cosmovisão africana⁴⁷. Seria a intenção subjacente do convite mostrar que a Curitiba cidade-modelo também é africana? Por que não?

Figura 82 – Convite do II Congresso das/os Pesquisadoras/es Negras/os da Região Sul (Copene Sul), realizado em Curitiba



Fonte: HOSPEDAGEM, 2015

O segundo ponto a se discutir consiste no fato de que a ativação patrimonial é vista aqui como um processo de valores atribuídos e formadores de um conjunto de referências, sendo o patrimônio uma construção social em que grupos selecionam elementos e lhes atribuem valores (ZANIRATO, 2016). Em geral, a ativação é feita pelos grupos que estão no poder, ou seja, por meio da máquina administrativa. A Linha Turismo é um exemplo disso. A Linha Preta, por sua vez, difere-se, porque o desejo

⁴⁶ A circularidade está presente na roda de conversa, que remete à oralidade, na roda da capoeira, na dança, no ciclo da vida, por exemplo.

⁴⁷ Sobre os elementos estruturantes das sociedades africanas, elementos que compõem a cosmovisão africana e que seguem fundamentando as concepções de vida de africanos e de seus descendentes espalhados pelo mundo após a diáspora negra, ver: OLIVEIRA, 2006.

de ativação patrimonial vem dos sujeitos e atores sociais, e não dos tecnocratas e gestores no poder, trazendo à tona a história e a memória dos vencidos, preenchendo a lacuna da visão hegemônica dos vencedores. Mas, como disse, essa é uma discussão que fica para o próximo capítulo.

3 A REESCRITA DA CIDADE

No centro de Fedora, metrópole de pedra cinzenta, há um palácio de metal com uma esfera de vidro em cada cômodo. Dentro de cada esfera, vê-se uma cidade azul que é o modelo para uma outra Fedora. São as formas que a cidade teria podido tomar se, por uma razão ou por outra, não tivesse se tornado o que é atualmente (CALVINO, 2017).

Quem vai a Olinda com uma lente de aumento e procura com atenção pode encontrar em algum lugar um ponto. [...] Uma nova cidade que abre espaço em meio à primeira cidade e impele-a para fora (CALVINO, 2017).

Como dito no primeiro capítulo, uma linha turística é mais do que um simples traçado em um mapa. Enquanto itinerário cultural e, nesse caso, urbano, pois a mesma lógica também vale para os itinerários rurais, a linha turística é carregada de intencionalidades. Ela se propõe a conduzir o olhar do observador. Logo, traz uma trama, uma narração específica, e contribui para o processo de escrita da cidade, consolidando-a como vetor de uma história e de uma memória desejada.

Em Curitiba, a edificação de equipamentos culturais nas últimas décadas levou a um processo de patrimonialização da urbe, fato que possibilitou a construção de um itinerário cultural, assim como a turistificação da cidade. Tal itinerário, como visto anteriormente, foi denominado de Linha Turismo. Potencializada pelas políticas de *city marketing*, nas gestões Lerner e Greca, no contexto do mercado mundial das cidades, a Linha Turismo, outrora Linha Pró-Parques, colaborou para a teatralização em torno da urbe. Tal cenário urbano visando à valorização de uma relação imaginativa com base no paranismo (especialmente do chamado “resgate de aspectos tradicionais”) reforçou pouco a pouco alguns mitos na cidade, entre eles: o da Curitiba “cidade de classe média” e da Curitiba “cidade europeia e de primeiro mundo”.

A construção de tais mitos por meio das imagens-síntese da cidade acabou criando uma visão homogeneizadora e excludente no complexo tecido urbano da capital paranaense, invisibilizando segmentos da sociedade que não se viam representados na propalada memória oficial. Nesse caso, por exemplo, a população negra curitibana, que buscava mediante um processo de ativação patrimonial dar visibilidade à história e à cultura afrodescendente na capital. Tal processo se concentraria na proposição de um novo itinerário cultural, de uma reescrita da cidade, denominada de Linha Preta.

Segundo Delgado (2017), a produção de identidades centralizadas nas cidades adapta-se aos interesses de suas elites políticas e econômicas, o que chamamos no capítulo 2 de a história dos vencedores. Assim sendo, concordo com o autor quando diz que “toda política de producción de identidad requiere, como se há visto, una institucionalización de la memoria, pero, precisamente por ello, al mismo tiempo, una institucionalización igualmente severa del olvido¹” (DELGADO, 2017, p. 133). Ele continua: “El escamoteamiento, la ocultación, el borrado de todos aquellos aspectos que pudieran resultar inconvenientes o inútiles para significar pasa a ocupar un lugar de la máxima importancia en la confección de una cultura urbana homogénea²” (DELGADO, 2017, p. 133-134).

Desta feita, para a compreensão da proposição da Linha Preta, seu respectivo processo de ativação patrimonial e o rompimento com essa imagem homogênea da cidade que se construiu em torno de processos de ocultamentos, este capítulo foi dividido em duas partes.

Na primeira parte, chamada de “Linha Preta como reescrita e cenário da cidade”, assim como já realizado no primeiro capítulo desta dissertação, procuro apresentar e descrever a Linha Preta de Curitiba num misto de *voyeur* e caminhante, segundo a assertiva de Certeau (1998). Dito de outra forma, assim como o camaleão e o marinheiro – em uma das passagens da obra *As cidades invisíveis*, do escritor italiano Calvino³ (2017) –, o olhar do pesquisador do campo patrimonial sobre a cidade diferirá aqui do olhar do turista, pois se dará sob ângulos e perspectivas distintos. Afinal, diferentemente do pesquisador, o turista, de acordo com Delgado (2017), não espera conectar algo novo; ele busca encontrar aquilo que viu previamente nos guias turísticos, postais e documentos publicitários. Seu olhar, via de regra descomprometido, é o da mera fruição, não do estudo, o que é compreensível, no entanto a apreensão quanto à sua percepção sobre a cidade é importante, embora não seja a pedra angular deste capítulo, afinal, como diz Calvino (2017, p. 25), “cada cidade recebe a forma do deserto a que se opõe”, a do camaleão e a do marinheiro.

¹ “Toda política de producción de identidad requiere, como vimos, una institucionalización de la memoria, mas precisamente por essa razão, ao mesmo tempo, uma institucionalização igualmente grave do esquecimento” (DELGADO, 2017, p. 133, tradução livre).

² “O encobrimento, a ocultação, o apagamento de todos os aspectos que poderiam ser inconvenientes ou inúteis de significar, ocupam um lugar de máxima importância na preparação de uma cultura urbana homogênea”. (DELGADO, 2017, p. 133-134, tradução livre).

³ Nascido em Cuba.

Já na segunda parte, “Ativação patrimonial, memória reivindicada e a reescrita da cidade”, busquei traçar algumas considerações a respeito da questão patrimonial. Com base em Meneses (2009), esboço uma rápida discussão sobre os valores culturais de um bem patrimonial. Com Hartog (2006), procuro algumas considerações acerca da chamada “inflação patrimonial” e, por fim, fundamentado em Zanirato (2009), levanto a tônica dos usos sociais do patrimônio, “fechando”⁴ assim a referida pesquisa e apontando no próximo tópico desta dissertação as chamadas considerações finais.

3.1 LINHA PRETA COMO REESCRITA E CENÁRIO DA CIDADE

Ao analisar o modelo Barcelona, o antropólogo espanhol Manuel Delgado, em sua obra *La ciudad mentirosa*, afirma:

Las grandes políticas de monumentalización suelen ir en pos de un objetivo bien claro: superponer producciones simbólicas institucionalmente adecuadas a las que constantemente genera la vida real. [...] Una magna operación de maquillaje que convierte al recuerdo en una parodia basada en la réplica y el simulacro, evocación de espacios inexistentes que contrastan con la proliferación de espacios desmemoriados, pérdidas en masa de significado en nombre de una pseudomemoria cosificada y fraudulenta⁵ (DELGADO, 2017, p. 137).

Como contraponto à invisibilidade negra decorrente dessa política de monumentalização – que também ocorreu na capital paranaense –, foi criada por representantes dos movimentos sociais a Linha Preta.

⁴ Por mais óbvio que pareça, cabe ressaltar que o verbo *fechar* está aqui entre aspas, porque tal pesquisa é temporal e não tem a pretensão de ser a verdade absoluta sobre os fatos. A investigação reflete o lugar de fala de quem escreve e é feita de escolhas, que vão das fontes à metodologia empregada. Ademais, acredito que sua leitura demanda uma apropriação, em que o leitor se torna uma espécie de coautor do texto. Assim, os resultados de tal trabalho, leitura e releitura da cidade, com base nas linhas turísticas da capital paranaense, seus embates e disputas identitárias em torno da memória pública curitibana, mediante processos de ativação patrimonial, auferidos nas considerações finais desta dissertação, poderão quiçá ser retomados, questionados e melhorados em pesquisas acadêmicas futuras.

⁵ “As grandes políticas de monumentalização tendem a perseguir um objetivo muito claro: sobrepor produções simbólicas institucionalmente apropriadas àquelas que são constantemente geradas pela vida real. [...] Uma magnífica operação de maquiagem que transforma a memória em uma paródia baseada em replicação e simulação, evocação de espaços inexistentes que contrastam com a proliferação de espaços sem memória, perdas de significado em massa em nome de uma pseudomemória reificada e fraudulenta” (DELGADO, 2017, p. 137, tradução livre).

Enquanto proposição, a Linha Preta teve sua gênese em 2015, quando foi apresentada no II Copene Sul⁶. O evento, realizado pelo Neab/UFPR, em Curitiba, teve como tema “Saberes Negros do Sul do Brasil; Pensamento Afro-brasileiro; Pensamento Africano e da Diáspora”. Após tal proposição, a Linha Preta passou a ser divulgada em uma página do *site* da Fundação Cultural de Curitiba (ver Figura 79), onde ficaria em *standy by* até o dia 24 de junho de 2018. Nessa data foi realizado o seu lançamento oficial, na Casa Romário Martins, no Largo da Ordem.

Segundo o *site* do Centro Cultural Humaitá (2018b), a Linha Preta é uma proposta de roteiro turístico a ser realizada no centro histórico de Curitiba e pretende dar visibilidade à história e à cultura afro-brasileira no que diz respeito à participação dos afro-curitibanos na construção da cidade (Figura 83). O nome teria sido escolhido por já haver na capital uma Linha Verde, importante avenida que atravessa Curitiba, e a Linha Vermelha, tida como tradicional roteiro turístico da capital e que exclui a participação negra.

No seu lançamento estiveram presentes alunos de Jornalismo do Centro Universitário Autônomo do Brasil (UniBrasil). A referida universidade participou no primeiro semestre de 2018 de uma parceria que envolveu a disciplina de Laboratório de Assessoria de Imprensa com o Centro Cultural Humaitá (também é chamado de Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura Afro-brasileira). Essa parceria rendeu um Projeto Multimídia⁷, que por sua vez contou com diversos materiais de informação sobre os locais constitutivos da linha turística, a exemplo de textos, vídeos e fotografias, além de um *site* para abrigar essas informações. O perfil dos 21 pontos do itinerário cultural foi disponibilizado nas redes sociais (Facebook e Instagram), e o *design* do mapa, produzido por alunos do curso de Design também da UniBrasil.

⁶ O Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul teve continuidade em 2017 com a realização, no estado de Santa Catarina, do III Copene Sul. Seu tema foi “Desenvolvimento, Patrimônio e Cultura Afro-brasileira”. Em 2019 está prevista a realização no Rio Grande do Sul, do IV Copene Sul, cujo tema será “Ancestralidades, Conquistas e Resistências em Tempo de Intolerância”.

⁷ O acompanhamento do projeto foi realizado pela professora da disciplina Laboratório de Assessoria de Imprensa, Elaine Javorski, e pela diretora do Centro Cultural Humaitá, Melissa Reinehr.

Figura 83 – Linha Preta: (A) identidade visual da logomarca; (B) mapa do roteiro turístico



A



B

Fonte: LINHA PRETA, 2018; CURITIBA, 2018c

Feitas as devidas considerações, é o trajeto demonstrado na Figura 83B que passo a descrever e analisar a partir de agora. Para tanto, reitero, utilizo registros da

minha visita *in loco* aos pontos que compõem a Linha Preta – como antes havia feito quando da análise da Linha Turismo – acrescidos de informações obtidas em fôlderes turísticos, *sites* institucionais, como o da Prefeitura de Curitiba, *sites* não institucionais e *sites* de viagem, como o TripAdvisor Brasil (ver Quadro 4), o que não exclui, sempre que necessário, a consulta a fontes bibliográficas.

Quadro 4 – Avaliação dos usuários do *site* TripAdvisor Brasil referente aos pontos constitutivos da Linha Preta de Curitiba

	Total de avaliações	Nota: máximo 5	Excelente %	Muito bom %	Razoável %	Ruim %	Horível %
Ruínas de S Francisco	15	3,5	20	13	47	20	0
Igreja do Rosário	51	4,0	29	46	25	0	0
Memorial de Curitiba	732	4,0	39	37	22	1	1
Bebedouro do Largo	-	-	-	-	-	-	-
Largo da Ordem	598	4,0	40	43	15	1	1
Arcadas do Pelourinho	-	-	-	-	-	-	-
Praça Tiradentes	321	3,5	20	42	33	4	1
Água pro Morro	-	-	-	-	-	-	-
Praça Zacarias	13	3,0	7	15	56	15	7
Praça 19 Dezembro	24	3,0	8	20	64	0	8
Praça Santos Andrade	175	4,0	25	42	30	2	1
Sociedade 13 de Maio	-	-	-	-	-	-	-
Memorial Africano	7	3,5	14	44	28	14	0
Gameleiras Sagradas	-	-	-	-	-	-	-
Museu Paranaense	342	4,5	52	40	6	1	1
Emiliano Pernetá	-	-	-	-	-	-	-
Voluntários da Pátria	-	-	-	-	-	-	-
Viaduto do Capanema	-	-	-	-	-	-	-
Engenheiro Rebouças	-	-	-	-	-	-	-
Museu de Arte Sacra	197	4,0	40	36	21	2	1
Catedral Básica Menor	1.806	4,5	51	36	11	1	1

Fonte: adaptado de: TRIPADVISOR, 2018b

No Quadro 4 podem ser observadas as avaliações dos usuários do *site* TripAdvisor Brasil quanto aos pontos constitutivos da Linha Preta de Curitiba, até a data de 1.º de junho de 2018.

Como já havia mencionado no capítulo 1, a nota máxima que cada usuário pode atribuir ao local visitado é 5 e a mínima 1. A página virtual realiza com base nas notas

uma média e uma classificação percentual, que vai do excelente ao horrível. Muitos lugares não possuem avaliação, talvez por constituírem nomes de ruas, como a Voluntários da Pátria e a Engenheiro Rebouças, ou por serem pequenos monumentos dentro de um conjunto maior de bens patrimoniais, como é o caso do Bebedouro do Largo (Largo da Ordem) ou Água pro Morro (Arcadas do Pelourinho). Acrescenta-se aqui o caso das Gameleiras Sagradas (Praça Tiradentes). Outra hipótese da não avaliação é a de que esses lugares ainda não haviam sido divulgados como pontos turísticos da capital paranaense.

Via de regra, os locais mais avaliados no *site* são também os mais visitados, embora os números da Linha Preta sejam bem inferiores aos do já consolidado itinerário da Linha Turismo de Curitiba.

O Quadro 4 será revisitado ao longo deste capítulo sempre que necessário.

O *site* TripAdvisor Brasil será consultado também no item “comentários dos usuários”, em casos como o da Praça Santos Andrade, da Praça Zacarias ou do Museu Paranaense, por exemplo, para que se possa ter noção das impressões dos usuários sobre esses lugares. Afinal, eles fazem ou não alguma relação dessas localidades com a história, a memória e a cultura negra em Curitiba?

Dito isso, dou início à caminhada e conseqüentemente à minha visita pelos pontos turísticos da Linha Preta.

Começo pelas *Ruínas de São Francisco*. A opção deve-se à enumeração dos pontos constitutivos da Linha Preta, presentes na Figura 83B. Opto por seguir a enumeração apresentada no mapa. Como o itinerário pode ser percorrido a pé, com exceção do Memorial Africano, que fica num bairro distante do centro da cidade, o turista ou morador local pode percorrer a linha turística de qualquer ponto, visitando-a integral ou parcialmente, se desejar.

As Ruínas de São Francisco (Figura 84A) localizam-se no centro histórico de Curitiba, mais especificamente no Largo da Ordem, na Praça João Cândido. Elas foram tombadas pelo serviço do patrimônio histórico do estado em 1966, juntamente

com o Palácio Belvedere⁸ (Figura 84B), enquanto conjunto de edificações da Praça João Cândido. Na praça há ainda um anfiteatro com arquibancadas ao ar livre, onde são realizados *shows* e apresentações culturais, principalmente aos domingos, quando ocorre a Feira do Largo da Ordem. Abaixo do anfiteatro, localiza-se uma galeria onde a Associação Profissional dos Artistas Plásticos do Paraná apresenta um panorama daquilo que é produzido pelos profissionais do estado. Mas, o que são as Ruínas de São Francisco e qual é o porquê de sua inclusão no roteiro turístico da Linha Preta?

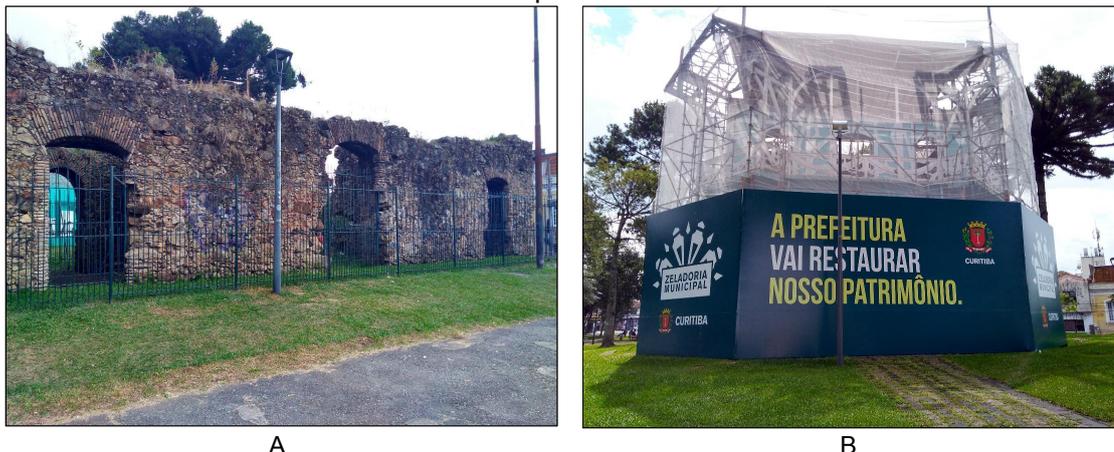
Obra inacabada, as Ruínas de São Francisco são vestígios do que deveria ter sido a Igreja de São Francisco de Paula, iniciada enquanto capela em 1809. No entanto, em 1860, as pedras que finalizariam a obra foram usadas na construção da torre da antiga matriz, hoje Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. As ruínas despertam algumas lendas curitibanas, como a presença de túneis subterrâneos no local e a do tesouro pertencente ao pirata Zulmiro, enterrado entre os vestígios da obra.

Sua inclusão no roteiro turístico da Linha Preta, segundo seu *site* de divulgação (LINHA PRETA, 2018), deve-se à contribuição negra nas técnicas de construção de taipa. A Figura 69, uma aquarela de Debret, mostra um mestre de taipa trabalhando nas ruínas.

Em síntese, as Ruínas de São Francisco, embora sejam um exemplo de patrimônio cultural tangível, trazem como contribuição negra seu componente imaterial ou intangível na técnica de construção de taipa, o chamado saber fazer, ou modos de fazer. Infelizmente não há nenhuma informação local que possibilite ao visitante tal compreensão.

⁸ É um prédio histórico construído em 1915. Projetado pelo prefeito Cândido Ferreira de Abreu como mirante, já foi sede da primeira rádio do Paraná, observatório astronômico e, a partir de 1962, sede da União Cívica Feminina Paranaense. Posteriormente, abandonado e sem ocupação, sofreu um incêndio em sua cobertura em dezembro de 2017. Já em 2018, aparece cercado e com os dizeres “A prefeitura vai restaurar nosso patrimônio”. Após o restauro, o bem patrimonial deve vir a tornar-se sede da Academia Paranaense de Letras. Ver: CURITIBA, 2018a.

Figura 84 – (A) Ruínas de São Francisco; (B) Palácio Belvedere. Destaque para a pinha estilizada como símbolo da Zeladoria Municipal de Curitiba



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 30 jun. 2018 e 29 mar. 2018

Na sequência ando até a *Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito*, também situada no Largo da Ordem. Segundo *site* de divulgação da Linha Preta (LINHA PRETA, 2018), a antiga igreja foi erguida por negros livres e escravizados em 1737. Por sua vez, o material produzido pela Prefeitura de Curitiba, no contexto da comemoração dos 300 anos da cidade, denominado de “Linha Pinhão: pegadas da memória, roteiro cultural e histórico para conhecer Curitiba a pé”⁹, afirma não existir dados conclusivos a respeito da data de construção da igreja. Então, estima-se uma data entre 1737 e 1762.

A construção atual data de 1946, como pode ser visto na placa fixada na parede da Igreja do Rosário (Figura 85A), uma vez que a antiga construção foi demolida em 1931. Dela, restaram na atual edificação os azulejos portugueses. Ainda segundo *site* de divulgação, esse local sagrado fez com que no passado homens e mulheres, negros e negras, vivessem livremente sua religiosidade. Ademais, era o local onde os libertos encontravam acolhida e auxílio junto à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito. Como segunda igreja da vila, a Igreja do Rosário (Figura 85B) é um símbolo da presença negra na cidade e chegou a abrigar no fim do século XIX a Igreja Matriz, no período de sua reforma.

⁹ A Linha Pinhão ou Pegadas da Memória reunia 51 marcos entre edificações, ruas, praças e monumentos.

Figura 85 – (A) Placa de identificação; (B) Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito



A

B

Fonte: acervo do autor. Fotografias de 30 jun. 2018

Hoje, por razão das festividades do Dia da Consciência Negra, é sede da Festa do Rosário (Figura 86) e local onde ocorre a tradicional lavação das escadarias¹⁰. A celebração causa admiração de muitas pessoas, como é o caso do depoimento do médico recifense Daniel Cunha, exposto no *site* da Prefeitura de Curitiba. Ele afirma não saber que “Curitiba tinha essa força da cultura negra”, afinal, segundo o entrevistado, “quem é de fora, liga a cidade aos imigrantes europeus. Por isso, essa celebração é muito interessante” (*apud* CURITIBA, 2018d).

De acordo com o *site* do Centro Cultural Humaitá (CENTRO CULTURAL HUMAITÁ, 2018a), a lavação é inspirada na conhecida Lavagem do Bonfim, que atrai todos os anos milhares de devotos a Salvador desde 1745. Além de celebrar a Consciência Negra, a festa propõe-se a homenagear São Benedito, padroeiro de negros e negras no Brasil, bem como Nossa Senhora do Rosário, padroeira de artistas e preservadores da cultura popular. Ainda segundo o *site*, Nossa Senhora do Rosário no sincretismo religioso é Oxum, representante da água doce, da ternura, da maternidade e da riqueza de um povo.

¹⁰ A mais conhecida lavação das escadarias acontece na Igreja do Nosso Senhor do Bonfim em Salvador-BA, como parte da Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim. Em 2013 a festa da capital baiana foi transformada em patrimônio imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), estando registrada no Livro das Celebrações.

Figura 86 – Cartazes de divulgação da Festa do Rosário. Destaque para o sincretismo religioso presente nas gravuras



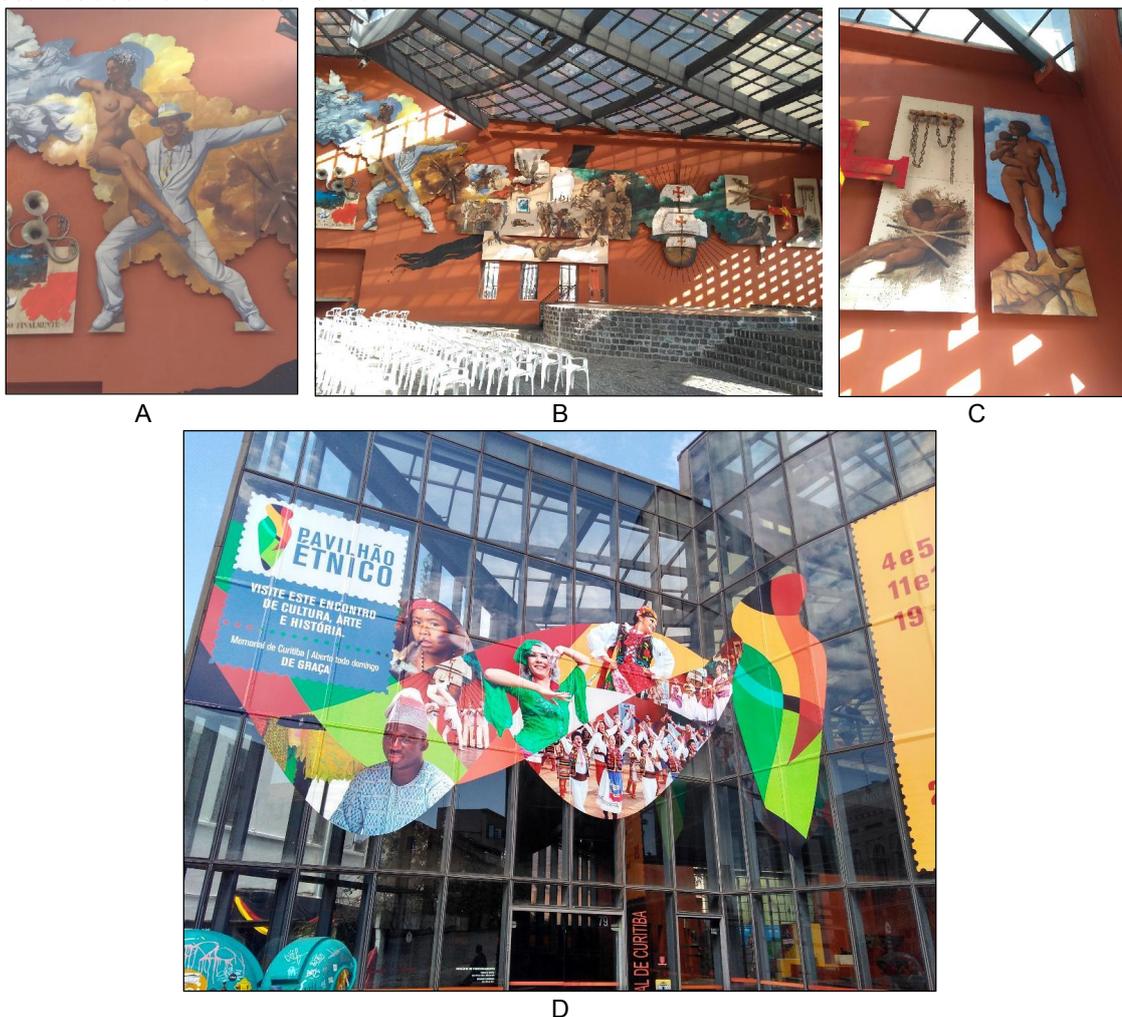
Fonte: CENTRO CULTURAL HUMAITÁ, 2016; 2017; 2018a

Próximo à Igreja do Rosário, também no Largo da Ordem, está o *Memorial de Curitiba*. A construção dispensa mais informações, uma vez que já foi apresentada no primeiro capítulo desta dissertação, por fazer parte da Linha Turismo. Então, o que leva o Memorial de Curitiba a fazer parte também da Linha Preta?

A atenção aqui deve ser dada ao painel do artista curitibano Sérgio Ferro, localizado no térreo do Memorial de Curitiba, local onde pode ser visto, entre outras obras, o já citado Rio de Pinhões. O painel caracteriza-se por uma narrativa que mistura o denominado “descobrimento do Brasil” com símbolos que retratam o desenvolvimento de Curitiba. Segundo os proponentes da Linha Preta (LINHA PRETA, 2018) e também os representantes do Centro Cultural Humaitá (2018), a população negra é vista aqui de forma estereotipada. De fato, isso ocorre, conforme Figura 87.

Na Figura 87A pode ser constatada a ênfase dada à música como contribuição negra à nação e à própria história da cidade, desconsiderando outras formas de contribuição da população negra nesse processo. A Figura 87B mostra um homem escravizado de cabeça baixa, com os pulsos amarrados em posição de castigo. A Figura 87C, por sua vez, apresenta novamente um negro escravizado, correntes e uma mulher, também negra, com o corpo exposto e hipersexualizado, apesar de estar carregando uma criança nos braços.

Figura 87 – (A), (B) e (C) Painéis internos do Memorial de Curitiba; (D) divulgação de festividades no Pavilhão Étnico



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 30 jun. 2018

Embora evitado de estereótipos, o local pode proporcionar uma reflexão a respeito de como era vista a presença negra na capital, nos idos da década de 1990.

Desde 2017, o Memorial de Curitiba tem sido palco do Pavilhão Étnico (ver Figura 87D), sendo nele incluída a população negra. Com apresentação de grupos folclóricos e feira étnica, o Pavilhão Étnico propõe-se a ser um encontro de cultura, arte e história.

Alguns metros dali depara como o *Bebedouro do Largo* (Figura 88), outro ponto destacado pelos proponentes da Linha Preta. Construído com pedras e uma bacia de ferro, hoje é usado pelos pombos da cidade, mas no passado era utilizado para dar de beber aos animais de montaria.

Figura 88 – Bebedouro do Largo da Ordem



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 30 jun. 2018

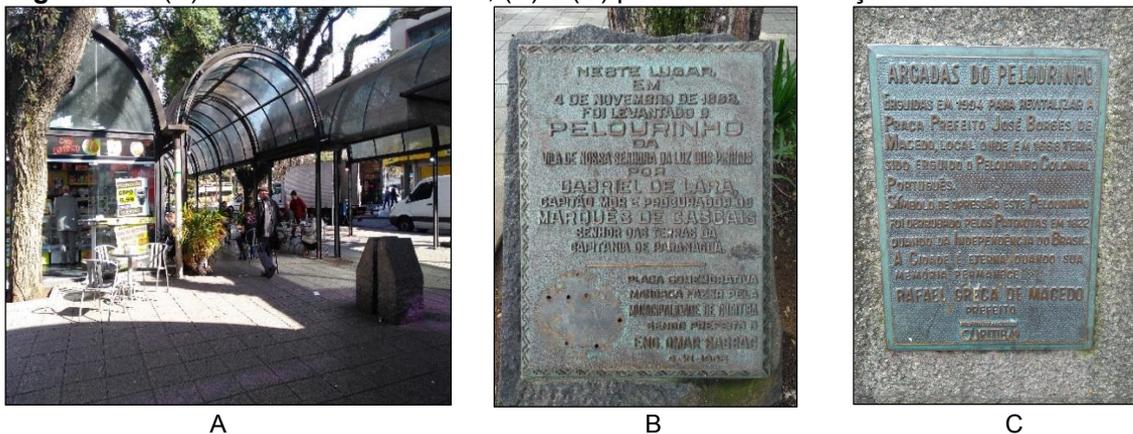
A sua relação com a Linha Preta remete-se à atividade tropeira no estado, que envolveu escravizados e libertos negros. Tal informação e conexão com a história regional podem ser auferidas em consulta ao *site* que apresenta a linha turística (LINHA PRETA, 2018). No local não há nenhum dado sobre o assunto. O tropeirismo enquanto atividade econômica ligava Viamão (RS) a Sorocaba (SP) nos séculos XVIII e XIX e deu origem a inúmeras cidades paranaenses, como Campo Largo, Lapa, Ponta Grossa, Castro, entre outras.

O próximo ponto de visitação consiste no *Largo da Ordem*, o qual é bastante amplo, pois os pontos vistos e analisados anteriormente fazem parte dele, ou do Largo Coronel Enéas. Aqui a menção dos proponentes da Linha Preta se refere às congadas apresentadas na Vila Nossa Senhora dos Pinhais e na Festa de São Benedito, bem como ao trabalho realizado por negros escravizados e libertos na construção do centro histórico. Embora o calçamento e o casario do Largo da Ordem sejam um patrimônio cultural edificado – portanto, material –, a presença dele no itinerário dá-se especialmente por sua imaterialidade. Isto é, são destacados os modos de fazer e as celebrações, enquanto elementos histórico-culturais da população negra de Curitiba.

Ainda caminhando, chego às *Arcadas do Pelourinho* (Figura 89A). Ela está atrás do Paço da Liberdade, um dos pontos da Linha Turismo. Ali estão instaladas em

cima da calçada bancas de revista e floriculturas. Duas placas de bronze podem ser vistas no local, uma atribuída à gestão Omar Sabbag e outra à gestão Rafael Greca. A primeira, datada de 1968, alude ao levantamento do pelourinho na Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais por Gabriel de Lara, capitão-mor e procurador do Marquês de Cascais (Figura 89B). A segunda, de 1994, aponta a instalação das Arcadas do Pelourinho como modo de revitalização da Praça Prefeito José Borges de Macedo (Figura 89C). Símbolo do poder e da opressão portuguesa, o pelourinho, segundo a placa, foi derrubado quando da independência do país, em 1822. A relação do local com a Linha Preta ocorre em decorrência da outrora presença do pelourinho, símbolo de castigo e resistência de negros escravizados, no período colonial, em Curitiba.

Figura 89 – (A) Arcadas do Pelourinho; (B) e (C) placas de identificação



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 30 jun. 2018

Próximo das Arcadas do Pelourinho, está situada a *Praça Tiradentes*. Ela já foi descrita e analisada no capítulo 1 por constituir um dos pontos da Linha Turismo. O que a difere da descrição anterior, enquanto ponto constitutivo da Linha Preta? A sua imaterialidade, isto é, a sua compreensão enquanto um lugar sagrado¹¹ conforme a cosmovisão africana. Segundo o *site* de divulgação da Linha Preta (LINHA PRETA, 2018), o local tornou-se um importante espaço de preservação e valorização da comunidade negra, especialmente para os praticantes da umbanda e do candomblé,

¹¹ Segundo o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, são bens culturais de natureza imaterial, que constituem o patrimônio cultural brasileiro, saberes, celebrações, formas de expressão e lugares (BRASIL, 2000).

bem como para as pessoas ligadas aos movimentos sociais negros em geral. Diz o *site*:

Após lavar as escadarias da antiga igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, com flores e perfumes, os participantes, vestindo a tradicional cor branca, descem pelo centro histórico, cantando e tocando, em cortejo até o marco do Pelourinho, no Largo da Ordem, passando pelas *Gameleiras Sagradas* na Praça Tiradentes (CAMPOS, 2018, grifo do original).

A citada lavação das escadarias¹² ocorre durante a Festa do Rosário, que acontece no dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra.

Próxima parada do itinerário, *Água pro Morro*. Também conhecida como Maria Lata d'Água, a escultura, fundida em bronze, foi realizada pelo artista curitibano Erbo Stenzel. Já mencionada no capítulo 2 desta dissertação, a obra representa uma cena cotidiana das mulheres negras de outrora. O monumento situa-se no espaço das Arcadas do Pelourinho, atrás do Paço da Liberdade, um dos pontos constitutivos da Linha Turismo de Curitiba.

Um pouco mais distante está a *Praça Zacarias*. Para chegar até o local, passo pelo calçadão da Rua XV de Novembro, uma caminhada de 10 minutos aproximadamente.

Zacarias de Góis e Vasconcelos, político baiano, foi o primeiro presidente da Província do Paraná. A praça é considerada uma das mais antigas da cidade. Já se chamou Largo da Ponte, por causa da existência do Rio Ivo no local (atualmente canalizado), Largo dos Quartinhos, Largo do Chafariz e, a partir de 1915, após ser remodelada na gestão Cândido de Abreu, Praça Zacarias. Na Figura 90, podem ser vistos respectivamente o busto do Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos, uma imagem panorâmica da praça e, por fim, um chafariz de onde jorra água através de enormes torneiras.

¹² A lavação das escadarias da antiga igreja começou como um ato contra a intolerância em relação às religiões de matriz africana, tornou-se uma prova de fé do povo de santo do Paraná e transformou-se numa festa do turismo religioso do Sul do Brasil. Assim, por sua relevância cultural, a Câmara de Vereadores de Curitiba inseriu em 2013, no calendário oficial de eventos do município, a Festa do Rosário.

Figura 90 – (A) Busto de Zacarias de Góis e Vasconcelos; (B) Praça Zacarias; (C) chafariz Fonte d' Água



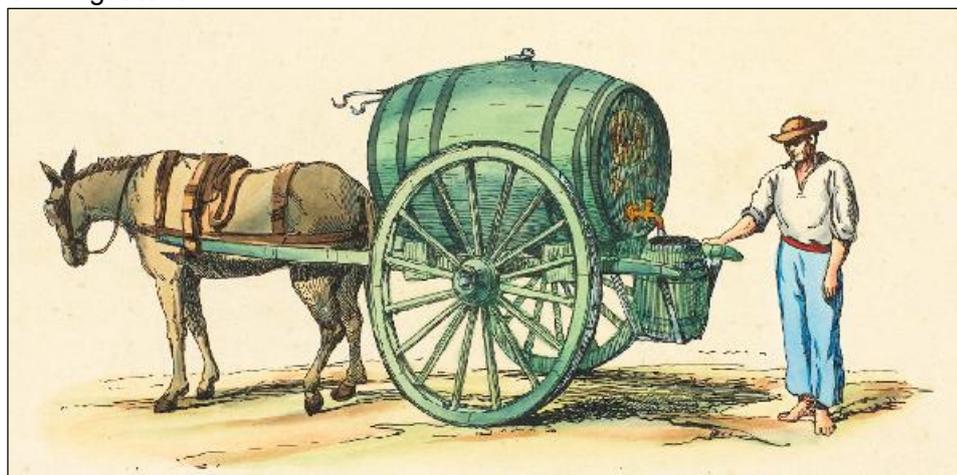
Fonte: acervo do autor. Fotografias de 30 jun. 2018

Os proponentes da Linha Preta chamam atenção para a Figura 90C, isto é, para o chafariz. Ele foi instalado na praça em 1871 e marcou a primeira forma de distribuição de água potável na capital paranaense:

A água do chafariz era proveniente do Campo do Olho d'Água, na atual praça Rui Barbosa (então Cruz das Almas) e foi projetada e executada pelo engenheiro negro Antônio Rebouças. Como não havia produção de tubos de ferro no Brasil, ele utilizou o cobre e encomendou as torneiras da Europa (DIAS, 2018).

Durante décadas, a construção abasteceu a cidade, que convivia com a figura dos aguateiros profissionais e com os carros-pipas, conforme Figura 91.

Figura 91 – Aguateiro



Fonte: IANSEN, 2014

O chafariz manteve-se em funcionamento até 1910, quando foi finalmente implementada uma rede hidrossanitária na capital, que levou o encanamento até as casas. O trabalho de engenharia dos irmãos negros Antônio e André Rebouças ajudou a trazer qualidade de vida a Curitiba, na virada do século XIX para o XX. A partir desse momento, a praça passou a ser um marco da presença negra na capital, entretanto, apesar dessa rica história centenária, ela é pouco avaliada pelos usuários do *site* TripAdvisor Brasil (ver Quadro 4). Um dos usuários chegou a afirmar que não se trata de um ponto turístico. A maioria dos comentários, que são poucos, vai no mesmo sentido, dizendo que a praça não possui atrativos para ser considerada um ponto turístico. Um desafio para os proponentes da Linha Preta.

Nova caminhada, dessa vez um pouco mais distante, encontro a *Praça 19 de Dezembro*. O conjunto das obras presentes nessa praça – obelisco, espelho d'água, painel em granito, painel de azulejos e a escultura de *O Homem Nu* – foi realizado em comemoração ao centenário da emancipação política do Paraná¹³, como já mencionado nos capítulos 1 e 2 desta dissertação. Novamente fica a pergunta: Qual é a ligação entre esse espaço e a presença da história, da memória e da cultura negra em Curitiba? Na Figura 92, pode-se ver a escultura de um homem nu em granito.

Figura 92 – Escultura denominada de *O Homem Nu*, localizada na Praça 19 de Dezembro



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 30 jun. 2018

¹³ A escultura de *A Mulher Nua* foi colocada posteriormente na praça, na década de 1970. Ela foi concebida para ficar junto ao Tribunal de Justiça do Paraná, mas diante de questionamentos, uma vez que a nudez parece ter ofendido os padrões morais da época, foi relocada para a Praça 19 de Dezembro, onde já havia *O Homem Nu*.

A escultura representa o Paraná dando um passo em direção ao futuro e está geograficamente direcionada para a região do estado a ser colonizada naquele período. Segundo o *site* da Fundação Cultural de Curitiba, a obra de Stenzel apresenta traços negros e

forte semelhança com a arte do antigo Egito, com características que permitem dialogar com a Lei da Frontalidade. A Lei da Frontalidade se caracteriza por ser bastante simétrica, em que uma linha imaginária divide a obra em duas partes iguais, estando a figura em pé, sentada ou de joelhos. Os braços estão sempre colados ao corpo, estendidos ou cruzados sobre o tronco. Mesmo em esculturas que retratam pessoas em pé o movimento é contido, ainda que simule uma caminhada (FCC, 2016b).

Nos painéis da praça, a contribuição negra na sociedade paranaense está presente também no mundo do trabalho, a exemplo da figura de fiscoiros e tropeiros. Leituras sutis do espaço que requerem informações prévias do visitante ou pelo menos o acompanhamento, como é o caso uma visita guiada.

A *Praça Santos Andrade* é a próxima parada dessa caminhada exploratória. Junto a ela, encontram-se o Teatro Guaíra e o Prédio Histórico da UFPR, já citados no primeiro capítulo, quando da análise da Linha Turismo. O local passa a fazer parte da Linha Preta em virtude de uma placa de bronze ali instalada em homenagem à comunidade afro-brasileira, quando do centenário da abolição da escravatura (Figura 93).

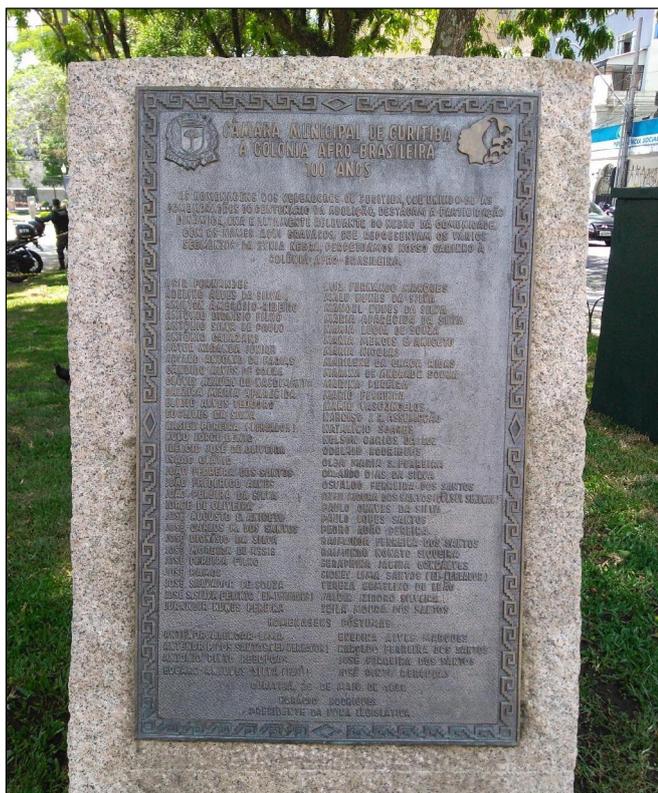
A homenagem foi feita pela Câmara Municipal de Curitiba durante a gestão do prefeito Roberto Requião e traz além nomes dos mais de sessenta representantes da comunidade ali gravados, os seguintes dizeres:

As homenagens dos vereadores de Curitiba, que unindo-se às comemorações do centenário da abolição, destacam a participação dinâmica, uma e altamente relevante do negro da comunidade. Com os nomes aqui gravados, que representam os vários segmentos da etnia negra, perpetuamos nosso carinho à colônia afro-brasileira.

[...]

Curitiba, 26 de maio de 1988.

Figura 93 – Homenagem à colônia afro-brasileira no centenário da abolição da escravatura, em 1988



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 30 jun. 2018

Outro ponto destacado pelos proponentes da Linha Preta que justificaria a presença da Praça Santos Andrade no itinerário turístico é a lembrança da memória do negro Pamphilo d'Assumpção, um dos fundadores da universidade ali instalada, bem como de seu curso de Direito, da Ordem dos Advogados do Brasil do Paraná (OAB/PR), da Associação Comercial do Paraná e do Centro de Letras do Paraná. Acrescenta-se aqui a memória da primeira engenheira mulher a se formar no estado e também a primeira engenheira negra do Brasil, Enedina Alves Marques, formada em Engenharia Civil em 1945, pela UFPR.

Ainda sobre a Praça Santos Andrade, busquei referências no *site* TripAdvisor Brasil (ver Quadro 4). A praça possuía até a data da construção do quadro 175 avaliações, e nenhuma fazia referência à história, memória e cultura afro-curitibana, nos últimos dois anos. Na leitura dos comentários, percebem-se referências ao Prédio Histórico da UFPR e ao Teatro Guaíra, que estão em seu entorno. Da mesma forma, às feirinhas que acontecem na praça e às manifestações políticas que ali ocorrem. Ênfase também à falta de segurança do local. Em síntese, a presença negra em

Curitiba não está associada àquele espaço, de acordo com o que se pode ver no *site*, que possui contribuições de turistas e de moradores da cidade.

Hora de tomar fôlego e caminhar. Próxima parada: *Sociedade 13 de Maio* (Figura 94). A Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio foi fundada por um grupo de recém-libertos e negros livres, membros da Irmandade dos Homens Pretos de São Benedito, em 1888 (ano da abolição da escravatura no Brasil). Segundo item do *site* da linha turística,

o clube ficava numa região conhecida como Boulevard São Francisco, onde vivia um grande número de pessoas negras. Nasceu com objetivo de agregar os ex-escravos, e ajudá-los com auxílio médico-hospitalar, financeiro, educativo, social e funeral; formando uma caixa conjunta por meio das contribuições voluntárias de seus associados que servia também para garantir o mínimo de assistência e segurança a todos, extensivos também aos seus familiares (ALCÂNTARA, 2018).

Dessa forma, o clube passou a ser ponto de referência aos libertos. No entanto, entre os anos de 1930 e 40 ampliou seu número de associados e começou a aceitar também pessoas brancas, oriundas de diferentes etnias. Assim, inaugurou a fase dos bailes dominicais e eventos sociais, mas em contrapartida aos poucos perdia suas festividades religiosas tradicionais. A partir da década de 1950, em decorrência de reformas, perdeu também suas características arquitetônicas, o que, segundo os proponentes da Linha Preta (LINHA PRETA, 2018), impede o seu tombamento. Hoje é vista como uma unidade de interesse especial de preservação, embora tenha passado por uma reforma realizada pela Prefeitura de Curitiba, em 1996, na qual parecem ter desaparecido alguns objetos da entidade, cujo nome oficial é Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio.

No Paraná há ainda outros cinco clubes sociais negros mapeados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). São eles: o Clube Literário e Recreativo 13 de Maio, em Ponta Grossa; o Clube Rio Branco, em Guarapuava; o Clube Estrela da Manhã, em Tibagi; o Clube Campos Gerais, em Tibagi; e a Associação Operária e Recreativa de Londrina (Arol), em Londrina.

Figura 94 – Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio: (A) imagem externa; (B) logotipo



Fonte: GUIA GAZETA DO POVO, 2018; SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO, TREZE, 2018

Pausa para o almoço e descanso, pois a próxima parada requer o uso de carro ou transporte coletivo, uma vez que o *Memorial Africano* fica num bairro distante do centro da cidade. O referido memorial já foi descrito, em linhas gerais, no capítulo 2 desta dissertação. Ele foi construído em 2010¹⁴, ano da Copa do Mundo da África do Sul, na Praça Zumbi dos Palmares, no bairro do Pinheirinho.

Antes da construção, não havia referências à população negra na praça, exceto o seu nome, que traz a memória da resistência da população negra no Brasil, último país a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888.

Zumbi, líder do maior quilombo das Américas, foi morto em 20 de novembro de 1695. Esse dia passou a marcar o Dia Nacional da Consciência Negra, data reivindicada, como afirma Domingues (2007), especialmente a partir da terceira geração do movimento negro no Brasil, como mencionado no capítulo 2.

Na praça, em grafite, pode ser vista a imagem de Zumbi dos Palmares. Ao lado, têm-se os seguintes dizeres: “Só fica escravo aquele que tem medo de morrer sobre donos” (Figura 95).

¹⁴ Estiveram presentes na sua inauguração, além do prefeito Luciano Ducci, representantes de diversos países africanos a exemplo do cônsul honorário da República do Senegal, Ozeil Moura dos Santos.

Figura 95 – Praça Zumbi dos Palmares



Fonte: acervo do autor. Fotografia de 24 jan. 2019

Mais do que as canchas poliesportivas, os *playgrounds*, a academia, o anfiteatro com arquibancadas ao ar livre, o que chama a atenção na praça é o seu monumental portal. O maior portal africano fora da África possui 54 colunas de 4 metros de altura cada uma (Figura 96A). Cada coluna representa um país do continente africano e é identificada com nome, bandeira e um mapa com sua localização geográfica (Figura 96B). Somam-se às colunas outras duas com o dobro do tamanho, diferentes das demais, que simbolizam a educação e a cultura.

Em sua placa de inauguração (Figura 96C), lê-se:

No chão, o mapa do continente.

Nas colunas, o símbolo da educação e da cultura.

Em arco, os totens dos países da mãe África formam um abraço.

É a homenagem de todos os curitibanos à brava gente que ajudou a construir seu território. Como queria Zumbi dos Palmares, que para sempre prevaleçam a liberdade e a fraternidade.

Figura 96 – Memorial Africano



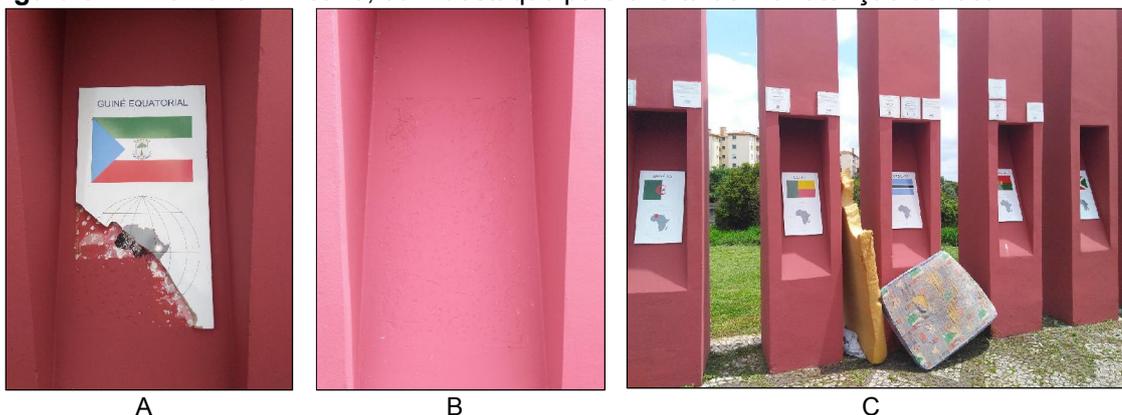
Fonte: acervo do autor. Fotografias de 25 jan. 2018

Além de eventos realizados pela comunidade negra curitibana na praça, o local tem simbologia política, uma vez que autoridades dos países africanos são convidadas a conhecê-lo. Lá são fixados azulejos nas colunas de seus respectivos países, marcando assim sua presença na capital paranaense (Figura 96B).

Por não fazer parte da Linha Turismo de Curitiba e por ficar num bairro distante, o Memorial Africano passa despercebido pelos turistas que visitam a cidade. Exemplo disso pode ser visto no Quadro 4. Apesar de o Memorial Africano ter completado oito anos de existência em 2018, possuía até a data de formulação do Quadro 4 apenas sete avaliações no referido *site* turístico. Talvez essa realidade mude com a proposição da Linha Preta.

Outro ponto a se ressaltar é a falta de manutenção e limpeza do Memorial Africano (ver Figura 97), o que não corrobora com uma possível atividade turística, fato que precisa ser visto com atenção pelas autoridades municipais. Já havia presenciado isso na primeira visita ao memorial e voltei a presenciá-lo quando a ele retornei um semestre depois. Creio ser possível fazer tal manutenção e limpeza sem transformar o espaço num *spot* publicitário, num espaço performático, para lembrar Delgado (2017), como ocorre com alguns pontos constitutivos da Linha Turismo de Curitiba, ou seja, sem tolher a liberdade daqueles que o usufruem em sua cotidianidade.

Figura 97 – Memorial Africano, com destaque para a falta de manutenção do local



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 24 jan. 2019

Após minha incursão pelo bairro que leva o nome de uma árvore típica da flora paranaense, isto é, o bairro do Pinheirinho¹⁵, onde está situado o Memorial Africano, vou em busca das *Gameleiras Sagradas*. Tenho de retornar à Praça Tiradentes, no centro da cidade. Constatação: não fiz um bom trajeto. Seguir a numeração dos pontos turísticos da Linha Preta não foi uma boa escolha. Será que o turista terá essa compreensão?

As gameleiras, também conhecidas como figueiras-brancas, são em cinco na Praça Tiradentes (Figuras 98A e 98B) e dividem espaço com outras árvores, a exemplo do pinheiro plantado pelo interventor Manuel Ribas¹⁶ (Figura 98C).

Nos últimos anos, sob a sombra das gameleiras locais, sentado nos bancos da Praça Tiradentes ou em pé, em “rodas de bate-papo”, pode ser visto um grande número de imigrantes negros, em sua maioria haitianos, muitos dos quais em busca de oportunidades na nova terra, como outrora fizeram os europeus e asiáticos que aqui chegaram. Sob suas sombras está também o conjunto estatutário da praça, com seus símbolos republicanos e homenagens a personalidades da história política do Brasil como Getúlio Vargas (com sua carta-testamento) e Tiradentes¹⁷. Marcas do passado que contrastam com a movimentação cotidiana daquela localidade.

¹⁵ Alusão ao pinheiro paranaense, também conhecido como *Araucaria angustifolia*, ou simplesmente araucária. Símbolo paranaense e inspiração paranista.

¹⁶ Paranaense de Ponta Grossa, permaneceu à frente do governo do estado de 1932 até 1945.

¹⁷ Obra do paranista João Turin, presente da comunidade italiana à cidade na década de 1920.

Figura 98 – (A) Placa de identificação; (B) gameleira (árvore sagrada); (C) placa de identificação do pinheiro plantado pelo interventor Manuel Ribas, em 1939



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 30 jun. 2018

Segundo Campos (2018), que escreve no *site* de divulgação da Linha Preta, as gameleiras sagradas são árvores de significativa importância tanto no Brasil quanto na África. Nelas se cultiva o orixá Iroko, que representa o tempo, isto é, a relação com o passado mais antigo. Como dito anteriormente, pelas gameleiras passa o cortejo dos participantes da Festa do Rosário, após a lavagem das escadarias da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, rumo às Arcadas do Pelourinho. Aqui, tem-se novamente a valorização do patrimônio cultural imaterial presente na cosmovisão africana, acrescida da valorização do patrimônio natural, na figura das gameleiras, ou figueiras-brancas. Na Figura 98A, pode-se ler a seguinte inscrição: “A raiz negra em Curitiba é forte, antiga e altiva. Faz parte da história e alimenta o futuro”. A placa foi colocada no local no dia 20 de novembro de 2017 como referência ao Decênio Internacional de Afrodescendentes, proclamado pela ONU. Interessante notar que na placa, no lado superior direito, há um símbolo africano que parece ser o machado de Xangô. Curiosamente tal símbolo foi estilizado lembrando os pinhões usados pelos paranistas.

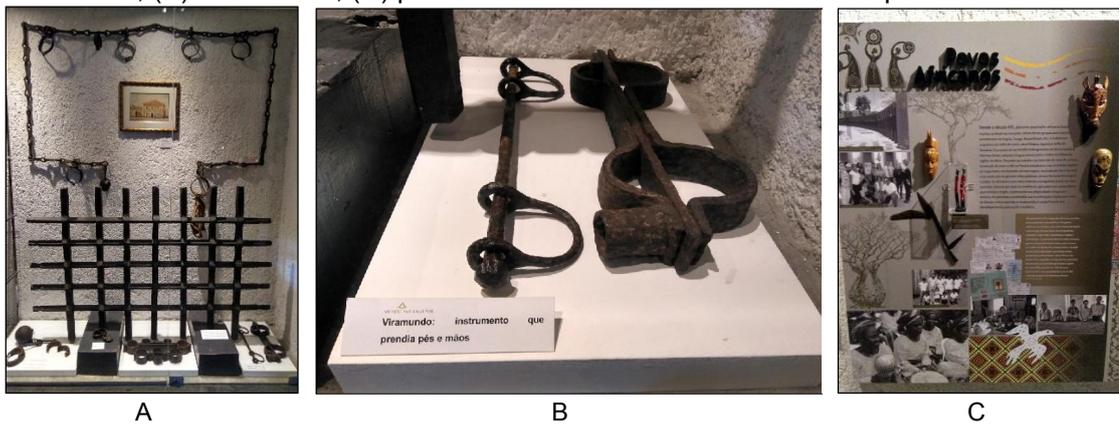
Próxima parada, *Museu Paranaense*. O ícone referente ao Museu Paranaense no mapa *online* do *site* de divulgação da Linha Preta está indisponível. Trata-se do único a apresentar esse problema entre os 21 ícones constitutivos do roteiro.

O Museu Paranaense foi inaugurado em 1876 no Largo da Fonte, hoje Praça Zacarias. Em 1882, tornou-se um órgão do governo. A partir de então passou por diferentes sedes, entre elas o Paço da Liberdade (como visto no capítulo 1, quando

da análise da Linha Turismo). Hoje está localizado de frente para a Praça João Cândido, onde estão as Ruínas de São Francisco.

Segundo seu *site* oficial (MARANHÃO, 2018), a instituição desenvolve na atualidade estudos nas áreas de antropologia, arqueologia e história. O museu possui salas de exposições permanentes e de exposições temporárias, assim como biblioteca, laboratório, auditório e sala de cursos. Seu acervo conta com aproximadamente 400 mil itens. Um de seus setores permanentes de exposição está dividido entre o Paraná indígena, especialmente de cunho arqueológico, o Paraná espanhol e o Paraná português. Neste último vemos peças que remetem aos períodos colonial, imperial e republicano do Brasil, com ênfase na história do Paraná (Figura 99). Nesse acervo, chama a atenção alguns instrumentos de ferro usados quando da escravização negra no Brasil e, conseqüentemente, no Paraná (Figuras 99A e 99B). Instrumentos que podem ser vistos em cenas cotidianas, como as retratadas nas obras do artista francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), o que mostra que, apesar de a escravidão ter ocorrido em menor número na região, o que é compreensível pelo fato de sua economia ser secundária no cenário nacional se comparada à de regiões produtoras de cana-de-açúcar do Nordeste e mineradoras ou cafeeiras¹⁸ do Sudeste, não ocorreu com menor intensidade quanto ao seu trato.

Figura 99 – (A) Instrumentos de ferro, como correntes com gargalheira, vira-mundo, grilheta, entre outros; (B) vira-mundo; (C) painel referente à história e cultura dos povos africanos



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 30 jun. 2018

¹⁸ O *boom* cafeeiro do Paraná foi no século XX, portanto fez uso da mão de obra livre.

Outro ponto de destaque e que marca a presença negra na região é o registro cinematográfico da Congada da Lapa. Realizado em 1951 por Vladimir Kózak, é o mais antigo de uma manifestação da cultura popular de matriz afro-brasileira no Paraná. Segundo artigo do *site* do Museu Paranaense (MARANHÃO, 2018), há registros de congadas em Curitiba, Castro e Paranaguá, entretanto somente a lapiana chegou aos dias atuais (Figura 100). Ainda de acordo com o mesmo artigo:

Mais do que uma encenação sobre o colonialismo português e a conversão à fé cristã dos reinos do Congo e de Angola, a Congada nos remete à uma África mítica e poderosa. Ao encenar o auto, os afro-descendentes da Lapa reafirmam sua identidade, buscando visibilidade cultural em um estado marcado pela valorização da história das tradições dos imigrantes europeus (MARANHÃO, 2018).

Figura 100 – Congada da Lapa



Fonte: MARANHÃO, 2018

Como pode ser observado no Quadro 4, o Museu Paranaense possuía até a data de sua tabulação, na presente pesquisa, 342 avaliações de usuários do *site* TripAdvisor Brasil. A leitura dos comentários escritos por seus usuários nos últimos dois anos deixa antever, entre outras informações, que o museu é bem avaliado. Salientam-se o atendimento de seus funcionários, sua sede¹⁹, a gratuidade, o tamanho (espaço físico) e o seu acervo. Quanto ao último, são mencionadas a

¹⁹ Edificação dos anos de 1920, foi Palácio do Governo e sede do Tribunal Regional Eleitoral e do Museu de Arte do Paraná. Após restauro, passou a ser a sede do Museu Paranaense, em 2002, o terceiro mais antigo do Brasil (1876).

compreensão que oferece à história do Paraná, com destaque para os objetos e artefatos arqueológicos e indígenas, peças que remetem ao entendimento do desenvolvimento da indústria no estado, armas antigas usadas em batalhas e referências à imigração. Portanto, não há referências à história nem à cultura afro-curitibana, talvez em razão da exiguidade de seu acervo permanente quanto a essa questão. Novamente um desafio posto aos proponentes da Linha Preta, que buscam integrar o museu ao itinerário turístico. Creio que um caminho possível para mudar tal realidade, além do aumento do número de peças no acervo permanente da instituição, seja a proposição de exposições temporárias (temáticas) no museu, a exemplo da Exposição sobre os Clubes Sociais Negros (ver Figura 101), à disposição dos visitantes e turistas que passarem pela cidade entre os dias 23 de novembro de 2018 e 31 de março de 2019.

Figura 101 – Exposição sobre os Clubes Sociais Negros no Paraná



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 10 jan. 2019

Do museu, siga até o Passeio Público, ponto já citado e explorado no capítulo 1 em virtude de sua presença na Linha Turismo. *Emiliano Pernetá*, o “príncipe dos poetas paranaenses”, nasceu em Pinhais, atual região metropolitana de Curitiba. Escritor, jornalista e advogado, Emiliano David Pernetá foi lembrado pelos proponentes da Linha Preta por ser um homem de ascendência africana. Foi um dos precursores do simbolismo no Brasil. Tornou-se nome de rua na capital paranaense (numa via urbana que liga o centro da cidade ao abastado bairro Batel). Da mesma forma, foi homenageado com um busto e uma placa no referido Passeio Público.

O destaque de personalidades negras ou afrodescendentes como a do poeta Emiliano Pernetta surge como uma demanda dos movimentos sociais negros, cansados de ter a imagem de seu povo associada apenas à escravidão ou a representações estereotipadas e subalternas, como visto, por exemplo, no Memorial de Curitiba. Tais imagens e representações estereotipadas e subalternas delimitaram e definiram ao longo dos anos papéis preestabelecidos a serem ocupados pela população negra na sociedade contemporânea, diminuindo sua importância no tocante à formação do estado brasileiro. Por isso, a relevância desse espaço dedicado à memória de Emiliano Pernetta no Passeio Público. Resta saber se o turista conseguirá fazer essa leitura.

Retorno no dia seguinte à rua *Voluntários da Pátria* (Figura 102). A caminhada foi relativamente cansativa, em função da escolha do roteiro de visita. Seguir a numeração dos pontos turísticos de acordo com o mapa da Linha Preta não foi a melhor das ideias; fez-me percorrer longas distâncias.

O termo *voluntários da pátria* surgiu no Brasil durante a Guerra do Paraguai (1864–1870), também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança, o maior conflito armado já ocorrido na América do Sul. A fim de formar um contingente de soldados, o governo imperial brasileiro criou unidades de voluntários com a promessa de recompensa àqueles que retornassem da guerra, entre elas a liberdade para os escravizados. Promessa que muitas vezes não se concretizou. A criação dos “voluntários da pátria” deu-se pelo Decreto imperial n.º 3.371, de 7 de janeiro de 1865. Atendendo, segundo o documento, às graves e extraordinárias circunstâncias em que se achava o país, o decreto criou “corpos para o serviço de guerra em circunstancias extraordinarias com a denominação de – Voluntarios da Patria –, estabelece as condições e fixa as vantagens que lhes ficão competindo” (BRASIL, 1865).

Com o tempo, senhores brancos passaram a enviar negros escravizados ao conflito, preservando assim seus entes familiares. O que era um voluntariado passou a ser uma obrigação. Esse fenômeno não se restringiu à Província do Paraná. Hoje existem diversas ruas e logradouros públicos no Brasil com o nome *voluntários da pátria*²⁰.

²⁰ Sobre a participação dos paranaenses no conflito, entre eles a dos voluntários da pátria, ver a obra do historiador paranaense: CARNEIRO, 1995.

Figura 102 – (A) Rua Voluntários da Pátria; (B) trecho de calçada de pedestres



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 10 jan. 2019

Em Curitiba, a rua está localizada no centro da cidade. Tem um de seus trechos formado por um calçamento de pedestres em *petit-pavé* (Figura 102B). Ali há o encontro da Rua Voluntários da Pátria com o calçamento da XV de Novembro e com a Praça Osório. Singela homenagem àqueles que lutaram pelo país e, como anônimos, ficaram no esquecimento.

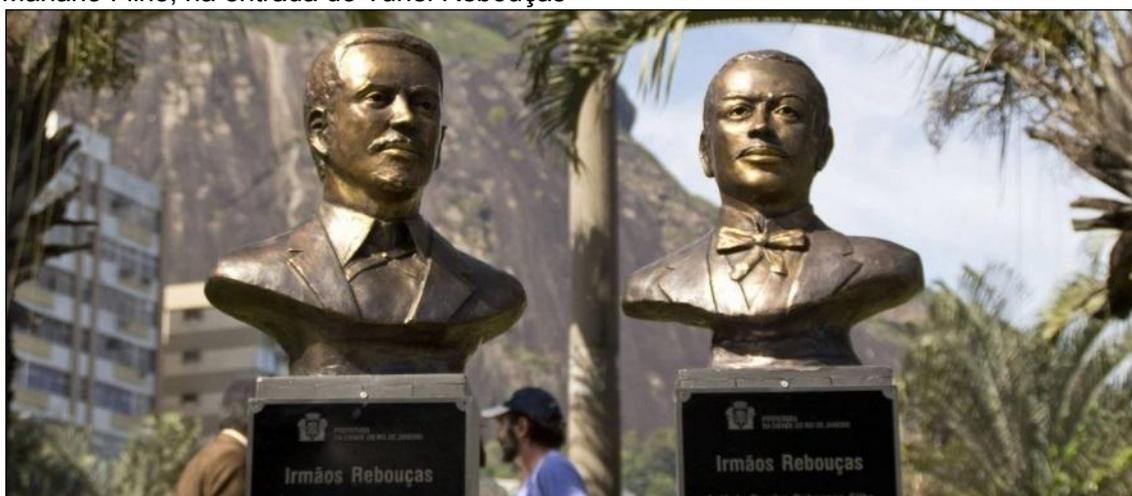
De posse do celular, uso um aplicativo de transporte e sigo de carro até o *Viaduto do Capanema*; o local é relativamente longe para o deslocamento a pé. Segundo informações do *site* de divulgação da Linha Preta (LINHA PRETA, 2018), o viaduto abrigou ensaios da primeira escola de samba de Curitiba, nas décadas de 1930, 40 e 50.

Próximo à rodoferroviária da cidade, o Viaduto do Capanema, enquanto região privilegiada da memória afro-curitibana, foi marcado pela presença negra de antigos ferroviários que, além do samba, praticavam a capoeira, o jongo, entre outras atividades culturais. Destaque aqui para a memória associada ao patrimônio cultural imaterial nas suas diferentes formas de expressão. Mas isso não é tudo. Esse espaço é ocupado na atualidade pelo Centro Cultural Humaitá, um dos proponentes e divulgadores da Linha Preta. Seu presidente Adegmar Silva, atualmente afastado do exercício, exerce o cargo de assessor de Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Prefeitura de Curitiba. Foi esta quem autorizou a revitalização do espaço para a construção do Centro de Referência da Cultura Afro. O inconveniente do local para o turista, infelizmente, é a falta de segurança.

O Centro Cultural Humaitá está localizado no bairro Jardim Botânico. Ali passa a rua *Engenheiro Rebouças*, que segue até o bairro de igual nome: Rebouças. Os irmãos negros e engenheiros Rebouças já foram mencionados aqui quando da análise da Praça Zacarias, em virtude da instalação de um sistema de água potável na localidade, no século XIX, porém essa não foi a única contribuição deles para a história de Curitiba. Uma de suas obras transpõe a barreira da cidade e atinge importância em âmbitos estadual e nacional: a concepção da estrada de ferro que ligaria Curitiba ao litoral paranaense. Importante obra de engenharia realizada no governo de D. Pedro II, ainda em atividade, a ferrovia atrai turistas que percorrem o caminho de Curitiba à cidade histórica de Morretes. No passeio, que se inicia com a partida na rodoferroviária de Curitiba, o turista pode ver detalhes da construção da obra, como viadutos escavados na rocha e pontes de aço encrustadas sobre desfiladeiros da serra do mar, além da própria beleza da serra do mar, patrimônio arqueológico, etnográfico e paisagístico do estado desde 1986.

Os baianos irmãos Rebouças são lembrados também em outros estados por onde passaram e deixaram suas obras, a exemplo do Rio de Janeiro (Figura 103), à época capital federal. Ambos vieram para o Paraná na década de 1870. Além das já citadas obras na Província do Paraná, participaram também com soluções técnicas na área da nascente indústria, como a da erva-mate. No que tange às questões sociais, foram abolicionistas e defenderam melhores condições de vida à classe operária. Mais um retrato da presença negra em Curitiba.

Figura 103 – Busto dos irmãos Rebouças no Rio de Janeiro, localizado na Praça José Mariano Filho, na entrada do Túnel Rebouças



Fonte: O GLOBO, 2014

Retorno ao Largo da Ordem, centro histórico de Curitiba, e agora o local a ser visitado e analisado é o *Museu de Arte Sacra* (Figura 104A), penúltimo ponto da Linha Preta. O museu, inaugurado em 1981 (ver Figura 104B), é um anexo da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas. Ou seja, os dois ocupam a mesma edificação. O museu possui um acervo de 800 peças, como pinturas, esculturas e objetos sacros usados em cultos e fotografias, por exemplo. Causou-me estranheza a falta de segurança, bem como de informações sobre o seu acervo. No dia em que fiz a visita, não havia nenhum funcionário do museu no local. Simplesmente entrei no lugar, vi e fotografei o acervo e fui embora.

Os proponentes da Linha Preta apontam como destaque, em seu *site* de divulgação (LINHA PRETA, 2018), uma representação antiga de São Benedito, datada do século XVIII (ver Figura 104C), e a escultura de São Francisco, feita pelo artista Lafaete Rocha, escultor negro paranaense originário do Mato Preto, município histórico da Lapa, a poucos quilômetros de Curitiba. Segundo a prefeitura da cidade natal de Rocha, na Lapa está localizado o maior santuário de São Benedito do mundo. Também marca a presença negra no município lapiano, relacionada ao culto a São Benedito, a Congada da Lapa.

Descendente de africanos do norte do continente e criado na Itália, São Benedito tornou-se no Brasil padroeiro da Irmandade dos Homens Pretos de São Benedito, bem como dos cozinheiros, uma vez que muitos de seus milagres estão associados a doações de comida.

Figura 104 – (A) Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas e Museu de Arte Sacra; (B) placa indicativa do Museu da Arte Sacra; (C) acervo do museu: imagem de São Benedito



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 8 maio 2018

O último local de visitação também está ligado a um templo religioso católico, a *Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais*. Alguns dados sobre a Catedral Basílica Menor, Igreja Matriz, já foram mencionados no capítulo 1, em decorrência de sua proximidade com um dos pontos da Linha Turismo, a Praça Tiradentes. Os proponentes da Linha Preta chamam atenção para a mão de obra usada na referida construção. Segundo o *site* de divulgação do itinerário (LINHA PRETA, 2018), além do aval técnico dos irmãos Rebouças, a construção contou com o trabalho de mestres de obras que cuidavam da Igreja do Rosário.

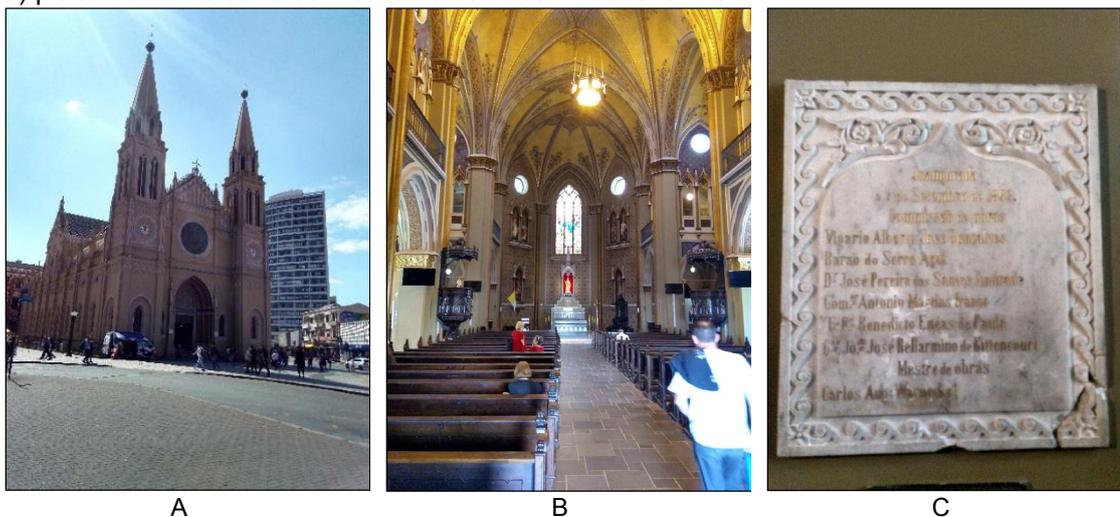
O engenheiro italiano Giovanni Lazzarini, comovido pela situação dos negros escravizados, pediu a alforria dos construtores. Sendo assim, a igreja foi construída por homens livres, aos quais se somaram imigrantes portugueses e alemães. De acordo com artigo do *site* da Linha Preta:

Vicente Moreira Freitas, um destes ex-escravizados foi um importante mestre na construção da igreja. Vicente nasceu na África e chegou no Brasil escravizado, porém, após tornar-se livre foi grande inspiração para os demais, sendo um dos fundadores do segundo clube negro do Brasil, a Sociedade 13 de Maio, também pertenceu à Irmandade de São Benedito (ARRUSIQ, 2018).

Afirma o *site*, contudo, que a participação dos mestres de obras negros não ficou gravada na placa comemorativa fixada na entrada da igreja; dela, constava apenas o nome das autoridades brancas, o que teria levado Vicente a bater sua marreta com fúria nela, deixando ali seu registro²¹ (ver Figura 105C). Lenda ou veracidade, não tenho como comprovar isso nesse momento, nem é essa a intenção da pesquisa, no entanto fica aqui o registro do fato, extraído do *site* de divulgação da Linha Preta (2018).

²¹ Na placa pode ser lido: “Inaugurada a 2 de setembro de 1893. Commissão de obras. Vigario Alberto José Gonçalves, Barão do Serro Azul, Dr. José Pereira dos Santos Andrade, Com.or Antonio Martins Franco, Ten. Cel. Benedicto Enéias de Paula, Cão. Jo.im José Bellarmino de Bittencourt. Mestre de obras. Carlos Aug. Warnecke”.

Figura 105 – (A) Vista externa da Catedral Basílica Menor; (B) vista parcial interna da catedral; (C) placa comemorativa com o nome das autoridades locais



Fonte: acervo do autor. Fotografias de 30 jun. 2018

Ao completar o itinerário urbano aqui descrito e analisado, percebo o descentramento de antigas narrativas e hierarquias culturais na capital paranaense quando da escrita da cidade, uma vez que a ativação patrimonial da Linha Preta abre espaços de contestação e para uma nova escrita, isto é, as “vozes das margens”, como diria Hall (2018, p. 376):

Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural²².

Esse passado acionado pela Linha Preta é a ressonância característica de uma cidade em movimento, de “formas de apropriação e de criações que exprimiram diferentes práticas e sentimentos de pertencimento sobre o urbano” (COELHO, 2011, p. 115).

²² Feitas tais considerações, o autor alerta que essa abertura para a diferença e para as margens é ambígua, pois vem acompanhada de uma reação no seio das políticas culturais como a resistência à diferença, o ataque ao multiculturalismo, a defesa do absolutismo étnico, as novas xenofobias, entre outras. Apesar de Hall (2018) se referir a um contexto mais geral, especialmente da Europa, tais observações podem ser aplicadas no Brasil no presente momento.

3.2 ATIVAÇÃO PATRIMONIAL, MEMÓRIA REIVINDICADA E A REESCRITA DA CIDADE

No início deste capítulo falei, entre outros, da relação dos turistas com o patrimônio. Percorridos ambos os itinerários, isto é, a Linha Turismo e a Linha Preta de Curitiba, parece-me necessário apontar algumas questões acerca dessa relação, assim como discorrer sobre os valores culturais de um bem patrimonial. Para tal, farei uso de Meneses (2009). Acrescento aqui a necessidade de fazer algumas considerações quanto à chamada “inflação patrimonial”, com base em Hartog (2006), e aos usos sociais do patrimônio (CANCLINI, 1999; ZANIRATO, 2009).

Em uma conferência realizada no I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, em 2009, Meneses cita o exemplo de um cartum publicado há muito tempo numa revista ilustrada francesa. Provavelmente na *Paris Match*, segundo ele, e do cartunista Jean-Jacques Sempé. Na imagem aparece uma velhinha de joelhos diante do altar-mor de uma catedral gótica, imersa em oração. Próximo dela, há um grupo de orientais (turistas) e um guia francês. O guia toca os ombros da anciã e diz-lhe estar ela perturbando a visita à catedral. Conclui Meneses (2009, p. 26): “Eis um retrato impressionante da perversidade de certa noção do patrimônio cultural vigente entre nós”. Com esse exemplo, o autor faz uma série de considerações, entre elas a de que “a desarticulação entre práticas e representações, acentuando estas últimas, esvazia o patrimônio de seu conteúdo existencial e privilegia os perversos ‘usos culturais da cultura’” (MENESES, 2009, p. 25).

Pensando em termos de ativação patrimonial que envolve a proposta da Linha Preta, pergunto-me: em que medida patrimonializar um conjunto de bens tangíveis e intangíveis transformando-os em uma linha turística não os dá um caráter performático, assim como a Linha Turismo, ou seja, não dilui as relações genuínas que a população tem com aquele conjunto de patrimônio na sua cotidianidade? Dito de outra forma, em que medida seus usuários, habitantes da cidade, não vão se tornar com o passar do tempo aos olhos dos turistas “conservadores” e “*marchands*”, um inconveniente, como a velhinha do cartum francês? Essa parece ser uma questão a ser respondida pelos proponentes da Linha Preta. Creio que há que se ter cuidado especial aqui para não se sobrepor as representações acionadas por meio dos monumentos no presente, em detrimento das práticas que eles demandam. Para Meneses (2009, p. 32), “significações e valores não está nas coisas em si, mas nas

práticas sociais”. Lembrando: pensar a cidade e seus bens patrimoniais pressupõe pensar em seus habitantes. Caso contrário, o que se tem é a museificação da cidade, que passa a ser exposta à contemplação, e não à interação.

Mediante o exemplo do cartum, o autor aponta ainda os principais componentes do valor cultural de um bem: os valores cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos. Tais valores, segundo o autor, não existem isoladamente, mas produzem “combinações, recombinações, superposições, hierarquias diversas, transformações, conflitos” (MENESES, 2009, p. 35). Por isso, conclui que o campo do patrimônio cultural é um campo eminentemente político. Creio que a observação de tais valores seria uma boa baliza para a ativação patrimonial e a visibilização desses bens que remetem à memória, história e cultura afro-brasileira na capital paranaense.

A presente ativação patrimonial que se dá em torno da Linha Preta demanda outra questão. Ela estaria no bojo de uma possível “inflação patrimonial”, que vem sendo sentida em várias partes do mundo, o “tudo patrimônio”, nos dizeres de Hartog (2006), em que, conforme um novo regime de historicidade centrado no presente, se demanda cada vez mais a preservação de memórias parciais, setoriais, particulares em detrimento das grandes narrativas? Sim, mas isso seria algo condenável? Não. Em Curitiba, a ativação patrimonial em torno dos bens patrimoniais que remetem à memória, história e cultura afro-brasileira foi o meio encontrado pelas vozes margeantes dos invisibilizados da escrita da cidade se fazerem presentes e marcarem posição diante das transformações que vão se constituindo na tessitura da cidade dita de “classe média”, “europeia”, de “primeiro mundo”. Uma forma de “escovar a história a contrapelo”, desvelar o silêncio, pleitear um direito à memória de quem, na diáspora africana e, conseqüentemente, na imigração compulsória, chegou a essas terras e dela passou a fazer parte.

Feitas tais considerações, fica a pergunta: afinal, quais são então os usos sociais do patrimônio? Com base no antropólogo argentino Néstor García Canclini, a historiadora Zanirato (2009) dá-nos uma dica:

Esses usos sociais correspondem aos modos socialmente construídos para a participação da sociedade em geral na identificação, conservação, estudo e difusão dos bens que configuram a sua identidade. Isso implica que a população se sinta identificada com os elementos a serem conservados, que se reconheça neles, para que eles se tornem, de fato, representativos dela e para ela. O reconhecimento do pertencimento coletivo dos bens acarreta esforços

comuns para sua conservação e, quanto mais coletivo e representativo eles forem, mais protegidos estarão (ZANIRATO, 2009, p. 3).

Após percorrer os meandros da Linha Preta, encerro o presente capítulo e análise ciente da observação cuidadosa de Hall (2018, p. 377):

Reconheço que os espaços “conquistados” para a diferença são poucos e dispersos, e cuidadosamente policiados e regulados. [...] Eu sei que o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada. Mas simplesmente menosprezá-la, chamando-a de “o mesmo”, não adianta. Depreciá-la desse modo reflete meramente o modelo específico das políticas culturais ao qual continuamos atados (HALL, 2018, p. 377).

Dáí a importância da Linha Preta no processo de reescrita da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre é cedo demais para avaliarmos o impacto de grandes acontecimentos históricos, porque esse impacto nunca é estático e está sempre se transformando conforme mudam as circunstâncias do presente e nossa perspectiva do passado (FITZPATRICK, 2017)¹.

Início minhas considerações finais com essa reportagem da década de 1970, que traz por título: “Turismo: palavra que arrepia muita gente”. Vejamos:

Não são raros os casos de cidades muito menos interessantes que a nossa sobreviverem graças ao volume da arrecadação proporcionada pelo turismo. Alguém já chegou a compará-lo a “uma indústria sem chaminé”. Em Curitiba, no entanto, a mentalidade é outra. Velhas ideias arraigadas permanecem, hoje, tão sólidas quanto há cinquenta anos. Seus adeptos consideram que sempre fomos e sempre seremos “uma cidade dormitório” ou, pior ainda, “uma cidade no meio do caminho” (O ESTADO DO PARANÁ, 1976).

No transcorrer desta investigação, foi possível observar que essa visão pessimista sobre o turismo enquanto potencialidade econômica foi sendo superada ao longo das décadas conforme decorriam as transformações urbanas na cidade, especialmente quando foram associadas as políticas do *city marketing* à criação da Linha Turismo. As transformações urbanas na capital paranaense, principalmente nas gestões Lerner e Greca, alçaram Curitiba a outro patamar, para além de uma simples “cidade no meio do caminho”, transformando-a numa cidade-modelo. Porém, com o bônus, veio também o ônus.

Fazendo uma analogia com o carnaval, eu diria que pós-24 anos da instalação da Linha Turismo, Curitiba se transformou num imenso carro alegórico², digna de nota 10 nos quesitos alegoria e fantasia, contudo sem muito samba no pé. Uma Curitiba performática e excludente, que foi se formando ao longo do tempo, firmada em papéis preestabelecidos. Logo, ainda há um longo caminho a percorrer nessa relação turismo e patrimônio, sobretudo no que concerne à democratização dos espaços e da

¹ Embora se refira à Revolução Russa enquanto grande acontecimento histórico, a historiadora australiana deixa aqui um alerta que nos é útil também para a compreensão das questões locais.

² Delgado (2017) prefere o termo “parque temático” ao se referir ao modelo Barcelona, onde se pretende criar um simulacro, uma encenação nos e dos espaços públicos, passando uma imagem falsa da vida urbana. Característica de uma “*ciudad-farsa*”.

constituição da memória pública da capital paranaense. Esse caminho vem sendo reescrito nas narrativas da cidade, principalmente com a proposição da Linha Preta.

Feitas essas considerações iniciais, aproveito para destacar em tópicos alguns pontos que me chamaram a atenção. Vejamos:

- a) a Linha Turismo de Curitiba, construída conforme a perspectiva do mercado mundial das cidades na década de 1990 e da política do *city marketing*, retomou algumas imagens-síntese da cidade como capital ecológica e cidade-modelo e agregou outras, como cidade de primeiro mundo e capital de todas as gentes, consolidando os mitos da capital de classe média e da cidade europeia;
- b) ao criar tais mitos, essa cidade performática e homogeneizadora promoveu a exclusão social de parte de sua população, que foi empurrada para a periferia da cidade e para a região metropolitana da capital;
- c) acrescenta-se a essa exclusão social a invisibilização da população negra, que não se via representada nesse cenário da cidade, quando do processo de turistificação da capital paranaense;
- d) essa sociedade que transforma tudo em mercadoria, inclusive as cidades e seus patrimônios culturais – fato observado nas políticas do *city marketing* especialmente em cidades como Curitiba e Barcelona (SÁNCHEZ, 2010; DELGADO, 2017) – cria simulacros e contribui para a teatralização dos e nos espaços urbanos, onde o não consumidor se torna o não ser, uma espécie de pária dessa sociedade do consumo e do efêmero;
- e) a tradição em torno da construção desses mitos da capital de classe média e da cidade europeia tem suas raízes históricas ligadas à construção de um modelo civilizatório pautado nas ideias paranistas, movimento identitário surgido no início do século XX no estado do Paraná que teve Curitiba como seu epicentro (PEREIRA, 1996; SZVARÇA, 2004);
- f) nesse modelo a cultura é vista como sinônimo de civilização, sentido dado pelos franceses a partir do século XVIII sob os auspícios do iluminismo (EAGLETON, 2003). Tal modelo ajudou a criar no mundo ocidental uma espécie de sistema binário: civilizado × não civilizado /

superior × inferior / alta cultura × baixa cultura / nós × os outros, o que contribuiu no século XIX para a expansão do modelo civilizatório capitalista que culminaria no imperialismo ou neocolonialismo fora da Europa;

- g) essa forma de pensar a cultura também teve seus reflexos no Brasil, nas políticas imigratórias, na política do branqueamento, na miscigenação das “raças”, o que prepararia terreno para o que viria no pós-abolição e ajudaria a formar a nossa identidade social;
- h) no caso de Curitiba, a Linha Preta representa uma tentativa de ruptura com esse modelo civilizatório por meio de uma nova escrita da cidade, que tem como mote a valorização da história, memória e cultura afro-brasileira na capital paranaense e traz à tona a história dos invisibilizados da chamada “cidade europeia”;
- i) embora constatada a presença da estética paranista na cidade, e conseqüentemente daquilo que ela representa enquanto construção identitária, a Linha Preta não é a antítese da Linha Turismo, ou seja, não faz emergir uma Linha Branca. No entanto, principalmente quando a Linha Preta propõe paradas em monumentos e lugares sobrepostos à Linha Turismo, funciona como uma reescrita da cidade, revisando a antiga linha turística;
- j) não creio que a Linha Preta conseguirá por si só desfazer essa imagem consolidada de cidade, o que não diminui a sua importância. Principalmente se tomarmos a sua proposição não como uma ação isolada, mas como uma ação que agrega, que se soma a tantas outras encabeçadas por intelectuais e ativistas dos movimentos sociais nas áreas da educação, da saúde, da economia, entre outras, muitas das quais consolidadas até o momento como políticas afirmativas;
- k) alguns estudiosos do campo do patrimônio chamam a atenção para a proliferação patrimonial dos últimos anos, em que em um novo regime de historicidade, centrado no presente, se reivindica a memória de tudo (HARTOG, 2006);
- l) exageros à parte, em que todos querem ter um patrimônio “para chamar de seu”, entendo especificamente no caso de Curitiba o desejo de ativação patrimonial encabeçado por intelectuais e ativistas dos

- movimentos sociais negros como um direito à memória e um direito cultural que beneficia a toda a sociedade, não só seus envolvidos;
- m) na atualidade, o privilégio da história-memória nacional ou mesmo regional, como é o caso de Curitiba, passa a sofrer a concorrência ou a ser contestada pelas memórias parciais, setoriais ou de grupos que também se intitulam como legítimos e buscam sua representatividade;
 - n) entre a amnésia e o dever da memória, os atores sociais proponentes da Linha Preta passam a “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 2016), revolvem o passado da capital paranaense em busca de fragmentos, vestígios, marcas do tempo, em busca da presença negra em Curitiba, identificando bens materiais e imateriais ou intangíveis, a exemplo de lugares, formas de expressão, de saber fazer;
 - o) haja vista o patrimônio cultural ser uma construção social, lembrando que no caso de Curitiba o desejo de ativação patrimonial da Linha Preta parte de intelectuais e ativistas dos movimentos sociais, a sua consolidação requer também a participação do poder público (PRATS, 1997);
 - p) historicamente o poder público tem atendido em Curitiba às demandas da população de origem imigrante europeia, japonesa e árabe, como pode ser visto nos equipamentos culturais presentes no itinerário da Linha Turismo, o que demonstra também o poder econômico e político desses seguimentos da população na capital paranaense. O mesmo não pode ser dito das etnicidades que sofreram um processo de exclusão social no Brasil, como as negras e indígenas;
 - q) o discurso dos movimentos sociais passa a ser incorporado enquanto demanda política, como no caso da atual gestão Rafael Greca (2017-2020). O gestor já vinha buscando dividendos políticos com esse segmento da população desde as últimas eleições municipais, em 2016, como pode ser visto no artigo “Os negros de Curitiba” (MACEDO, 2016b);
 - r) creio que tal aproximação com o poder público, muito mais do que uma “cooptação”, deve ser entendida pela perspectiva da negociação e do conflito, fato que não é novo e que pressupõe uma das formas de resistência da população negra no Brasil (REIS; SILVA, 2005);

- s) diferentemente da Linha Turismo, cujos equipamentos culturais foram construídos nas últimas décadas nas gestões Lerner e Greca, constituindo a escrita e o cenário da cidade e marcando a construção das imagens-síntese da urbe, a Linha Preta reflete em sua maioria patrimônios histórico-culturais que sempre estiveram próximos à região central da capital, muitos remetendo ao século XIX, porém invisibilizados, como verdadeiros “fantasmas da cidade” à espera de sua ativação;
- t) a valorização de diferentes bens patrimoniais, como é o caso da Linha Preta, também deve ser vista como um investimento econômico da cidade, uma vez que ela passa a ser apropriada pela atividade do turismo. Para tal, é preciso investimento de recursos financeiros nesse novo itinerário, que vão da segurança à limpeza, da manutenção dos equipamentos culturais à divulgação desses bens;
- u) daqui advém um cuidado essencial: não deixar que esse patrimônio visto como uma atividade propulsora do turismo engesse e leve à museificação desses espaços, sobrepondo o valor das representações às práticas sociais cotidianas (MENESES, 2009);
- v) destaque sua importância, seja no campo econômico, seja no campo do direito à memória, a Linha Preta carece de melhores informações quando da apresentação de seus espaços e bens culturais. O turista e o cidadão curitibano de modo geral terão dificuldades de compreender a proposta dessa escrita da cidade sem material publicitário, pôsteres e totens informativos, como há nos pontos constitutivos da Linha Turismo;
- w) observa-se falta de referências nos textos de divulgação do *site* da Linha Preta (LINHA PRETA, 2018). Elas ajudariam a entender melhor a pesquisa realizada ao redor dos pontos constitutivos do itinerário, evitando críticas em torno do que poderia ser interpretado como uma possível nova “invenção de tradições” (HOBBSAWN, 2002) na capital paranaense. No entanto, faz-se preciso reconhecer que a pesquisa ainda está em andamento e que possivelmente há em alguns casos dificuldades no processo de levantamento de fontes;
- x) este trabalho de pesquisa e a própria proposição da Linha Preta devem ser colocadas também em um contexto ascendente das políticas

afirmativas e pelo fim das desigualdades raciais no país, advindas dos preceitos constitucionais e da participação dos movimentos sociais negros;

- y) oriunda das vozes dissonantes, a Linha Preta pode apresentar-se como uma espécie de subversão da ordem patrimonial (MACHADO, 2018), por meio dos embates identitários em torno da memória pública paranaense, rompendo a visão construída de uma cidade performática, pautada em simulacros;
- z) é bom lembrar que nenhuma sociedade deixa seu passado à mercê da própria sorte. Quer ele seja celebrado, quer ele seja ocultado, esse passado permanece sendo uma questão basilar do presente (ROBIN, 2016).

Isso tudo me faz pensar novamente, à guisa de conclusão, em Calvino (2017), quando o veneziano Marco Polo descreve a Kublai Khan a cidade de Zaíra. Diz o viajante importar Zaíra menos pela sua arquitetura imponente e mais pelas relações que a permeiam. Concordo em partes, uma vez que sua arquitetura imponente reflete, entre outras, suas relações com a história e a memória de um povo, reflete em última instância suas próprias relações sociais e de poder, tanto por aquilo que apresentam como por aquilo que ocultam.

Penso ainda, após percorrer os meandros da escrita da cidade e buscar a gênese do que pode ser um novo processo de escrita, no escritor curitibano Dalton Trevisan, *outsider* do discurso paranista, especialmente na sua obra *Em busca de Curitiba perdida*, quando diz:

Curitiba europeia do primeiro mundo
cinquenta buracos por pessoa em toda calçada
Curitiba alegre do povo feliz
essa é a cidade irreal da propaganda
ninguém não viu não sabe onde fica
falso produto de *marketing* político
ópera bufa de nuvem fraude arame
cidade alegríssima de mentirinha
povo felicíssimo sem rosto sem direito sem pão
dessa Curitiba não me ufano
não Curitiba não é uma festa
os dias da ira nas ruas vêm aí
(TREVISAN, 1999, p. 86-87, grifos do original).

Essa “Curitiba oficial enjoadinha narcisista”, “para turista ver”, “não me toca”. E reitera: “Curitiba sem pinheiro ou céu azul, pelo que vosmecê é – província, cárcere, lar –, esta Curitiba, e não a outra para inglês ver, com amor eu viajo, viajo, viajo”. (TREVISAN, 1999, p. 9).

REFERÊNCIAS

Bibliografias:

ALCÂNTARA, Ricardo. **Sociedade 13 de Maio**. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

ARRUSIQ, Adriana. **Catedral Basílica Menor**. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

ASSMANN, J. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-127, jan./jun. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Organização e tradução de João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BONZATTO, Eduardo Antonio; POLICHUK, Naja Kayanna. Origem da Feira do Largo da Ordem, Curitiba, em 1970: diálogos de arte e zanato. **Lumen Et Virtus**, v. 5, n. 10, p. 95-117, mar. 2014.

BRASIL. **Decreto n.º 3.371, de 7 de janeiro de 1865**. Crêa Corpos para o serviço de guerra em circunstancias extraordinarias com a denominação de – Voluntarios da Patria –, estabelece as condições e fixa as vantagens que lhes ficão competindo. Brasil, 1865. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3371-7-janeiro-1865-554492-publicacaooriginal-73111-pe.html>>. Acesso em: 18 out. 2018.

_____. Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto n.º 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília, 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm>. Acesso em: 6 jul. 2018.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CAMPOS, Keimilin. **Praça Tiradentes**. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 6 jul. 2018.

CANCLINI, Néstor García. Los usos sociales del patrimonio cultural. **Cuadernos Patrimonio Etnológico**, México, p. 16-33, 1999.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARNEIRO, David. **O Paraná na Guerra do Paraguai**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.

CASTELNOU, Antonio Manuel Nunes. Parques urbanos de Curitiba: de espaços de lazer a objetos de consumo. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 13, n. 14, p. 53-73, dez. 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim F. Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia E. Orth. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Editora Univille, 2011.

DAMATTA, Roberto Augusto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DELGADO, Manuel. **La ciudad mentirosa**: fraude y miséria del "modelo Barcelona". 3. ed. Madri: Catarata, 2017.

DIAS, Wagner. **Praça Zacarias**. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 6 jul. 2018.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Lisboa: Actividades Editoriais, 2003.

FENIANOS, Eduardo Emílio; MENDONÇA, Maí Nascimento. **Linha Pinhão**: pegadas da memória, roteiro cultural histórico para conhecer Curitiba a pé. Curitiba: Prefeitura de Curitiba, 1993.

FERREIRA, Valéria Milena Röhrich; ROMANO, Evellyn Bernardo Rodrigues. Literatura outsider para uma cidade estabelecida: a influência do campo literário e do campo curricular na construção do projeto da cidade de Curitiba na década de 1990 e início do século XXI. **Línguas e Letras**, Cascavel, v. 12, n. 23, p. 305-328, 2011.

FITZPATRICK, Sheila. **A Revolução Russa**. São Paulo: Todavia, 2017.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, [s.d.]. p. 56-76.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GARCÍA, Fernanda Ester Sánchez. Curitiba anos 90: a imagem urbana revisitada. *In*: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

GIOVANAZ, Daniel. Curitiba, 324 anos: uma história manchada pela segregação e pela desigualdade. **Brasil de Fato**, 29 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/03/29/curitiba-324-anos-uma-historia-manchada-pela-segregacao-e-pela-desigualdade/>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

GONÇALVES JÚNIOR, Antônio José *et al.* **O que é urbanismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *et al.* Paranismo, Neo-Paranismo, Pós-Paranismo. **História Questões & Debates**, Curitiba, ano 8, v. 14-15, p. 128-136, jul./dez. 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. *In*: _____; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOERNER JUNIOR, Valério; BÓIA, Wilson; VARGAS, Túlio. **Biografia da Academia Paranaense de Letras**. Curitiba: Posigraf, 2001.

JEUDY, Henri-Pierre; JACQUES, Paola Berenstein. **Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2006.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **Os rituais do tombamento e a escrita da história: bens tombados no Paraná entre 1938-1990**. 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

LIMA, Felipe Borborema Cunha; SANSON, Marisa Santos. As influências midiáticas do cineturismo na roliúde nordestina: uma reflexão através do contexto mundial. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO, 10., 2008, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Universidade Positivo, 2008.

LLOSA, Mario Vargas. El embajador guerrillero. **El País**, 31 dez. 1994. Disponível em: <https://elpais.com/diario/1994/12/31/opinion/788828409_850215.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

MACEDO, Rafael Greca de. **Curitiba luz dos pinhais**. Curitiba: Solar do Rosário, 2016a.

_____. Os negros de Curitiba. **Blog do Esmael**, 20 abr. 2016b. Disponível em: <<https://www.esmaelmorais.com.br/2016/04/os-negros-de-curitiba/>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

MACHADO, Diego Finder. **Marcas da profanação: versões e subversões da ordem patrimonial em Joinville-SC.** 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MAGALHÃES, Aloísio. **E triunfo?** A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

MARTINS, Romário. **História do Paraná.** Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio: uma revisão de premissas. *In: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL*, 1., 2009, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Organização de Weber Sutti. Rio de Janeiro: IPHAN, 2009.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de; SOUZA, Marcilene Garcia de. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 13, p. 7-16, nov. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n13/a01n13.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

MOURA, Rosa. O turismo no projeto de internacionalização da imagem de Curitiba. **Turismo – Visão e Ação**, Itajaí, v. 9, n. 3, p. 341-347, 2007.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Houry. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo.** Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente.** 2. ed. Curitiba: Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Interfaces entre as desigualdades urbanas e as desigualdades raciais no Brasil: observações sobre o Rio de Janeiro e São Paulo. *In: _____ (org.). A cidade e o negro no Brasil: cidadania e território.* São Paulo: Alameda, 2013.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **Na teia do nepotismo: sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil.** Curitiba: Insight, 2012.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. *In: BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula.* São Paulo: Contexto, 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino Fundamental. **História e cultura afro-brasileira e africana: educando para as relações étnico-raciais.** Curitiba: Seed/PR, 2008. 66 p. (Cadernos Temáticos).

PEIXOTO, Paulo. A identidade como recurso metonímico dos processos de patrimonialização. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 70, p. 183-204, fev. 2004.

_____. Gestão estratégica das imagens das cidades: análise de mensagens promocionais e de estratégias de *marketing* urbano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 56, p. 99-122, fev. 2000.

PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **Paranismo**: cultura e imaginário no Paraná da primeira república. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 9, p. 1595-1604, set. 2004.

PISTORELLO, Daniela. Ordenação do território e patrimônio: a questão dos itinerários culturais. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN URBANISMO, 5., 2013, Barcelona. **Anais** [...]. Barcelona, jun. 2013. Disponível em: <<http://upcommons.upc.edu/handle/2099/13706>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

PRATS, Llorenç. **Antropología y patrimonio**. Barcelona: Ariel, 1997.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

ROCHA NETO, Bento Munhoz da. Da necessidade de divulgação da história paranaense. *In*: BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria; MACHADO, Brasil Pinheiro. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969. v. 1. p. 11-23.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Círculo do Livro, 1992. v. 26.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 16, p. 31-49, 2001.

_____. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2010.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Revolta da vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Unesp, 2018.

SILVA, Adegmar José da. **Afrocuritibanos, há séculos fazendo história na capital de todas as gentes**. Disponível em: <<https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

SODRÉ, Muniz. Uma genealogia das imagens do racismo. **Folha de S.Paulo**, 19 mar. 1995. Caderno Mais, p. 6.

SOUZA, Marcilene Garcia de. **Juventude negra e racismo: o movimento *hip hop* em Curitiba e a apreensão da imagem de “capital européia” em uma “harmonia racial”**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

_____. (coord.). **Africanidades paranaenses: história e cultura afro-brasileira**. João Pessoa: Grafset, 2011.

SOVIK, Liv. Para ler Stuart Hall. *In*: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

SZVARÇA, Décio. **O forjador: ruínas de um mito – Romário Martins**. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004.

TREVISAN, Dalton. **Em busca de Curitiba perdida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

UM POUCO DE ARTE DO PARANÁ. **João Zaco Paraná**. Disponível em: <<https://docs.ufpr.br/~coorhis/kimvasco/zacco.html>>. Acesso em: 4 maio 2018a.

UM POUCO DE ARTE DO PARANÁ. **Lange de Morretes**. Disponível em: <[://docs.ufpr.br/~coorhis/kimvasco/morretes.html](https://docs.ufpr.br/~coorhis/kimvasco/morretes.html)>. Acesso em: 4 maio 2018b.

VAZ, Marcos. **Curitibinha: 25 anos jubileu de prata**. Curitiba: Marcos Vaz Produções/Gata Preta, 2018.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. **Mana**, v. 12, n. 1, p. 237-248, 2006.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. 10. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

WESTPHAL, Euler Renato. Linguagem como representação: uma breve aproximação hermenêutica. *In*: LAMAS, Nadja de Carvalho; JAHN, Alena Rizi Marmo (orgs.). **Arte e cultura: passos, espaços e territórios**. Joinville: Editora Univille, 2012.

ZANIRATO, Sílvia Helena. Patrimônio cultural e sustentabilidade: uma associação plausível? **Confluências Culturais**, Joinville, v. 5, n. 2, p. 200-211, set. 2016.

_____. Usos sociais do patrimônio cultural e natural. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 5, n. 1, p. 137-152, out. 2009.

Filmes:

ALÉM DO Pão de Açúcar: visite o Paraná. Produção: Hermes Gonçalves. Curitiba: Hermes Gonçalves, 1953, pb, 35mm.

COMEMORAÇÃO DO 1.º Centenário do Paraná. Produção: Rilton Filmes e Renato Milito. Londrina: Rilton Filmes, 1953.

PELO PARANÁ Maior. Rio de Janeiro: Botelho Film, 1927, 9 partes (120 min), mudo com interlúdios, pb, 35 mm.

Jornais e revistas:

AFRICAXÉ. Tibagi é muito mais negra. **Africaxé**, Curitiba, ano 2, n. 3, p. 14-15, maio 2006.

FOLHA DE LONDRINA. Curitiba é a mais visitada do Sul. **Folha de Londrina**, Londrina, 30 mar. 1998.

GAZETA DO POVO. Curitiba tem ou não atrações turísticas. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 jan. 1983.

_____. Curitiba, 1.º mar. 1998.

_____. Curitiba, 10-16 jun. 2017.

GAZETA TURISMO. Curitiba, de ponto de passagem a destino turístico. **Gazeta Turismo**, Curitiba, 11 set. 1994.

ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE. Mensário Paranista de Arte e Actualidades. **Ilustração Paranaense**, Curitiba, 1927-1930.

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, ano 44, n. 244, dez. 1953.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Curitiba, p. 16, 2 dez. 1990.

JORNAL DO ESTADO. Turismo cresce 5% ao ano em Curitiba. **Jornal do Estado**, Curitiba, 24 out. 1997.

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, 21 nov. 1953.

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, 2 dez. 1990.

_____. Turismo: palavra que arrepiava muita gente. **O Estado do Paraná**, Curitiba, p. 24, 23 set. 1976.

VEJA. Curitiba: a cidade-modelo de um Brasil viável. **Veja**, São Paulo, ano 26, n. 13, p. 68-75, 31 mar. 1993.

VEJA PARANÁ. A magia do *shopping* a céu aberto. **Veja Paraná**, São Paulo, ano 23, n. 15, 18 abr. 1990a.

_____. Festa de polaco. **Veja Paraná**, São Paulo, ano 24, n. 13, 27 mar. 1991.

_____. O aniversário da cidade. **Veja Paraná**, São Paulo, ano 23, n. 12, 28 mar. 1990b.

_____. O melhor de Curitiba: quarenta e três personalidades elegem as delícias da capital. **Veja Paraná**, São Paulo, ano 25, n. 13, 25 mar. 1992.

Sites consultados:

BARTOLAMEI, Bruna. Roteiro de 2 dias em Curitiba (com mapa). **Contando as horas**, 2015. Disponível em: <<http://contandoashoras.com/2015/05/27/roteiro-de-2-dias-em-curitiba-com-mapa/>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Governo Federal. Projetos de memória e reparação. **Portal do Governo Federal**, Brasil. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/anistia/projetos>>. Acesso em: 2 jan. 2018a.

_____. Secretaria Especial de Promoção de Políticas da Igualdade Racial. **Linha do tempo: ações**. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/linha-do-tempo-aco-es-15-seppir-atual.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018b.

CANAL DO BICHO. Novela Sonho Meu. Capítulo 3. Completo HD. **YouTube**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PtinUSQjYAs>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

CENTRO CULTURAL HUMAITÁ. Festa do Rosário. **Centro Cultural Humaitá**. Disponível em: <<https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/igrejadorosario/>>. Acesso em: 25 nov. 2018a.

_____. Festa do Rosário. **Centro Cultural Humaitá**, 2017. Disponível em: <<https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/2017/10/18/festa-do-rosario-2/>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

_____. Festa do Rosário 2016. **Centro Cultural Humaitá**, 2016. Disponível em: <<https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/2016/09/21/festa-do-rosario-2016/>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

_____. Linha Preta em Curitiba. **Centro Cultural Humaitá**, 2018b. Disponível em: <<https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/2018/06/23/linha-preta/>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

CURITIBA. Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba. Autorizada licitação para a restauração do histórico Palácio Belvedere. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba, 2018a. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/greca-autoriza-licitacao-para-a-restauracao-do-historico-palacio-belvedere/45523>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

_____. Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba. Curitiba vai ganhar Memorial Paranista e jardim de esculturas de João Turin. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba, 2017a. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-vai->

ganhar-memorial-paranista-e-jardim-de-esculturas-de-joao-turin/44601>. Acesso em: 28 jan. 2018.

_____. Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba. Curitiba conta a história da cidade para piás e gurias das escolas municipais. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba, 2018b. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitibinha-conta-a-historia-da-cidade-para-pias-e-gurias-das-escolas-municipais/45521>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

_____. Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba. Galeria de imagens: roteiro turístico traz histórias sobre a presença negra em Curitiba. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/fotos/album-roteiro-turistico-traz-historias-sobre-a-presenca-negra-em-curitiba/31128>>. Acesso em: 5 jul. 2018c.

_____. Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba. Lavação das escadarias da Igreja do Rosário celebra a consciência negra. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba, 2018d. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/lavacao-das-escadarias-da-igreja-do-rosario-celebra-a-consciencia-negra/48317>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

_____. Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba. Linha Turismo. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/idioma/portugues/linhaturismo>>. Acesso em: 30 dez. 2017b.

_____. Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba. Padroeira da Polônia: Comunidade polonesa celebra Nossa Senhora de Czestochowa. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba, 2017c. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/comunidade-polonesa-celebra-nossa-senhora-de-czestochowa/43169>>. Acesso em: 12 maio 2018.

_____. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/>>. Acesso em: 24 dez. 2017c.

_____. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Museu Botânico. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/museu-botanico-smma/340>>. Acesso em: 30 dez. 2017d.

_____. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Portal da Prefeitura de Curitiba. Parques e Bosques: Bosque Reinhard Maack. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-bosque-reinhard-maack/281>>. Acesso em: 18 abr. 2018e.

_____. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Portal da Prefeitura de Curitiba. Parques e Bosques: Parque Bacacheri. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-parque-bacacheri/291>>. Acesso em: 18 abr. 2018f.

_____. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Portal da Prefeitura de Curitiba. Parques e Bosques: Parque Barigui. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-parque-barigui/292>>. Acesso em: 18 abr. 2018g.

_____. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Portal da Prefeitura de Curitiba. Parques e Bosques: Parque Barreirinha. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-parque-barreirinha/295>>. Acesso em: 18 abr. 2018h.

_____. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Portal da Prefeitura de Curitiba. Parques e Bosques: Parque São Lourenço. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-parque-sao-lourenco/317>>. Acesso em: 18 abr. 2018i.

_____. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Parques e bosques: passeio público. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-passeio-publico/324>>. Acesso em: 30 dez. 2017e.

_____. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Portal da Prefeitura de Curitiba. Zoológico e Passeio Público. **Portal da Prefeitura de Curitiba**, Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/zoologico-e-p-publico-zoologico-e-passeio-publico-smma/331>>. Acesso em: 18 abr. 2018j.

_____. URBS. **Linha turismo**: transporte. Curitiba. Disponível em: <<http://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/linha-turismo>>. Acesso em: 24 dez. 2017f.

CURITIBA CULTURA. Pedreira Paulo Leminski. **Curitiba Cultura**. Disponível em: <<https://www.curitibacultura.com.br/estabelecimentos/pedreira-paulo-leminski>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

CURITIBA por Debret. Disponível em: <https://2.bp.blogspot.com/_39epwOkYhQ/SSYP7gVHdfI/AAAAAAAAACU/cS4AByv12Kw/s1600-h/Debret-Curitiba.jpg>. Acesso em: 5 jul. 2018.

CURTA CURITIBA. Ópera de Arame. **Curta Curitiba**. Disponível em: <<http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/360/opera-de-arame/>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

ELIAS, Orias. Elias Gleizer talento e simpatia de um bonachão. **Blog de Orias Elias**, 2014. Disponível em: <<http://astrosemrevista.blogspot.com/2014/03/elias-gleizzer-talento-e-simpatia-de-um.html>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA (FCC). Espaços culturais: Memorial Ucrâniano. **Fundação Cultural de Curitiba**, 2016a. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/espacos-culturais/memorial-ucraniano>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA (FCC). Linha Preta: um passeio pela história da população negra de Curitiba. **Fundação Cultural de Curitiba**, 2016b. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/noticias/linha-preta-um-passeio-pela-historia-da-populacao-negra-de-curitiba/>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

GAZETA DO POVO. “Sonho Meu”, a única novela ambientada em Curitiba até hoje, completa 22 anos. **Gazeta do Povo**, 2015. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/sintonizando/sonho-meu-a-unica-novela-ambientada-em-curitiba-ate-hoje-completa-22-anos/>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

GRUPO DE TRABALHO CLÓVIS MOURA. Apresentação. **Grupo de Trabalho Clóvis Moura**, 2010a. Disponível em: <<http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

_____. População negra e comunidades quilombolas no estado do Paraná. **Grupo de Trabalho Clóvis Moura**, 2010b. Disponível em: <<http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

GUIA GAZETA DO POVO. Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <<https://guia.gazetadopovo.com.br/estabelecimentos/sociedade-treze-de-maio/>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

GUIA GEOGRÁFICO CURITIBA. Santa Felicidade. **Guia Geográfico Curitiba**. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/santa-felicidade.htm>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

HOSPEDAGEM. **Copene Sul**, Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://2copenesulcuritiba.blogspot.com/p/local.html>>. Acesso em: 1.º nov. 2018.

IANSEN, Marta. Os “aguadeiros”, vendedores de água. **História & Outras Histórias**, 2014. Disponível em: <<https://martaiansen.blogspot.com/2014/10/aguadeiros-escravos-vendedores-de-agua.html>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO DE CURITIBA. Roteiros com receptivo. **Instituto Municipal de Turismo de Curitiba**. Disponível em: <<http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/roteiros-turisticos/1777>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

_____. Roteiros turísticos. **Instituto Municipal de Turismo de Curitiba**. Disponível em: <<http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/roteiros-turisticos/1808>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Mapa de pobreza e desigualdade**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/pesquisa/36/30246?localidade1=410040&localidade2=410765>>. Acesso em: 20 maio 2018.

_____. **Tabela 2.094 – População residente por cor ou raça e religião.** Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2094#resultado>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. **Tabela 2.094 – População residente por cor ou raça e religião.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2094#resultado>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

JAIIME LERNER ARQUITETOS ASSOCIADOS. Jaime Lerner mais votado segundo urbanista mais influente. **Jaime Lerner Arquitetos Associados.** Disponível em: <<http://jaimelerner.com.br/pt/planetizen/>>. Acesso: 25 nov. 2018.

_____. **Portal.** Disponível em: <<http://jaimelerner.com.br/pt/arquitetos-associados/>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

LINHA PRETA. Portal. **Linha Preta.** Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: jul. 2018.

MACHADO, Mateus. O que é o homem vitruviano? **Desenho Online**, 2011. Disponível em: <<http://www.desenhoonline.com/site/o-que-e-o-homem-vitruviano/>>. Acesso em: 20 maio 2018.

MARANHÃO, Fernanda. Vladimir Kozák e a Congada da Lapa. **Museu Paranaense.** Disponível em: <<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=66>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

MELHORES DESTINOS. Guia de destinos. Curitiba. **Melhores Destinos.** Disponível em: <<https://guia.melhoresdestinos.com.br/mercado-municipal-de-curitiba-185-5371-l.html>>. Acesso em: 30 out. 2018.

MUSEU AFROPARANAENSE. Portal. **Museu Afroparanaense.** Disponível em: <<https://museuafroparanaense.wordpress.com/>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

MUSEU OSCAR NIEMEYER. Museu Oscar Niemeyer. **Museu Oscar Niemeyer.** Disponível em: <<http://www.museuoscarniemeyer.org.br/institucional/sobre-mon>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS (NEAB). **Blog.** Disponível em: <<http://neabufpr.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

O GLOBO. Irmãos Rebouças ganham bustos de bronze em praça na Zona Sul do Rio. **O Globo**, 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/irmaos-reboucas-ganham-bustos-de-bronze-em-praca-na-zona-sul-do-rio-12479331>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

PARANÁ. Secretaria da Cultura. **Quem foi João Turin.** Disponível em: <<://docs.ufpr.br/~coorhis/kimvasco/morretes.html>>. Acesso em: 4 maio 2018.

_____. Secretaria de Estado do Turismo. **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável: Polo Turístico de Curitiba, Região Metropolitana e Campos Gerais**. Curitiba: Secretaria de Estado do Turismo, 2012. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/DPROD/PDITS/PARANA/PDITS_REGIAO_METROPOLITANA_E_CAMPOS_GERAIS.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2019.

PLANETIZEN. The 100 most influential urbanists. **Planetizen**, 2017. Disponível em: <<https://www.planetizen.com/features/95189-100-most-influential-urbanists>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

REDAÇÃO. Jogar bola, pedalar, cães... Por que o Jardim Botânico tem tantas proibições. **Gazeta do Povo**, 2017. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/jogar-bola-pedalar-caes-por-que-o-jardim-botanico-tem-tantas-proibicoes-4bptzbwh1obqs9ob8sxa0hvqy/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO, TREZE. *Shows e bailes*. **Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio, Treze**, Curitiba. Disponível em: <<http://showsebailes.com/empresas/sociedade-operaria-beneficiente-13-de-maio-treze/>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

SUCURSAL DE CURITIBA. Cenas da história curitibana. **Folha de Londrina**, Londrina, 1996. Ver: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/cenas-da-historia-curitibana-3650.html>>. Acesso em: 14 maio 2018.

TRIPADVISOR. Ópera de Arame. **TripAdvisor**. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303441-d2221937-i79495065-Opera_de_Arame-Curitiba_State_of_Parana.html>. Acesso em: 30 out. 2018a.

_____. Portal. **TripAdvisor**. Disponível em: <<https://www.tripadvisor.com>>. Acesso em: 21 abr. 2018b.

UNIVERSIDADE LIVRE DO MEIO AMBIENTE (UNILIVRE). **Universidade Livre do Meio Ambiente**. Disponível em: <<http://unilivre.org.br/>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). Histórico. **Universidade Federal do Paraná**. Disponível em: <<http://www.ufpr.br/portafulpr/historico-2/>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

WRONISKI, Elizangela. Paraná tem 86 comunidades quilombolas identificadas. **Tribuna do Paraná**, Curitiba, 4 maio 2008. Disponível em: <<http://www.tribunapr.com.br/noticias/parana/parana-tem-86-comunidades-quilombolas-identificadas/>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – PARQUES E BOSQUES DE CURITIBA

APÊNDICE 2 – MARCOS E EQUIPAMENTOS URBANOS DE CURITIBA

APÊNDICE 3 – MAPA DA LINHA TURISMO

APÊNDICE 4 – MAPA DA LINHA PRETA

APÊNDICE 1 – PARQUES E BOSQUES DE CURITIBA

GESTÃO	PARQUES E BOSQUES	ANO
Alfredo d'Escragnolle Taunay (presidente da Província)	Passeio Público	1886
Jaime Lerner (1971-1974)	Parque São Lourenço	1972
	Parque da Barreirinha	1972
	Parque Barigui	1972
	Bosque Boa Vista ou Dr. Martim Lutero	1974
Saul Raiz (1975-1978)	Parque Iguaçu	1976
Jaime Lerner (1979-1983)	Bosque do Papa	1980
	Bosque Capão da Imbuia	1981
	Zoológico de Curitiba	1982
Roberto Requião (1985-1988)	Bosque Gutierrez	1986
	Parque Bacacheri	1988
Jaime Lerner (1989-1992)	Bosque Reinhard Maack	1989
	Parque das Pedreiras	1990
	Jardim Botânico	1991
	Bosque do Pilarzinho	1991
	Parque do Passaúna	1991
	Bosque Zaninelli e Unilivre	1992
Rafael Greca (1993-1996)	Bosque de Portugal	1994
	Parque Tingui	1994
	Parque Caiá	1994
	Parque Diadema	1994
	Parque dos Tropeiros	1994
	Bosque Fazendinha	1995
	Bosque Italiano	1996
	Bosque Trabalhador	1996
	Parque Tanguá	1996
	Bosque Alemão	1996
Cássio Taniguchi (1997-2000)	Bosque São Nicolau	2000
Cássio Taniguchi (2001-2004)	Parque Nascente do Rio Belém	2001
	Parque do Cajuru	2002
	Parque do Atuba	2004
Beto Richa (2005-2010)	Bosque Irma Clementina	2008
	Parque do Cambuí	2008
Gustavo Fruet (2013-2016)	Bosque dos Mundiais	2014
	Parque Gomm	2016
Rafael Greca (2017-2020)	Parque do Geossítio	2018

Unilivre: Universidade Livre do Meio Ambiente.

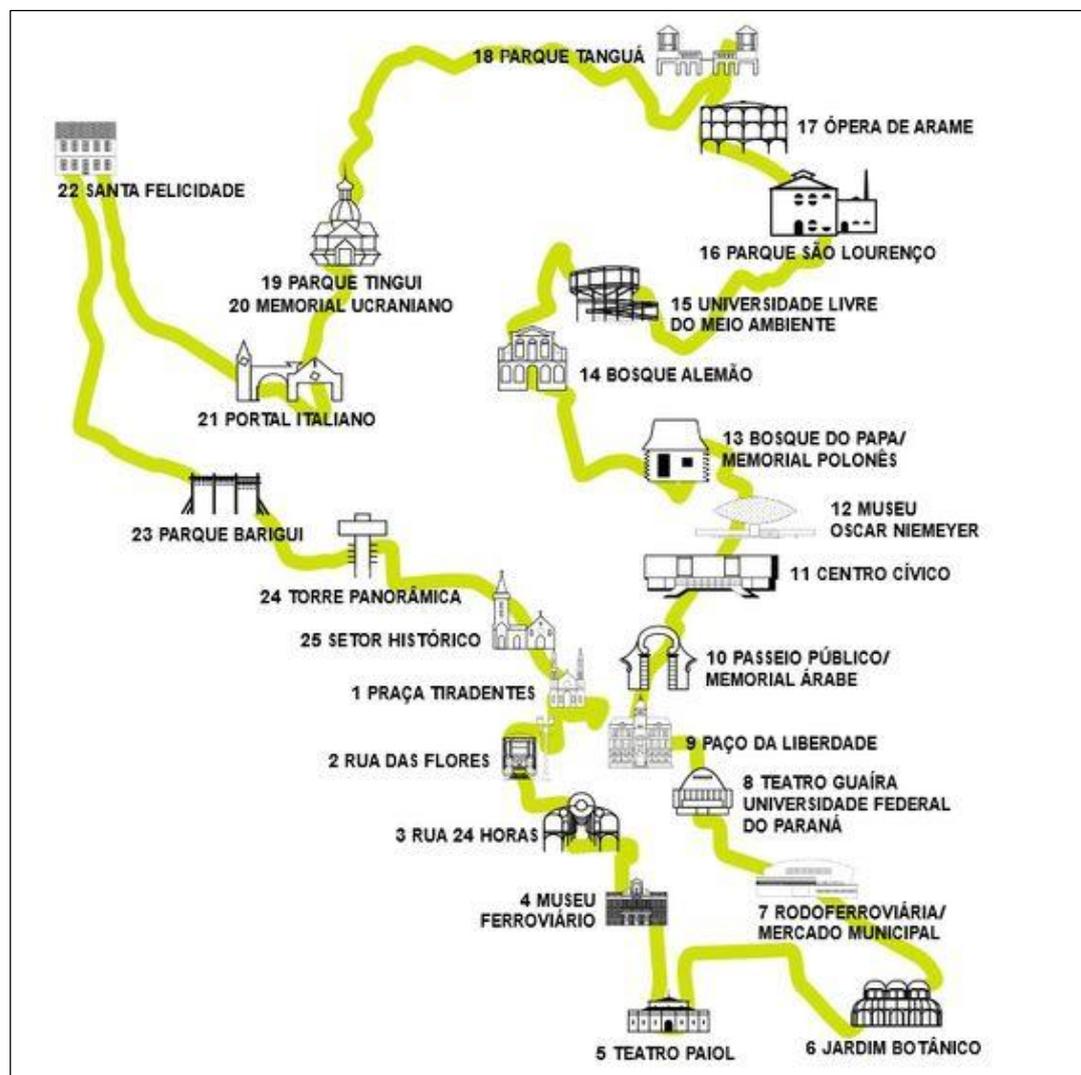
APÊNDICE 2 – MARCOS E EQUIPAMENTOS URBANOS DE CURITIBA

GESTÃO	MARCOS E EQUIPAMENTOS URBANOS	ANO
Alfredo d'Escragno Taunay (presidente da Província)	Passeio Público	1886
Bento M. da R. Neto (1951-1955) (governador do Estado)	Centro Cívico	1953
	Teatro Guaíra	1953
	Biblioteca Pública	1953
	Praça 19 de Dezembro	1953
	Legislação patrimonial – Lei estadual n.º 1.211	1953
Ivo Arzua Pereira (1962-1967)	URBS	1963
	Plano Diretor de Curitiba	1966
Jaime Lerner (1971-1974)	Teatro Paiol	1971
	Delimitação do Setor Histórico de Curitiba	1971
	Calçadão da Rua XV de Novembro	1972
	Rodoferroviária	1972
	Parque São Lourenço	1972
	Parque da Barreirinha	1972
	Parque Barigui	1972
	Fundação Cultural de Curitiba	1973
Corredores exclusivos de ônibus expresso	1974	
Jaime Lerner (1979-1983)	Bosque do Papa e Memorial Polonês	1980
	Casa da Memória	1981
	Zoológico de Curitiba	1982
Jaime Lerner (1989-1992)	“Lixo que não é Lixo” e Família Folhas	1989
	Bosque Reinhard Maack	1989
	Linha Pró-Parques	1990
	Pedreira Paulo Leminski	1990
	Portal Italiano	1991
	Portal Polonês	1991
	Jardim Botânico	1991
	Rua 24 Horas	1991
	Ônibus Ligeirinho e Estações-Tubo	1991
	Ópera de Arame	1992
Bosque Zaninelli e Unilivre	1992	
Jaime Lerner (1995-2002) (governador do Estado)	Museu Oscar Niemeyer	2002
Rafael Greca (1993-1996)	Jornal <i>Curitibinha</i>	1993
	Memorial Japonês	1993
	Lições Curitibanas	1994
	Bosque de Portugal	1994
	Parque Tingui	1994

	1.º Farol do Saber	1994
	Linha Turismo	1994
	Memorial Ucrâniano	1995
	Parque Tanguá	1996
	Bosque Alemão	1996
	Memorial Árabe	1996
	Memorial Italiano	1993/96
	Memorial de Curitiba	1996

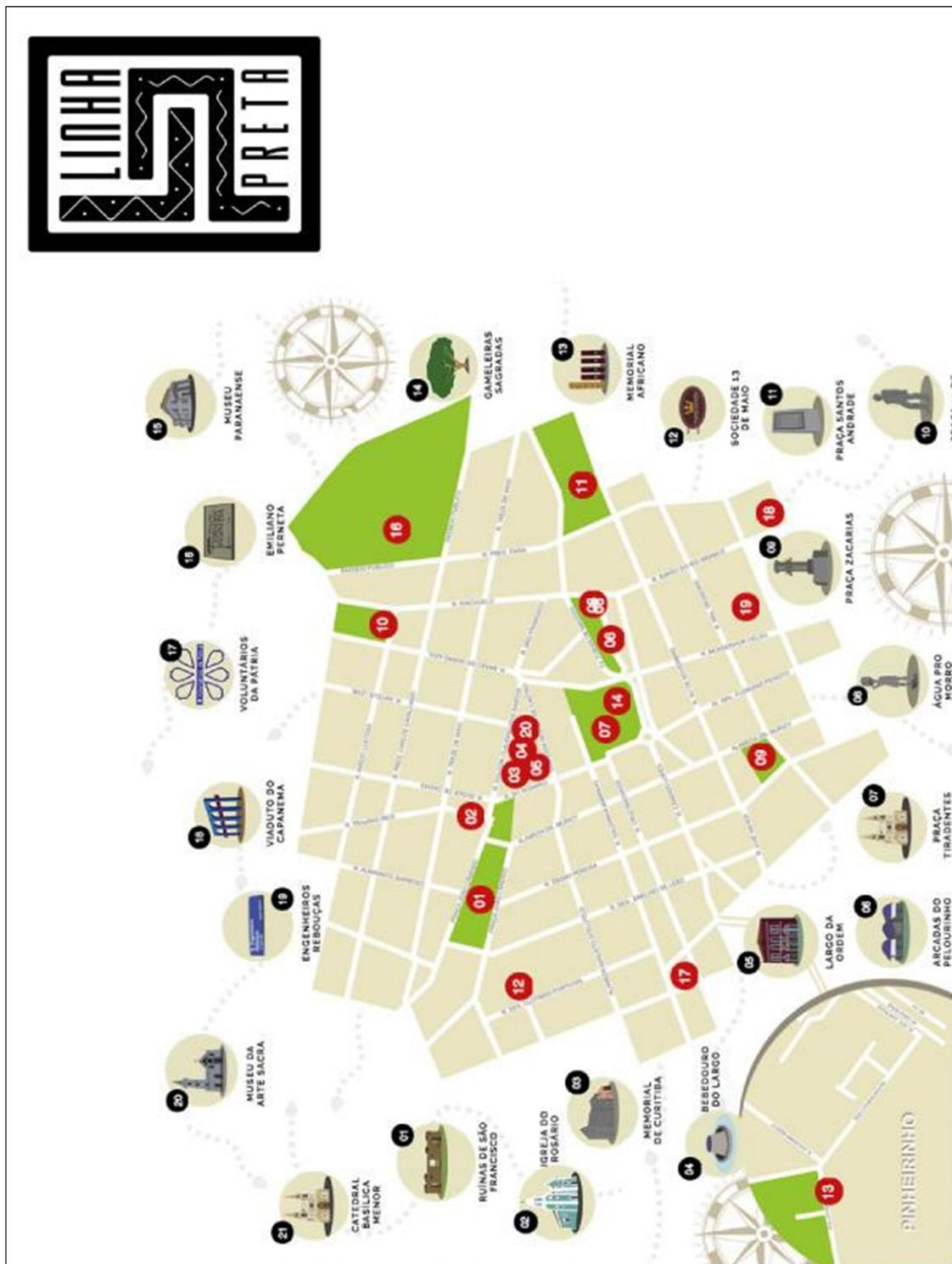
URBS: Urbanização de Curitiba; Unilivre: Universidade Livre do Meio Ambiente.

APÊNDICE 3 – MAPA DA LINHA TURISMO



Fonte: BARTOLAMEI, 2015.

APÊNDICE 4 – MAPA DA LINHA PRETA



Fonte: CURITIBA, 2018c

AUTORIZAÇÃO

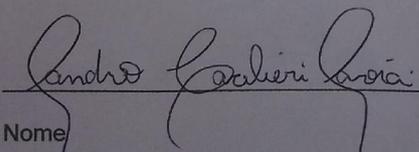
Nome do autor: Sandro Cavaliere Savoia.

RG: 4.890.529-3

Título da Dissertação: Leituras da cidade: Linha Turismo e Linha Preta. O Patrimônio Cultural como Território de Disputas Identitárias na Capital Paranaense (1990-2018).

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 14 de março de 2016.


Nome